

ESTÁ LIVRE SOS

Paulo
Nogueira
Batista
Júnior



CONTEMPORÂNEO

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir
a um novo nível."***

eLivros.love

Converted by [convertEPub](#)

Paulo Nogueira Batista Jr.

ESTILHAÇOS

AVARÉ

2024



CONTRACORRENTE.

Paulo Nogueira Batista Jr.

ESTILHAÇOS

AVARÉ

2024



CONTRACORRENTE.

Copyright © EDITORA CONTRACORRENTE
Travessa Vergílio de Araújo Valim, 167
Avaré - SP - Brasil | CEP 18707 815
www.editoracontracorrente.com.br
contato@editoracontracorrente.com.br

EDITORES

Camila Almeida Janela Valim
Gustavo Marinho de Carvalho
Rafael Valim
Walfrido Warde
Silvio Almeida

EQUIPE EDITORIAL

COORDENAÇÃO DE PROJETO: Erick Facioli
PREPARAÇÃO DE TEXTO: Beatriz Duarte Lopes
REVISÃO E REVISÃO TÉCNICA: Amanda Dorth
DIAGRAMAÇÃO: Gisely Fernandes
CAPA: Maikon Nery

EQUIPE DE APOIO

Carla Vasconcelos
Regina Gomes
Nathalia Oliveira
Geovanna Sales

REVISÃO GRAMÁTICAL:

Frederico Lopes de Oliveira Diehl

LIVRO DIGITAL:

Cumbuca Studio

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Batista Jr., Paulo Nogueirai

Estilhaços / Paulo Nogueira Batista Jr. -- Avaré, SP : Editora Contracorrente, 2024.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5396-202-6

1. Contos brasileiros 2. Crônicas brasileiras I. Título.

24-216092

CDD-B869.3 - B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

2. Crônicas : Literatura brasileira B869.8

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

📧 @editoracontracorrente

📘 Editora Contracorrente

🐦 @ContraEditora

🏢 Editora Contracorrente

À minha mãe.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

CAPÍTULO I – AFORISMOS

QUASE FILOSOFIA

ARTE, ARTISTAS, SOFRIMENTO

CAPÍTULO II – CRÔNICAS E LEMBRANÇAS

A MULHER COMO MÚSICA, ILUSÃO, MIRAGEM

A epístola de São Paulo (Lia)

Uma demonstração

Nova gestão

Descartes (ou um elogio às mulheres)

Uma paixão

Ela, sempre ela

A princesa do povo (Diana)

INFÂNCIA E SEUS DESASTRES

Um pensamento natalino

O boneco de neve

Infância

A criança

A primeira comunhão

As crianças de Fossoli

À MODA DE NELSON RODRIGUES

Nelson Rodrigues outra vez

Revisitando o triunfo do idiota

Desconhecido íntimo

Cafuringa

Uma boa ideia

Fingindo-se idiota – para sobreviver

Como (não) escrever

ARTE, FILOSOFIA, CULTURA

Profissionais e amadores

Espontaneidade elaborada

Viver, ser feliz (Tom Jobim)

Se Deus não existe... (Kant)

Coração

Dois tipos de gênio (Wagner e Mozart)

Beleza como mandamento

Sufrimento e beleza

Razão, coração (Descartes e Pascal)

Sonhos (Fernando Pessoa)

A arte salva – crônica sobre um poeta alemão (Heine)

Como conheci Fernando Pessoa

UM POUQUINHO DE BRASIL

Dorita

Ideias? Vade retro!

A usina nuclear do meu pai

Olavo Setúbal

Brasil, país-planeta (ou saudades do futuro)

A Rota da Boa Esperança

ChatGPT arrasando

Maria da Conceição Tavares

CAPÍTULO III – CONTOS E MINICONTOS

O revisor

Um quase amor

Um amor de verdade

A dúvida

A força da rotina, a força dos objetos

Arquivos de Deus

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÍNDICE ONOMÁSTICO

APRESENTAÇÃO

Ce qu'on appelle communément "avoir du souffle", c'est être prolix.

Emil Cioran¹

Sem a coragem, a sabedoria é estéril.

Baltasar Gracián²

Este livro, querido leitor ou leitora, é diferente de quase tudo que tenho escrito até hoje. A não ser em crônicas publicadas na imprensa ao longo dos anos e em especial nas apresentações de livros anteriores, em que me dava o direito de transcender a temática econômica, não tratei das questões que são o foco aqui. Vão aparecer pouco os meus temas habituais – economia, política, relações internacionais, Brasil. Pode ser? Espero que o leitor ou leitora concorde, e não pare de ler aqui. Não sei por que exatamente, mas faço questão da leitora, em especial. Sem excluir ninguém, evidentemente.

Desde os meus tempos de China, onde vivi até fins de 2017, tenho feito anotações esparsas, na forma de sentenças, aforismos e crônicas. Pedacos, fragmentos ou *estilhaços* de um futuro livro. Acabei me fixando na palavra mais dramática – estilhaços. Queria chamar o livro de “Estilhaços do coração”. No entanto, uma das primeiras leitoras não gostou do título. Achou a referência a “coração” apelativa, sentimental, novelesca. Outra amiga caiu na gargalhada quando soube do título. Fiz sondagem nas redes e a maioria preferiu “Estilhaços”, com vários rejeitando o título alternativo como piegas.

Cortei então, relutantemente, a palavra “coração”. A relutância tem as suas razões – razões do coração que “a própria razão desconhece”, como disse um grande filósofo francês que não tinha receio de lançar

mão do coração! Bem sei que Pascal tem todos os direitos, mas enfim... Hesitei. Como cortar tranquilamente o coração, se o lado afetivo é fundamental neste livro – e até mais importante do que o seu lado fragmentário? Não queria, entretanto, que o livro fosse parar nas seções de autoajuda ou literatura sentimental! E cedi (mas o leitor ou leitora percebe, claro, que ressuscitei aqui o título original!).

Um livro romântico?

Estes “Estilhaços” dizem respeito, em parte, à arte, ao artista e ao sofrimento – ao sofrimento que é inseparável da beleza. Adianto que tratarei quase sempre só de um tipo de arte e de um tipo de artista – do romantismo, em especial do romantismo tardio, e do artista romântico, e não do artista iluminado ou iluminista. Em outras palavras, de Wagner, e não de Mozart. De *Lohengrin*, e não da *Flauta Mágica*. Por inclinação afetiva, não por um argumento qualquer. Se pudesse apresentar este livro em uma frase, diria com algum exagero que ele é uma longa digressão sobre o romantismo. Um exagero, certamente, mas o seu fio condutor é mesmo o apego a essa forma de ver o mundo e sentir a vida. O romantismo talvez desempenhe neste livro o papel que o nacionalismo, um parente próximo, desempenhou no meu livro anterior.³

Não sem contrapesos, porém. A inclinação ao emotivo e às extravagâncias do coração não exclui uma compreensão real, vivenciada, dos problemas, limites e exageros do romantismo. Por isso, a rejeição do romantismo também está presente nestas páginas. Afinal, o que é o romantismo senão um descolamento da realidade? E a realidade não se vingará? Em política, por exemplo, o romantismo é um grande perigo, como demonstrou espetacularmente o maior dos políticos românticos – Adolf Hitler, ele que começou aos 12 anos a sua paixão vitalícia pelas óperas de Wagner,⁴ e justamente por *Lohengrin* que Thomas Mann considerava o “ápice do romantismo”.⁵ O romantismo, assim como o nacionalismo, tem o seu lado sombrio.

Assim, é preciso também ser antirromântico ou pelo menos pós-romântico. À moda de Heinrich Heine, porém – um crítico romântico do romantismo, talvez o maior, certamente o mais inspiradamente

romântico.⁶ A eloquência de Heine superava a eloquência dos românticos que atacava, e a ele dediquei uma crônica.⁷

Uma empreitada tardia?

O que você tem nas mãos, leitor ou leitora, é uma empreitada tardia, talvez tardia demais, de alcançar outros temas, que sempre me atraíram, desde os 17 anos pelo menos, mas que só nos anos recentes encontrei ânimo para enfrentar com mais persistência, deixando um pouco de lado o Brasil, com seus dramas e qualidades. Entendo que tentei fazer muito pelo nosso país, nem sempre com sucesso, geralmente sem sucesso. Ainda estou tentando e continuarei até o fim da vida. No entanto, o Brasil não é tudo – e este livro é um esforço, precário que seja, de tratar de outros temas que sempre foram próximos do meu coração.

Continuo pensando, entretanto, que o nosso país tem condições de trazer e até mesmo, posso dizer?, está *destinado* a trazer uma mensagem especial não só para os brasileiros, não só para nossos vizinhos, mas para o mundo inteiro. O nosso projeto nacional deve ser também um projeto *universal*, como percebi nos anos recentes – paradoxalmente, quando o país estava em seu ponto mais baixo. Esse tema da universalidade do Brasil aparece aqui, ainda que só secundariamente, em duas crônicas sobre o que chamei de “destino planetário” do Brasil.⁸ Ou seja, o meu romantismo nacional meio místico, meio messiânico passa muito bem, obrigado. A intenção original era dar um descanso ao Brasil, mas ele se intromete, sem ser chamado, em diferentes passagens e registros, inclusive como se vê nesta apresentação.

Insisto um pouco mais no tema. Dostoievski profetizou que a Rússia traria uma “palavra nova” para o mundo – e de fato trouxe no século 20 e neste início do século 21, mesmo que de forma polêmica e tumultuada. Não pode o Brasil, de forma diferente e talvez mais promissora, trazer uma palavra nova no século 21? Uma mensagem de cooperação, solidariedade e tolerância. Mensagem necessária agora, talvez mais do que nunca, para uma humanidade que se vê ameaçada por guerras, por pandemias, pela crise climática e pela pobreza em que tantos vivem.

Faço uma pausa e releio o parágrafo anterior. Essas frases devem ser tomadas *cum grano salis*. Corto? É tão fácil expressar “bons sentimentos”, tão simpático, tão demagógico, não é mesmo? Mas não quero cortar. E prossigo.

Românticos e realistas, extravagâncias e sonhos

Muito do que escrevo sobre o Brasil é extravagante, arbitrário e sonhador, tenho consciência disso. Mas algum país alcançou influência internacional sem o sentimento romântico de que é capaz de trazer uma palavra nova ao mundo? E, convenhamos, só os românticos mudam as coisas. Como dizia Fernando Pessoa, por palavras parecidas (estou citando de memória), os realistas podem ser excelentes diretores de fábricas de pregos, ou coisa parecida, mas só os românticos, os sonhadores, os emotivos movem montanhas.

Aí temos uma dificuldade. Os brasileiros são pragmáticos, um dos povos mais pragmáticos que conheci. A verdade é que nós, brasileiros, nem sempre estamos à altura do Brasil. “Nem sempre” é concessão minha. Melhor dizer: “raramente”. E deixo à inteligência e sensibilidade do leitor ou leitora desvendar essa distinção paradoxal entre “Brasil” e “brasileiros” – distinção que remonta a De Gaulle, que já separava a “França” dos “franceses”.⁹

Como indiquei, essas reflexões sobre o Brasil derivam, em parte, de Dostoievski, que sempre foi muito apegado à ideia de que a Rússia estava predestinada a influir decisivamente no curso da história mundial. Foi Nelson Rodrigues, aliás, que chamou atenção para essa parte da obra de Dostoievski e, muito especialmente, para o que ele disse em 1880 sobre outro gênio russo, Pushkin. Num discurso arrebatado e comovente, que levou o país inteiro às lágrimas, Dostoievski tomou Pushkin como ponto de partida para falar da grandeza da Rússia e seu destino universal.¹⁰ Proferido pouco antes da sua morte, esse discurso pode ser visto como uma espécie de testamento.

Há semelhanças entre a Rússia e o Brasil, percebidas por diversos brasileiros desde o século passado: são dois países grandes, imensos, na verdade, porém relativamente atrasados e, talvez por isso mesmo,

capazes de perceber o que os países ricos, acomodados na sua riqueza e nos seus privilégios, dominados pelo egoísmo e por um racionalismo estreito e estéril, sempre têm dificuldade de sentir: a unidade essencial da humanidade e a necessidade de construir um projeto que inclua todos, sem exceção, projeto baseado não apenas na razão, como também e sobretudo no *coração*. Grandes brasileiros, como Gilberto Freyre e Celso Furtado, pensaram o Brasil nesses termos, embora sem extravagâncias românticas e, que eu lembre, sem invocar a Rússia.

Há muito me pergunto: quem seria o Dostoievski brasileiro? O próprio Nelson Rodrigues? Poderia ter sido. O nosso grande dramaturgo e cronista nasceu, entretanto, na época errada. Quando ele chegou a seu auge criativo como cronista, nos anos 1960 e 1970, o Brasil vivia sob uma ditadura militar, rejeitada em grande parte do mundo. Mesmo assim, talvez tenha sido quem mais se aproximou disso. Cheguei a pensar que, no Brasil, Dostoievski poderia tomar a forma de um político. Talvez Lula? Mas o pragmatismo arraigado e a oratória nem sempre inspirada do nosso Presidente parecem afastá-lo desse papel. Brizola teria sido mais capaz de fazê-lo, quem sabe?, porém foi sufocado e nunca chegou à Presidência. A sua voz sequer se ouvia, tal era a censura nos meios de comunicação, numa época em que as redes sociais não existiam para furar o cerco dos jornais e televisões.

Enfim, como se nota, o meu já mencionado romantismo nacional continua reverberando. E, como se nota também por essas considerações, não consigo me desvencilhar facilmente do apego ao Brasil. Quer eu queira, quer não, há uma continuidade mais ou menos evidente com meus livros anteriores, especialmente com aqueles ancorados em vivências e sofrimentos das minhas passagens pelo setor público, nos anos 1980 e vinte e cinco anos depois.¹¹

Wagner, Suassuna

Mas chega de Brasil! Tudo isso era para perguntar: já tenho crédito para mudar de assunto? Pode ser que não. Mas, enfim, tento assim mesmo, com atraso, a duras penas, um outro caminho.

Por isso mesmo, me emocionou reler há algum tempo, e me emociona de novo agora neste instante, a passagem dos *Mestres Cantores* de Wagner, em que Hans Sachs, o personagem central da ópera, mestre cantor de meia idade, reflete sobre o passar do tempo e as épocas da vida. Respondendo à pergunta de um jovem, que procurava saber a diferença entre uma bela canção e uma canção de mestre, Hans Sachs respondeu:

*Mein Freund! In holder Jugendzeit,
wenn uns von mächt'gen Trieben
zum sel'gen ersten Lieben
die Brust sich schwellet
hoch und weit,
ein schönes Lied zu singen
mocht vielen da gelingen:
der Lenz, der sang für sie*

*Kam Sommer, Herbst und Winterzeit
viel Not und Sorg im Leben,
manch' ehlich Glück daneben,
Kindtauf', Geschäfte, Zwist und Streit:
wem's dann noch will gelingen
ein schönes Lied zu singen,
seht: Meister nennt man die!¹²*

Com ajuda de Peter Naumann, fiz uma tradução com perda da rima, mas não do sentido e ritmo:

Meu amigo! Na bela época da juventude/movidos por fortes instintos /para os bem-aventurados primeiros amores/o peito se enche alto e amplo/para cantar uma bela canção/ muitos conseguem/a Primavera canta por eles.

Vem o Verão, o Outono, o Inverno/ problemas, preocupações na vida/alguma felicidade no casamento também/batizados, negócios, contendas e discórdias:/aos que ainda conseguem/cantar uma bela canção/ Vejam: a esses chamamos mestres!

Ode à criatividade que sobrevive ao Tempo. “Cantar uma bela canção”, tardiamente, foi a intenção. Se consegui ou não, não cabe a mim dizer, mas deixo, esperançoso, a questão nas suas mãos, leitor ou leitora – sem pretender, em nenhum momento, o título de mestre.

Conto uma vantagem, porém. A maior homenagem que recebi na vida foi ter sido tema de um artigo do grande artista brasileiro Ariano Suassuna que, em 1999, publicou artigo na *Folha de S.Paulo*, a meu

respeito, sob o título “Um economista”. Nele, Suassuna disse algo que muito me sensibilizou: que eu escrevia “muito bem”. Mas ressaltou que, sendo economista, as minhas palavras tinham uma “autoridade” que não teriam as de “um simples escritor”. Ora, ser um “simples escritor” vale muito mais para mim do que ter a autoridade de um economista – especialmente se um gigante como Suassuna diz que este simples economista escreve “muito bem”. Não tenho pela profissão que segui o apreço que Suassuna, distante das mazelas dos economistas, parecia ter.

Nietzsche, uma segunda vida

“O que não devo às minhas insônias!”, disse Nietzsche. Sem querer me comparar a ele, poderia dizer o mesmo. Ao longo da vida, fui até *cultivando* a insônia. Durante a noite e as madrugadas, fui criando uma *segunda vida*, vida em que me dedicava a assuntos não relacionados à economia, à política, ao trabalho pelo Brasil. Leituras, releituras, anotações. Até que a insônia fugiu do controle e começou a abalar seriamente a primeira vida e mesmo a saúde. Tive que tratá-la, como autopreservação. Não esqueço, porém, o que a insônia me proporcionou e, apesar do tratamento, ainda me proporciona.

Há muito tempo, um aluno da FGV me disse que a melhor parte dos meus livros eram as apresentações. Pode bem ser. Uma razão talvez fosse, justamente, que nas apresentações eu me permitia desviar das preocupações habituais do economista e tratar de questões mais amplas. Isso aparece, acredito, na apresentação de *O Brasil não cabe no quintal de ninguém*, que aponta claramente para o livro que agora publico.

A gestação foi demorada. Como disse, comecei os *Estilhaços* por volta de 2016/2017, quando ainda morava na China, e o livro foi se arrastando, progredindo muito devagar, tanto que escrevi outros dois no meio tempo.¹³ Por que a demora? Inicialmente, porque o trabalho no Banco dos BRICS, em Xangai, me absorvia e até atormentava. Mas o principal motivo foi a dificuldade de escrever sobre temas novos e inusitados para mim e, com isso, o receio de ser mal-recebido. Outra razão para não terminar é que me desagrada o trabalho de revisão, seleção, cortes, ainda mais em se tratando de textos mais pessoais. E continuava com as anotações esparsas ao acaso, ao ritmo do coração. A

minha tendência problemática é não cortar e querer aproveitar o máximo do que está feito. Receita para escrever mal, bem sei. Mas nunca acreditei muito em Stefan Zweig para quem até mesmo obras primas clássicas sofriam de gigantismo, tendo chegado a ponto de dizer que *A Montanha Mágica* de Thomas Mann teria se beneficiado de cortes radicais...¹⁴ Uma barbaridade, a meu juízo – sem pretender com isso insinuar que este modesto livro não pudesse ter, sim, se beneficiado de cortes implacáveis. (E, sem hipocrisia, digo abertamente que essa última frase foi digitada na esperança de que o leitor ou leitora venha a discordar, se possível veementemente).

Não escrevi, como já se vê, um trabalho acadêmico, ainda que haja vestígios disso aqui e ali. Os *Estilhaços* não têm nem as vantagens e nem as desvantagens desse tipo de trabalho. Está mais próximo do diletantismo. Reconheço as fragilidades que essa abordagem traz – superficialidade, improvisações, contradições. Em defesa do livro, digo, apenas, que ele reflete décadas de vivências, reflexões, leituras, filmes e música. E o diletantismo, dependendo das circunstâncias não traz também as suas vantagens? Não permite arriscar, romper barreiras entre disciplinas, exercer a criatividade, evitar as inibições derivadas do esforço de organização e da busca sistemática de fontes, comprovações, referências?

Repetições, cor, coração

Nos últimos anos, em certas fases, abandonei-me a mim mesmo, fiquei só, completamente só. Como aconteceu com muitos brasileiros, a combinação bolsonarismo/pandemia favoreceu a solidão. Isso me deu condições de fazer uma espécie de mergulho interior, nas lembranças, nos amores, nas vivências do espírito, no sofrimento percorrido. Pensando sempre, entretanto, na vida viva e no que está ainda por vir, no presente, no futuro – sobretudo no presente que sempre tem de estar “em revolta contra o resto do tempo”, para evocar o título daquele filme alemão.¹⁵

Meu repertório é limitado. Trechos de autores queridos, por exemplo, podem aparecer mais de uma vez – citados, em geral, de cor, de

coração. Mas, afinal, o que seria de nós sem a repetição? Cada um tem as suas mais ou menos fixas. E, como dizia Nelson Rodrigues, tudo que é dito uma vez, e uma única vez, permanece rigorosamente inédito – exemplo, aliás, de frase que já citei centenas de vezes.

Faço um pedido, aliás. A leitura entra no sangue. Este livro certamente contém ecos desses autores queridos, talvez paráfrases, até plágios involuntários, resultantes de décadas de leitura e releitura de autores aforismáticos como Nietzsche, Pascal, La Rochefoucauld, Pessoa e Cioran. Só posso pedir que me avisem, se algum for identificado. Bem sei que o plágio, como disse Wilde, é a forma mais sincera de homenagem. Não gostaria, contudo, de estar incorrendo nesse tipo de homenagem. Por que não citar, quando cabe a citação? Mas, sabe?, acontece nas melhores famílias. Pessoa, por exemplo, repetiu quase *ipsis litteris* uma frase de Nietzsche sem citá-lo. Mostro daqui a pouco.

Citar, especialmente de cor, é uma forma de agradecer. Citações de memória tendem à imprecisão; refletem, contudo, uma apropriação profunda do que foi lido um dia.¹⁶ Tentei, mas nem sempre consegui remeter ao texto original e localizar as passagens lembradas. Mas, o que foi que eu disse, leitor, leitora? Este não é um livro acadêmico; não me venham, portanto, pedir notas de rodapé a cada instante.

Cor, coração, etimologia reveladora, como muitas. O que fica, no final das contas, é o que toca o afetivo, o que chamamos metaforicamente de coração. Não só metaforicamente. O coração não bate, não pulsa mais forte, não acelera a cada choque emocional? Quando fui a Moscou pela primeira vez em 1977, com 22 anos, andava meio perdido pelo centro da cidade. Procurava a Praça Vermelha, mas tomei o caminho errado e acabei percorrendo sem querer o imenso percurso em torno do Kremlin. Quando dobrei uma esquina dei de cara, pela primeira vez, com a maravilhosa Catedral de São Basílio – aquela que quase toda a população mundial pensa que é o Kremlin, mas que está fora dele, em frente à Praça Vermelha. O meu coração disparou. Um momento que não esqueço e que mostra porque o coração tem as conotações que tem. E é preciso ter sempre 22 anos em algum lugar do coração.

À medida que o livro foi avançando, fui me dando conta de que partes dele estavam assumindo a forma de um diário. Não, ou nem sempre, de acontecimentos ou de reflexões. Sobretudo de sentimentos. Daí que, sim, o título original do livro – com a referência piegas a “coração” – era apropriado. Não o restabeleço porque a sua supressão acaba valorizando mais o coração. Implícito, tímido, meio renegado, ele pesa mais do que escancarado na capa.

Porém, não é só isso. “Estilhaços” dizem respeito a afetos, paixões, coração, mas também a estilhaços de balas, tiros, guerras – outro tema presente no livro em diferentes formas. Daí também a escolha da sentença de Gracián como epígrafe para esta apresentação com a referência a coragem sem a qual “a sabedoria é estéril”. Coragem que, por etimologia, também remete a coração – por onde se vê que tudo se liga.

Estilo e linguagem

Uma questão de estilo e linguagem, que não se apresenta em outras línguas, por exemplo no inglês. Como me referir a você que me lê neste instante? “Leitor”? É regra do português, e também de outras línguas, que prioriza o masculino numa época em que esse tipo de coisa é, com razão, crescentemente rejeitado. Melhor seria: “leitor(a)” ou talvez “leitor ou leitora”? Parece desajeitado, pode quebrar o estilo, sem contar que não capta outras designações de gênero. Enfim, você que me lê (estou tentando escapar neste parágrafo do problema que descrevo aqui) talvez não imagine as dificuldades que enfrenta um escritor, qualquer um. Acabei evitando impor uma regra e optei por variar a designação, dependendo do contexto.

Outro problema da língua portuguesa, que também aparece no alemão, no espanhol e no italiano, porém não no inglês e no francês. A feiura da palavra “mulher”, assim como “*Frau*”, “*mujer*”, “*moglie*”, em contraste com a sonoridade de “*woman*”, “*femme*”. Ora, uma parte considerável deste livro reflete justamente a fascinação por *elas*, linda palavra que não pode, entretanto, ser usado em todos os contextos. Recorrer a “fêmea”? Possível às vezes, mas nem sempre, pois pode resvalar para a vulgaridade. Uma pena, enfim, que elas sejam designadas pela palavra “mulher”.

Antepassados poéticos e políticos

Volto ao Brasil por um instante. Não é fácil esquecê-lo, mesmo temporariamente, pois representa um mandato, uma tarefa de vida, dedicação de corpo e alma para ajudar nosso país a realizar o seu potencial. No meu caso, assim como de outros brasileiros, esse mandato tem uma origem familiar, algo que é passado de pai para filho, às vezes por diversas gerações. Meu pai, Paulo Nogueira Batista, foi um proeminente servidor do Estado e defensor da nação ao longo de toda a sua vida. O seu pensamento, de grande relevância para o Brasil do século 21, está bem representado em uma coletânea dos seus trabalhos publicada por iniciativa de Samuel Pinheiro Guimarães.¹⁷

Neste livro, porém, tentei dar vazão ao que poderia chamar de uma veia literária. Acredito, talvez erradamente, que ela também exista em mim. Nada menos que três dos meus bisavós foram poetas, todos pelo lado paterno. O lado materno, a família Pinheiro de Minas Gerais, é mais político. Do lado paterno, uma bisavó, Anna Nogueira, cearense, e um bisavô, Sabino Baptista, paraibano, formaram um casal de poetas, dando origem ao nome Nogueira Batista. Sabino foi um dos fundadores da Padaria Espiritual, em Fortaleza, na virada do século 19 para o 20, um movimento precursor do modernismo.¹⁸

Destaco Anna, em especial, uma poetisa brilhante, nascida em 1870, abolicionista, que escrevia e publicava desde jovem numa época em que as mulheres tinham função estritamente doméstica. Corta-me o coração saber que ela não teve em vida o merecido reconhecimento, nem mesmo na nossa família. Para que o leitor ou leitora faça uma ideia do seu talento, seleciono um trecho de um dos seus muitos poemas, “Visão da cegueira”, escrito aos 87 anos de idade, quando ela estava ameaçada pela perda da visão:

Jesus! Que triste notícia:/Cega não posso ficar/Minhas tarefas diárias/quem as irá acabar?

Tanta coisa começada/Tanta coisa por fazer/roupa branca a remendar/livros queridos a ler...

E as leituras preferidas? Os meus livros de oração/O doce, Santo Evangelho/E do Cristo a Imitação (...)

E os poetas prediletos? Jorge de Lima, Vigny?/Murilo, Manuel Bandeira/Verlaine, Charles Péguy?
Não mais ver a luz do sol/Nem as estrelas do céu...? Ver tudo como se fosse/ Coberto por denso véu...¹⁹

Linda simplicidade da forma, das palavras e das ações! O ritmo regular e a rima confirmam a repetição dos gestos. E com que facilidade flui o verso, como notou Luzilá Gonçalves Ferreira, em ensaio sobre ela.²⁰

O terceiro bisavô poeta, Francisco Eutychio Galvão de Freitas, outro nordestino, militar, escreveu também muitos versos, inclusive este poema emotivo, de bela sonoridade, repleto de aliterações, que transcrevo:

Antes de ver-te, amor, eu já te via,/E antes de te amar, eu já te amava,/E antes de te falar,
já te falava,/E antes de te ouvir, eu já te ouvia!
Se antes de assim querer-te, eu te queria,/É que em meu coração se desenhava/Um ideal
que há muito se formava. No qual todo o seu ser se resumia!/
E como poderei nunca esquecer-te,/Quando há muito te via antes de ver-te,/Quando
muito te amava antes de amar-te?...
Quando desse ideal puro d'outrora, no peito – palpitante – sinto agora/O objeto que
busquei por toda parte?²¹

Suicidou-se aos 33 anos, em 1905 – desfecho romântico – para abreviar a agonia de uma tuberculose, doença na época incurável.²² Em nossa família por parte de pai, aliás, há um suicida em cada geração – a minha e as seguintes, menos corajosas, não deram sequência à tradição sinistra. Mas deixo isso de lado. Eis o que queria dizer: é esse pedaço da família, o literário, não o político, que aparece mais aqui, não em poemas, mas em reflexões e textos sobre cultura, arte, filosofia e, até mesmo, timidamente, em alguns contos.

E, no entanto, reparem de novo como tudo se liga. O nosso antepassado político mais importante, João Pinheiro da Silva, bisavô por parte de mãe, foi governador de Minas Gerais e teria sido, provavelmente, Presidente da República, dentro do revezamento Minas/São Paulo, a chamada política do café-com-leite, se não tivesse morrido no exercício do cargo.²³ Juscelino Kubitschek, que era seu admirador declarado, escreveu sobre ele em carta a Israel Pinheiro, um

dos seus filhos, dizendo: “Só tivemos em Minas um político filósofo. E este foi aquele do qual você recebeu o nome”.²⁴ Essa inclinação à filosofia aparece, de fato, nas publicações de João Pinheiro. Também pelo lado materno, portanto, existe a ligação com o pensamento e a filosofia.²⁵

Reflexão, memória, fantasia

O que foi se configurando aos poucos durante a demorada elaboração deste livro, sem que tivesse sido planejado dessa maneira, foi uma combinação meio desajeitada de reflexão, memória e fantasia, com os três elementos aparecendo quase sempre misturados. Isso criou alguma dificuldade para classificar certos textos e distribuí-los entre os capítulos, especialmente aqueles em que se mesclam pensamentos e lembranças com invenção pura e simples. Não é um livro premeditado, o que talvez seja uma vantagem. A sua leitura não precisa seguir uma sequência determinada; ele pode ser lido aos pedaços, de maneira aleatória, da mesma forma em que foi feito. Há passagens, já vou avisando, que teriam sido suprimidas se eu fosse o intelectual sofisticado que jamais serei. Canções, trechos simples, talvez vulgares. Deixei ficar, pois não tinha razão Cioran quando dizia que “o refinamento é um sinal de vitalidade deficiente, na arte, no amor e em tudo”?²⁶

Organizei o livro, *a posteriori*, por tópicos – a mulher, arte e filosofia, lembranças, infância, alguns contos – creio, entretanto, que a artificialidade dessas subdivisões logo ficará evidente. Não há partes estanques; as memórias se misturam com a arte, os contos com as lembranças, a vivência com a imaginação.

Nada disso é surpreendente. É sempre tênue a linha que separa lembrança e imaginação. As lembranças invadem a ficção. E essa, por sua vez, invade as lembranças, falseando-as. Na história dos povos como na pessoal, a lembrança seleciona, omite e modifica. Mesmo assim, asseguro que o que aparece aqui como lembrança – de amores, da infância ou de outras partes da vida – segue estritamente o que a memória reteve, sem acréscimos, sem floreios. Nem sempre contei tudo, por discricção, mas só contei o que me ficou como factual – sempre

consciente da célebre advertência de Nietzsche: “não há fatos, só interpretações”.²⁷

A advertência é célebre, mas não inatacável. Com mero deslocamento de uma palavra, ela vira: “há fatos, não só interpretações” – redação tão semelhante em forma, mas oposta em conteúdo e talvez mais verdadeira do que a original. Curiosamente, Fernando Pessoa escreveu a mesma frase, ligeiramente modificada para: “não há factos, há só interpretação de factos”, sem referência a Nietzsche,²⁸ o que mostra que grandes autores também cometem plágios involuntários. Observe-se, porém, que na formulação de Pessoa há uma diferença sutil – “não há fatos, mas interpretação de fatos” e, portanto, existem, sim, fatos – interpretados. Uma contradição talvez deliberada.

A parte de aforismos e também outras partes do livro têm um quadro de referência conceitual e emocional que remete a alguns pensadores e artistas, não muitos, quase todos citados nesta apresentação, como Nietzsche, Schopenhauer, Machado de Assis, Wagner, Heine, Dostoiévski, Nelson Rodrigues, Fernando Pessoa, Thomas Mann, Cioran, entre outros, que volto a mencionar agora sem obedecer a nenhuma ordem cronológica ou de importância. Conhecer esses autores, ou alguns deles, ajuda a sintonizar-se com o livro, mas não é condição indispensável para tal. O que vai aqui escrito reflete, ecoa, mas não pressupõe para sua compreensão o contato prévio com eles.

O eterno feminino

“*Das Ewig-Weibliche zieht uns hinan*” (o eterno feminino nos leva para o alto), escreveu Goethe.²⁹ É o que acontece, espero, neste livro. A figura feminina aparece em toda parte – nos aforismos, nas crônicas e lembranças, nos contos.

Pode-se ter, não digo muitas, mas algumas paixões amorosas na vida. Na crônica, “Uma Paixão”, pergunto, sem muita convicção, se as que sobrevivem não seriam as que não se realizam, as não retribuídas? Estas ficariam para sempre perfeitas, intocadas, imunes ao abrasivo do cotidiano e do tempo. Cintilam como estrelas distantes. Distantes,

porém, e por isso mesmo sem conteúdo, sem realidade, incomparáveis aos amores reais, vividos. Imaginação nenhuma substitui a vivência.

Muito mais importante, por isso, é a crônica sobre o encontro com Lia, a minha segunda mulher,³⁰ no qual uma bíblia vermelha desempenha papel crucial. A vida aparece ali como uma mistura estranha de acidentes, casualidades e encadeamentos precários. Por outro lado, forças obscuras parecem, às vezes, conduzir a sucessão de acontecimentos. Ao final, ficamos sem saber se a vida é puro acaso ou destino ou uma combinação incompreensível dos dois.

A criança

O título geral das crônicas sobre a infância – A infância e seus desastres – pode parecer um exagero, uma dramatização artificial. Cheguei a pensar em “Infância e seus incidentes” ou “Infância e seus contratempos”. No entanto, isso seria adotar o ponto de vista do adulto, do adulto que já esqueceu que foi criança. O que a um adulto insensível parece mero incidente, contratempo ou dissabor é para a criança nada mais nada menos do que um desastre, uma calamidade.

Qualquer infância, por mais protegida, por mais privilegiada, é sempre e em toda parte uma experiência considerável, marcante, às vezes traumática – mesmo as infâncias mais seguras, mais resguardadas e imunes aos desastres da pobreza e da desagregação familiar. O que costuma traumatizar é a falta de amor, de atenção, o isolamento da criança, que não consegue ser ouvida, sequer se expressar. Na criança, recorde-se, tudo adquire proporções, por um lado, gigantescas e, por outro, misteriosas, incompreensíveis. Entrar no mundo é sempre um sofrimento.

Acusações de antissemitismo

A parte de crônicas inclui homenagens a dois escritores judeus admiráveis, o italiano Primo Levi e, sobretudo, o alemão Heinrich Heine. Nas duas destaquei o que eles passaram por conta das perseguições aos judeus, no século 19 e, mais ainda, no genocídio no século 20. Essas crônicas foram escritas em 2019 e 2021. A crônica sobre

Heine é dedicada a Lavínia, que viria a ser minha companheira, e que sugeriu na época o título – “A arte salva”. Menciono as datas porque no final de 2022 e de novo um ano depois, irromperam ondas de acusações de antissemitismo contra mim por causa de publicações que fiz em redes sociais. Como ocorreu com muitos outros, a crítica a Israel ou a judeus proeminentes e a referência à força e influência do *lobby* sionista foram atacadas como antissemitas e até nazistas. Os judeus, como disse Saramago, tornaram-se rentistas do holocausto. Campanhas orquestradas de difamação combinam-se com ações na Justiça para tentar intimidar e calar vozes críticas.

No meu caso, uma multidão de desavisados e, sobretudo, inimigos políticos de direita aderiram levemente às acusações. Fui atacado, nas redes, na televisão e na imprensa, sistematicamente e sem piedade. Suportei tudo, não digo com equanimidade, mas sem vacilar. Não pedi desculpas e reiterei, as críticas que deram origem às acusações caluniosas. A Confederação Israelita Brasileira decidiu ir à Justiça contra mim, mas a acusação de antissemitismo foi arquivada pela Justiça, sem que tenha sido necessário me ouvir.

Há muitos incidentes desse tipo. O *lobby* sionista, no Brasil, nos Estados Unidos, e em outros países, tenta estigmatizar como antissemitas os críticos de Israel e mostra as suas garras permanentemente. Por estranho que pareça, até a existência desse *lobby* é posta em dúvida e considerada uma “teoria da conspiração”. Mas quem duvidava da sua existência talvez não as tenha mais depois do muito que fez esse *lobby* para apoiar o comportamento criminoso de Israel na faixa de Gaza, desde outubro de 2023.

El Cid, campeador

O Brasil aparece pouco neste livro, como disse, mas não poderia ficar de fora. Incluí entre as crônicas alguns textos sobre nosso país como nação cultural. Duas delas, já mencionadas, sobre o nosso destino planetário são meio delirantes, reconheço. Mas não é pelo sonho, até pelo delírio que se chega ao âmago das coisas?

Na parte sobre o Brasil, faço uma homenagem a meu pai, que morreu prematuramente aos 64 anos, em 1994, e ainda se comunica

comigo (ou assim parece). A homenagem, se situa num contexto bem determinado, que talvez não tenha ficado inteiramente claro na crônica.³¹ Ocorre que, durante o governo Fernando Henrique Cardoso, de triste memória, os Estados Unidos resolveram se aproveitar da debilidade do Presidente brasileiro para fazer novas exigências na área nuclear, área crucial não só para o desenvolvimento econômico, como também – frise-se – para a defesa e a segurança nacional. Queriam os americanos que o Brasil assinasse um protocolo adicional ao Tratado de Não Proliferação das Armas Nucleares – o TNP, que o procônsul FHC havia assinado, mansamente, em 1996. Este protocolo permitiria novas e mais detalhadas inspeções nas instalações nucleares brasileiras, trazendo um duplo risco – o de roubo de tecnologia e o de obstruir o desenvolvimento, pacífico ou não, da energia nuclear no Brasil. Estimulado, escrevo *tongue in cheek*, por “mensagens” recebidas do pai morto, fiz um escarcéu na mídia e nos contatos que podia mobilizar. Creio que dei uma pequena contribuição para que esse protocolo não fosse assinado. Até hoje, salvo engano, não vigora no caso do Brasil. Precisaremos, em algum momento, sair do TNP, mas deixo esse assunto de lado.

Disse *tongue in cheek*, mas nem tanto. A verdade é que meu pai, por meu intermédio, às vezes ganha batalhas mesmo depois de morto, tal como El Cid, Campeador.³² O leitor ou leitora conhece essa figura lendária? Caso não conheça, conto a estória telegraficamente (estou me estendendo demais). Durante a Reconquista da Península Ibérica, El Cid, guerreiro castelhano, se destacava pela coragem e ferocidade na luta contra os mouros. Temido pelos inimigos, a sua presença, por si mesma, já abria clarões nas hostes adversárias. Ocorre que El Cid foi ferido mortalmente em uma batalha. A guerra precisava continuar e os espanhóis resolveram colocar o cadáver do herói em cima do seu cavalo, amparando-o como foi possível. Essa presença fez toda diferença – e mais uma batalha foi vencida. Daí que se diz que El Cid vence batalhas até depois de morto.

Não me perguntem se a estória é totalmente verídica. Nem se El Cid era o herói irretocável da lenda. Todo povo precisa de lendas, mitos, meias-verdades. Fernando Pessoa bem sabia disso e, na poesia e na

prosa, dedicou-se a cantar os mitos portugueses – inclusive o de Dom Sebastião, mais próximo a nós brasileiros, e também relacionado à luta contra os mouros.³³ Longe de mim desfazer do trabalho do historiador científico, da sua busca obstinada da verdade e dos fatos, nos arquivos e em outras fontes confiáveis. Mas isso não é tudo.

Dou outro exemplo para encerrar essa digressão – a carta testamento de Getúlio Vargas. Imediatamente após o suicídio, a imprensa e a oposição udenistas declararam que a carta era apócrifa, fabricada para propósitos políticos. Alguns historiadores deram apoio, pelo menos parcial, a essas alegações. A versão dos fatos que prevalece, até onde sei, é que ela foi redigida, sim, em parte por um assessor do Presidente, mas com base em suas anotações e aprovada por ele poucos dias antes do suicídio.³⁴ Pairam dúvidas sobre o que ocorreu exatamente. Mas não importa tanto. A carta testamento capta, a meu ver, a essência do que ele pensou, fez e desejou para nosso país – ele que foi provavelmente, o maior Presidente da história do Brasil. O seu maior concorrente, Lula, ainda tem que trabalhar para se igualar a ele.

Sobre Lula, um último comentário *en passant*. Devemos muito a ele, nem preciso dizer. Foi bem-sucedido nos seus primeiros dois mandatos, sobretudo no segundo. Suportou depois, com paciência e heroísmo, uma perseguição implacável. Salvou-nos de uma reeleição desastrosa de Bolsonaro. E enfrenta no seu terceiro mandato condições adversas e uma herança pesadíssima. Mas não se deve sucumbir ao culto da personalidade, como fazem muitos na esquerda. Lula tem limitações, como todo mundo. Uma delas, talvez uma das principais: confia demais na intuição. A sua intuição é fora do comum. Contudo, se intuição bastasse, estaríamos acreditando até hoje que o sol gira em torno da terra, como dizia Paulo Pereira Lira, outro grande brasileiro, esquecido como tantos, que foi Presidente do Banco Central no governo Geisel, e com quem muito aprendi quando jovem. Sendo eu mesmo, desde sempre, romanticamente inclinado a valorizar a intuição, fui atingido em cheio pela observação de Paulo Lira e por isso ela não me saiu da memória até hoje.

Digitava esses parágrafos sem sentir de imediato que o Brasil está de novo se intrometendo demais aqui. Paciência, o Brasil é como um coração para mim, que não para de bater, que não para de pensar – quando se deve, como dizia Pessoa, “deixar o pensar na cabeça”.

Para terminar

Esta apresentação está ficando longa demais, prolixa, contrariando o aforismo de Cioran escolhido como epígrafe. Apresso-me então a concluir. Duas observações finais.

Ao relembrar, sem pseudônimos, alguns episódios, às vezes dolorosos, fiquei preocupado em causar constrangimentos. E, no entanto, o tempo passa e as lembranças antes polêmicas, antes candentes, se suavizam e ficam inofensivas ou menos ofensivas. Podem ser recapituladas à vontade, sem disfarces, quase sempre sem pseudônimos. Sim, mas para dar o devido valor ao passado, é preciso *ressuscitá-lo*, relembra-lo com novo ânimo, nova energia. E sofrer de novo.

Devo dizer que as crônicas e lembranças nem sempre representam o que penso hoje, e isso vale mesmo para algumas bem recentes. Ao relê-las, vi que já não penso da mesma maneira, discordo de mim mesmo aqui e ali. Mantive, porém. É quase como se um personagem estivesse falando, não eu mesmo.

Na maneira de ver a relação homem/mulher, por exemplo. Já não a vejo como antes. Em algumas passagens, há muita ênfase no plural (mulheres/amores) por oposição ao singular (mulher/amor). Bem sei que a beleza feminina, aquela que passa, simplesmente passa, em sua variedade fascinante, pode comover – e muito. Mas amor só existe, afinal, no singular. Como compreendi, tardiamente, na relação com minha companheira atual, Lavínia. Nelson Rodrigues não era em sua vida prática nenhum exemplo edificante nesse particular, mas dizia mesmo assim que quem não compreende que o amor se realiza em uma única mulher, e só nela, está condenado ao mais completo abandono e solidão.

Estou nas suas mãos

Era isso, querido leitor ou leitora, que pretendia dizer a título de introdução. Se tivesse uma noção mais apurada do ridículo, não teria publicado talvez este livro *sui generis*. Estou com o coração na mão, confesso. Fiz o meu melhor. Mas o meu melhor é suficiente? Deixo a pergunta nas suas mãos carinhosas.

O que me faz lembrar de uma cena maravilhosa do romance *Tess of the D'Urbervilles*, de Thomas Hardy, lindamente recuperada por Roman Polanski, no filme *Tess*, com Nastassja Kinski no papel principal. Recapitulo rapidamente. Tess recebe uma proposta de casamento, mas tem um segredo terrível que pode arruinar tudo. Incapaz de falar a respeito, escreve uma carta a ele, contando tudo – carta que termina dilacerada, assim: “*I pray, I hope, I love you*” (“Rezo, espero, te amo”).

Toda confissão, inclusive esta que ora concluo, é sempre acompanhada de uma prece e da esperança de acolhida.

Florianópolis e São Paulo,
setembro de 2023 a maio de 2024.

Post scriptum: Este livro já estava no prelo, quando morreu minha mãe, a quem ele havia sido dedicado. A presença dela em várias partes do livro e na própria dedicatória adquiriu, assim, um significado ainda mais especial.

1 “O que se chama comumente ‘ter fôlego’, é ser prolixo” (CIORAN, Emil. *Pensées étranlées*. Paris: Gallimard, 1969, p. 42).

2 GRACIÁN, Baltasar. *A arte da prudência*. Porto Alegre: L&PM, 2019, p. 10.

3 BATISTA JR., Paulo Nogueira. *O Brasil não cabe no quintal de ninguém: bastidores da vida de um economista no FMI e nos BRICS e outros textos sobre nacionalismo e nosso complexo de vira-lata*. 2ª ed. São Paulo: LeYa Brasil, 2021.

4 HITLER, Adolf. *Mein Kampf*. München: Zentralverlag der NSDAP, 1941, p. 15. Sobre o papel da arte em Hitler e no nazismo, ver o extraordinário livro de Frederic Spotts:

- Hitler and the power of aesthetics*. Londres: Pimlico, 2003.
- 5 “*Gipfel der Romantik*”, mais especificamente o prelúdio e a ária *Einsam in trüben Tagen*. Thomas Mann, “*Wagner und kein Ende*”, carta a Emil Pretorius de 1949, publicada em MANN, Thomas. *Essays: Musik und Philosophie*. vol. 3. Editado por Hermann Kurzke. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch, 1978, p. 144.
 - 6 O seu maior ataque à escola romântica está em *Die romantische Schule*, primeira publicação 1833, reproduzido em *Heinrich Heines sämtliche Werke in vier Bänden*. Herausgegeben von Otto F. Lachmann. Leipzig: Philipp Reclam, sem data, terceiro volume, pp. 116-237.
 - 7 Neste livro, pp. 229-233.
 - 8 Ver, pp. 257-272.
 - 9 DE GAULLE, Charles. *Mémoires de Guerre: L'Appel 1940-1942*. Paris: Librairie Plon, 1954, p. 5. Remonta também a Keynes que, ao referir-se a Clemenceau, Primeiro-Ministro francês durante e logo após a Primeira Guerra, escreveu que “ele tinha uma ilusão – a França; e uma desilusão – a humanidade, inclusive os franceses”. (KEYNES, John Maynard. *The Economic Consequences of the Peace*. Londres e Basingstoke: Macmillan & Cambridge University Press, [1919] 1984, p. 20).
 - 10 “Pushkin (A Sketch)”, discurso proferido em 1880 e reproduzido em DOSTOIEVSKI, Fiódor. *A Writer's Diary*. Editado por Gary Saul Morson. Illinois: Northwestern University Press, 2009, pp. 491-505.
 - 11 O já mencionado *Brasil não cabe no quintal de ninguém* e um mais antigo, de forte vibração romântica, *Da crise internacional à moratória brasileira*, publicado pela editora Paz e Terra, em 1988.
 - 12 WAGNER, Richard. *Die Meistersinger von Nürnberg*. Texte, Materialien, Kommentare. Editado por Attila Csampai e Dietmar Holland. Hamburg: Rowohlt Taschenbuch Verlag, 1981, p. 109.
 - 13 Além do já mencionado *O Brasil não cabe no quintal de ninguém*, publiquei *The BRICS and the financing mechanisms they created: progress and shortcomings*. Londres: Anthem Press, 2022.
 - 14 ZWEIG, Stefan. *Die Welt von Gestern: Erinnerungen eines Europäers*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1970, pp. 363/364.
 - 15 *Der Angriff der Gegenwart auf die übrige Zeit*. Direção de Alexander Kluge. Alemanha, 1985.
 - 16 Por exemplo, a obra ensaística de Thomas Mann, que costumava ressaltar a importância de reconhecer as dívidas intelectuais e artísticas, está coalhada de *Gedächtniszitate*, citações de memória, muitas delas não localizáveis. Ver os comentários de Hermann Kurzke aos textos de Mann em MANN, Thomas. *Essays: Politik*. vol. 2. Editado por Hermann Kurzke. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch, 1978; MANN, Thomas. *Essays: Musik und Philosophie*. vol. 3. Editado por Hermann Kurzke. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch, 1978, respectivamente pp. 337-382 e pp. 267-299.
 - 17 BATISTA JR., Paulo Nogueira (Coord.). *Paulo Nogueira Batista: pensando o Brasil – ensaios e palestras*. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão, 2009.
 - 18 MAIA, Maria Thereza Baptista Bandeira. *Cadeiras na calçada*. Florianópolis: Áprika Produção em Arte, 1998, pp. 31-47 e 57-93. Sobre a Padaria Espiritual ver, por exemplo,

- AZEVEDO, Sânzio de. *A padaria espiritual e o simbolismo no Ceará*. Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1996; e, também, MOTA, Leonardo. *A padaria espiritual*. 2ª ed. Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar, 1994.
- 19 BAPTISTA, Anna Nogueira. *Versos*. Rio de Janeiro: Edigraf, 1964, pp. 79-81.
- 20 FERREIRA, Luzilá Gonçalves. “Tens asas como as aves e as falenas...”. *Portal de Periódicos UFSC*. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/download/17200/15774/53001>. Acessado em: 27.07.2024. Anna foi descoberta no final do século 20 por pesquisadoras nordestinas que buscavam recuperar a poesia feminina esquecida. Agradeço a meu primo, Luiz Eduardo Nogueira Lerina, que me enviou o texto sobre Anna e deu outras informações a respeito da nossa bisavó. Ele está finalizando um livro sobre ela, com o título “Em busca de Anna”.
- 21 Reproduzido em MAIA, Maria Thereza Baptista Bandeira. *Cadeiras na calçada*. Florianópolis: Áprika Produção em Arte, 1998, pp. 99/100.
- 22 MAIA, Maria Thereza Baptista Bandeira. *Cadeiras na calçada*. Florianópolis: Áprika Produção em Arte, 1998, pp. 144-146.
- 23 Ver, por exemplo, BARBOSA, Francisco de Assis. “João Pinheiro e seu ideal republicano”. In: _____ (Coord.). *Ideias políticas de João Pinheiro: cronologia, introdução, notas bibliográficas e textos selecionados*. Brasília/Rio de Janeiro: Senado Federal e Fundação Casa de Rui Barbosa/MEC, 1980, pp. 58-62.
- Ver, também, DULCI, Otávio. “João Pinheiro e as origens do desenvolvimento mineiro”. In: GOMES, Ângela de Castro (Coord.). *Minas e os fundamentos do Brasil moderno*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 133.
- 24 Carta de Juscelino Kubitschek a Israel Pinheiro, Nova York, 10 de janeiro de 1966, da qual tomei conhecimento, por coincidência, justamente quando escrevia esta apresentação. Na carta enviada logo após a eleição de Israel para governador de Minas, JK escreveu também que se lembrava muito “das palavras que o seu pai lhe transmitia e sei que dentro delas a sua linha política terá a mesma grandeza que em outros tempos singularizou a ação de João Pinheiro”. Escrita no exílio, em um momento de desesperança e sofrimento, a carta tem interesse histórico para além das referências a João Pinheiro e merece ser lida na íntegra. Está reproduzida em: ZAGHETTO, Sonia. “JK e a saudade do Brasil”. *Soniazaghetto.com*, 27 out. 2020. Disponível em: <https://soniazaghetto.com/2020/10/27/jk-e-a-saudade-do-brasil/>. Acessado em: 12.06.2024.
- 25 Ver a coletânea de textos de João Pinheiro em: BARBOSA, Francisco de Assis (Coord.). *Ideias Políticas de João Pinheiro: cronologia, introdução, notas bibliográficas e textos selecionados*. Brasília/Rio de Janeiro: Senado Federal e Fundação Casa de Rui Barbosa/MEC, 1980, pp. 69-396.
- 26 CIORAN, Emil. *Pensées étranlées*. Paris: Gallimard, 1969, p. 32.
- 27 “Gegen den Positivismus, welcher bei dem Phänomen stehen bleibt ‘es giebt nur Thatsachen’, würde ich sagen: nein, gerade Thatschen giebt es nicht, nur Interpretationen” (Fragmento póstumo). (COLLI, Giorgio; MONTINARI, Mazzino (Coord.). *Friedrich Nietzsche, Nachgelassene Fragmente, 1885-1887*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag/de Gruyter, 1988, p. 315). Sobre fatos e interpretações em Nietzsche ver PREBISCH, Lucía Piossek. “Interpretação: arbitrariedade ou proibidade filológica?” In:

- MARTON, Scarlett (Coord.). *Nietzsche abaixo do Equador: a recepção na América do Sul*. São Paulo: Sendas e Veredas, 2006, pp. 19-37.
- 28 PESSOA, Fernando. *Sobre Portugal: introdução ao problema nacional*. Recolha de textos por Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão, introduzida e organizada por Joel Serrão. Lisboa: Ática, 1978, p. 5.
- 29 GOETHE, Johann Wolfgang von. *Faust: der Tragödie zweiter Teil*. (Coleção Bilingue de Clássicos Estrangeiros). Paris: Aubier Montagne, [1832] 1980, p. 258.
- 30 Neste livro, pp. 121-130.
- 31 Ver, pp. 249-252.
- 32 Relatei outra batalha desse tipo em *O Brasil não cabe no quintal de ninguém: bastidores da vida de um economista brasileiro no FMI e nos BRICS e outros textos sobre nacionalismo e nosso complexo de vira-lata*. 2ª ed. São Paulo: LeYa, 2021, pp. 134-138.
- 33 Ver, neste livro, p. 237.
- 34 Ver, por exemplo, SILVA, Hélio. *O pensamento político de Vargas*. Com a colaboração de Maria Cecília R. Carneiro. Porto Alegre: L&PM, 1980, pp. 139-141; NETO, Lira. *Getúlio 1945-1954: da volta pela consagração popular ao suicídio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, pp. 345/346; e LAMARÃO, Sérgio. “Carta testamento”. *Atlas Histórico do Brasil*, FGV CPDOC. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbete/5759>. Acessado em: 12.06.2024.

CAPÍTULO I

AFORISMOS

QUASE FILOSOFIA

A frágil vontade de viver. Do que depende? Da capacidade de se iludir, de suspender o julgamento e a descrença. Da disposição de manter a consciência – no duplo sentido de *Gewissen* (consciência moral) e *Bewusstsein* (consciência intelectual) – *dentro de certos limites*.

Pascal e Unamuno. Fé agonizante a de Pascal, como seria, séculos depois, a de Miguel de Unamuno. Unamuno que se enganava um pouco dizendo: “Fé que não duvida é fé morta”. Contra a maré montante do ceticismo racionalista a fé luta em vão e retrocede sem parar.

O vazio. A vida só tem sentidos atribuídos, inventados, criados *ex nihilo*. E com isso se diz muito. Mais do que muitos conseguem aceitar com o coração. Pascal, por exemplo, escreveu que o vazio dos espaços infinitos o aterrorizava. Em contraste, Nietzsche, mais corajoso, juntava todos os pedaços do coração para “diante de abismos, dançar ainda”.

Humano, humano demais. Nada que é humano me é estranho, lema de Terêncio, preferido de Marx – este herdeiro do humanismo. O contrário, porém, não é mais verdadeiro? Tudo que é humano é estranho – e repugna! O ser humano ainda tem que progredir muito antes de ser posto em um pedestal qualquer. E a humanidade progride por acaso? Já dizia Nietzsche: como poderia a humanidade progredir, se ela sequer existe?

Próximo distante. Compaixão, solidariedade e empatia são quase ficções, ilusões que nos impedem de encarar a dura realidade do nosso isolamento. Sintomático que Cristo mande amar o próximo como a si mesmo. O amor-próprio é que nos ensinaria a amar os outros.

A forma breve se aproxima do silêncio, a sabedoria suprema.

Desejo, realização. O desejo é sempre superior à sua satisfação, *post coitum omne animal triste est* (depois do coito todo animal é triste). O

que se deve desejar não é a realização do desejo, mas a sua irrupção, mantida em suspenso.

Contra argumentos não há fatos.

O triunfo da semi-inteligência. As imperfeições do mundo... Um exemplo, entre muitos: a acidentada trajetória dos inteligentes, dos inteligentes que têm apenas inteligência e a quem falta a sensibilidade prática para a vida. O sucesso não é dos tolos, por suposto. Mas não é tampouco dos inteligentes. A inteligência em excesso gera resistências, despeito, invejas – no mínimo incompreensão. E uma certa incapacidade congênita para a vida real. A verdade é que o sucesso está reservado aos *semi-inteligentes*, aqueles que guardam um pé na canoa da esmagadora maioria que não liga duas ideias, aqueles que têm a sabedoria prática de não afrontar a massa ignara com exageros de sutileza e capacidade. Uma amorosa e modesta semi-inteligência, eis a chave para o sucesso no mundo tal como ele é.

Deus sobrevive – como recurso retórico.

Silêncio, sabedoria suprema. A sabedoria, que menospreza conceitos, abstrações, definições, conduz, pouco a pouco, ao silêncio. Silêncio como consciência da futilidade de toda palavra.

Pascal versus Descartes. O mais impressionante em Pascal é a luta comovente contra a razão, contra a inteligência – em defesa de uma fé frágil, marcada por hesitações, por dúvidas dilacerantes. A dúvida que vale ouro – a de Pascal, não a de Descartes. Descartes, como notou Nietzsche, nem sabia duvidar direito. A dúvida metódica não resiste nem ao exame friamente racional.

Uma exigência inviável. A rigor, ninguém se coloca no lugar de ninguém. E nisso está o começo e o fim de toda nossa desgraça.

A lucidez de não ter lucidez alguma.

Denúncias reveladoras. Quanto do que Nietzsche denunciou não parece, *with the benefit of hindsight*, confissão ou autocrítica! Não é por acaso que “denunciar” pode ser sinônimo de “revelar”.

Contra a civilização. A verbalização, forma da comunicação limitada, é dominante nos povos “civilizados”, nos povos em que a razão

prevalece. Treinados a pensar logicamente, a respeitar os fatos, ficam como que escravizados pela palavra, perdem acesso a outras formas de compreensão e interação. Nos povos “atrasados”, a verbalização é desprezada, serve, em geral, de última instância. Antes dela, vem a comunicação corporal, pelo olhar, pela postura, pelos gestos, pela energia, pela música. Seja como for, como última ou primeira instância, a verbalização oferece uma clareza ilusória, não raro mentirosa, pois as palavras, pretensamente unívocas, também guardam ambiguidades e mistérios.

Os sensíveis não precisam viver intensamente, talvez nem possam. Os toscos é que dependem de estímulos exteriores fortes.

Holzwege. Impossibilidades atuais: o espírito renascentista; a interdisciplinaridade; tratados; totalizações.

Tiranía. A descrença se impõe às gerações recentes de forma avassaladora, tirânica mesmo. A suspensão da descrença já não é possível, nem mesmo temporariamente.

Quantidade em qualidade. Por uma dessas ironias de que estão repletas a vida e a história, o pragmatismo em excesso acaba se revelando pouco pragmático. Para ser plenamente eficaz, o pragmatismo precisa de uma capa de pureza desinteressada, nobres valores, elevados propósitos – de hipocrisia, em suma.

Mishima. Traço interessante do antigo espírito japonês: a total falta de compromisso com o bom-senso.

Uma conjectura. Nunca mera improvisação, nunca mero desespero, o suicídio é longamente preparado no coração.

Órfãos. Somos todos filhos de um mesmo Deus inexistente.

O maior argumento contra a existência de Deus. A criança solitária, atormentada, escapa para dentro de si.

Um desmentido, uma prova. O sofrimento das crianças não só desmente a existência de Deus como prova a do Diabo.

Pascal, pré-romântico. Porque Pascal merece uma atenção toda especial, em especial neste livro? Por vários motivos, inclusive estes, destacadamente. Ele foi um precursor do romantismo e abriu, por isso

mesmo, uma controvérsia paradigmática com Descartes. Inaugurou a resistência romântica, cristã, medieval à ascensão do racionalismo e da ciência. E com que habilidade se agarrou nos pontos fracos dos adversários. Escolheu, acertadamente, Descartes como alvo principal.

Temperamento versus experiência. O temperamento, com sua eterna tendência a repetir, derrota com certa facilidade as lições da experiência. O que é, afinal, a experiência, sempre anacrônica, sempre superada, em face do impulso irresistível da vontade?

A primeira pergunta. Por que algo, e não a simples inexistência de tudo, de toda e qualquer coisa?

Compulsão. A pior forma de decepção é a que reconhecemos como resultado da nossa tendência a repetir erros.

Múltiplos aspectos da repetição. A repetição como instrumento didático. A repetição como recurso poético, retórico. A repetição para efeito cômico. A repetição que transforma um achado em lugar-comum.

Primeira pessoa do singular? É preciso saber usá-la, na fala como na escrita. Com moderação pode funcionar e até impressionar. O mau uso é mais frequente, expõe a vaidade descontrolada, tosca e, no limite, ridícula.

Basquiat. Toda coroa é uma *coroa de espinhos*.

Um animal. Outra definição possível do homem: o animal que se esconde, o que melhor sabe se ocultar e camuflar. Seu instrumento principal de disfarce: a linguagem – linguagem que só ao olhar inocente parece mero meio de comunicação.

Nietzsche dizia que era, sim, importante revalorizar o mundo sensível, mas, ao mesmo tempo, *espiritualizar os sentidos*. Tarefa para o filósofo-artista. Mais de cem anos depois, a valorização do mundo sensível, material, corporal está dada, não precisa mais de defensores, *elle va sans dire*. Já a espiritualização dos sentidos...

No campo sexual, por exemplo, prevalece o pornográfico, não o erótico; a perversão, não a fantasia.

Uma virtude ultra suspeita. Valorizada em contraponto à volubilidade oportunista, a coerência não é, a rigor, virtude que se

apresente. Constância ao longo de um tempo em que tudo muda? Cobrado em um debate por suas mudanças de pensamento, Keynes retrucou: “*When circumstances change, I change my views, don’t you?*” E, Wilde, mais certo: “a coerência é a virtude dos que carecem de imaginação”.

Olhar para dentro. Boa parte das intuições e afirmações dos grandes pensadores, até mesmo as taxativas, derivam de um método frágil, altamente questionável – a introspecção. Amostra unitária, portanto. Só é viável, em certa medida, porque todos nós, por mais extraordinários e especiais que sejamos, ou julguemos ser, participamos de um mesmo substrato humano.

Nada substitui o tempo. O tempo histórico, a longa duração é o que permite a acumulação de cultura, o refinamento, a sofisticação. Não há atalhos para a grande cultura e a grande beleza.

Kant e seus descaminhos. Embora de forma desnecessariamente tortuosa e penosa, Kant ajudou a dar alguns passos à frente. Na Estética Transcendental, por exemplo, onde relativiza espaço e tempo. Na Dialética da Razão Pura, outro exemplo, onde antecipa Hegel, onde Hegel foi buscar inspiração. Pontos fracos: a enumeração tediosa e arbitrária das faculdades da razão pura, criticada de forma ferina por Schopenhauer. E, principalmente, a Crítica da Razão Prática, talvez a pior tentativa da história de resgatar a existência de Deus.

Poucas coisas são mais obscenas do que a exibição de bons sentimentos.

Mestre e discípulos. Não é dos críticos e inimigos que o pensador precisa ser protegido, mas dos seus seguidores – das suas simplificações, das caricaturas, dos desvios, da sua infinita capacidade de esvaziar e rebaixar. Daí a importância de beber diretamente nas fontes, sem intermediários.

A objetividade não é alcançável e não seria *desejável* se o fosse.

Estilhaços. A vida não forma um todo, nunca é uma totalidade coerente, organizada. Não pode, assim, ser retratada senão aos pedaços. Fragmentos, sempre. Ou estilhaços, como estes. Tratados e romances,

nunca. A forma longa está sempre a um milímetro do tédio – tédio contra o qual, dizia Nietzsche, *até os deuses lutam em vão*.

Escolhas, destinos. Os condicionamentos são tantos e tão profundos, que as escolhas não ficam, na prática, indistinguíveis da pura fatalidade? O que o sistema judiciário pune, são os crimes ou o *criminoso*? Os atos do criminoso ou a sua compulsão ao crime? Qualquer indivíduo carrega vida afora uma reputação, positiva ou manchada, porque as pessoas, em sua maioria, percebem intuitivamente que o comportamento é constituído por compulsões. Acredita-se, no fundo, que somos o que somos, que não escolhemos e dificilmente conseguimos nos regenerar.

Os praticantes da lógica formal não entendem bem a lógica alternativa, dita dialética, que a eles parece mera confusão mental. E não deixam de ter certa razão? A dialética, sobretudo quando acompanhada de um cipoal de conceitos ou palavras, não serve às vezes para obscurecer questões e oferecer pseudo-soluções a problemas insolúveis ou intratáveis?

Toda grande obra é repetitiva. A insistência decorre da necessidade de transmitir algo novo, inusual. Desafio para todo escritor que pretenda inovar: repetir, repetir, repetir – sem cair, contudo, na monotonia. Difícil, mas não impossível. O caminho é variar, com arte, com estilo as formas de expressão da nova mensagem.

Fatos, interpretações. Qualquer um consegue tagarelar sobre a “construção” dos fatos e a maneira pela qual elementos alheios ao supostamente fático interferem nessa construção, tornando-os dependentes de escolhas e opiniões subjetivas, incertas. No dia a dia da ciência, fala-se descuidadamente de “variáveis observáveis”, sem reconhecer que, a rigor, elas também são construídas, mesmo simples séries históricas. Só positivistas ingênuos acreditam que essas variáveis são “dados” que se oferecem a nosso exame, diretamente, não adulterados. O máximo que se pode dizer é que elas se aproximam mais do *status* de “dados” que as variáveis construídas, derivadas a partir delas por modelos e depurações de diferentes tipos.

Entretanto, essa relativização, ainda que verdadeira, parece problemática neste tumultuado início de século 21 em que ignorantes poderosos pregam a “pós-verdade”, “fatos alternativos” e se animam a questionar as ciências sem conhecimento e sem cerimônia.

Nietzschianos enfrentam, assim, essencialmente a mesma dificuldade que gerações anteriores enfrentaram. Em face do nazismo, um nietzschiano como Thomas Mann, por exemplo, foi obrigado a recuar para a defesa morna, sem coração, do iluminismo e da democracia, como ele mesmo reconhecia em momentos de autoironia. E a reavaliar Nietzsche à luz da experiência histórica, vale dizer, à luz de Hitler.

Objetividade sagrada. A disseminada influência dos espíritos estreitamente objetivos pode ser combatida, limitada, mas nunca superada. Nem que se pudesse formar uma frente superampla de espíritos artísticos, religiosos, filosóficos, místicos e sofisticos. O respeito supersticioso pela objetividade é uma das pragas que nos legou o fim da Idade Média.

Fervor. Assim eram resolvidas as contendas nos conventos medievais: nada de votações ou exames de provas e contraprovas, vencia quem defendia os seus argumentos com mais convicção e energia.

Estabilidade ilusória. A constância inventada por meio de palavras e conceitos é uma necessidade apenas prática, sem validade teórica. Convenções, não realidades.

Marx não produziu ciência a-histórica, assim como nenhum pensador, mesmo os maiores. Ele é, sem dúvida, um monumento histórico. Mas *histórico*. Muito do que escreveu, provavelmente a maior parte, não sobreviveu ao efeito corrosivo do tempo. Isso em nada diminui a sua grandeza, mas impede, claro, que seja tomado como guia ou pedra de toque para questões posteriores à sua época.

O homem é um animal, talvez racional. Erro do idealismo em suas diferentes formas – não aceitar que, para bem e para mal, o humano é um animal. Animal, em primeiro lugar e antes de tudo!

A existência do Diabo não é muito mais evidente que a de Deus?

Expressar um sentimento, negativo ou positivo, é reforçá-lo *ipso facto* – para si e para os outros.

Os velhos querem impor a sua decadência aos jovens – e chamam isso de “conselhos da experiência”.

Liberdade como ilusão. Há menos liberdade no mundo do que se imagina. A que serve atribuir realidade a essa ilusão? Sartre, por exemplo, postula que negar a liberdade é uma forma de “má-fé”, de fugir à responsabilidade pelas nossas escolhas, formulação que oculta um moralismo sorrateiro. O ser humano, livre por hipótese, sobrecarregado por essa postulação, vive, ao contrário, dominado por imposições externas, condicionantes de vários tipos e, sobretudo, por coações e compulsões *internas* – herdadas, inatas ou transmitidas pela educação e pelo meio. Daí os acertos e méritos, os erros e vícios se repetirem, independentemente da nossa avaliação dos seus efeitos, mesmo quando negativos, mesmo quando pesadamente negativos. O delinquente ou criminoso ou simplesmente o infrator moral agem todos contra seus interesses.

Segue que não há reabilitação. A ilusão da liberdade permite punir, porém. Essa é a sua função prática. Atribuir liberdade permite punir com o sentimento injusto de que se está fazendo justiça.

Uma singularidade do brasileiro: muito jogo de cintura, pouca espinha dorsal.

Publicação póstuma – perfeita desculpa para divulgar a desordem natural do pensamento.

A filosofia alemã no seu suposto auge, de Kant a Hegel, é uma monstruosidade estilística – e só por aí já fracassa redondamente.

“Os conceitos existem apenas como contrastes” (Lao Tse) – um duplo paradoxo: aponta para a centralidade do contraste servindo-se de um paradoxo – a *existência* do conceito.

O verdadeiro e seu oposto – também verdadeiro.

Como tomar decisões? Deitado, nunca. Sentado, talvez. De pé, melhor. Em movimento, o ideal.

Humanidade/vizinhança. Mais difícil do que falar grandiosamente sobre o mundo, a humanidade e outras abstrações solenes é escrever com alguma veracidade sobre a vida numa pequena rua de um subúrbio qualquer.

Coerente demais para ser verdadeiro. O valor do fragmentário inclui certamente o de facilitar incoerências e ambiguidades, já que, afinal, como dizia Cioran por outras palavras, tudo que é coerente carece de realidade prática, de *vida*.

Joan Robinson, Conceição Tavares. Fenômenos não fazem escola.

Ilusões perdidas. Quando se chega a ponto de proclamar que a vida precisa de ilusões, mitos, mentiras, a partida já não estaria perdida, irremediavelmente perdidas? As ilusões só sustentam a vida enquanto *não são percebidas* como tal. Quando o véu é rompido, não ficamos reduzidos à vida em toda a sua crueza? E como restaurar a mágica perdida?

A questão não seria então, como notava Nietzsche, quanta verdade suporta o homem? Resta-nos como antídoto e refúgio, a arte – último reduto das ilusões, mas reduto apenas temporário, mera *suspension of disbelief*.

O solipsismo, de uma forma ou outra – apanágio da humanidade.

Vestígios da noite. Já não sabemos o que é religião. Temos, quando muito, momentos religiosos, breves reconexões com uma tradição morta, mediadas frequentemente pela arte. No geral, a onnipresença da razão crítica inibe e só permite, quando muito, suspensões temporárias da descrença. Nesses momentos fugidios, a alma ultrapassa as muralhas da razão e se reconecta com a noite das crenças religiosas. *Oh, sink hernieder Nacht des Glaubens!*

As exigências de segurança e certeza levam à imobilização do pensamento e da vida.

Sócrates, não se limitando a refutar teses, mas refutando também *pessoas*, angariou com o tempo ampla coligação de inimigos.

A vida dos outros. Os chineses, atentos à máxima de Bismarck, nada aprendem com a própria experiência – só com a dos outros.

Quem prevalece. Alguns poucos sabem pensar sem verbalizar. A maioria precisa se expressar para pensar. A minoria, dissimulada, prevalece quase sempre.

Vida ameaçada. A busca dos alicerces da religião, da política, da ciência e da vida leva ao niilismo, pois não há fundamento racional para nada! A busca é, em si mesma, equivocada, perigosa para a vida, pois parte do pressuposto falacioso e da esperança infundada de que a racionalidade, *que só vigora dentro de uma esfera estreita*, possa oferecer fundamento à vida.

Sócrates propõe uma armadilha aos atenienses. Devoção, diz ele, não significa adesão cega às tradições da pólis. Ela permite a tentativa, por meio do questionamento metódico, de entender as suas bases racionais. Os atenienses perceberam, de certo, a que abismos essa tentativa levaria...

Assim como a aspiração religiosa sobrevive à morte da religião, a aspiração filosófica sobrevive à morte da filosofia.

Amar o próximo – exigência irrealista, desumana.

Educação pelo exemplo, tanto estética como moral. O exemplo tem uma vitalidade orgânica e natural, algo que as construções conceituais e os compêndios nunca alcançam.

Quem escutar? Primordialmente os adversários – e não os correligionários. O adversário desafia, questiona. O correligionário confirma e fortalece nossos erros e preconceitos. Aumenta, assim, nossa vulnerabilidade.

Para cada “gênio incompreendido” existe uma legião de idiotas que sofrem de autoestima em excesso.

Qualquer civilização cabe nos abismos da história.

Hardhearted, hardheaded idealism. Quem percorrer as páginas deste livro poderá talvez pensar que o autor é um idealista. Terá se enganado se o pensou. Para ser idealista, faltam-me capacidade de autoengano e o apego a doces ilusões. E, no entanto, pode-se ser idealista, pelo menos um pouco, *malgré soi-même*. É que as ilusões nunca são inteiramente superadas, apenas ficam em segundo plano,

levando uma vida envergonhada, como que clandestina. Sobrevivem às vezes como “incuráveis”, no sentido da observação de Ludwig Marcuse que dizia que “o tempo não cura nada, apenas deixa o incurável em segundo plano”.

Em todo caso, o idealismo remanescente deveria ser de tipo especial. Não poderia se apresentar, ingenuamente, se como se nada tivesse acontecido, como se as velhas ilusões pudessem ainda vigorar. Precisamos de um *hardheaded, hardhearted idealism*, com estômago para submeter planos, desejos, sonhos ao crivo implacável da razão.

Sem ressecá-los, porém. O coração deve ser contido, controlado – mas não *silenciado*. Tensão difícil de administrar.

O avanço da civilização acarreta perda de impulso vital. A vida precisa de um elemento de barbárie.

Enigma. Há sempre algo de irrefletido na vontade de agir e mesmo no simples desejo de continuar em vida. Que mistério, em verdade, a vontade de viver!

Título certo. Um dos livros de Cioran se chama: *Do inconveniente de ter nascido*. Não me recordo de outro autor que tenha conseguido resumir no título de um livro, com tanta clareza, a sua mensagem central.

Em defesa de algum “positivismo”. Em tempos de pós-verdade e “fatos alternativos”, é preciso reconhecer que, no campo científico, o direito à livre opinião não passa do direito de se expor ao ridículo.

Superioridade do tático sobre o estrategista – menos evidente e reconhecida do que a análoga superioridade do prático sobre o teórico, do instintivo sobre o reflexivo.

A experiência protege, mas resseca.

A descrença é consequência e não causa da inação.

Nossas? As nossas qualidades e defeitos, vícios e virtudes, não são tão nossas quanto imaginamos, mas elementos de um essência humana comum. O universo humano é mais homogêneo do que se pensa, somos menos originais do que imaginamos.

Ciência e democracia. A ciência não é terreno para a livre expressão de opiniões, sendo como é essencialmente antidemocrática. Mas também não é o terreno de certezas inatacáveis. Consenso científicos são quase sempre fabricados ou, na melhor das hipóteses, temporários.

Speaks volumes. Diz muito, mas muito mesmo sobre o mundo anglo-americano que, em inglês, “palavra de quatro letras” (*four-letter word*) seja sinônimo de palavrão, quando a palavra mais importante, a mais sublime – amor – é ela mesma, em inglês, assim como em português e espanhol, uma palavra de quatro letras...

“Disciplina” – termo inadequado e enganoso para designar os ramos do conhecimento científico. Não há propriamente disciplina na vanguarda criadora, e sim improvisação, imaginação, desordem.

Nacionalismo internacionalista. É próprio do nacionalismo aberto, de tipo superior, mostrar-se capaz não só de respeitar, mas também de admirar e até *amar* outras nações – conciliando essa admiração amorosa com o amor pela pátria.

O que é o espírito científico? Tão ou mais importante do que comprovar é refutar. E o mais importante de tudo – estar aberto para refutar suas próprias teorias, desejos e preconceitos. Quanto mais queridas e atraentes, maior a necessidade de submetê-las impiedosamente ao crivo da razão e dos testes empíricos. Para ser cientista é preciso ser implacável – e em primeiro lugar consigo mesmo.

Primeira e segunda naturezas. A “segunda natureza” – a cultural, a imaginária, a acrescentada – é diferente, mas não independente da primeira. Não sobrevive sem ela. O amor, por exemplo, sobrevive apenas como ruína aos instintos e à paixão sexual.

Pearl Buck. Os americanos de antigamente, mais ingênuos, mais ignorantes, iam até os confins da Terra para confirmar, sorridentes, que os seres humanos são todos essencialmente iguais e, em especial, para concluir que todos somos *middle Americans* em potencial.

Abstrato, concreto. Reduzir o sofrimento à sua essência abstrata e, ao mesmo tempo, preservá-lo como vivência – vivência de carne, nervos, sangue. Possível? Sim, afinal, o que são vivências, sangue, nervos,

carne senão abstrações? – abstrações mascaradas de vivência concreta, abstrações para remeter à vida concreta. Concreto – outra palavra para abstrato. Todas as formas de indicar o concreto são necessariamente abstratas.

Relatividade do tempo. O tempo, não mais visto como absoluto, não mais capitalizado, desemboca em todo tipo de paradoxo: saudades do futuro, nostalgia do presente, antecipações do passado, tudo ao mesmo tempo. Passado, presente, futuro em convívio forçado, em qualquer “momento”.

Valor do presente, nostalgia do presente. Forma infalível de valorizar o presente, de colocá-lo no pedestal em que merece estar – vê-lo como passageiro, imaginá-lo como *passado*, sentir a saudade com que dele nos lembraremos um dia.

Hiper-realismo. Reconhecer fracassos exige uma dose brutal de realismo – um realismo de que a maioria não dispõe.

Ação, reflexão. O agir tem sempre algo de impensado. Quem pensa bem, de modo completo, examinando as questões por todos os ângulos, até as suas últimas consequências – esse aí nem sai de casa.

Unamuno. Supremo egoísmo daqueles que procuram imortalizar-se nos filhos, imortalizar-se não só na carne, mas no espírito. Não contentes de trazer ao mundo, ainda transmitem instruções, valores e todo um mandato. Unamuno menciona essa dupla faceta do papel reservado aos filhos, mas em chave positiva, com aprovação, como algo natural, compreensível e, pior, como comprovação ou pelo menos ilustração da sua tese central – a de que o ser humano é consumido por um desejo de imortalidade e agoniza nele.

A carga que o pai impõe ao filho! Não só faz viver, sem consulta prévia, um ser que talvez preferisse nem nascer se pudesse escolher, como ainda lhe transmite, na verdade impõe, valores e tarefas só por acaso afinadas com suas inclinações naturais – uma fonte inesgotável de frustração, desperdício e sofrimento.

A Verdade, com v maiúsculo. “Eu sou a verdade, o caminho e a vida”, disse Cristo. A proclamação suscitou respostas radicalmente diferentes ao longo dos séculos. Em tempo real, de Pilatos, um cético,

um racionalista, esgotado em seus esforços de mediação entre Cristo, ameaçado, e a turba judaica – erguendo os braços aos céus: “O que é a verdade?” De Unamuno, católico fervoroso, febril, agoniado: “Mas não seria a verdade inimiga da vida?” – pergunta essencial que só poderia mesmo vir do portador de uma fé que duvida, e nisso se mostra *viva*. E dostoiévski, sem concessões: “Se me provassem que, apesar de tudo, Cristo não está com a verdade, eu ficaria com Cristo e contra a verdade”.

Contra Descartes. Não se vai longe o suficiente rejeitando a dúvida metódica e todo o racionalismo, mas conservando impensadamente a busca de “ideias claras e distintas”. Clareza é ilusão, desvantagem, limitação, como assinalaram Nietzsche e Cioran. Ou seria por acaso que os oráculos eram obscuros, ambíguos?

A razão não deixa sobreviventes.

Uma verdade inconveniente. Nada é mais destrutivo do convívio social do que a propensão a dizer a verdade. E o apego excessivo e desmedido à verdade é considerado, com razão, um dos piores vícios e uma das formas mais abomináveis de grosseria. Uma falta de tato, na melhor das hipóteses. Bem dizia Mark Twain: a verdade é preciosa, tão preciosa que deve ser economizada.

Esperanças, crenças, sonhos – livrai-nos desses impostores, amém.

Desordem do pensamento submetido ao capricho da vontade, vigor do pensamento livre da consciência e de amarras formais.

Da desordem nasce a luz.

Náusea da eternidade – o maior argumento contra a alma imortal.

Os inimigos do iluminismo – grupo heterogêneo que inclui desde gênios românticos até políticos homicidas.

Pedaços, fragmentos, estilhaços. Valor do texto fragmentado – mais realista, reflete a fragmentação da vida. Qualquer sistema é um artificialismo.

Corpo, corpo, corpo. O corpo é a fonte de todo prazer – e de todo vício. A virtude é um cansaço do corpo. O espírito é o cansaço do corpo.

Olhar-se no espelho – tarefa difícil de empreender de forma sincera, brutalmente sincera.

História da filosofia – um paradoxo. A filosofia não tem história, notou Althusser, ela não evolui, gira eternamente em torno dos mesmos problemas fundamentais. Por isso mesmo, a história da filosofia é, paradoxalmente, mais relevante do que qualquer história das ciências, do que a história daquelas disciplinas que, contrariamente à filosofia, exibem algo que se possa chamar de progresso. A história da física, por exemplo, para um físico atuante talvez não seja mais do que uma curiosidade. Nas disciplinas que avançam e mostram alguma evolução, a sua história é deixada em segundo plano, a cargo de acadêmicos de menor capacidade e criatividade. No limite, um inventário de velharias superadas.

Voluntarismo crítico? É desse oxímoro que precisamos? Defender os instintos contra a ação corrosiva da razão? Lançar mão da razão para conter o impulso destrutivo dos instintos?

Há vários motivos para rebaixar a razão. Um deles é reconhecer que a razão tem alcance limitado, como argumentou Kant. Outro, é vê-la cercada do irracional por todos os lados, como em Schopenhauer e Freud. Ainda outro, perceber que a razão, mesmo dentro dos seus limites, traz verdades temíveis, destrói as camadas de proteção da vontade de viver.

O projeto de Kant. Como é paradoxal, até infantil, o projeto de Kant: colocar a razão no seu lugar, definir os seus limites, mas inventar um outro caminho, não puramente racional, para restaurar todas as ilusões perdidas da moral e da religião. O truque, o *sleight of hand*, já presente na Crítica da Razão Pura, é desarmar a tentativa da razão de minar as bases da moral e da religião, decretando a sua incapacidade de opinar no terreno das questões essenciais. Mas é falsa a simetria das antinomias da razão pura, postuladas por ele. A razão, friamente aplicada, pende contra Deus, contra a imortalidade da alma e contra a moral. Kant foi uma figura retrógrada. Simulou aceitar as luzes, mas rejeitou suas conclusões e tentou instaurar um novo obscurantismo – “a razão prática”.

A nova razão – a prática –, reduzida à sua essência, se resume ao seguinte. As conclusões da razão são desagradáveis e perigosas, minam a ordem moral e social. Vamos então tirá-la de cena e chamar ao palco

uma razão prática, *pragmática* no pior sentido, disposta a contemporizar com os preconceitos milenares da religião e da moral cristã.

Mas a nova catedral não fica de pé, como notou Schopenhauer. Para ele, o essencial é ter coragem de aceitar que a razão desarma as tradições milenares e nos deixa desamparados, ao fim e ao cabo.

Se Deus não existe, tudo é permitido, diria Dostoievski depois, por palavras semelhantes, pela boca de um dos seus personagens. A operação intelectual de Kant, exposta com toda a prolixidade possível, em péssimo estilo, pode ser resumida apelando para a linguagem do romancista russo: como é inconcebível que tudo possa ser permitido, Deus existe, sim. Figura frágil a desse Deus, reduzido a um postulado da razão prática.

Reino dos céus, transcendência? O “reino dos céus” nada mais é, dizia Nietzsche, do que a expressão de uma vida decadente, frágil, uma válvula de escape, uma fuga para o alto. Parece bonito: “fuga para o alto” – mas “o alto” não existe. Transcendência é promessa vazia e, portanto, contraproducente, nefasta. Transcender é abandonar a única vida que existe, em favor de uma construção arbitrária, de uma mera consolação.

Amor fati – tarefa sobre-humana. O que a clarividência nos mostra, o que nos revela o trabalho realista e corrosivo da razão não é agradável, nem animador, nem consolador. Séculos de desilusão o demonstram abundantemente. Como exclamou Pessoa – Deus, religião, redenção, reforma social, revolução – de todas essas ilusões nascemos órfãos, irremediavelmente órfãos. E Cioran resumiu tudo quando disse que clarividência equivale a uma maldição. Não há esforço de reconstrução ideológica que nos restitua o sentimento perdido. O esforço sobre-humano postulado por Nietzsche – e aqui entra talvez o seu “super-homem” – é justamente suportar o sofrimento, suportar a verdade, sem renegar a clarividência, sem refugiar-se em outro mundo e outra vida, ou num futuro social utópico. Em outras palavras: afirmando a vida como ela é – e “à beira de abismos dançar ainda”. A tarefa do super-homem é o *amor fati*.

Contra Unamuno. Terrível é a consciência da inevitabilidade da morte. Viver supõe deixar esse destino em segundo plano. E, no entanto,

a vida só é concebível como *finita*, acompanhada justamente dessa certeza de que a morte dela nos libertará algum dia. Para esse dilema só há uma fuga: nunca nascer.

Feminino/Masculino. Muito, mas muito mesmo do que dizemos sobre a mulher se aplica a nós, homens, *ipsis litteris*.

Combate desigual. A alma pouco pode contra o corpo e sua força gravitacional.

Sinal de esgotamento da filosofia. Quando a filosofia, insegura das suas prerrogativas, impressionada pelo progresso das ciências, progresso que dispensa a sua ajuda e orientação, quando ela se contenta em refluir para a teoria do conhecimento, para a epistemologia, o que temos senão o sinal seguro do seu esgotamento? A filosofia da ciência é a antessala do fim da filosofia. Relegada a essa condição secundária, os seus impulsos originais se transferem para as ciências humanas, onde levam vida clandestina, envergonhada – a filosofia fica então reduzida a digressões e inserções ilegítimas, que se misturam ao trabalho do historiador, do economista, do sociólogo.

Buscar a saúde sempre – inclusive a de não ter lucidez!

Não condenar como “irracionalista” quem apenas tenta colocar a razão no devido lugar!

Monoteísmo politeísta. O politeísmo, mais colorido, mais divertido do que o monoteísmo, ressurgem em algumas religiões monoteístas, por exemplo, no catolicismo e na igreja ortodoxa, pela proliferação de santos, anjos e figuras equivalentes, encarregadas algumas delas da tarefa suspeita da intercessão – intercessão logicamente incompatível com a onipotência do Deus único. Mas a proliferação de entidades sagradas e atuantes quebra o tédio do monoteísmo.

Pascal, sabiamente, constata: “A origem de toda infelicidade humana vem de uma coisa só: a incapacidade de permanecer em repouso, dentro de um quarto”. (“*Tout le malheur des hommes vient d'une seule chose, qui est de ne savoir pas demeurer en repos, dans une chambre*”). Aversão ao tédio – fonte inesgotável de todos os pecados e de todas as transgressões.

Para uma teoria da fragmentação. O único sistema possível é a ausência de sistema.

Flertar com a doença e seus charmes? – risco que só devem correr aqueles que têm o que Nietzsche chamava de “grande saúde”.

A filosofia não pode fazer mais do que sobrevoar o vasto e crescente campo do conhecimento humano. Sobrevoar apenas – está condenada, portanto, à superficialidade.

Dormindo com o inimigo. Por que os sofistas se mostraram presas fáceis para Sócrates? Fundamentalmente retóricos, caíram, porém, na tentação de prestar homenagem à argumentação racional. Colocaram-se, assim, inocentemente, no campo do seu inimigo natural.

Diante da pergunta, cética, civilizada de Pilatos – O que é a verdade? – Cristo recolheu-se ao silêncio.

A verdade para Cristo não era objetiva, impessoal. Tanto que dizia: “*Eu* sou a verdade, o caminho e a vida”. A sua concepção de verdade é expressa na primeira pessoa do singular.

Benditos sejam os erros. Os erros são mais interessantes e elucidativos do que os acertos. Aprende-se mais estudando as falácias, os descaminhos do raciocínio e os subterfúgios paralógicos do que estudando as regras do correto pensar. O que seria de Sócrates sem os sofistas?

Alma é figura de linguagem.

De mil e uma maneiras, a tecnologia encolhe o espaço e acelera o espaço; aproxima os distantes, distancia os presentes – no limite, destrói a presença.

Estudar, ensinar. Estudar é absorver convenções, definições, jargão, estruturas conceituais – sem que esse aprendizado iniba, porém, a disposição de criar, a audácia de inovar. E ensinar bem é deixar claro o arbitrário, o convencional de tudo que se ensina – arte de ensinar sem tolher.

Dismal science. A economia honra o seu antigo epíteto, *the dismal science*, a ciência lúgubre ou sombria, num duplo sentido. No sentido original, tal como usado por Carlyle, por oferecer explicações

pretensamente científicas, meras justificativas ideológicas para as chagas sociais do capitalismo industrial do século 19. Mas é *dismal* também em outro sentido mais perene – por não oferecer explicações plenamente convincentes para quase nada. Conservando até hoje o sentido original de ideologia apologética, é também a ciência deplorável, deficiente não só na antecipação do futuro, mas até nas análises retrospectivas.

Hobsbawm. É preciso saber usar a linguagem descritiva de forma cautelosa, apropriada às ciências sociais e históricas, e lançar mão de expressões e palavras que reflitam o caráter tentativo do conhecimento nessas áreas, indicando incerteza ou aproximação. Não só em textos, como em conferências ou entrevistas. Porém, com agilidade e estilo – sob pena de cair no pedantismo e provocar tédio. Eric Hobsbawm, de quem fui aluno em Londres na década de 1970, fazia isso com maestria. As suas aulas, de tão precisas no enunciado, tão claras e devidamente qualificadas, já soavam como textos prontos para publicação.

História bem contada do pensamento. A complexidade da ciência leva, às vezes, cientistas em fim de carreira a dedicar-se, com sucesso, à história da sua disciplina. Kindleberger, Robbins e Schumpeter, principalmente esse último, não seriam exemplos notáveis na área da economia? Já incapazes de acompanhar o desenvolvimento científico nas suas fronteiras, voltam-se para a recapitulação – e brilham!

Identidades. Uma utilidade das tautologias – realçar. Fatos reais, por exemplo. Tautologias expressivas podem ser uma forma eficaz, persuasiva, de repetição.

Pascal em seu labirinto. A religião não pode ser fundamentada pela razão. A existência de Deus é incerta à luz da razão. *Dieu sensible au coeur, non à la raison*, nota Pascal, sem deixar de reconhecer que o coração também não oferece certezas. Deus se oculta, em última análise, também para o coração. Que passa a depender de sinais, milagres, esperanças. Hoje, com o avanço do desencantamento, já nem a isso se pode recorrer.

O eclético é sempre um indeciso. Vê méritos em todos os lados – e hesita.

Apologia. A condenação de Sócrates à morte – uma última e ineficaz reação de Atenas ao arauto da sua desagregação. Reação contraproducente, que sela o destino da pólis decadente. Platão compreende que a condenação deu a Sócrates e a sua mensagem um realce incontestável e cuida de relatar em detalhe o julgamento e a morte.

Um parentesco comprometedor. Do ângulo socrático-platônico, o sofista é o tipo mais perigoso, inclusive por sua proximidade. Daí que os seus esforços se concentrem em demarcar o terreno, em valorizar a filosofia em detrimento da aparência de filosofia.

Saber cortar. Por que dizer em uma página, o que pode ser dito em um parágrafo? Em um parágrafo, o que pode ser dito em uma frase? Em uma frase, o que pode ser dito em uma palavra? Para que a palavra, se o silêncio basta?

Princípio taoísta de sabedoria – iluminar sem ofuscar. No taoísmo, já aparece a tendência tipicamente chinesa de colocar o indivíduo no seu lugar, subordinado ao coletivo.

Amor à verdade. Pascal escreveu: para alcançar a verdade é preciso amá-la. Observação contraintuitiva para uma cultura mergulhada no racionalismo. A busca da verdade precisa mobilizar afetos – e não apenas os recursos rotineiros do raciocínio e da pesquisa. Na teoria positivista do conhecimento – as paixões, os afetos, os laços emocionais são obstáculos na busca da “verdade objetiva”. Uma teoria do conhecimento elaborada por quem não sabe como acontece a criação do conhecimento na prática.

Colonização linguística. Determinadas expressões e frases-feitas são importadas para a língua natal, em geral do inglês, de maneira desajeitada e canhestra. Uma forma ridícula de aparentar sofisticação. A língua receptora pouco ou nada ganha, perde em geral, com a absorção servil de pedaços da língua imperial.

O que esconde todo eclético? O ecletismo, muito elogiado pelos práticos e não por acaso, requer uma certa incapacidade de teorizar. As teorias, semi-compreendidas, são combinadas com mais inocência e menos escrúpulos.

Cientistas filósofos. O cientista, enquanto cientista, não é filósofo, não se substitui ao filósofo, embora possa ter a sua filosofia, até sofisticada, e ter as suas pretensões de pensador. As suas opiniões extra científicas, entretanto, têm valor apenas relativo. Quando adquire renome na sua área, um cientista adquire também certa legitimidade para tratar de outros e mais vastos temas. Passa a falar fora da sua especialidade, e não apenas de metodologia ou teoria do conhecimento científico, áreas mais próximas, mas de política, ética e até metafísica. Einstein foi um caso notável. Disse muitas coisas simpáticas e muitas interessantes. Publicou até livros de filosofia e ética. Nesses campos, porém, as suas opiniões, ainda que reforçadas pelo prestígio, pela confiança na sua inteligência e pelas suas contribuições ao progresso da ciência, não são necessariamente de grande valia e originalidade. Por exemplo, a sua célebre observação: “Quanto mais estudo, mais me convenço de como é tênue a linha que separa a física da metafísica” – um pouco populista, agradou muito espírito religioso e até anticientífico, mas pouco ou nada acrescenta à questão dos limites entre a ciência e a filosofia. Impressiona como argumento de autoridade – por quem diz e não pelo que foi dito.

O contador como “tipo ideal”. Vive das identidades, das definições, num mundo seguro de convenções preestabelecidas. Vive?

Uma advertência lapidar. Em Brecht, um personagem aponta os riscos das novas doutrinas científicas: “*Schluss, Galilei, Schluss! Nehmt einem tollen Hund den Maulkorb ab, dann beisst er*”. (Vamos parar com isso, Galileu! Se tiramos de um cão furioso a focinheira, ele morde). A Santa Inquisição estava tão longe da verdade?

Contra um preconceito racionalista. Tomar consciência debilita os instintos vitais e a criatividade. Como poderia curar?

O que prova a vontade de acreditar? Nada, rigorosamente nada.

Ambiguidade retórica. A retórica tem flexibilidades e destrezas que escapam à lógica habitual. Tem, por assim dizer, lógica própria, difícil de codificar. É um campo, portanto, ambíguo. Serve ao gênio, como serve ao charlatão.

A retórica extremada, sinal de fraqueza. Quem a ela recorre precisa intoxicar-se para agir.

Os dados estatísticos são os piores “fatos”. Têm uma aura de inquestionabilidade que raramente alcançam os “fatos” designados apenas verbalmente.

Ciência, conhecimento, ousadia. O cientista inovador precisa saber ousar, e erigir em lema – Saiba ousar! Inversão curiosa – que muda tudo – do lema de Kant: “Ouse saber!” (*sapere aude!*).

Rigor mortis. A pesquisa histórica, afirma-se rotineiramente, tira partido da distância no tempo, da perspectiva histórica que só vem com o passar das décadas e até dos séculos. Com o tempo perde-se, entretanto, o calor, a vida, a energia dos acontecimentos históricos. Por isso, alguns relatos contemporâneos dos grandes eventos são tão mais interessantes do que trabalhos acadêmicos elaborados com distanciamento e rigor. Nesses últimos, os acontecimentos são como que conservados em formol. Um exemplo da história do pensamento: como são vivos, emocionados e certos os escritos de Georg Brandes sobre Nietzsche, então desconhecido, que o professor dinamarquês, extasiado, acabara de descobrir! Muito mais interessantes do que a maior parte do que se escreveria depois sobre Nietzsche com a frieza e objetividade que só o tempo permite.

Pascal contra Descartes. Pascal não opunha ao racionalismo de Descartes um irracionalismo, uma rejeição da razão. Não pregava submeter o pensamento à emoção, a razão ao coração, o raciocínio às intuições. O coração, dizia, tem *razões* que a própria razão desconhece.

O coração não é irracional, não quer ir contra a razão (ou não deve), mas quer que a razão o respeite e não tente submetê-lo ou tirá-lo de cena.

Nietzsche contra Sócrates. A retórica mais insidiosa é aquela que não se apresenta como tal, nem se reconhece como tal. Não por outra razão, Nietzsche chamava Sócrates de “o grande sedutor”.

Por não ter fundamento último, a vontade de viver é sempre vulnerável.

Argumentar extensamente, entrar em detalhes, explicar, repetir – é sintoma de *fraqueza*, de falta de confiança.

Afirmar sem argumentar revela força, fé, confiança, autoconfiança.

Hipertrofia da consciência, no duplo sentido da palavra – cognitivo e moral – tem como contrapartida atrofia do impulso vital.

A lógica, levada ao extremo, às suas últimas consequências, é a grande inimiga da vida, da frágil vontade de viver.

Contra Heráclito. Tudo passa, nada permanece igual. Mas esse “tudo” que passa é composto de “algos” passageiros. E esses “algos” que passam, também permanecem, ainda que modificados, ainda que transtornados. Não poderiam ser designados como “algo”, se assim não fosse.

Um exemplo, recorrendo ao próprio Heráclito: não te banharás duas vezes no mesmo rio. O rio mudou, não é mais exatamente o mesmo. Tu mudaste, não és mais o mesmo. Mas algo no rio e em ti permanecem, e só por isso podemos designá-los com as mesmas palavras, como aquele rio onde te banhas pela segunda vez.

Essa constância, mesmo relativa, é criada, porém, pelas palavras. Nós a inventamos! Por meio das palavras, imaginamos algo que sobrevive ao fogo do Tempo. E, assim, Heráclito guarda razão.

Contra Parmênides. A mudança dada pelos sentidos não é ilusão. Não cabe ignorá-la a pretexto de chegar a essências estáveis, imutáveis – mortas.

A busca por essências é a negação irrealista das aparências. Desemboca na negação da vida.

Parmênides se desespera com a transitoriedade de tudo e recorre a uma razão estática para negar toda a realidade que os sentidos, sem raciocínio, nos oferecem. Um precursor do niilismo.

Anula tudo para ficar com algo eterno – esse eterno, porém, é uma abstração vazia, inócua.

E, no entanto, o fluxo do devir só é compreensível se contrastado à noção de constância, de imutabilidade. Heráclito precisa de Parmênides.

Parmênides, de Heráclito. Quem está, portanto, mais próximo da verdade?

Duvidar da dúvida. Um dos equívocos fundamentais de Descartes – adotar a dúvida como princípio constitutivo do método de filosofar – *sem duvidar da própria dúvida*. Em outros termos, sem parar para considerar o *valor* da dúvida como princípio fundamental do conhecimento e, sobretudo, da *vida*.

Sonho bem modesto, nem esse se realizou? Viver, disse o poeta, é lenta e calma desilusão.

Questão de lógica. Deus não existe, pois existência é atributo de seres finitos.

Deus, concebível apenas como ser limitado, nem onnipresente, nem onnisciente, nem onnipotente. Um deus, não o Deus.

Uma vida desprovida de qualquer sentido – a isso estamos todos condenados, resignados ou não.

Reclamar da falta de sentido da vida, com certo estilo, ainda é uma forma de dar-lhe um fiapo de significado.

A revolta do presente contra o resto do tempo. Perversão conservadora – supervalorização do passado; perversão progressista – supervalorização do futuro. Entre uma e outra, desaparece o presente.

Determinação e indeterminação da história. A história é, ao mesmo tempo, o reino da causalidade e o da acidentalidade. A semelhança das duas palavras não seria, assim, casual. O inevitável e o acidental, o necessário e o contingente se revezam. Os fatos se encadeiam, sim, mas não de modo inexorável.

História em excesso sufoca. A história do pensamento pode sufocar a sua evolução. As mentes inovadoras percebem intuitivamente que dedicar-se demais ao passado da disciplina mina o ímpeto criativo e pode ser um caminho para a esterilidade. Difícil encontrar um pensador criativo que tenha sido, ao mesmo tempo, um historiador importante da sua disciplina. Schumpeter é uma exceção, talvez a única, ou das poucas, no campo da economia. Inovadores tendem a ser diletantes em matéria de história do pensamento.

Inversão copernicana. Os argumentos é que fundamentam os fatos, não o contrário.

Tragédia grega. A luta contra o destino irrita os deuses e acelera a sua realização.

O aprendizado conflita com as fatalidades do temperamento.

O que é uma língua nacional? Fala-se pejorativamente em “frase feita”. Elas são, porém, elementos constitutivos de toda a língua, com algumas reaparecendo em mais de uma língua por importação ou assimilação de modos estrangeiros de falar – de falar e de *pensar*. As línguas não são apenas coleções de palavras ou de regras gramaticais e de sintaxe, mas também frases prontas, blocos de frases. Por esse e outros motivos, inclusive a própria conformação das palavras por meio de metáforas e lembranças locais ou nacionais, é que a língua nunca é apenas forma, pois carrega *conteúdos*, formas de falar e pensar, detritos do passado, valores, *preconceitos*. O nacionalismo linguístico de certos povos, dos franceses até recentemente, tem cabimento, portanto! E cabe, naturalmente, falar em línguas imperiais – o latim e o inglês, por exemplo. Tem todo cabimento, em especial, a resistência ao uso indiscriminado e pedante de termos estrangeiros, importados de línguas imperiais, para os quais há sinônimos nacionais perfeitamente aceitáveis quanto a significado e sonoridade. Como também tem cabimento o apego às esquisitices da língua nacional e às suas vantagens historicamente estabelecidas – o alemão como língua filosófica, por exemplo, para bem e para mal! O inglês, outro exemplo, para economia, finanças e informática.

Panfletos ao vento. A tendência a considerar os problemas *sub specie aeternitas*, do ângulo da eternidade, não leva a um esvaziamento progressivo do pensamento? Ao fim e ao cabo, fica-se com abstrações, os últimos vestígios da realidade evaporada – para lançar mão de uma expressão de Nietzsche. O mergulho no concreto e no passageiro, *in vece*, produz paradoxalmente o duradouro e até o eternamente válido. Era a esperança de Keynes que, em certo momento da vida, declarou-se impaciente com os tratados e dizia preferir “*throw pamphlets to the wind, and achieve immortality by accident, if at all*”.

Destruição. De que valem as lições da experiência diante de um Tempo que tudo transtorna, tudo transforma.

Kant at his best. A parte mais interessante, menos característica, menos *kantiana* da Crítica da Razão Pura – as antinomias da razão pura. Sem deixar de ser quem é, sem abandonar a sua habitual *pesanteur*, Kant aponta ali para Hegel, ameaça desfazer-se da lógica formal e aproximar-se da dialética. O seu objetivo era todo outro, como se sabe: abrir caminho para a razão prática e a restauração da ética cristã, ameaçada pela erosão dos seus fundamentos provocada pela razão pura.

Kant arma toda uma pesada estrutura conceitual para lidar com problemas antigos, já enfrentados paradigmaticamente por Pascal, por exemplo, no seu confronto com Descartes. Pascal tentava resolver os dilemas da razão pura, ou seus equivalentes, recorrendo não a uma imaginária e fantasiosa “razão prática”, mas a um velho conhecido nosso – o coração. Deus sensível ao coração, não à razão, dizia ele.

Mas a verdade é que a solução de Pascal, retomada de outra forma por Unamuno, não resolve no fim das contas os impasses decorrentes do triunfo da razão. Comove sem convencer. Reconforta, mas não devolve a confiança perdida.

Kant at his worst. O procedimento de Kant – inventar faculdades, virtudes, conceitos, categorias. Forma falsa, e pretensiosamente falsa, de enfrentar os problemas existenciais e filosóficos. Além de arbitrária, a lista de faculdades e virtudes postuladas nada acrescenta de concreto à solução dos problemas. Cria-se um catálogo artificial, que sobrepõe às questões originais camadas inúteis de conceituação. Como aquele personagem de Molière, que explicava o sono pela existência de uma “virtude dormitiva”.

Nem sequer o conceito. Já se quis demonstrar a existência de Deus pela existência do conceito de Deus. Mas “Deus” é mais analogia ou extrapolação do que conceito. A rigor, nem o conceito existe.

Nem budismo, nem barbárie. Nietzsche dizia: não se trata de extinguir as paixões, mas de espiritualizá-las.

Regra prática de vida – manter a lucidez dentro de limites estreitos, reduzindo-a ao estritamente necessário para a sobrevivência prática.

Preconceitos, injustamente condenados – são afinal a pré-condição de toda experiência possível.

A **felicidade**, se existe, é menos questão fática do que de imaginação, de *força da imaginação*. Por isso, talvez, Camus tenha dito: “*Il faut imaginer Sysiphe heureux*” (É preciso imaginar Sísifo feliz). Vale dizer: é preciso imaginar-se feliz, saber arrancar pedaços iluminados das entranhas da realidade trágica.

Nilismo diário. Saber estar a esmo – sem tarefas, sem planos, sem esperanças.

O conceito e sua trajetória. Todo conceito inovador começa bem e brilha em mãos pioneiras. Mas isso não dura. Logo cai em mãos menos hábeis, mais propensas ao simplismo. E aí começam o mau uso, as repetições, os exageros, as caricaturas e as deformações. Ao final dessa *via crucis*, o conceito torna-se uma simples palavra, às vezes de ordem.

Ilusão real. Esperança futura? Os comunistas do século 20 pressupunham um ser humano que não existe – ainda?

Contra Engels. No final, descobriu-se que o “socialismo científico” também era utópico.

A mais importante frase apócrifa da história do pensamento: “O maior argumento contra a existência de Deus é o sofrimento das crianças”, atribuída a Dostoievski, parece nunca ter sido dita por ele. Fica o argumento sem o respaldo de um grande nome, mas nem por isso menos verdadeiro.

Taxonomia – útil, mas não sem desvantagens. As mentes taxonômicas (Kant, um exemplo notável) confundem, às vezes, teoria com taxonomia. A teoria deve ter um fundo explicativo – algo que vai além da mera classificação estática, das tipologias, das taxonomias. A taxonomia é descritiva, tende à simplificação. A teoria se aventura no campo do incerto, das relações funcionais, das conjecturas. A taxonomia serve sobretudo para construir dicionários e livros-texto. A taxonomia procura fixar, delimitar; a teoria imagina, cria.

Hegel consagrou as contradições. Antes condenadas como incompatíveis com o pensamento e a verdade, passam a ser signos da

realidade. Por seu turno, o que é apenas lógico, passa a ser visto como implausível, coerente demais para realmente existir.

Economia. Como pode uma ciência que mal e mal consegue explicar o passado, ter a pretensão de prever o futuro? Para os economistas, não só o futuro, mas até o passado é imprevisível.

Repetição, uma arte. A repetição cumpre várias funções e tem efeitos diferentes. Pode educar, pode divertir, pode entediar. Uma delas, não a menor, é a persuasão, pois uma forma eficaz de convencer é repetir essencialmente a mesma mensagem, com variações de forma e de estilo. Todos os escritores e pensadores recorrem a esse expediente. Nas grandes questões, onde reina a incerteza, o que prevalece é a persuasão, não a demonstração. Quando a demonstração é possível, a repetição é dispensável. Mas nas questões de vida ou morte, como recorrer a demonstrações? É pela repetição, disfarçada por efeitos variados, que o leitor vai absorvendo a mensagem, se deixando levar sem nem sentir. O leitor ou o súdito. Goebbels, como se sabe, já dizia, uma mentira mil vezes repetida...

Não agir. Nada fazer é uma forma, não raro infalível, de progredir na vida. Pode ser a fórmula do sucesso. Quantas nulidades se consagram, fazendo exatamente isto: nada! Os frenéticos, os inquietos não entendem isso – e fracassam.

Fatos? O clássico desprezo dos filósofos pelos fatos é mais do que justificado. Hegel respondia, insolente, a um crítico raso: “se os fatos não confirmam a teoria, pior para os fatos”. Nietzsche chegava a negar a sua existência, ao dizer que “fatos é que não existem mesmo, só interpretações”, contrapondo-se expressamente ao positivismo. Os fatos, elaborações mais ou menos sofisticadas, mais ou menos complexas, são construções da razão, e não existem em estado puro. Os chamados fatos inquestionáveis se reduzem a trivialidades ou a tautologias disfarçadas. Para além do óbvio e do que depende de meras convenções, é que navega a teoria, olímpicamente superior à suposta realidade fática.

Irrelevância da filosofia. Em Kant, a filosofia caminha, sem sentir, para se tornar mera teoria do conhecimento, para a irrelevância, portanto. “Sem sentir” porque o propósito de Kant não era liquidar a

filosofia, mas desarmar uma razão que tendia inexoravelmente a negar a existência de Deus. Daí a necessidade de circunscrevê-la ao campo da experiência possível, delimitá-la no espaço e no tempo, acessível aos sentidos.

Restauração da metafísica. Quando se compreende que a razão mesmo cerceada, mesmo estritamente limitada ao campo da experiência possível não é apodítica, não consegue gerar certezas e seguranças, a metafísica pode renascer, sem complexo de inferioridade em relação às ciências, antes consideradas exatas.

Um cadáver. Antes motivo para angústias, aflições, perseguições, a reflexão sobre Deus pode agora ser feita com serenidade, como quem realiza uma autópsia.

Quando a vida precisa do socorro da filosofia é que já não vive naturalmente, sem esforço, sem justificativas.

Cultivar dúvidas? Ter muitas dúvidas, sempre; sabendo, porém, que as mais importantes, e não só as metafísicas, são incontornáveis.

Papel da vontade. Diante de dúvidas insanáveis quem resolve é a vontade, não a razão, não a experiência.

A consciência não é páreo para o orgulho, nem para vaidade.

Encenação – muito do que se apresenta como filosofia é pouco mais do que jogo de palavras.

Falsos filósofos, falsos cientistas. Restringir-se à teoria do conhecimento, à metodologia científica ou a história do pensamento – diferentes formas de fugir do assunto, de evitar a verdadeira filosofia e a verdadeira ciência.

Espírito de síntese – A preferência pelas formas breves é uma forma de respeitar o leitor/ouvinte. A brevidade não tributa a sua paciência. E não subestima a sua inteligência. Não cansa, não ofende.

Moderação – falsa sabedoria. A moderação que vem com a idade não é propriamente sabedoria, ou experiência acumulada, mas simplesmente cansaço, perda de élan vital.

Em Kant, o estilo depõe contra o autor.

Um pouco de lógica pedestre. A que absurdos leva a razão pura e desgovernada! Tentou-se argumentar que a presença do conceito de Deus no espírito humano, do conceito de um Ser Supremo e de uma perfeição a que nada corresponde na natureza, seria a prova cabal da sua existência. Entendi bem? Note-se que o conceito de Deus é abrangido por um mais amplo, o de Ser. Esse enquadramento definicional não inviabiliza automaticamente a crença em Deus? Pelo menos em um Deus pessoal, com traços e ações específicas – criador do mundo, benevolente, juiz justo que recompensa e pune, que socorre seus filhos? Sobra um conceito super amplo, mas perfeitamente vazio – o de Ser Supremo, o de divindade onnipresente e indeterminada.

Inclinação à polêmica, dificuldade de suportar o tédio e os pontos mortos da vida. Uma fraqueza.

Razão limitada. Colocar limites à razão à moda de Kant não é suficiente. Não é apenas a razão filosófica que gira em falso. Também é limitada, contestável a razão que confia na ciência e nos seus preceitos – mesmo quando permanece rigorosamente dentro do que Kant chamava de limites da experiência possível.

Objetivamente, a vida não tem sentido. Mas de que vale uma objetividade que esvazia a vida, que enfraquece a vontade de viver?

A vida ora nos dá a sensação de ser governada (ou desgovernada) por um acaso cego, ora de obedecer a forças ocultas. O que parece mera coincidência pode ser mais do que isso? Ou as concatenações que estabelecemos são apenas uma ordenação fantasiosa do acaso puro?

A consciência amortece, neutraliza – mata.

Realidades irreais. O que chamamos de realidade nem sempre é mesmo real, mas apenas o “real” que lembramos ou o que antecipamos – um tão inexistente e irreal quanto o outro.

Quando a resistência romântica à razão se estende ao coração, o que sobra?

Coerência é flor de estufa.

Contra quem? Um pensador não pode ser compreendido sem levar em conta a que pensadores ele se contrapõe, quem ele contradiz, contra

quem se rebela. Tomado isoladamente, no vácuo, estaticamente por assim dizer, qualquer pensamento permanece obscuro, impenetrável, talvez insípido. Os pensadores, assim como os conceitos, só existem como contrastes.

Quem foi Freud? Para ser resgatá-lo plenamente é preciso ver Freud como filósofo, literato e mesmo ficcionista – não como cientista ou psicanalista apenas e, muito menos, como terapeuta. O que contraria, aliás, a sua autopercepção – ele que se via e queria ser visto como cientista, como fundador de uma nova ciência, de um novo ramo da medicina. Foi agraciado no fim da vida, em 1930, com o Prêmio Goethe de Literatura, ao passo que, sintomaticamente, nunca venceu o Prêmio Nobel de Medicina para o qual foi indicado, entretanto, nada menos que 12 vezes! Traumatizado, segundo alguns relatos biográficos, Freud precisou se conformar com a impossibilidade de alcançar um Nobel “científico”, com a dificuldade de ser aceito como cientista, com a resistência da comunidade científica a considerar a psicanálise como verdadeira ciência.

Freud e certa filosofia alemã. Sempre ansioso em carimbar a si mesmo e a psicanálise com o rótulo de “científico”, Freud procurou apagar os rastros da influência de Schopenhauer e Nietzsche. Nem tanto por causa do que Harold Bloom chamou de “*anxiety of influence*”, mas por obediência ao que parece ter sido um preconceito científicista. O parentesco da psicanálise freudiana com Schopenhauer e Nietzsche é meio óbvio, entretanto. Vontade, impulsos vitais, de um lado; desejos, id, de outro. As diferenças de linguagem disfarçam o parentesco conceitual.

Preconceito racionalista em Freud: Trazer à consciência “cura”. Como se a consciência tivesse um papel reparador.

Nietzsche e Schopenhauer, Marx e Hegel. Nietzsche e Marx têm pelo menos um ponto em comum: procederam por inversão, fizeram as suas “inversões copernicanas na filosofia”, a exemplo do que havia feito Kant à sua maneira. Marx rejeitou o idealismo de Hegel, mas aceitou o seu método dialético. Nietzsche abandonou a condenação pessimista da existência presente em Schopenhauer, mas manteve a estrutura conceitual básica em que a Vontade, ainda que ressignificada, aparece como realidade subjacente a tudo.

Cioran e Nietzsche. Em Cioran, aparece claramente a *anxiety of influence*, expressão cunhada por Harold Bloom para designar o receio do pensador ou artista de estar em dependência excessiva de um precursor. No caso de Cioran, a dependência em relação a Nietzsche. Entre os dois pensadores, há mais do que parentesco – a presença direta e até avassaladora do antecessor, inclusive no *estilo*, aforismático, incisivo, agressivo, iconoclasta. Nietzsche renasce em Cioran.

Nietzsche contra Descartes. O *es denkt* (pensa-se) de Nietzsche, contraposto por ele ao *je pense* (eu penso) de Descartes, está mesmo muito mais próximo de como efetivamente transcorre o pensamento. O elemento de deliberação, de volição suposto por Descartes, e mesmo a própria noção de “eu” não passam de frutos da imaginação.

Tese e antítese, ambas vazias. O que significa Ser? Rigorosamente Nada.

O ocaso da filosofia. A veneração pela filosofia, disciplina tão frágil, tão cheia de arbitrariedades, é sintoma de atraso de uma civilização. O tempo da filosofia passou. Ainda que se procure, em ações defensivas, de retaguarda, argumentar que ela ensina a pensar, a organizar ideias e procedimentos. Esse tipo de defesa é de alcance limitada, pois reduz o que sobra da filosofia a uma metodologia científica ou do conhecimento.

Quem faz a história do pensamento? Mentas criativas, filósofos, cientistas ou artistas, raramente se destacam como historiadores do pensamento, da ciência ou da arte. Em geral, não sabem muito dos seus predecessores, raramente os conhecem em profundidade, e neles só enxergam o que denuncia ou prepara o próprio trabalho criativo. Marx, por exemplo, quando se voltou para a história do pensamento econômico, limitou-se essencialmente a discursar sobre as “Teorias da Mais-Valia”, elogiando ou condenando economistas ou pensadores recentes e remotos por sua capacidade ou incapacidade de alcançar a visão “correta” da questão tal como formulada por ele mesmo.

Sabedoria. O discernimento é uma das primeiras vítimas fatais do envelhecimento.

O pior argumento em favor da existência de Deus é aquele que deduz a existência do conceito.

Traço problemático do espírito filosófico – a audácia de generalizar, a despeito da incerteza radical, a partir de amostras estreitas, cientificamente indefensáveis. Em outras palavras e parafraseando Keynes, a coragem irresponsável de *throw theories to the wind and achieve truth by accident, if at all*.

Contra Descartes. A vaidade, e não o bom senso, é o que há de mais bem distribuído entre os humanos.

Irreversibilidade. Uma vez instalada, a lucidez se agarra e se torna difícil de ejetar.

Deslocamento de finalidade. A falta de vocação real para o trabalho científico, combinada com o desejo desencaminhado ou a pretensão vaidosa de produzir ciência, gera simulacros e distorções variadas. Aí vemos, por exemplo, um economista com vocação para político, contaminando o seu trabalho com ideologia barata e preconceitos partidários. Ou um cientista social com vocação filosófica, a misturar sociologia com teorizações vagas, de cunho geral, sem pesquisa empírica. Ou longos tratados sobre as condições e possibilidades da ciência, sua história e realizações etc., etc. Tudo gente que almeja tocar um instrumento, digamos flauta, piano, violoncelo ou mesmo um simples e franciscano triângulo, mas não tem a menor noção de ritmo ou melodia, nem o mais remoto talento musical. Ciência é como música, requer trabalho duro, também talento e inclinação natural.

Le moi haïssable. Muitas das críticas pertinentes e agudas que um escritor bota no papel, como uma espécie de desabafo, só são possíveis porque ele encontra dentro de si, sem mediações, as características lamentáveis, às vezes repugnantes, que depois se disporá a criticar. Pode não o fazer como autocrítica, não importa. Ele sabe.

Nem do corpo nem da alma. A imortalidade, não só do corpo como da alma, é inconcebível. A terra e os céus ficariam infestado de sobreviventes.

A coerência não é própria das coisas, mas uma aspiração, uma *imposição* da mente.

Ai dos reflexivos! Não sabem o que é a vida, nunca saberão o que é viver. “A vida não examinada não merece ser vivida”. Que figurão disse esta solene barbaridade? Sócrates, quem mais? A compulsão a refletir é um indício da incapacidade de viver.

Sêneca: Tranquilidade da alma – cansaço, apatia, morte.

ARTE, ARTISTAS, SOFRIMENTO

Música. Quando Nietzsche diz: “Sem a música, a vida seria um erro, um cansaço, um exílio”, percebe-se quanto *sofrimento* há por trás dessa frase?

Um sedutor. O artista – sedutor, fantasioso, volátil – sempre perigoso para os outros. Na vida real, o comum dos mortais deve evitá-lo, sempre que possível.

O papel inestimável do artista para os mortais, e por isso ficam-lhe eternamente gratos – saber contar, saber expressar o sofrimento, sofrimento que nos seres comuns vive em estado bruto. O artista, mais sensível, mais propenso a sofrer esse sofrimento comum a todos, encontra formas de elevá-lo, de valorizá-lo, de mostrar que ele pode ter algum *sentido*.

Portanto, regra de sabedoria prática – amar a arte, mas manter distância do artista.

Don Juan – uma tipologia incompleta. Tipos de Don Juan, da vida real e imaginária. O Don Juan doente, compulsivo sexual. O Don Juan impotente – o tipo talvez mais paradoxal: ameaçado pela impotência, busca a variedade para manter-se estimulado, para lutar contra a sua frágil pulsão sexual. O Don Juan romântico, da *Tondichtung* de Richard Strauss, em busca sofrida e inútil da mulher perfeita. O Don Juan mozartiano, alegre, despreocupadamente vidrado em muitas mulheres – o Don Giovanni da ópera. O Don Juan prudente, que procura na variedade uma forma de se proteger contra o risco maior de decepção amorosa quando se depende de uma só mulher. O Don Juan aflito, que busca na aceitação de um grande número de mulheres uma compensação pela falta de amor da parte da mãe, a mulher original – caso do personagem principal de *O Homem que amava as Mulheres*, do filme e do livro de François Truffaut.

Não cabe ao artista raciocinar. O artista deve *mostrar apenas* e explicar o mínimo possível. A explicação falseia, restringe. Erro de Truffaut, portanto, ao oferecer a chave para entender o personagem central do *Homem que amava as mulheres*: ele não seria quem foi – explicou – um homem irremediavelmente fascinado por tantas mulheres, se tivesse tido mais sucesso com a própria mãe.

Nada une mais uma mulher e um homem do que abismos emocionais complementares.

Comparação entre Kant e Stendhal em Nietzsche. Nietzsche, que era, também, um artista, discutiu a ideia de beleza na sua *Genealogia da Moral*. O que é a beleza? perguntou. “Contemplação desinteressada”, como propôs Kant, o não artista *par excellence*? Nunca. Antes: “Promessa de felicidade”, como escreveu Stendhal, que falava com vivência de causa. Contraste elucidativo de opiniões! A quem confiar a beleza? Ao professor que classifica e organiza? Ou ao artista que vive e sofre a beleza?

Instrumentos de sedução e encantamento. As palavras! Saber dizer, saber escrever! Como tudo, é prática, prática e mais prática. A base de tudo é a leitura. A leitura, mais do que a escuta, ensina melhor a escrever e mesmo a falar – e a escrever como quem fala, com a naturalidade sedutora e simulada de quem simplesmente conversa.

A vida precisa ser *imaginada*.

Suicídio. Os japoneses! Se não existissem, teriam que ser inventados. Certa vez, um jovem admirador de Yukio Mishima postou-se em frente à sua casa, a uma respeitosa distância, e lá ficou. Dia e noite, sol e chuva. Até que o grande escritor o fez entrar. Tens direito a uma só pergunta, disse Mishima. E o rapaz, serenamente: Para quando o seu suicídio?

Autoengano. Nascer órfão de ilusões, como dizia Pessoa, e ainda assim viver delas de alguma forma misteriosa. Tirar o élan vital de ilusões perdidas.

“A canção da vida”. Interessante figura a do cineasta alemão Werner Herzog. É dele um depoimento que expressa bem a aversão do artista ao lugar-comum. Poucos expressaram de forma tão clara essa resistência do

artista, visceral, incansável às trivialidades tão queridas do grande público. Em 2002, Herzog publicou longo depoimento ao escritor especializado em cinema Paul Cronin (*Herzog on Herzog*, Faber & Faber, Londres). Na conclusão do livro, Cronin pergunta: “Algum conselho final para seu público?” O cineasta contou então que assistira a um documentário de homenagem a Katherine Hepburn, atriz de quem ele até gostava. Infelizmente, revelou-se que ela cultivava poses e sentimentos duvidosos. No final, ela aparece sentada em um rochedo à beira do oceano e uma voz pergunta: “Ms. Hepburn, o que a senhora gostaria de passar para as novas gerações?” A atriz engole seco, os seus olhos começam a marejar, ela demora a responder, como se estivesse pensando profundamente. Aí ela olha diretamente para a câmara e diz: “Escutem a canção da vida”. Assim termina o documentário.

Herzog virou-se então para o entrevistador e disse: “Paul, eu agora olho diretamente para você e digo: ‘*Don’t you ever listen to the song of life!*’ (Nunca, em nenhuma hipótese, escute a canção da vida!)”.

Arte e vida. A arte, na relutância de apenas inventar e imaginar, vampiriza a vida. A vida, na ânsia de embelezar e estilizar, vampiriza a arte. Ambas ganham com a recíproca falsificação.

Já avisava Wilde: O paradoxo está para o espírito, como o vício para o corpo. O gosto excessivo pelo paradoxo seria então sinal de inclinação à imoralidade? Um amante dos paradoxos, como Unamuno, não poderia ser, jamais, um cristão fielmente ortodoxo. Daí que se pode caracterizá-lo, ironicamente, como cristão nietzschiano, se algo assim é possível como realidade humana.

Espírito científico – disposição para ver o que nos desagrada.

Espírito artístico – capacidade de estilizar o que nos fere.

Dostoievski, pensador caótico, sobre o diabo: o Diabo não existia até que o homem o criou – à sua imagem e semelhança. Pascal dizia que Deus dava sinais da sua existência – mas que era preciso ter coração para senti-los. Mas a verdade não é que o mundo dá muito mais sinais da existência do Diabo do que de Deus? A prova menos convincente da existência de Deus é a que procura encontrá-lo na natureza.

Lento aprendizado. O homem aprende pouco, quase nada no convívio amoroso com as mulheres, mesmo longo, mesmo intenso. Primeiro, porque cada mulher é um ser todo especial, com virtudes e vícios muito particulares. Segundo, e sobretudo, porque o aprendizado fica sempre obstruído pelo impacto da sedução, pela luz ofuscante que a mulher emite naturalmente, como quem respira.

Palavra como ruído. As palavras devem ser reconhecidas pelo que são – também como obstáculo ao conhecimento. Importância, portanto, do silêncio, da música, das artes plásticas – de tudo que prescinde da palavra para se expressar.

O paradoxo do artista. O paradoxo do comediante, apontado por Diderot, transcende o palco do teatro e se estende às artes em geral. O artista lida com emoção e sentimentos na condição de *sujeito*, e não de objeto. Não pode ser apenas sensível e emotivo, deve ter a *inteligência da emoção* e dos meios de suscitá-la. O seu talento reside em manipular, despertar, criar emoções. A sensibilidade fica com o público. É o público, não o artista, que deve sentir e se emocionar. O artista é o *cientista da emoção*. Deve conhecê-la por dentro, esquadrihar a sua dinâmica e os seus artifícios, e ter a capacidade de controlá-la sempre, nunca se deixando levar ou dominar por ela.

Estilo e ideias. No escritor, a exuberância do estilo, contrastada com a escassez de ideias, é sinal de vida empobrecida. Ao contrário, deficiências e desordem de estilo, acompanhadas de exuberância de ideias, são sinais de vida profunda, atormentada. Um exemplo do primeiro caso – Vitor Hugo. Um exemplo do segundo – dostoievski.

O verdadeiro artista não calcula. Brilha naturalmente, sem premeditação.

Impulso artístico, impulso sexual. O talento é uma habilidade indiferenciada, raramente se limita a uma arte apenas, e se desdobra, mutável, em diferentes campos. Pode ser comparado ao impulso sexual que, ilusões sentimentais à parte, também não tem endereço certo e único.

Ecoando Nietzsche. O artista *conquista pelo sofrimento* o direito de transcender o bem e o mal.

Ambiguidade do senso comum. Pode ser o ordinário, o encontradiço, o vulgar – aquilo que a arte evita como o diabo, a cruz. Mas pode ser o universal compartilhado, que permite a transmissão de valores, conhecimento, verdades. A base da ciência, portanto. A isso aludia Descartes no *Discurso do Método*. Por aí se vê que o espírito artístico e o científico são essencialmente antagônicos.

Onde o verdadeiro artista se revela. Sintomático do espírito do artista é a relutância, quase um pudor, de falar da própria arte.

A mulher mais fascinante é a que seduz sem cálculo, por instinto, como quem simplesmente existe, sem atentar para o impacto que produz.

Pessoa. Uma sucessão de gerações, desde o século 19 pelo menos, nasceu órfã de todas as consolações, transcendentais ou não. E, como dizia Pessoa, ficamos todos sós, sem amparo, entregues à desolação de sentir-se viver. Sobrou algo? Talvez a beleza e a arte, agora sobrecarregadas, como nunca, com a missão de tornar a vida suportável.

Mas é uma solidão acompanhada, como se nota. Se estamos todos sós, já não estamos completa e desesperadamente sós. Um solitário encontra no outro eco, compreensão, apoio. Vozes ressoam no deserto e se encontram.

Esperança? A esperança, reconhecida como traiçoeira, como fonte de sofrimento, estigmatizada como totalmente inútil e sobretudo nociva por pensadores como Schopenhauer, tem mesmo assim a estranha mania de persistir, submetida que seja a decepções recorrentes. Somos constituídos de tal maneira que, como escreveu Thomas Hardy, numa passagem difícil de traduzir em sua bela simplicidade, “*each of us (...) has some dream, some affection, at least some remote and distant hope which, though perhaps starving to nothing, still lives on, as hopes will*” (“cada um de nós (...) tem algum sonho, algum afeto, pelo menos alguma esperança remota e distante que, morrendo de fome talvez, continua ainda vivendo, como é próprio das esperanças”). Abandoná-las não é morrer em vida?

Ambiguidade da escrita. À escrita faltam entonação, sonoridade, gestos. Na ausência deles, recorre-se a sutilezas de redação e a pontos de

exclamação, negrito, itálicos, e até caixa alta (o que equivale a gritar). Mas nada substitui a voz.

Uma sugestão simples. Os pontos de interrogação ou exclamação de cabeça para baixo, no início da frase, como em espanhol, deveriam ser universalizados. Boa forma de mimetizar um pouco a entonação na linguagem escrita.

Madame Bovary. Viciar-se na arte, nos seus encantos e nos seus relatos dramáticos é despreparar-se para a vida e seus tempos mortos.

Quem escreve. O que importa não é o tema, mas o autor. Dostoievski discorrendo sobre algum autor russo obscuro e esquecido vale mais a pena do que um escritor qualquer às voltas com questões de vida ou morte.

Arte é essencialmente dramatização da vida. Nunca mera reprodução, mas também nunca invenção *ex nihilo*.

Enraizada no real, a arte se torna verossímil e, portanto, interessante.

Paradoxo perspicaz. Dostoievski, segundo Lenin, foi “um escritor superlativamente ruim”. Nota-se, de fato, a construção estranha, truncada, o estilo descuidado. E, no entanto, tudo *perpassado por um fluxo misterioso de emoção*, que é o que afinal faz o grande escritor e o diferencia da mediania, da mediocridade dos que escrevem apenas corretamente.

Princípio artístico e retórico. Valorizar o subentendido, nunca esvaziar as entrelinhas.

Não convidar espíritos meramente analíticos, não-artísticos, a opinar sobre arte, a teorizar e filosofar a respeito. O resultado é sempre pífio e a arte nada ganha com isso. Reservar esse campo não digo necessariamente aos próprios artistas, mas a espíritos artísticos, àqueles que *precisam* da arte.

Pressuposto social da arte. A grande arte e a grande beleza pressupõem não só grandes artistas, mas também um público artístico, uma sociedade que aprendeu a venerar a arte e a beleza. Bem dizia Wilde que a performance do público também é fundamental. A Grécia

antiga, pré-socrática, tal como retratada por Nietzsche, seria o exemplo de uma sociedade artística até a medula, gloriosamente construída para criar e amar a criação.

A vida até tenta, mas não consegue imitar a arte.

A arte até tenta, mas não consegue imitar a vida.

A espontaneidade feminina é uma fantasia cuidadosamente elaborada.

A viúva desejada. Atrativo da viúva em outros tempos. Para Machado de Assis, por exemplo. Sexualmente experiente, mas sem pecado. Tarimbada, mas sem deslizos.

Contra o realismo. Pelo caminho do realismo, a arte derrota o seu propósito, que é agir como sedução para a vida, como “promessa de felicidade” no dizer de Stendhal.

A verdade do artista. É característico do artista certo desprezo pelos fatos. Mais que desprezo, *hostilidade*. Oscar Wilde se insurgia contra “*the monstrous worship of facts*” (a veneração monstruosa dos fatos). Werner Herzog contrapunha os fatos, a “verdade do contador”, pedestre, prosaica, à “verdade extática” do artista.

A contribuição singular de Pollock – mostrar que se deve pintar *com o corpo inteiro*.

Regra de estilo: buscar uma autenticidade insincera.

Também há beleza na desilusão.

Paradoxos, contradições, ironias – artifícios contra a retidão intelectual. Não por acaso, são comparados às transgressões morais. Wilde personificou a fusão entre o paradoxo e o pecado. Personificação dolorosa e fatal.

Wilde, artista até a medula – diante do tribunal, dançou ainda!

Na arte, só nela, a consolação que a religião não consegue mais dar.

Coração oposto ao mundo. O artista precisa sempre de proteção, compreensão, compaixão.

Inversão. A vida existe porque a arte não basta. Observação tão interessante quanto, talvez mais verdadeira do que a frase original,

atribuída a Gullar, mas presente já em Pessoa.

Beleza não é, nunca foi critério de verdade. Muita teoria atraente termina, infelizmente, refutada, inviabilizada pela experiência às vezes insípida, por testes empíricos às vezes mais ou menos pedestres. Uma pena. Mas não foi em parte por isso que Platão inventou a sua tríade?

Estilização do sofrimento, abandono da criança. Reich-Ranicki escreveu que Heine estilizava o sofrimento para poder suportá-lo. As crianças não têm esse recurso. Não é por isso mesmo, por não poder estilizar o sofrimento, que elas sofrem mais? A dor delas é maior, existe em estado bruto, sem poder ser elaborada. Por isso, toda criança tem que ser observada de perto, atentamente, para que seus pontos de sofrimento possam ser detectados e aliviados. A criança sofre e tem, às vezes, vergonha de sofrer. Não pede socorro. E padece.

Quem realiza. Nada de decisivo se faz no mundo pelas mãos dos realistas e dos cínicos. O realismo não passa, em geral, de um parente respeitável do conformismo. O que acontece de essencial depende daqueles que conservam, em algum lugar, alguma coisa da inocência iluminada da infância.

Simples, emotivo. A simplicidade, no sentido de ausência de afetação e artifícios, não é atributo essencial do grande escritor? Do grande artista em geral? As complicações não devem surgir de fora, mas sim da matéria tratada e da interação entre o artista e a sua temática, de modo natural. Não devem ser acrescentadas como adorno ou para simular sofisticação.

O artista é essencialmente simples e emotivo. Não inventa, vê. Não analisa, retrata. Não simula, sofre – ainda que essa simplicidade e emotividade sejam submetidas, sempre, ao crivo implacável da autocrítica.

Compare-se, por exemplo, *Vertigo* com *O ano passado em Marienbad*. Este último é obscuro, cheio de alegorias, complexo, intelectualizado, pretensioso – um fracasso artístico. Já *Vertigo*, uma obra-prima, tem enredo inteligível, ainda que retorcido e implausível. Hitchcock apela ao coração, não ao entendimento. A complexidade do filme, talvez não inteiramente intencional, deriva das camadas

emocionais subjacentes à história de amor, suspense e tragédia. *Vertigo* é, por um lado, o ápice do romantismo no cinema e, por outro, uma denúncia implacável desse mesmo romantismo. Nele, o amor romântico, lindamente retratado, é depois desmascarado, exposto sem piedade no que tem de fabricado, perigoso e cruel. Mas sobrevive mesmo assim, mesmo ferido, mesmo acusado dos piores crimes e das ilusões mais nocivas.

Duas fraquezas diametralmente opostas – o fascínio pelo amor romântico e a pulsão sexual indiscriminada. O fascínio por *ela*; a atração por *elas*.

Ela – o maior argumento a favor da existência de Deus.

Inconsciência do artista. O artista não quer e nem precisa saber a origem e natureza dos seus impulsos criadores. Não cabe a ele *dissecá-los*. E “dissecar” como metáfora do procedimento analítico não é revelador do que tem de hostil à criatividade?

Inclinação do artista – abandonar qualquer pretensão de sequenciamento, de ordenamento lógico em favor da espontaneidade paradoxal que *simula* a vida.

Decadência decadente. Até a decadência já não é mais a mesma. Ela própria decai com todo o resto, como todo o resto. Antigamente, a decadência tinha o seu estilo. Era possível e até corriqueiro decair com arte e elegância. Em escritores como Thomas Mann, a decadência é toda uma arte sofisticadamente elaborada.

Espírito de síntese. O conto mais curto do mundo, atribuído a Hemingway: “Um anúncio de jornal: ‘Sapatos de bebê, nunca usados’”.

O amor romântico, mesmo unilateral – a armadilha a que se referia Zaratustra.

Para além da ilusão romântica. O amor não é natural, não é instinto, mas uma força da nossa *segunda* natureza – uma construção elaborada e sedimentada pela educação, pela cultura e pela *arte*.

Dois tipos de talento. Talento romântico, talento amaldiçoado. Não sobrevive sem sofrimento. As fases sombrias são pré-condição para as fases criativas. Compra-se com lágrimas e martírio a capacidade de criar.

Já o talento natural é talento abençoado. Sobrevive e se desenvolve sem dramas. Não há fases sombrias – a não ser aquelas desencadeadas por fatos externos. As fases criativas são compradas com alegria e celebração.

Em uma fórmula, Wagner *versus* Mozart – sutilmente contrapostos por Hitchcock e Bernard Herrmann em *Vertigo*.

Quem vê ou revê o filme com coração aberto haverá de perceber a polaridade. A trilha de musical Bernard Hermann evoca Wagner, em especial *Tristão e Isolda*, e vai nos envolvendo e guiando aos poucos para o amor romântico de Scottie (James Stewart) por Madeleine/Judie (Kim Novak, no auge da beleza). Quando ela morre tragicamente, ele mergulhado em depressão profunda, internado, recebe a visita de uma amiga, mulher normal, Midge, que o ama sinceramente, mas que justamente por ser normal não pode suscitar o amor dele. Ela descobre que Scottie está sendo tratado, sem sucesso aparente, por musicoterapia. E é Mozart que é invocado para curar. Midge compreende tudo instintivamente, procura o médico responsável, expressa descrença no tratamento e arremata, sofrida: *And, doctor, I don't think Mozart will help at all.* (E, doutor, não acredito que Mozart vá ajudar em nada).

Amor romântico não é amor propriamente. A paixão amorosa é autorreferenciada, até solipsista. No amor romântico, tal como retratado, por exemplo, por Truffaut, em *A História de Adele H.*, o objeto do amor é mero objeto, mera projeção. No limite é quase como se o outro nem existisse ou levasse uma vida paralela, indiferente, funcionando como simples pretexto em que se ancora a *vontade de amar* – impulso indiferenciado que se agarra a quem aparece no momento propício.

Um sobrevivente. O romantismo tardio alemão não se esgotou em sua época. Sobreviveu e pulsou, para bem e para mal, na arte e na política do século 20. Inspirou realizações, inspirou desastres. E sobrevive ainda. Mas não na Alemanha, “normalizada”, traumatizada pelos seus excessos.

Uma forma de morrer. Também se morre de excesso de luz.

Nietzsche, Kafka, Wilde. “Para que o arco não se quebre – para isso existe a arte”, disse Nietzsche. Para sinalizar gratidão e respeito

deveríamos capitalizar a palavra “arte” – como se faz com todo substantivo em alemão. Em vez disso, deixamos os artistas, até os melhores, à míngua. Abandonados à própria sorte, ficam mendigando patrocínio aos burocratas semicivilizados de empresas públicas e privadas. Ou presos a empregos burocráticos, que consomem o seu tempo e energia. Mas até dessas pedras o verdadeiro artista sabe tirar algum proveito. Do seu emprego burocrático em uma empresa de seguros, Kafka extraiu toda uma linguagem e um ambiente. E Wilde, encarcerado, tirou do cárcere, a *Ballad of Reading Gaol*.

A ilusão romântica – a pior, a mais perigosa. Mesmo assim, mesmo reconhecida como tal, é ilusão cultivada, acalentada, com carinho e persistência – Deus tenha piedade de nós!

Depois do massacre. O artista romântico estiliza e romanceia o sofrimento *já vivido* – a distância permite. Não se pense que, sendo humano, ele consiga romancear o sofrimento *enquanto acontece*.

Romantismo – Cristianismo para ateus. Nacionalismo – Romantismo na política.

Perplexidade do gênio romântico. Diante do gênio clássico, iluminado, o gênio romântico indaga, espantado: “Como é possível alcançar com a naturalidade de quem respira o que só alcanço pelos caminhos tortuosos do sofrimento?”

Educação sexual. Como ainda faz falta uma verdadeira educação sexual, uma educação *para o amor sexual*, que guie e aprimore os instintos sem reprimi-los, sem tentar civilizá-los!

Oscar Wilde. O paradoxo está para o pensamento como a perversão para o corpo, dizia Oscar Wilde por palavras parecidas. O paradoxo acrescenta ao prazer do espírito como a perversão acrescenta ao prazer do corpo.

Realismo irrealista. A falta de realismo dos realistas! Não levam em conta a importância real da ilusão. “*Humankind cannot bear too much reality*”, diz T.S. Eliot, colocando a advertência na boca de um passarinho.

Imaginação versus vivência. Os que não são imaginativos precisam vivenciar. E não há problema nisso. O que é a imaginação, afinal,

comparada à vivência?

Aprender a viver sem romance. Caminho para uma existência sem sofrimento – para uma *não-existência*.

Superioridade do artista. O subentendido, sempre mais forte – na arte como na vida. O que coloca o professor, treinado a tudo explicar, em desvantagem automática. Não por outra razão, “professoral” é defeito. Antididata por natureza e instinto, o artista recorre sempre ao indireto, a insinuações. Provoca, estimula, incita. Nunca sacrifica o estilo à acessibilidade.

O romantismo é um realismo. O romantismo é o elogio do sofrimento. Reconhece o sofrimento omnipresente e o valoriza. Assim, e a contrassenso do que se diz, o romantismo é o que há de mais realista!

Todgeweihtes Herz. O romântico se inclina ao sombrio, ao soturno. Coração dedicado à morte.

Última trincheira. Agarrar-se à arte como última defesa contra o colapso da vontade de viver.

A pior forma de romantismo. Sem inteligência, o romantismo degenera facilmente em sentimentalismo. Wilde fez a sátira desses bons sentimentos, descrevendo o burguês de poucas luzes que aquece o coração estreito com sublitteratura sentimental e outros recursos baratos. O romantismo é mais do que a inteligência, e até se opõe a ela, mas não pode dela prescindir.

Sufrimento real – o sofrimento brutalmente real é o das crianças. Sofrimento não adulterado, sem compensações reais ou imaginárias, sem consolações.

Sufrimento como atitude – o dos intelectuais. Sartre teria confessado no fim da vida que não sabia, por experiência própria, o que realmente era a angústia...

Descaminhos. A arte não se dobra a fins políticos. Não tem propósitos educativos nem edificantes. Não ensina moral e bons costumes. A arte é apenas a defesa da frágil, sempre ameaçada vontade de viver.

Rejeição sintomática. Faz parte do desencantamento, também conhecido como “morte lenta”, rejeitar o romantismo e as seduções do coração.

Romantismo letal. É perigoso quando um temperamento essencialmente artístico migra, com sucesso, para a política. Hitler, o exemplo mais impressionante disso, era um artista fracassado. Só voltou-se para a política depois do insucesso nas artes. O seu parentesco com o romantismo, embora bem claro, nem sempre é registrado e incomoda em especial quem acredita ingenuamente que o romantismo é um passeio no parque. Pode parecer incongruente, mas a verdade é que poucos líderes políticos, talvez nenhum, foram tão profundamente ligados à arte e ao romantismo. Wagner era uma fixação para ele. Pode-se até dizer que, sem Wagner, o fenômeno Hitler é difícil de conceber. Não por acaso, foi nessa música que ele encontrou a trilha sonora para o nazismo.

Nietzsche atirou no que viu e acertou no que não viu quando rompeu estrepitosamente com Wagner.

Encenar não basta. Duplo sentido do verbo *to act* em inglês; significa agir e representar. “*But stage blood is not enough*” (Sangue de palco não basta), disse Mishima. O artista, cansado de simular, anseia por ação direta.

Românticos e pragmáticos. Os verdadeiros românticos se fantasiam às vezes de pragmáticos. Uma forma de autoproteção.

Os verdadeiros pragmáticos se fantasiam às vezes de românticos. Uma forma de autopromoção.

Sofrer, sofrer, sofrer – condição para escrever bem. Não queira ser artista, avisou Dostoievski – a menos que tenha capacidade de suportar sofrimento, aquela mesma capacidade que, como notou Nietzsche, determina também a hierarquia entre os homens.

O fascínio pelas mulheres, tão natural, é um obstáculo a que se desenvolva o essencial – o amor por *ela*, a que é única e insubstituível.

Glorificação do cristianismo. O romantismo ocidental, enraizado no cristianismo, dificilmente prospera, a não ser talvez como mimetismo vazio, fora do âmbito da civilização europeia, pan-europeia, trans

européia. O que é o cristianismo original sem a valorização e mesmo glorificação do sofrimento – a começar pela paixão, pela crucificação de Cristo? Cristo na cruz, sofrendo, agonizando, é a sua imagem fundadora.

Cristianismo depois de Deus. O romantismo do século 19 em diante é o cristianismo ainda possível depois da morte de Deus.

O coração, tão incerto, vacilante, volátil, merece a confiança que nele depositava Pascal? Que nele depositam os românticos de todas as épocas?

Pascal, precursor do romantismo. Está tudo lá: sofrimento, sensibilidade, coração, resistência à razão.

De onde vem a criação artística? Da capacidade de ver cores, ritmos, sons onde o não-artista nada vê, nada ouve, nada sente.

Savoir vivre – defender os instintos, os rompantes, as paixões contra os efeitos corrosivos da lucidez, da repetição e da rotina.

Estação antirromântica. Como se pode preferir o verão, com seus dias longos, indecentemente longos?

Amor e sexo. A triste realidade, totalmente não-romântica, antirromântica, é a indiferenciação do impulso sexual, que vem de dentro e busca, sem critérios muito determinados, sem exclusividade, alvos exteriores. Assim, o sexo não é normalmente a expressão do amor, ainda que possa sê-lo em momentos felizes.

Uma manobra. Na literatura, incoerência assumida é passar da ficção à lembrança, deslizar da terceira para a primeira pessoa, ou seja, mudar de tonalidade na mesma composição.

Digressões. O movimento digressivo não é só da crônica, mas um recurso de que se pode valer o ensaio, o ensino, a conferência, o romance e mesmo a poesia e a música. A digressão não é, afinal, senão um recurso contra o tédio associado ao discurso linear, às sequências lógicas ou cronológicas. Antes perder o fio da meada do que o interesse do leitor, ouvinte ou espectador.

A justa medida. Não se pode renunciar à repetição, que serve desde sempre a propósitos variados, ao cômico, ao ensino, à ênfase. Para além de certo ponto, porém, ela gera enfado, rejeição, desgaste. A verdade é

que, repetido em excesso, o melhor verso, a melhor sentença, a melhor linha melódica, vira lugar-comum.

“Esprit de finesse”, s’il vou plait! A razão analítica ou “o espírito de geometria”, como diria Pascal, é essencialmente incapaz de dar conta de certos assuntos. Veja-se, por exemplo, como Spinoza aborda o amor. A sua definição chega a parecer simples ironia: “O amor é a alegria conjuntamente à ideia de causa externa”. A amada, designada como “causa externa”, fica irreconhecível. É o que sempre acontece: o geômetra *disseca* e, por isso mesmo, não sabe lidar com assuntos como amor, arte, beleza, vida.

Herói romântico falhado – duplo pleonasma. Se não é romântico, dificilmente será herói. Se não é falhado, dificilmente será romântico.

Truman Capote, a sangue frio. Todo verdadeiro artista está além do bem e do mal – e sofre com isso.

Sufrimento autoinfligido. Não saber suportar os pontos mortos da vida é lançar-se em aventuras – e sofrer.

Segunda natureza. Sem literatura, amor seria sexo. E ponto.

Uma vida plena, transbordante, sem pontos mortos, sem vazios. A música, às vezes, sugere que ela é concebível.

O sofrimento eleva, refina, *embeleza*. Quem é feliz, apenas feliz, não sabe de nada e nem vai a lugar nenhum.

Viagem/destino. Processo/resultado. Trotsky e Kaváfis diziam o mesmo, cada um à sua maneira. Trotsky, aforismaticamente: “O processo é tudo; resultados, nada”. O poeta grego, invocando Ulisses: “*When you start on your journey to Ithaca,/then pray that the road be long,/ full of adventure, full of knowledge*”. (Quando partires em viagem para Ítaca/reze que seja longa a estrada, / cheia de aventuras, cheia de conhecimento). Destino, resultados, chegada, morte. Viagem, processo, presente, vida.

Ela – o maior motivo para viver.

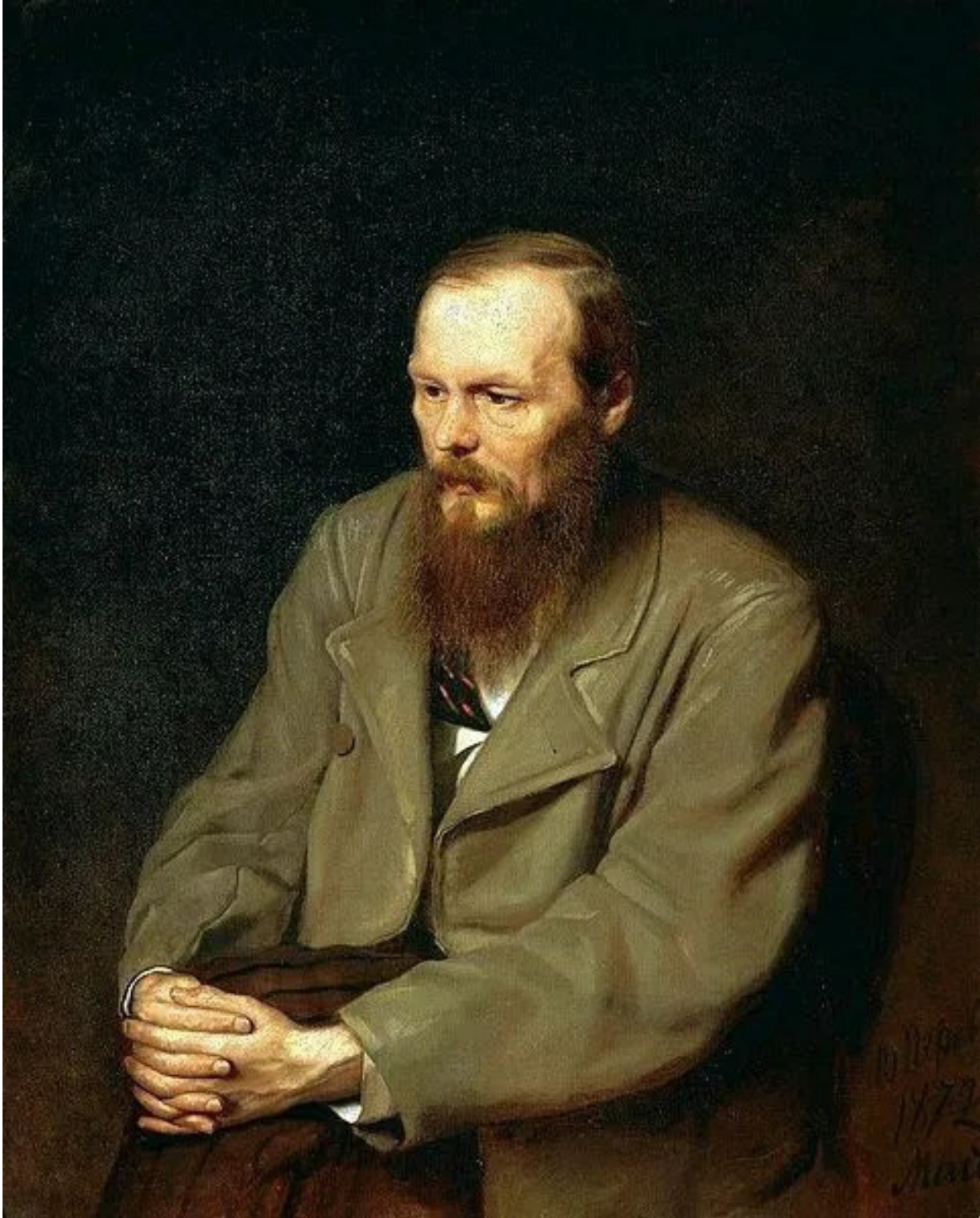
Céu de Brasília. O sol poente irrompe de repente em dezenas de tons de vermelho, laranja, amarelo, roxo – mas por um instante apenas.



2 - Heinrich Heine



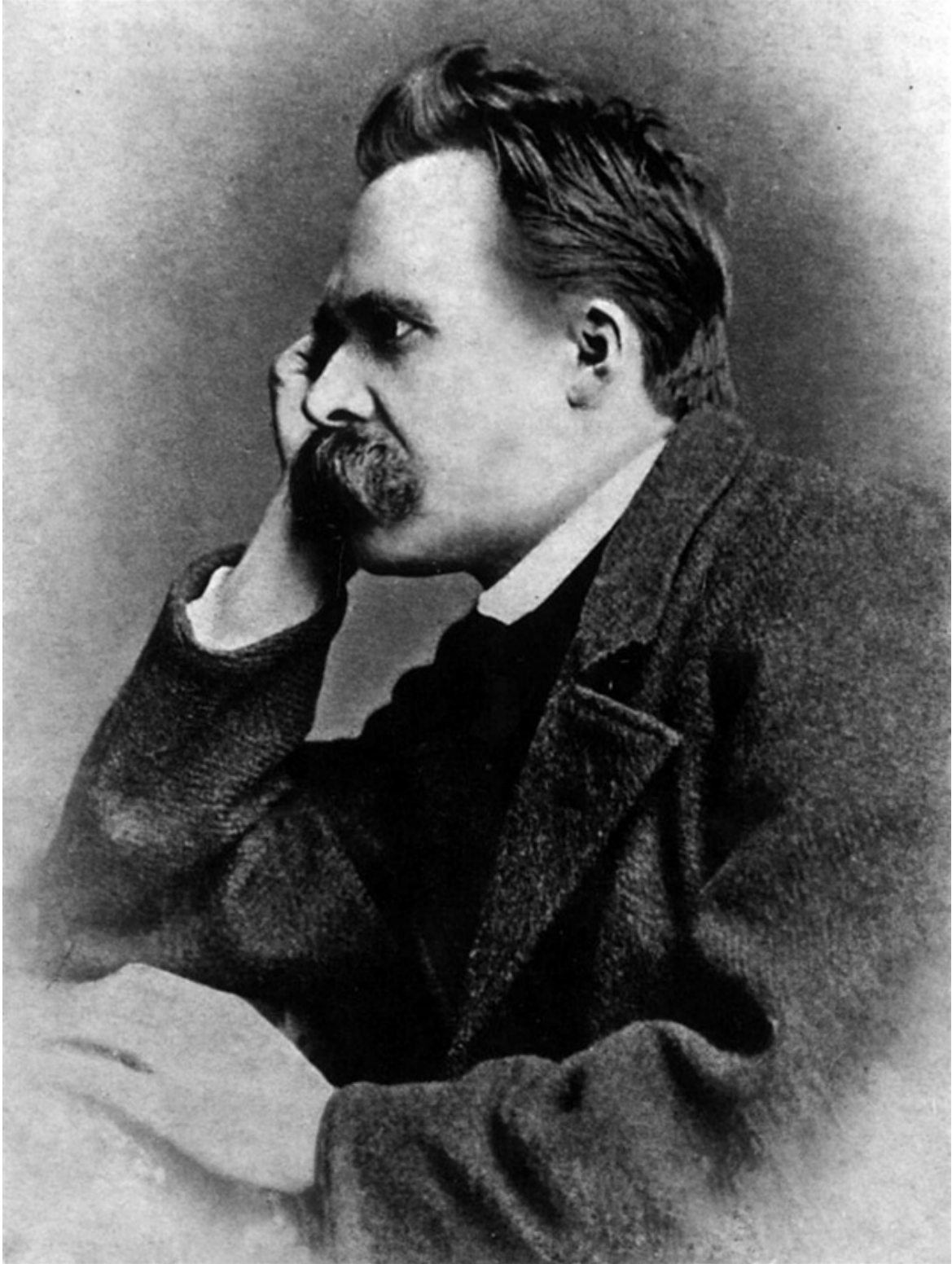
3 – Fiódor Dostoievski



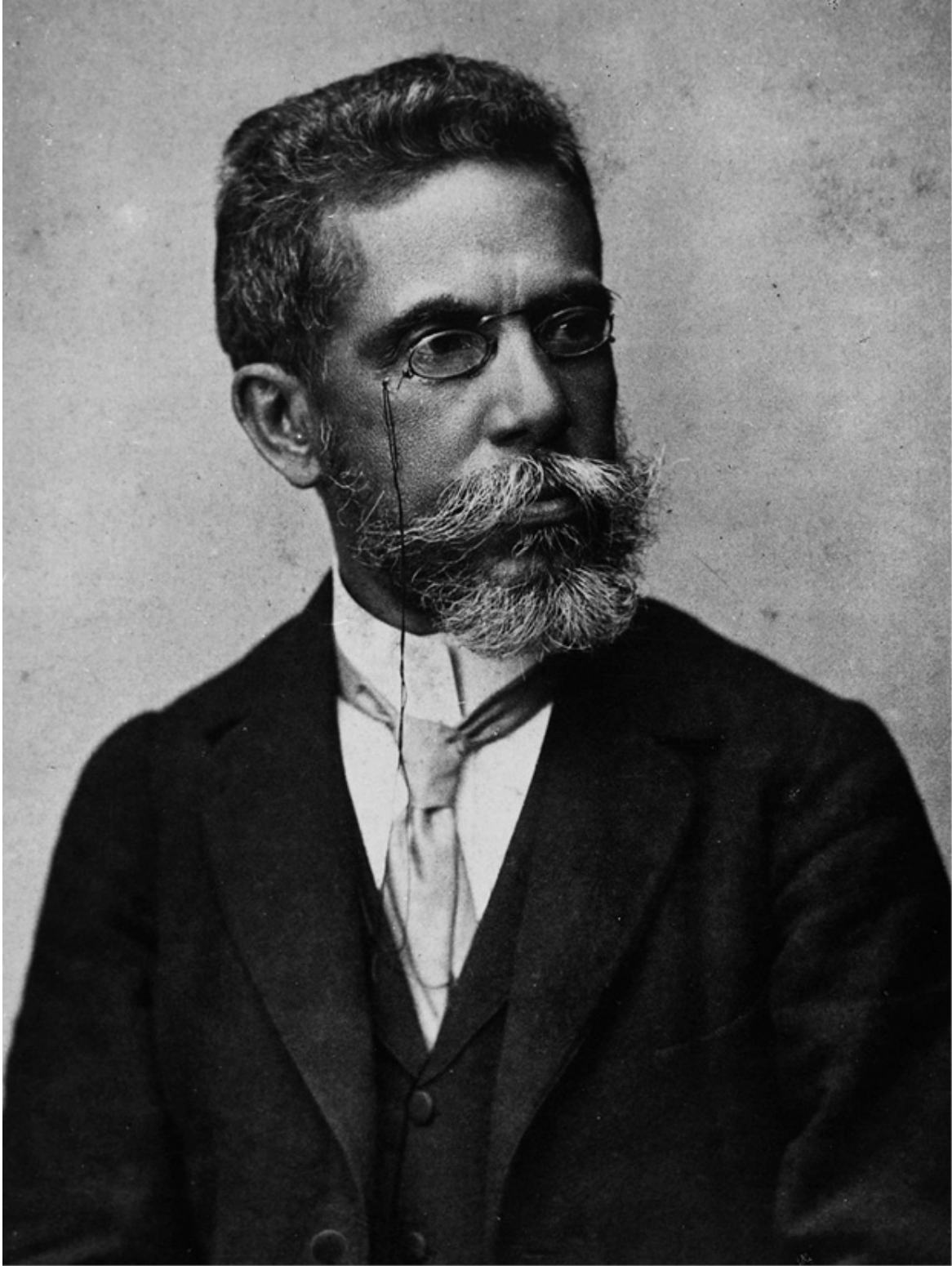
4 – Richard Wagner



5 – Friedrich Nietzsche



6 – Machado de Assis



7 - Thomas Mann



8 – Fernando Pessoa



9 - Nelson Rodrigues



10 – François Truffaut



11 - Maria da Conceição Tavares



Créditos: Acervo histórico Unicamp

12 – Anna Nogueira Baptista, poeta, bisavó, com seus bisnetos. Na segunda fila, terceiro da esquerda para a direita, Luiz Philipe, meu primo, primeiro marido de Lia e pai das minhas enteadas (atrás de mim)



13 – Sabino Baptista, bisavô, com outros poetas da Padaria Espiritual. Sentado, na primeira fila, o terceiro da esquerda para a direita



Sabino e os membros da Padaria Espiritual
(2o. da esquerda - de pé; ao lado, Antônio Salles)
1895

1º da
chama
Sabino

cl.
Lamir
2012

14 – Francisco Euthycio Galvão de Freitas, bisavô, poeta



Francisco Eutychio Galvão de Freitas
1900

15 – João Pinheiro da Silva, bisavô, presidente de Minas Gerais



16 – Paulo Nogueira Batista, pai, e Elmira Helena Pinheiro Nogueira Batista, mãe, com seus dois primeiros filhos, Paulo e João



17 – Elmira Helena e Paulo, com os filhos Paulo, João, Olavo e a filha Maria Isabel



18 – Andrew Burpee, colega de classe em Ottawa, no Canadá, 1966, primeiro da esquerda para a direita na segunda fila (na minha frente)



19 – Com Lia em Xangai, 2016



20 – Com a família em Florianópolis, 2018. Em sentido horário, Mariana, Guga, Isabela, Lia, Antônio, Luíza, Helena, Luiz Felipe e Maria Augusta



21 – Com os cinco netos em Florianópolis, 2022. Da esquerda para a direita, Helena, Vicky (no colo) Maria Augusta e Luiz Felipe. No chão, Antônio



21 – Com Lavínia, Chapada dos Veadeiros, Goiás, 2023



CAPÍTULO II
CRÔNICAS E LEMBRANÇAS

A MULHER COMO MÚSICA, ILUSÃO, MIRAGEM

A EPÍSTOLA DE SÃO PAULO (LIA)

Nem tudo tem explicação. O encadeamento de causas e efeitos é sempre repleto de lacunas e pontos insondáveis. “Encadeamento” nem é a palavra certa. A história que vou contar parece em parte inexplicável. Conjecturas podem ser feitas, não mais do que isso. Mas isso importa, afinal? Não é no *chiaroscuro* que reside o charme, o interesse da vida? Da vida como ela é. E não da vida explicada, digerida, empobrecida nos manuais e nas memórias artificialmente organizadas *a posteriori*.

1998. Ano que mudaria a minha vida para sempre. Aconteceu assim. Naquele ano, no dia 29 julho, completavam-se cem anos do nascimento do meu avô paterno, Olavo. Uma das suas filhas, Thereza, resolveu comemorar a data lançando um livro sobre a família e reunindo a todos, de todos os cantos do Brasil, em Florianópolis, onde ela morava. E lá vieram, juntar-se ao ramo de Santa Catarina, os familiares de São Paulo, Rio de Janeiro e outros lugares. Uma massa feliz e ululante.

Eu morava na época em São Paulo e não queria ir. Por pouco, muito pouco mesmo, não escapei a meu destino. Ninguém escapa a seu destino, dirá o leitor, se for mais inclinado ao fatalismo. Não sei. O fato é que *eu* não escapei. E foi só por causa da insistência da minha mãe, que não sossegou enquanto não garantiu a minha presença. Estava em processo de separação da minha primeira mulher, Coca, triste e deprimido com isso. A mãe dela viera, inclusive, a São Paulo, ficando hospedada conosco para ajudar com as providências práticas da separação.

Uma curiosidade é que os motivos da insistência da minha mãe incluíam a vaidade. É que ela preparara um discurso caprichado para Florianópolis e fazia questão que todos os filhos assistissem, como percebi depois. E, de fato, o discurso seria brilhante, no tom e na medida certa, arrancando aplausos calorosos da família, em plena igreja. Outra filha de Olavo, Suzana, enciumada com o sucesso da cunhada, e que não estava inscrita para falar, acabou subindo ao palco e improvisando um

discurso, até bom, sobre a sua relação com o pai, mas excessivamente autocentrado. Pequeno detalhe cômico.

Mas estou me perdendo do assunto. Naquela igreja, durante a missa rezada em homenagem a meu avô, aconteceu um fato que se mostraria revelador. Ou assim pareceria. O padre pediu a cada um dos Olavos da família, eram vários, que lessem trechos da Bíblia. Coube a meu sobrinho Olavinho, então com dez anos, ler a passagem que mais me impressionou e que eu, ignorante da Bíblia, não conhecia. Era a Epístola de São Paulo aos Coríntios sobre o amor, como me disse o padre depois da missa.

Transcrevo aqui:

- 1 Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o sino que tine.
- 2 E ainda que tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada seria.
- 3 E ainda que distribuísse toda a minha fortuna para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria.
- 4 O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece,
- 5 Não trata com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal;
- 6 Não se alegra com a injustiça, porém se alegra com a verdade;
- 7 Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.
- 8 O amor nunca falha; porém, ainda que haja profecias, desaparecerão; ainda que haja línguas, cessarão; ainda que haja ciência, desaparecerá;
- 9 Porque, em parte conhecemos, e em parte profetizamos;
- 10 Mas, quando vier o que é perfeito, então o que o é em parte desaparecerá.
- 11 Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, discorria como menino; mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino.
- 12 Porque agora vemos por espelho, em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido.
- 13 Agora, pois, permanecem estas três: a fé, a esperança, o amor; porém, a maior destas é o amor.

Em algumas traduções, usa-se “caridade” no lugar de “amor”. A versão lida pelo Olavinho naquele dia trazia, porém, a palavra no meu entender mais certa e mais apropriada para aquele momento que se aproximava e se anunciava aos poucos – amor. Interessante, também, que essa epístola traga a célebre imagem – vemos o mundo em enigma,

em inglês, lindamente, *through a glass darkly*. Isso precisa ser retido. Nada fica totalmente claro nesta história ao final.

Amor, sim, não caridade, porque durante a missa eu observara uma moça loura, linda, linda, de beleza estonteante, com três meninas adolescentes ou pré-adolescentes. Não as conhecia. Seriam irmãs? Ou mãe e filhas? Alguma prima? Virei para olhá-la mais de uma vez. Não podia saber que estava encontrando a Lia, ela que seria a minha segunda mulher, e as minhas futuras enteadas e filhas do coração, Mariana, Luíza e Isabela.

A homenagem ao avô Olavo se desdobrava em duas etapas. A segunda, na casa da Paula, filha de Thereza, reuniria todos para jantar e para o lançamento do livro sobre a família. Quando lá cheguei, o que queria era identificar a linda desconhecida. Fiquei sabendo que se tratava de Lia, a viúva de um primo-irmão, Philipe, que havia morrido jovem, três anos antes, de doença muito rara. Como eu tinha pouco contato com ele na fase adulta e só viera a Florianópolis uma única vez nos anos 1970, não conhecia a sua mulher e três filhas. Ela era, portanto, uma quase-cunhada; e as meninas, sobrinhas. Laços de família que reforçaram a atração e facilitaram a aproximação.

Tempos depois, aliás, um professor, Arthur Barrionuevo, colega meu na Fundação Getúlio Vargas de São Paulo, ao saber desses laços de família com Lia, comentou às gargalhadas: “Você é Nelson Rodrigues até na vida pessoal! Não respeita nem as cunhadas...”

Eu estava saindo sem filhos e, sobretudo, sem as desejadas *filhas*, de um longo casamento. E pensei: está aí um encaixe perfeito para mim. Como diria depois à Lia e às meninas, me apaixonei pelas quatro ao mesmo tempo! Lia sorria, cética, pensando que era apenas um namorado novo, querendo agradar. Não, era verdade, e ela perceberia com o passar do tempo.

Mas não quero me adiantar no relato. Volto ao jantar. De maneira um tanto descuidada, fiquei o máximo que pude perto dela. Saberia depois que Luíza, a filha do meio, sempre um pouco ciumenta, comentou com a mãe: “Esse primo do pai não sai de perto de ti!” Ela foi simpática e receptiva, deu conversa e não me evitou em momento

algum. Há filmes da festa em que eu apareço, olhando sempre para ela, fascinado. Amor à primeira vista.

Quando me despedi dela, já estava nas nuvens. Indaguei sem disfarçar nada, se nos veríamos de novo no dia seguinte, em algum outro evento da família, ela sorriu e indicou que achava improvável.

Ah, se fosse possível congelar o tempo naquela noite, se fosse possível congelar o olhar naquela cena, que guardo tão claramente na memória do coração. E, no entanto, é possível, sim, de certa forma. Não é exatamente o que estou fazendo agora ao recapitular tudo em detalhes?

Mas a história não é uma simples história de amor. Ela tem aspectos estranhos, inusitados mesmo. Estranhos, mas não sombrios. Chego neles.

Voltei a São Paulo sem reencontrá-la. Aí ocorreu a primeira coisa estranha. Fui buscar em minha biblioteca uma Bíblia de capa vermelha, presente do meu pai, que morrera alguns anos antes. Eu nunca a lera, ficara ignorada na estante. Ele era católico e, em consideração às minhas inclinações nietzschianas, o presente veio com uma dedicatória defensiva, que mencionava a importância cultural e estética da Bíblia. Reli a dedicatória e fui procurar a epístola. Surpresa: era o único trecho marcado a lápis por ele! Arrepiei.

Aqui preciso lembrar algo que já aparece em meu livro anterior¹ e, também, em outro texto do presente livro.² Dos mortos queridos, o meu pai é o único que parece se comunicar comigo, em momentos críticos, pessoais ou profissionais. Minha avó materna, Marina, que foi uma segunda mãe, nunca o fez.

O contexto parecia deixar clara a mensagem do pai. O seu dedo apontava, imaginei, na direção da Lia e das três meninas. Depois me lembraria que ele era padrinho de batismo do seu sobrinho Philipe, e sempre ocupado com seu trabalho de diplomata e homem público, não lhe dera muita atenção. Nem a ele, nem à Lia e nem às filhas. A própria Lia me contaria depois, com uma ponta de ressentimento. Agora, sobrecarregado talvez também por certo sentimento de culpa, o pai pedia que eu fosse acudir no seu lugar? Mas o principal talvez fosse a sua preocupação em me ver bem encaminhado na vida amorosa, eu que

fracassara no primeiro casamento. Outro detalhe: a mensagem viera pela boca do Olavinho, considerado na família como muito parecido com meu pai quando criança; e as fotografias realmente mostravam isso.

A dificuldade estava em como reencontrar a Lia. Não tinha nem o telefone dela. E nunca tinha oportunidades de ir a Florianópolis ou cercanias. Mas outro sinal, fantasiado de forma não muito crível, de “coincidência”. Naquele segundo semestre de 1998, o que nunca ocorrera antes, tive três convites para palestras na cidade dela! Deus estava do meu lado? Ou era o pai que trabalhava a meu favor?

Aceitei todos os convites, inclusive um ou outro que normalmente não aceitaria, e saí em busca dela. Não queria recorrer à família para evitar falatório, mas consegui, não me lembro como, o telefone dela. E marcamos alguns encontros. Jantamos num restaurante tradicional da cidade, Macarronada Italiana, ela deslumbrante, vestida de preto, ombros de fora, elegantemente provocativa. Fiquei até meio sem ação com tanta beleza e ela, percebendo, sorria, charmosa. Quando elogiei, desajeitado, o vestido dela, ela retrucou: “É isso mesmo que você quer dizer?”, me deixando um pouco sem graça. Ah, leitor, a beleza inigualável de um começo de romance!

As viagens repetidas a Florianópolis naqueles meses ofereceram várias oportunidades de nos conhecermos e aproximarmos. Eu ia devagar. A minha mãe, sabendo da minha aproximação com a Lia e dos meus antecedentes um pouco duvidosos com mulheres, já me advertira, severa: “Vê se não vai fazer estrago na família; essas meninas já sofreram muito!” Levei a advertência a sério e tomei muito cuidado. No início, saíamos só os dois. Depois, as meninas começaram a participar um pouco, sinal da acolhida que a Lia me dava.

Os encontros com ela foram realmente inesquecíveis. Noutra ocasião, jantamos no Fedoca na Lagoa da Conceição, restaurante que hoje está em outro bairro. Ao deixarmos o local, chegamos a uma encruzilhada na estrada. Ela, dirigindo, volta-se para mim: “Quer fazer mais alguma coisa?” Meu coração acelerou. Fomos então para um show ao vivo ali perto, uma boa banda *cover* dos Beatles. Ainda não havíamos nos beijado, eu estava tomando, como eu disse, todo o cuidado com ela. Creio que foi naquela noite, porém, que ela quis deixar claro que os

meus cuidados estavam um pouco *over*. Ao me deixar na porta do hotel, ela desligou o motor do carro, com isso praticamente dizendo: me beija! Eu, surpreso, bati em retirada. Escapuli. Vergonhoso, tanto mais que no dia seguinte seguiria para um fim de semana numa praia da Ilha, Costão do Santinho, sem ela, a sós.

Mal consegui dormir naquela noite. No dia seguinte, que deu em chuvoso, cancelei o Costão, e liguei para ela. Passamos o dia inteiro juntos, percorrendo diferentes praias da Ilha e do Continente. Com chuva e tudo, foi um passeio mágico. Ela me apresentando a meu destino. Ficou suspenso no tempo aquele instante em que paramos no mirante da curva da linda estrada que liga a Praia do Morro das Pedras à Praia da Armação, do lado do Oceano. Passei por lá de novo, pela primeira vez depois de quase 25 anos, e aquele instante suspenso voltou – e com que força!

Naquela noite, aconteceu o nosso primeiro beijo. Fomos a uma boate, que acho que não existe mais. Casa lotada, mais de gente jovem. Começamos a dançar. Aproveitamos uma música lenta, para chegar ao primeiro beijo, o meu corpo contra o dela. Dali fomos ao hotel para a nossa primeira e tão esperada noite. O meu amor era tanto que chegou a inibir o meu impulso sexual. Mas tudo se completou bem, maravilhosamente bem. A primeira de milhares e milhares de noites de amor e intimidade, que viriam ao longo dos mais de 20 anos em que ficaríamos juntos.

Escrevo tudo isso quando estou justamente completando a separação com ela. Mas não quero entrar nessa tristeza. Retorno uma última vez ao passado luminoso, aos dias de sol e céu azul. Ao amor abençoado no céu e na terra. Ao nosso primeiro verão, o de 1999, que foi de viagens pelo litoral catarinense, Garopaba, Praia do Rosa, e à serra Gaúcha, Gramado, Canela. Ela, sempre linda, reluzia ao meu olhar. Inteligente, bem-humorada, nossas conversas eram sempre ótimas, interessantes, instigantes. Eu flutuava, simplesmente flutuava. E ela era sensual e atirada. Combinava romance com entrega sexual. A fêmea perfeita, a companheira ideal.

Assim foi naquele início ensolarado, deslumbrante, inesquecível.

Florianópolis, agosto de 2022.

1 BATISTA JR., Paulo Nogueira. *O Brasil não cabe no quintal de ninguém: bastidores da vida de um economista brasileiro no FMI e nos BRICS e outros textos sobre nacionalismo e nosso complexo de vira-lata*. 2ª ed. São Paulo: LeYa, 2021, pp. 137 e 516-518.

2 “A usina nuclear do meu pai”, neste livro, pp. 248-252.

UMA DEMONSTRAÇÃO

Sem o fascínio pela mulher com sua beleza e arsenal de sedução, o que seria a vida? Tomo emprestado, mais uma vez, o que disse Nietzsche sobre a música: sem a mulher, a vida seria um erro, um cansaço, um exílio. Nietzsche, um misógino, errou de endereço.

Como pode, aliás, um pensador exaltar a vida e rejeitar a mulher? Mais coerente que Nietzsche foi Schopenhauer, que era misógino e pessimista, não valorizava a mulher e era hostil à vida.

O leitor dirá que estou exagerando e fantasiando, que sobra retórica e falta realismo, que afinal a mulher é apenas e tão somente um lado do humano, com todos, ou muitos dos defeitos que o humano tem. E poderá até se animar a listar defeitos e limitações específicas do gênero feminino.

Entendo, mas não concordo. Não há exagero da minha parte. E demonstro.

Imagine a seguinte cena, leitor. Você está ali sentado, à beira da calçada, tranquilo, ligeiramente entediado. De repente, não mais do que de repente, ela vem e passa. Preparada, consciente da sua força. Elegante. De preferência de saia e salto alto.

E caminha, suave. Não, não caminha, não! Desliza. Em câmera lenta. Você sofre o impacto e nota que todas as suas configurações com o universo se redefinem num instante. O planeta se ilumina. Todo o resto se apaga. Fica em segundo plano.

E ela passa, dobrando a esquina aos poucos.

Acabou. O que resta dessa passagem deslumbrante e fugidia? Você, transfigurado.

Quod erat demonstrandum.

NOVA GESTÃO

Uma pequena história. Como quase todo solteiro ou descasado, ele era um sujeito basicamente mal administrado: roupa meio fora de moda, cabelo mal cortado, casa desorganizada etc. Até que ela apareceu. Mulher prática e decidida, também sedutora e linda, aplicou-lhe imediatamente várias “reformas estruturais”. Foi uma maravilha. Em pouco tempo, ele ficou outro. Aos que elogiavam sua súbita e visível melhora, ele respondia, orgulhoso: “Nova gestão, nova gestão!”

Infelizmente, como dizem os economistas em seus momentos mais inspirados, “não existe almoço grátis”. Com o passar dos meses, foram aparecendo as “condicionalidades”, exigências e interferências. Ele se viu pouco a pouco na situação daqueles governos que, obrigados a recorrer ao FMI, insistem, mesmo assim, em reafirmar a sua soberania.

Começou a reclamar. Tentou fazer que ela compreendesse o quanto ele prezava a sua independência. Não houve jeito. Quando ela declarou, sorridente: “Você é independente, mas não autônomo”, ele não entendeu bem a distinção, porém sentiu que estava irremediavelmente perdido.

Ah, leitor, como sabemos, a lógica pedestre e corriqueira dos homens nunca foi páreo para as sutilezas sinuosas da lógica feminina. Em 1960, perguntaram a Churchill o que ele achava da previsão de que as mulheres estariam mandando no mundo em 2000. Ele retrucou, resignado: “*They still will, will they?*”

Agora um parágrafo um pouco acaciano, só para leitores do sexo masculino. A distinção entre independência e autonomia pode parecer sofisticada e manipulativa, mas tem a sua razão de ser. Independência é todo um aparato de formalismos, bandeiras, hinos e cerimônias. Já autonomia é algo mais prático e concreto. Por exemplo, sob a presidência de Fernando Henrique Cardoso, o Brasil continuou independente, mas perdeu boa parte da sua autonomia, da sua capacidade de moldar o próprio futuro. Ficamos, em larga medida, à mercê de variáveis externas e interesses estrangeiros. Na prática, o então

Presidente da República do Brasil tornou-se uma espécie de procônsul da “Pax Americana”. E o país não se saiu nada bem, como sabemos.

Bem que De Gaulle recomendava: “Faça tudo, absolutamente tudo que estiver a seu alcance para preservar a autonomia de decisão”. Conselho que vale para os países, mas vale também para os homens em sua relação com o doce e implacável imperialismo das mulheres.

DESCARTES (OU UM ELOGIO ÀS MULHERES)

Nada mais enganoso do que o racionalismo inaugurado por Descartes. Por métodos que parecem serenamente lógicos, o filósofo chega a verdadeiros absurdos, a conclusões totalmente descabeladas. Compartilho as restrições que Pascal fazia a ele, como fica claro em outras partes deste livro.

Veja-se, para dar um exemplo entre muitos, as frases iniciais da sua obra mais conhecida – *O Discurso do Método*: “A coisa mais bem distribuída no mundo é o bom-senso. (...) O que chamamos de bom-senso ou razão é naturalmente igual entre os homens”.

Por convenção, hoje totalmente superada, homem entra aí como referência a humanos, incluindo, portanto, a mulher. Da mesma maneira, Aristóteles definia, tranquilamente, o homem como animal racional. Aplicadas expressamente à mulher, as frases lapidares de Aristóteles e Descartes revelam mais claramente todo o seu absurdo. Ou não?

Afinal, convenhamos, nada mais distante do racional, do bom-senso do que a maravilhosa figura feminina. Algumas resistem a esse imperativo da natureza e tentam se equiparar ao homem. Só atrapalham. Mas não adianta nada e pouco importa; a natureza feminina é sempre hostil à lógica, à razão e a tudo que se faz passar por bom-senso.

Não pense, leitor ou leitora, que estou aqui fazendo alguma restrição à mulher. Ao contrário, essa hostilidade à lógica e à razão é um dos pontos fortes dela e uma das suas grandes e inestimáveis contribuições à civilização. A mulher, por esses atributos, coloca, na verdade, *limites* à civilização, limites necessários e verdadeiramente vitais. Mantém, assim, a espécie vinculada a suas origens selvagens e animais.

O elogio à mulher está me saindo meio torto, eu sei. Mas prossigo. Eis o que queria dizer: o polo feminino nos mantém sempre ligados à nossa base instintiva e nos protege contra as falácias aristotélicas e cartesianas, que buscam na razão, no pensamento o traço distintivo e principal do

humano. O humano é tão sentimento, instinto, intuição, selvageria quanto é lógica, razão, pensamento, civilização. E é graças em grande parte à influência avassaladora da mulher, que o nosso lado racional não esmaga o instintivo.

Eu sei que muitas mulheres lerão com profundo desgosto e até revolta o que acabo de escrever. Paciência. Vai assim mesmo.

UMA PAIXÃO

Foi um grande amor, uma verdadeira paixão. A pior forma de amor – o amor não-correspondido. E a melhor forma de amor – o que não se realiza e permanece intacto na fantasia. O nome dela ficará em segredo. Não quero causar constrangimentos. Ela é discreta e certamente não gostaria de figurar de forma ambígua em crônica duvidosa.

Se este relato chegar a seus olhos, ela haverá de se reconhecer na figura feminina anônima. Ou talvez não. Ainda que seja a recordação de um grande amor, de uma paixão, o relato não deixa de ser ácido, de conter críticas a ela, talvez pesadas demais, talvez injustas. E, como se sabe, autocrítica nunca foi o forte de ninguém.

Tudo se passava mais dentro da minha cabeça do que na realidade. Banal, eu sei, mas foi assim. O que me fez voltar a pensar nela foi ter revisto esses dias um filme daquela época – *A mulher do lado*, de François Truffaut. Filme que alimentou, e ainda alimenta, as minhas fantasias amorosas. Sejam realistas: o amor, romântico ou não, é também uma construção cultural, que começa no livro, no filme, na poesia – e migra depois para a vida real. Madame Bovary e seus desastres, por exemplo, não existiriam sem a meia dúzia de romances baratos e fantasiosos que ela leu, encantada. Não importa. O reconhecimento de que o amor é uma invenção não tira sua força.

Mas fecho o parêntese e volto a ela. Voltei a encontrá-la algumas vezes em anos recentes, falamos volta e meia por telefone, mas nada disso reacende o passado. Não por acaso. Ela ainda está muito bonita, depois de todos esses anos. Continua charmosa, atraente. Não é isso. É que tudo que aconteceu naquela época representou, antes de tudo, o triunfo da ficção sobre a realidade, da imaginação sobre os fatos.

Havia, a bem da verdade, uma certa dificuldade em conciliá-la com meu sonho romântico. Ela era linda, realmente linda. Sabia encantar e seduzir. Lembro um dia, uma bela tarde de sol, numa praia na Barra da

Tijuca, ela de biquini branco, dourada de sol, jogando frescobol – como aquilo me abalou. Foi uma comoção difícil de colocar em palavras.

Linda, linda, porém excessivamente pragmática e, para ser sincero, com um toque de oportunismo que mesmo na época eu tinha dificuldade de não perceber. Assim, por exemplo, foi chocante a noite em que a levei para ver, justamente, *A mulher do lado*. Eis o que aconteceu. O leitor ou leitora talvez não tenha visto o filme, ou se viu talvez não lembre bem. Basta dizer que em determinado momento, na garagem de um supermercado, a heroína, representada por Fanny Ardant desmaia, simplesmente desmaia, quando recebe de chofre, inesperadamente, um beijo de um namorado por quem tivera paixão arrebatadora, representado por Gérard Depardieu.

Pois não é que ela riu! Gelei. Fiquei realmente decepcionado. Em retrospecto, me ocorre pensar que o riso tenha sido de nervoso. Quem já não? Eu mesmo em momentos penosos – inclusive quando da doença fatal da minha avó materna, Marina, a quem sempre fui desde pequeno superligado. Mas me envergonha lembrar disso – e volto a ela. Aos meus olhos ingenuamente românticos, ela se redimiou, entretanto, quando fomos outra vez ao cinema para ver um grande filme argentino, hiperromântico também, *Camila*, dirigido por María Luisa Bamberg. E dessa vez ela chorou copiosamente.

Um aspecto lamentável, entretanto, é que nesse dia ela estava com um namorado e eu com outra mulher, que era inclusive sua amiga. Como pode? Imperdoável. Não conseguia me decidir entre e o desejo de viver um grande amor e a condição de homem que se interessava por muitas mulheres, como o personagem desse outro filme de Truffaut, *O homem que amava as mulheres* – também paradigmático para mim e que também revi recentemente.

O leitor está vendo a minha imaturidade na época? Era uma coisa sem pé nem cabeça. Constrangedora, mesmo. Como querer viver um grande amor e, ao mesmo tempo, namorar uma amiga da mulher amada? E não só essa. Outras também, na mesma época. As minhas chances com ela, que talvez já não fossem muito grandes (não posso saber ao certo), diminuía, claro, com esse comportamento escandalosamente errático e inconsistente.

As canções daquela época também me fazem pensar nela. Por exemplo, uma que diz “*As soon as forever is gone, I’ll be over you*”. As canções abrem fendas geológicas de emoção. São ingênuas, mas e daí? Como diz o personagem de Fanny Ardant na *Mulher do Lado*, doente de amor em um hospital, as canções dizem a verdade, “*et plus eles sont bêtes plus elles disent la vérité*” (e quanto mais tolas, mais dizem a verdade). Pois bem, na época, eu gostava muito de escutar canções napolitanas interpretadas por Luciano Pavarotti, em especial *Passione*, canção que expressava todo o ímpeto ardoroso da minha paixão por ela. Transcrevo aqui a letra no original em napolitano:

*Cchiù luntana me staje, cchiù vicino te sento
chi sa a cchistu momento tu a ca piense, che faje?
Tu m’he mise dint’è vvene, ’nu veleno ca è ddoce
nun me pesa ’sta croce, ca je trascino pe’ tte*

*Te voglio, te penso, te chiammo
te veco, te sento, te sonno
è ’n ’anno, ce piense ca è ’n ’anno
ca ’st ’uocchie nun ponno cchiù pace truvà?*

*E cammino e cammino, ma nun saccio a ddo’ vaco
je so’ sempe ’mbriaco, e nun bevo maje vino
Aggio fatto ’nu voto à Madonna d’è neve
si me passa ’sta freva, oro e perle Le do.*

Valendo-me de uma tradução para o italiano, tento traduzir para o português, o que é mais difícil por ser uma língua mais distante da original:

*Quanto mais longe estás, mais próxima te sinto/
quem sabe o que estás agora pensando, fazendo/
Me colocaste nas veias um veneno tão doce/
Não me pesa esta cruz/Que carrego por ti*

*Te quero, te penso, te chamo/te vejo, te sinto, te sonho/
Faz ano, figura-te um ano/que esses meus olhos não encontram mais paz*

*E caminho e caminho/mas não sei aonde vou/
estou sempre ’mbriagado, mas vinho não tomo/
Fiz até um voto à Madona da neve/Se me passa esta febre, ouro e pérolas Lhe dou.*

A dificuldade maior está no segundo verso. Para não quebrar o ritmo da sequência – *Te voglio, te penso, te chiammo* – forcei a barra,

introduzi inexistentes “te penso” e “te sonho”.

A letra, linda em si mesma, fica espetacular quando combinada com a música. Ouça, leitor ou leitora, na voz de Pavarotti.

“Não me pesa esta cruz que carrego por ti”. Ela sabia tirar partido dessa paixão, mantendo-a aquecida, sem se comprometer. Imagine, leitor, que ela chegou a me dar uma fita cassete, que tenho até hoje em algum lugar, chamada *Perhaps Love*, cantada por Plácido Domingo. Golpe baixo. Eu, ainda jovem, mal sabia lidar com as mulheres e suas manobras e truques. Minha mãe, ácida e experiente, a quem confidenciei um pouco minhas agruras amorosas, decretou, recorrendo a uma expressão francesa, antiga, provavelmente *démodée*, que resumia tudo: “É uma *allumeuse*”.

Mas eu persistia, apesar dos conselhos negativos e das dúvidas que eu mesmo tinha. Ah, o amor que não se realiza, volto a dizer, é quase invulnerável! Não está submetido ao desgaste inevitável da realidade, ao abrasivo do cotidiano. Fica lá, intocado, e continua, continua. Foram anos. Foi o que aprendi: o amor que não se realiza é o mais forte, o mais perfeito. Nada como a distância para manter o amor vivo. E bem dizia dostoiévski, que o próximo só pode ser amado à distância. A proximidade, o convívio são fatais para o amor e para a paixão.

As minhas dúvidas, que eram muitas, não me faziam desanimar, não faziam a paixão perder seu brilho. E eu me dizia, parafraseando Unamuno, que amor que não duvida é amor morto.

A frase parafraseada de Unamuno é “fé que não duvida é fé morta”. É falsa, dizia ele, a suposta superioridade do conhecimento sobre a fé, da ciência sobre a religião, das certezas sobre as crenças. Falsa em certo sentido, claro. O ponto é que tudo que é fundamental na vida está sujeito a grandes incertezas e riscos. As grandes questões, não só as metafísicas, mas as da vida mesmo, da vida pessoal e da vida social, são obscuras, avessas à segurança e à clareza. A começar pelo amor, justamente. Quem busca segurança e certeza no amor, deve recomeçar a busca em outro lugar. Não há amor que dê garantias totais. Como pode então haver vida sem confiança, sem fé? E fé, escreveu Unamuno, “fé é virilidade”.

Mas estou divagando e já me alonguei demais. Como terminou tudo isso? Bem, a verdade é que não terminou.

Não terminou.

ELA, SEMPRE ELA¹

Queria escrever um pouco, leitora, sobre um tema crucial: você! Sim, você mesma que possa estar me lendo neste momento. Em outras palavras, a mulher. O que seríamos sem você? Volto a parafrasear Nietzsche: o que ele disse da música, pode-se dizer – e com mais razão – da mulher: sem ela, a vida seria um erro, um cansaço, um exílio.

Nietzsche, um misógino por excelência, jamais concordaria com esse uso da sua bela declaração de amor à música. Mas vá lá: hoje em dia qualquer um enfia, sem a menor cerimônia, os piores “cacos” no meio da obra dos maiores gênios. E, convenhamos, a declaração de amor à mulher não é nenhum “caco”. É mais do que merecida. Afinal, o sabor, a graça, a beleza, a leveza, o ritmo, a intensidade, a variedade das nossas vidas dependem de você, leitora.

Ultimamente, as mulheres parecem não mais aceitar esse papel vital (da boca para fora, pelo menos). Não querem ser decorativas. A beleza não é o mais importante, dizem. Querem ser bem-sucedidas, respeitadas profissionalmente e contribuir para o progresso social e econômico. Tudo bem, tudo bem. Mas, convenhamos, como dizia Nelson Rodrigues, ser bonita, charmosa e elegante também é serviço público! Sempre foi. Não vamos diminuir a já reduzida alegria no mundo impedindo, por meio de restrições e preconceitos, que a mulher impeça a vida de ser um erro, um cansaço, um exílio.

A leitora conhece François Truffaut? Um dos seus filmes, “O homem que amava as mulheres”, conta a história de um homem fascinado pelas mulheres. Fala, portanto, de todos os homens. Em determinado momento, o personagem resolve escrever um livro sobre suas memórias amorosas e nele inclui uma descrição deslumbrante da irrupção das mulheres com a chegada da primavera:

Como certos animais, as mulheres praticam a hibernação. Durante quatro meses, elas desaparecem, e ninguém as vê. Com os primeiros raios de sol do mês de março, como elas tivessem combinado ou como se tivessem recebido uma ordem de mobilização, elas surgem às dezenas nas ruas em vestidos leves e salto alto. Então, a vida recomeça.

Perfeito. Truffaut foi um grande artista e seus filmes merecem ser vistos e revistos.

Paro um momento e releio o que escrevi. Corrijo aqui e ali. Ficou bem, creio, mas vejo que estou resvalando para a celebração da mulher no plural. A verdade é que a mulher sonha ser amada e celebrada no *singular*, como única, como grande e único amor. E o homem que perde isso de vista está fadado a morrer na mais triste e completa solidão.

Repare, leitora, neste pequeno verso de Fernando Pessoa, parte de um poema que cito na íntegra em outra crônica deste livro:

O amor, quando se revela,/ Não se sabe revelar/ Sabe bem olhar p'ra ela / Mas não lhe sabe falar/ Quem quer dizer o que sente/ Não sabe o que há de dizer/ Fala: parece que mente/ Cala: parece esquecer.

Linda simplicidade do poema! Pessoa começa no plano geral, enunciando uma tese: “O amor, quando se revela, não se sabe revelar”, mas – e aí vem o interessante – afunila imediatamente no particular: “sabe bem olhar p'ra *ela*”. Ela – não a mulher em geral, não as mulheres no plural, mas uma mulher em particular, aquela que podemos designar por essa pequena palavra – ela – tão rica em conotações afetivas e amorosas.

Pequena palavra mágica que cada um de nós há de associar sempre a uma mulher determinada, única e insubstituível.

1 Publicada originalmente em *O Globo*, em 9 de junho de 2017.

A PRINCESA DO POVO (DIANA)¹

Nietzsche escreveu:

O velho Deus, todo “espírito”, todo perfeição, vagueia por seu jardim; no entanto, ele se entedia. Contra o tédio, até mesmo os deuses lutam em vão. Que faz ele? Inventa o homem – o homem é divertido. Mas eis que o homem também se entedia. (...) Deus criou então outros animais. Primeiro erro de Deus: o homem não achou os animais divertidos – dominava-os, nem queria ser “animal”. Conseqüentemente, Deus criou a mulher. E, de fato, o tédio chegou dessa maneira ao fim.

Agitada, turbulenta, a princesa Diana era o próprio antídoto contra o tédio. Ela combinava beleza, elegância e charme com alma, sensibilidade e compaixão. Foi estabelecendo aos poucos uma ligação emocional profunda com o povo britânico e de outros países.

Boa parte da sua ação social, saberíamos depois da sua morte, era conduzida longe dos holofotes. Em Londres, Diana costumava visitar abrigos para viciados em drogas, prostitutas e outros. Numa noite gelada de inverno, em 1994, a princesa estava sendo esperada por cerca de 40 pessoas em um desses abrigos, como relataria logo após a sua morte o assistente social encarregado de dirigi-lo. Enquanto a aguardavam, um rapaz de 20 e poucos anos começou a fazer ameaças contra a princesa, chegando a dizer que ela e o resto da família real deveriam ser fuzilados.

Bem. De repente, entra a princesa, iluminando o ambiente. Por ironia, a primeira pessoa em que ela põe os olhos é justamente o tal rapaz. Para alarme geral, ela caminha na sua direção. E pergunta: “Seu nome é Ricky, não é? Eu não lhe encontrei quando você estava dormindo na rua, no Strand, há algum tempo?” Emocionado, o rapaz conseguiu balbuciar: “É isso mesmo, estou tentando me refazer agora”. Poucos meses antes de morrer, Diana voltou ao abrigo, trazendo os dois filhos para ajudar a preparar uma refeição para as pessoas que lá residiam.

Diana era amada pela população, mas não pela família real, como se sabe. Um ano antes da sua morte, a rainha Elizabeth II retirou-lhe o direito de usar o título de “sua alteza real”, causando consternação. “Não

se incomode, mãe”, disse William, então com 14 anos, “eu lhe devolverei o título quando for rei”.

A morte da princesa provocou uma comoção na Inglaterra. Na missa de corpo presente, na abadia de Westminster, houve um instante que merece ser lembrado. A igreja estava lotada. Nas primeiras fileiras, a família real e as demais autoridades. Uma multidão acompanhava a missa do lado de fora, por alto-falantes. O irmão mais moço de Diana discursava em sua homenagem, com palavras inspiradas e comoventes. Em certo momento, ele disse:

Diana era a própria essência da compaixão, do dever, do estilo, da beleza. (...) Ela tinha uma nobreza natural e no último ano provou que não precisava de nenhum título real para continuar a gerar a sua forma particular de mágica.

Silêncio nas primeiras fileiras. Mas o povo aglomerado do lado de fora respondeu com uma explosão apaixonada de aplausos. Apanhados pelos que estavam na parte de trás da igreja, os aplausos foram sendo repassados, percorreram a nave como uma onda, chegando até as filas da frente, para constrangimento da rainha.

A monarquia inglesa quase veio abaixo.

1 Versão reescrita de crônica publicada originalmente na *Folha de S.Paulo*, em 30 de agosto de 2007.

INFÂNCIA E SEUS DESASTRES

UM PENSAMENTO NATALINO¹

Outro dia, voando de Florianópolis para Congonhas, tive uma regressão proustiana e lembrei-me de alguns episódios de infância. Quero contar um deles.

Quando tinha nove, dez anos, a minha família morava em Ottawa, no Canadá, e eu mantinha um diário. Chegando a São Paulo, revirei gavetas e encontrei o tal diário (eu guardo tudo). Ele tem o formato de livro, capa dura, cor vermelho-berrante, com uma inscrição em letras douradas: “*Five swinging years*”.

Estava trancado, e a sua chave, perdida. Acabei arrombando o fecho. Era como eu me lembrava. O diário tinha uma pequena entrada para cada um dos 365 dias de cinco anos. Influenciado por esse formato, sentia-me na obrigação de escrever todo dia alguma coisa. Saía-me então o seguinte: “Neve caiu” (várias vezes); “brinquei com meus irmãos” (outras tantas); “arrumei meus livros na estante”. Pior: “Nada de importante” (dezenas e dezenas de vezes). E mais esta: “Começaram as aulas”; e no dia seguinte: “Segundo dia de aula”!

Tornara-me um minidiscípulo do filósofo e economista liberal inglês Jeremy Bentham, que adotava como divisa: “*Nulla dies sine linea*” (nenhum dia sem uma linha) e que, segundo Karl Marx, tendo empilhado montanhas de volumes nessa base, passou a ser o escritor que, em todos os países e em todas as épocas, mais tirou partido do lugar-comum. Uma de suas obras chama-se, aliás, “Defesa da Usura”, o que me leva a supor que ele faria grande sucesso com os bancos brasileiros e a tenebrosa turma da bufunfa.

Um dia, a minha mãe (investigativa como toda mãe) invadiu o meu diário. Talvez frustrada por não ter encontrado nenhum segredo e nada de muito útil para seus propósitos pedagógicos, disparou a crítica severa: “Diário não é para isso; é para escrever pensamentos, reflexões”.

A crítica calou fundo, eu lembro bem. Devo ter espremido o cérebro. Algum tempo depois, no dia 13 de dezembro de 1964, apareceu

a seguinte anotação: “Hoje tive um pensamento. Que no Natal nós não devemos pensar só em presentes. Nós devemos pensar em Jesus”!!

Não começou nada bem a minha carreira de pensador.

1 Publicado originalmente na *Folha de S.Paulo*, em 21 de dezembro de 2006.

O BONECO DE NEVE¹

Posso contar outro episódio de infância? Tenho pensado muito na minha infância ultimamente. Não sei por quê. Outro dia, caminhando pela Melo Alves, passei em frente a uma escolinha e vi a placa: “Temos vagas para crianças de três anos” – tive vontade de me matricular imediatamente.

Dos nove aos 11 anos, fui aluno da *Rockcliffe Park Public School*, em Ottawa, no Canadá, a escola que me deixou as lembranças mais vívidas. O colégio era em si mesmo uma pequena comunidade, que cumpria todo um ciclo anual de atividades. Na primeira grande nevada do ano, realizava-se durante o recreio um concurso de esculturas de neve. As crianças participavam com grande empenho. No meu primeiro inverno canadense, fiquei numa situação deplorável. Brasileiro nato e hereditário, neve nunca fora o meu forte.

Aí um colega me salvou. Preciso fazer um parêntese e descrever rapidamente a figurinha. Era um garoto canadense, alto, dentuço, de óculos de fundo de garrafa. O seu nome era Andrew Burpee. Sempre bem-humorado, vivia repetindo a seguinte e péssima piada: “*There is nothing worse than a broken pen, except two broken pen*” (Não há nada pior do que uma caneta quebrada, exceto duas canetas quebradas) – e ria sozinho.

Começou o recreio e lá estava eu, desorientado, cercado de neve por todos os lados. O Andrew se aproximou e disse: “Vamos fazer juntos”. A minha contribuição foi principalmente empilhar e carregar a neve. O menino canadense fez um boneco que era uma pequena obra-prima.

Voltamos para a classe. Havia caixas de som, instaladas em todas as salas de aula, por meio das quais o diretor da escola, Mr. Redfern, podia se comunicar com os professores e alunos. Horas depois, Mr. Redfern anunciou o resultado da comissão julgadora: “Primeiro lugar: Andrew Burpee e Paul Batista”.

Foi uma consagração. Os nossos companheiros de classe nos cumprimentaram com entusiasmo. Comparecemos os dois ao gabinete do diretor para receber uma barra de chocolate cada um. Na volta, mais palmas e cumprimentos. No recreio seguinte, já éramos celebridades totais.

No início, ainda fiquei um pouco constrangido. Mas, com o passar das horas, a consciência do mérito foi se instalando firmemente em mim.

Aceitava os cumprimentos com satisfação e orgulho. A situação era um pouco como a daquele personagem de um conto de Machado de Assis, que se impressionara muito com a frase ouvida de um conhecido: “O Brasil é uma criança que está engatinhando; só começará a andar quando tiver muitas estradas de ferro”.

Reencontrando o tal conhecido algum tempo depois, o personagem relembra a frase: “Como dizíamos, o Brasil está engatinhando; só andará com estradas de ferro”. Mais tarde, já eleito deputado, encontra novamente o conhecido e lê o exórdio de um discurso que pretendia proferir na Câmara: “E aqui repetirei o que, há alguns anos, dizia eu a um amigo: o Brasil é uma criança que engatinha; só começará a andar quando estiver cortado de estradas de ferro”.

Bem. Cheguei em casa no fim do dia na condição de escultor consagrado. Corri para contar a história à minha mãe. Ela ouviu tudo e soltou um único comentário: “Aposto que o menino canadense fez tudo”. O meu pequeno castelo de cartas desabou instantaneamente.

Terminou aí a minha carreira de artista.

1 Publicado originalmente na *Folha de S.Paulo*, em 11 de janeiro de 2007.

INFÂNCIA¹

Como o leitor sabe, gosto muito de Nelson Rodrigues, principalmente do cronista. Veja, por exemplo, esta pérola, retirada das suas *Primeiras Confissões*: “Sempre digo que o adulto não existe; o homem ainda não conseguiu ser adulto, ou melhor – o que há de adulto, no homem, é uma pose. O que vale mesmo é o menino que está enterrado nas nossas entranhas”.

Nada mais certo, nada mais verdadeiro. “O tempo não cura nada”, dizia Ludwig Marcuse, “só tira o incurável do centro das atenções”. O que existe realmente é a criança sofrendo, atormentada, dentro de cada um de nós. Pode até haver infâncias felizes e perfeitas, leitor, mas eu duvido. A criança é sempre um pobre ser indefeso, que não manda nada, submetida aos caprichos dos pais, levada ao bel-prazer de um canto para outro.

Conheci em Florianópolis um senhor, de uns 60 anos, também chamado Nelson, que dizia que, por mais que tentasse, não conseguia ser feliz. Tinha aparentemente tudo – mulher, filhos, família, profissão, boa condição financeira. Mas eis a sua história: filho de mãe solteira, ficou órfão aos cinco anos. Foi então criado pela avó que morreu quando ele tinha doze anos. Aí foi passando de primo em primo, parente em parente, até o serviço militar. Meio século depois, a criança abandonada continuava sofrendo dentro dele.

Mas ele fez questão de ressaltar: “Há muita gente de boa índole no mundo”. O seu abandono era tanto que ele se animava a pedir conselhos a estranhos. E recebia muitas vezes ajuda valiosa. Veja, leitor, a solidão dessa criança – pedia orientação a desconhecidos!

A história dele me fez pensar em Dostoievski, que quando tinha nove anos, em pânico por causa do que supunha ser a perseguição por um lobo, foi socorrido por um camponês chamado Marey. A surpreendente ternura do homem enquanto fazia o sinal da cruz sobre a criança reconfortada ficou na memória de Dostoievski a vida inteira.

Para ele, as memórias de infância eram muito importantes, como fica claro em alguns dos seus personagens. Por exemplo, Dostoievski faz Alesha Karamazov dizer, no final do romance, que as pessoas falam muito em educação, mas que a melhor educação de todas talvez seja alguma memória bela, sagrada, preservada da infância.

Mas, enfim, são clarões de luz na escuridão que costuma ser a infância. Contam que quando eu era bem pequeno, tinha talvez três ou quatro anos, algum problema me fez protestar: “Deus não me botou no mundo para sofrer!” Os adultos acharam graça, que menino inteligente etc. Mas não viam o mais importante: ali estava uma criança que padecia (e as menores coisas fazem uma criança sofrer).

Me ocorre dizer que, aos três ou quatro anos, eu estava a caminho daquele que, segundo disse Dostoievski, pela boca de outro de seus personagens, é o maior argumento contra a existência de Deus – o sofrimento das crianças.

1 Versão reescrita de crônica publicada originalmente em *O Globo*, em 16 de outubro de 2015.

A CRIANÇA¹

Em crônica anterior,² me dirigi diretamente às leitoras. Não quero abusar da sua paciência, leitora, mas tenho outro assunto relativamente urgente. Naquela crônica, o meu tema foi você mesma – a mulher. Nesta, queria falar da criança – ou seja, do homem.

Schopenhauer (como Nietzsche, um misógino radical) dizia que as mulheres eram “crianças grandes: uma espécie de estágio intermediário entre a criança e o homem, que é, este sim, o adulto de verdade”. Bem, atribuir ao homem – logo a quem! – a condição de “adulto de verdade” é totalmente falso. Mas vamos admitir que, sendo crianças grandes, as mulheres estejam bem-posicionadas para entender o homem que, via de regra, nunca deixa de ser – criança, íntima e profundamente. E é isso que, para além de todos os recursos de sedução e encantamento, dá à mulher poder de compreensão e, em última instância, *controle* sobre o homem.

Volto a falar daquele filme do Truffaut, *O homem que amava as mulheres*. O protagonista, Bertrand Morane, é fascinado pelas mulheres, vive e respira para elas. Numa determinada cena, ele está numa loja de departamentos e nota uma linda loura passando de vestido justo e salto alto. Ele a acompanha a certa distância, siderado, até que ela para diante de um painel de anúncios e prega uma oferta de *babysitting*. Bertrand arranca o bilhete e telefona contratando o serviço.

A moça aparece na casa dele, no horário combinado. Ele, agitado, nervoso, oferece chá ou café, e se dirige à cozinha. Ela sente algo estranho no ar, entra no quarto para ver a criança e encontra debaixo das cobertas um boneco! Indignada, interpela o impostor: “O que é isso? Onde está a criança?” Ele hesita um pouco e depois responde sem sorrir, sem ironia, com certo desamparo: “Bem, a criança sou eu...”. E consegue conquistá-la.

A leitora sabe, de certo, que a experiência infantil é a chave para os segredos e impasses da vida adulta. Se a infância é infeliz, a criança geme

dentro de nós vida afora. Truffaut – algo inusitado para um artista – chegou a explicar didaticamente o seu personagem, amparando-se no psicanalista Bruno Bettelheim. Segundo Truffaut, uma frase de Bettelheim serviria de denominador comum aos amores de Bertrand: “Revelou-se, afinal, que ele nunca teve grande sucesso com a própria mãe”.

O insucesso com a primeira mulher compromete, de saída, toda as relações posteriores. Resulta, por exemplo, na incomunicabilidade. A criança fica cerceada na capacidade de expressar os seus sentimentos, em primeiro lugar para a própria mãe. Os seus sofrimentos podem ser triviais quando olhados “objetivamente”, pelos olhos de um adulto – mas que dimensão adquirem para uma criança pequena!

Ao sofrimento em si, se soma a vergonha de estar sofrendo – como se a criança já pudesse ver o seu sofrimento “objetivamente”, como irrelevante, e mesmo ridículo, mas nem por isso conseguisse deixar de sofrer, até intensamente, durante longos períodos. Sem dizer nada a ninguém, lá fica o pequeno, abandonado, refugiado nos seus brinquedos, livrinhos, ou num mundo de fantasia qualquer.

Com a criança, como costume dizer, é preciso estar sempre atento aos pontos ocultos de sofrimento. E encorajá-la a falar sobre os seus medos e padecimentos, sem constrangimento. Legitimar, em outras palavras, o seu sofrimento, mesmo nas questões aparentemente ínfimas que podem, mesmo assim, atormentá-la e traumatizá-la.

Subitamente, me dou conta, leitora, de que estou ensinando o Padre-Nosso ao vigário. Tarde demais, vai assim mesmo.

1 Crônica publicada originalmente em *O Globo*, em 23 de junho de 2017.

2 “Ela, sempre ela”, neste livro, pp. 141-143.

A PRIMEIRA COMUNHÃO¹

Gosto muito de recontar episódios de infância. Quem não? A pequena história que vou contar é de uma criança atormentada – mas não me queixo, de jeito nenhum. O que somos, afinal, cada um de nós, senão o resultado de embates e sofrimentos que vivenciamos e superamos (ou não) desde a infância profunda? Há que valorizá-los e guardá-los carinhosamente no coração. Por outro lado, é triste, sem dúvida, ver uma criança sofrer. Dostoievski, por exemplo, julgava irrefutável a falta de sentido do sofrimento das crianças e disso derivava o absurdo de toda a realidade histórica. Mas, enfim, deixo o leitor ou a leitora com essa dúvida, e começo.

O ano é 1962. Brasília começava. Era o semiárido, com terra vermelha por toda parte. Andávamos de bota de cano alto por causa das cobras. Aos sete anos, estava matriculado em uma pequena escola católica à beira do Lago Paranoá. Um dos coleguinhos, filho de um diplomata italiano, chegava no colégio a cavalo, e fazia grande sucesso. A escola era de madeira e, quando chovia forte, caía água dentro da sala de aula. Eu era apaixonado por uma lourinha, de olhos azuis, chamada Linda, nome a que ela fazia jus (o nome é um presságio, diziam os romanos), mas a tratava muito mal – uma antecipação infantil das complexidades do amor.

Naquela época, as crianças faziam a primeira comunhão já nessa idade, com sete ou oito anos. Era um acontecimento importante, antecedido de preparação. Preparação precária, porém. No fundo, era muito cedo. Não sabíamos direito o que estava acontecendo.

Aqui entra em cena um personagem que poderia ter saído diretamente do *Primo Basílio*, do Eça de Queiroz: uma babá portuguesa, Maria Helena, que era um perigo para as crianças. Meus irmãos e eu passávamos um cortado com ela. Perversa e manipulativa, sabia apavorar com ameaças e histórias fantasiosas. É a velha história, comum em famílias brasileiras de classe média e alta, naquela época e depois: os

pais, muito ocupados, deixavam as crianças à mercê de empregadas, por vezes, tenebrosas. Certo dia, pouco tempo antes da cerimônia, Maria Helena lançou a advertência sinistra: “A hóstia é o corpo de Cristo – se você mastigar, vai para o inferno!”

Instalou-se um drama que duraria, por estranho que pareça, vários anos. Claro que outra criança, mais despreocupada, poderia até tirar de letra. Mas eu não. Passei a viver um duplo problema – sofria com a ameaça levantada pela babá, mas tinha ao mesmo tempo vergonha de estar sofrendo, e não conseguia falar com ninguém a respeito. Ainda ensaiei insinuar o problema para a minha mãe: “Já sei como comungar sem mastigar a hóstia – vou engolir direto”. Não deu certo; ela não percebeu a angústia do filho.

Chegou o dia – meninas e meninos, de branco, inclusive Linda, claro, recebiam a primeira comunhão, solenemente, das mãos do padre. Igreja lotada por familiares. Dei um vexame. Tentei engolir a hóstia e me engasguei; tive que ser socorrido com tapas nas costas e outras providências. Pior: acabei mastigando a hóstia! Ao constrangimento público, somou-se o medo do inferno.

A partir de então, a cada domingo, o mesmo drama. Não encontrava meio de comungar sem mastigar a hóstia. Mudamos para Nova York (meu pai era diplomata) e a novela continuava. Ainda me lembro, em *Saint Patrick's*, na Quinta Avenida, de passar pela mesma aflição. Tentava novas técnicas: por exemplo, deixar a hóstia dissolver, mas, nervoso, a boca ressecada, a hóstia acabava grudada no céu da boca! Passei a não me confessar para ter pretexto para não comungar. Mas fugir da confissão dava lugar a novos dramas de consciência.

Acredite, leitor(a), não estou exagerando – o problema, aparentemente ridículo, era verdadeiramente enorme. Por isso, sempre digo e repito: com as crianças é essencial estar atento aos pontos ocultos de sofrimento. Ainda me lembro da seguinte situação tragicômica (trágica na época, cômica em retrospecto) quando nos mudamos para Ottawa, no Canadá, creio que em 1966. Minha mãe chega feliz em casa e anuncia que, em recepção diplomática, conhecera o Núncio Apostólico, embaixador da Santa Sé, Monsenhor Pignedoli (lembro o nome até hoje): “Meu filho, você vai ser o coroinha nas missas que ele reza para o

corpo diplomático todo domingo”. Entrei em pânico. Não sei se o leitor(a) sabe, mas o coroinha é sempre o primeiro a comungar! Segundo minha mãe, Pignedoli era um possível futuro Papa – e quase seria mesmo no final da década de 1970 –, o que só aumentava a minha responsabilidade.

Tudo isso a criança enfrentava sozinha, agora já com dez ou 11 anos, sem coragem de compartilhar com ninguém. Mais tarde, ainda em Ottawa, uma prima, chamada Marília, que tinha 18 ou 19 anos e, coincidentemente, o mesmo apelido que minha mãe – Neném – passou algum tempo hospedada lá em casa. Aproximei-me dela aos poucos e resolvi, então, abrir para ela o coração de par em par, esperando talvez que ela intercedesse junto à minha mãe, não sei bem. Mas, de novo, não funcionou. Provavelmente inibido e envergonhado, com alguma dificuldade talvez de me expressar bem em português (estávamos àquela altura havia uns três anos em países de língua inglesa), não consegui transmitir à prima a dimensão do problema. Marília era ótima pessoa, carinhosa, mas não deu bola. Fiquei na mesma. De retorno ao Brasil, por volta de 1968, ainda lembro dos padres do colégio Santo Inácio, no Rio de Janeiro, reclamando que eu era um dos poucos que nunca me confessava...

O estranho é que não me lembro exatamente como o problema foi superado. Isso me faz pensar em um dos grandes filmes, talvez o melhor filme de Alfred Hitchcock: *Vertigo* (“Um corpo que cai”). Na cena inicial, o protagonista, um policial perseguindo criminosos nos telhados de São Francisco, fica de repente pendurado na beirada de um edifício e vê um colega que tenta salvá-lo despencar para a morte. Traumatizado, sofrendo de aguda vertigem, é obrigado a aposentar-se precocemente por invalidez. A partir dessa vulnerabilidade, constrói-se toda uma trama maravilhosa. Mas o curioso, notou um analista arguto do filme, é que Hitchcock não mostra como o protagonista conseguiu se salvar da queda fatal no começo da história. Assim, é como se ele ficasse, a nossos olhos, ao longo do filme inteiro, eternamente suspenso, submetido à vertigem permanentemente.

Minha mãe, para quem acabo de ler este texto e que, em outros tempos, talvez discordasse veementemente, disse com um sorriso cético:

“O passado somos nós que fabricamos, com as recordações que nos agradam ou não”. E acrescentou: “Vão pensar que você ficou biruta”.

1 Versão resumida deste texto foi publicada na *Carta Capital*, em 22 de fevereiro de 2019.

AS CRIANÇAS DE FOSSOLI¹

Impressionou-me, leitor ou leitora, ensaio publicado no caderno de cultura da *Folha de S.Paulo* pelo cientista político Renato Lessa² sobre um escritor célebre, mas que eu desconhecia – Primo Levi, judeu italiano que sobreviveu a Auschwitz e foi um dos expoentes de um gênero: a literatura de testemunho, o relato dos sobreviventes à experiência do horror. Comecei a ler alguns dos seus livros, inclusive os poemas.

Os escritos enraizados em vivências sempre têm mais peso e apelo emocional. Isso vale, também, para as obras de arte em geral e, por isso, talvez se possa dizer que a realidade é a forma mais perfeita de ficção. O escritor, o artista em geral não precisam, a rigor, inventar nada – apenas recuperar lembranças e lançar luz sobre a experiência vivida.

Não é o que fazem os grandes escritores, os grandes artistas? Não inventam, nem fabricam propriamente. Procuram ancorar-se na realidade que viveram diretamente, que sentiram na própria carne, por assim dizer – ainda que as obras não sejam estritamente autobiográficas, como são as de Levi. Esse processo de elaboração foi retratado de forma maravilhosamente vívida no filme de Pedro Almodóvar, *Dor e Glória*. Espero que o leitor ou leitora tenha visto o filme, que trata das dores e dos abismos do processo criativo e constitui, segundo Almodóvar, o seu projeto mais pessoal.

Quando assisti *Dor e Glória*, lembrei-me imediatamente de um episódio do fim da vida de Dostoievski, contado por Dmitri Merejkóvski, um dos mais importantes romancistas e críticos literários russos do século passado. Com quinze anos, ele começara a escrever poemas, e seu pai, ao encontrar Dostoievski por acaso em um jantar, teve a suprema ousadia de pedir uma opinião sobre os escritos do filho. Em fragmento autobiográfico, Merejkóvski lembrou a visita ao apartamento minúsculo do romancista, a sala de estar apertada, cheia de exemplares do recém-publicado *Os Irmãos Karamázov*, o escritório

também apertado, em que ele estava sentado corrigindo provas tipográficas. Constrangido, gaguejando, o rapaz leu seus versos infantis. Dostoievski ouviu em silêncio, visivelmente aborrecido. “Fraco, ruim, não vale nada”, disse ele, por fim. E soltou a frase que se tornaria famosa: “Para escrever bem, é preciso sofrer, sofrer!” Interessante, também, foi a resposta protetora do pai: “Que não escreva melhor então; não quero que sofra”.

No ensaio de Renato Lessa, tocaram-me em especial as referências aos textos de Levi sobre o campo de concentração de Fossoli, aldeia perto de Carpi onde se fazia a triagem dos prisioneiros destinados à deportação. Levi relata como as mães cuidavam dos filhos às vésperas do transporte final para Auschwitz, como elas preparavam com esmero as provisões para a viagem, davam banho, arrumavam suas malas e lavavam suas roupas. “Ao alvorecer”, lembra Levi, “o arame farpado estava cheio de roupinhas penduradas para secar”, imagem de impacto, observa Lessa, que tem altíssimo poder de retenção. E Levi prossegue: “Elas não esqueciam as fraldas, os brinquedos, os travesseiros, todas as pequenas coisas necessárias às crianças e que as mães conhecem tão bem”.

Ao transcrever essas frases, reencontrei a emoção que senti quando da primeira leitura. Posso cometer, leitor/leitona, a suprema ousadia, comparável à do pai de Merejkóvski, de dizer que me identifiquei com as crianças de Fossoli? É que o relato de Levi me jogou de volta para momentos da minha própria infância. Meu pai era diplomata e ficava, infelizmente, pouco tempo em cada posto. Quase nunca morávamos mais de dois anos na mesma cidade. Meus irmãos e eu éramos seguidamente “deportados” para outra cidade, outro país, outra língua. Nosso pequeno mundo vinha abaixo de repente e lá íamos nós, transportados, às vezes no meio do ano letivo, para nova escola, em novo país e para um idioma que não sabíamos. Era terrível. A cada mudança, porém, nossa mãe tinha o cuidado de colocar todos os nossos brinquedos, livros, revistinhas, apetrechos diversos, até fiapos de coisas, num grande baú azul-claro. Quando a mudança chegava na nova casa, com que alegria abríamos o baú e reencontrávamos todos os nossos

pequenos elos com a vida anterior! Os objetos têm uma força que não pode ser subestimada.

A representação do sofrimento intenso ressoa em nós de forma especialmente aguda quando remete, de alguma forma, a situações que todos nós vivemos, ainda que em escala muito menor. E assim se estabelece o elo entre os casos extremos, as grandes tragédias e a vida corriqueira, os dramas de que ninguém escapa.

1 Publicado originalmente na revista *Carta Capital*, em 23 de agosto de 2019.

2 “A química de Primo Levi”, 24 de julho de 2019.

À MODA DE NELSON RODRIGUES

NELSON RODRIGUES OUTRA VEZ¹

Um dia, estava no Supremo, na esquina da Consolação com a Oscar Freire, em São Paulo, quando um senhor se levantou da mesa, atravessou o restaurante e me abordou: “Sou seu leitor e tenho uma cobrança: você precisa falar mais do Nelson Rodrigues”.

Adorei a cobrança e prometi atendê-la. Realmente, não são poucos os leitores que se afeiçoam às fixações dos cronistas. Com o passar do tempo, fui chegando à conclusão de que sem três ou quatro ideias fixas, absolutamente estáveis e recorrentes, não há autor que consiga sobreviver na memória do público.

Há uma dificuldade, porém. Nelson Rodrigues tem sido uma presença tão constante, tão obsessiva nos meus textos que as suas histórias, frases e anedotas começam a escassear. Eu sei que o próprio Nelson costumava dizer que a repetição é fundamental. “As coisas que são ditas uma única vez, e só uma vez, permanecem rigorosamente inéditas”, repetia sempre. Mas a repetição tem os seus limites. O que fazer?

Eis que acontece o inesperado. Fui a um jantar organizado pela Lilian Witte Fibe em homenagem ao Armando Nogueira. Duas personalidades extraordinárias, o homenageado e a anfitriã. Quem só conhece a Lilian dos seus tempos de TV Globo, não faz ideia da figura. Com a sua combinação de beleza e inteligência, ela brilha e solta faíscas em todas as direções. “É uma força da natureza”, disse um dos presentes, visivelmente fascinado.

Mas estou me desviando do assunto. Não era da Lilian e dos seus encantos que eu queria falar. Queria era contar que o Armando Nogueira, sabendo da minha obsessão, desfiou algumas histórias novas sobre o Nelson! Conto uma delas.

Certa vez, o Nelson e o Otto Lara Resende caminhavam pela avenida Atlântica, lá pelo idos da década de 1960 ou início dos 70, por aí. O Otto virou-se para ele e disse: “Nelson, você anda escrevendo uns

artigos muito reacionários e está indo longe demais”. E o Nelson: “Meu querido, você está esquecendo que eu sou um ex-covarde; as esquerdas ululantes não vão impedir que eu diga as três ou quatro verdades que eu trago aqui no peito”.

O Otto insistiu: “Tome cuidado! O ambiente está carregado, um desses extremistas de esquerda pode até assassiná-lo”.

O Nelson, parou, pensativo e perguntou: “Você realmente acha, ó Otto, que eu posso ser assassinado?” O amigo confirmou e o Nelson então pediu: “Se eu morrer, você escreve um artigo a meu respeito?” O Otto prometeu que sim e o Nelson arrematou: “Mas eu vou lhe pedir uma coisa: exagera, viu, exagera!”

O leitor, se for fiel e tiver boa memória, pode reclamar. Afinal, não é a primeira vez que conto esse episódio. Verdade. Mas, leitor, o que foi que acabei de dizer sobre a necessidade de repetir?

A repetição se justifica, inclusive, por ser o episódio muito característico. O Otto também foi uma figura fora do comum, menos nos textos do que nas conversas e bate-papos. Mas era um cauteloso. Nelson, ao contrário, batia de frente com os preconceitos morais e políticos dos seus contemporâneos. Brigou com a esquerda, que era na época uma verdadeira potência, especialmente nos meios artísticos e culturais. Por outro lado, revoltava os moralistas e conservadores com a galeria de pulhas, canalhas e depravados que retratava em suas peças e contos. Foi censurado e perseguido.

O seu apetite de aplausos e elogios era brutal, como ele próprio admitia. Apesar disso, não teve medo de ficar isolado. E por isso está vivo até hoje. Já o prudente Otto sobrevive principalmente como personagem das crônicas e peças do próprio Nelson.

Vendo-me vidrado nas histórias que o Armando contava, a Lilian farejou uma inconsistência e fez uma pergunta que ao leitor talvez já tenha ocorrido. “Como pode alguém com os seus antecedentes políticos e ideológicos gostar tanto do Nelson Rodrigues, um reacionário público e notório, defensor da ditadura militar, fã do Médici etc.?” Reconheço a inconsistência, e tento explicá-la.

Tudo remonta à infância. Lá pelos meus doze, treze anos, eu já era um leitor fiel das crônicas esportivas e políticas do Nelson. A paixão comum pelo Fluminense abriu o caminho. Mas depois me interessei mais e mais pelos outros temas do nosso cronista. Não entendia quase nada, mas lia, fascinado pela sua música verbal, os ataques, ironias e deboches contra figuras como Sartre e Godard, ícones da esquerda mundial, mas totalmente desconhecidos para o menino que eu era.

Nessa época, Sartre esteve no Brasil e declarou: “O marxismo é a filosofia insuperável do nosso tempo”, provocando grande sensação nos círculos intelectuais. O Nelson comentou: “Os gênios têm o direito adquirido de dizer grandes e solenes bobagens”.

E não estava coberto de razão? O marxismo, assim como o liberalismo, são filosofias políticas e econômicas do século 19.

Um dos grandes dramas do século 20 foi justamente a longa sobrevida de ideologias econômicas do século anterior. A demora em superá-las explica, por exemplo, a Grande Depressão dos anos 1930, que resultou em larga medida do apego às normas do liberalismo econômico e do padrão-ouro. Também explica, ou pelo menos ajuda a entender, a penosa trajetória do “socialismo real” e do planejamento econômico centralizado, que durante tanto tempo envolveu boa parte da humanidade em uma experiência tumultuada, dolorosa e, afinal, fracassada.

Há trinta ou quarenta anos, isso era mais controvertido do que é hoje. Só profetas como o Nelson enxergavam o óbvio ululante e tinham coragem de proclamá-lo aos quatro ventos.

1 Publicado originalmente na *Folha de S.Paulo*, em 31 de agosto de 2000.

REVISITANDO O TRIUNFO DO IDIOTA

Volto a um fenômeno que me impressiona cada vez mais: o avanço avassalador, verdadeiramente irresistível dos cretinos de todos os naipes, estilos e inclinações. É um dos traços fundamentais do nosso tempo.

Não há exagero nessa avaliação. A tendência é antiga e de caráter global. Creio que o primeiro a discuti-la de forma sistemática foi o filósofo espanhol Ortega y Gasset. Depois, Nelson Rodrigues desenvolveu o tema, com mais verve e uma linguagem mais informal, em crônicas publicadas nos anos 1960 e 1970. Desde então, o “triunfo do idiota” (expressão cunhada, se não me engano, pelo próprio Nelson) só fez se consolidar. O fenômeno se enraizou por toda parte, tornando-se por isso quase imperceptível. Há gerações inteiras que não conhecem outro mundo.

Na “era da globalização”, o idiota triunfa quase sem limites e restrições. Há terrenos particularmente propícios à sua ação: a televisão, as redes sociais e a política, por exemplo. Mas não há área que escape. O idiota é hoje sofisticadíssimo. Publica livros, dá conferências, escreve artigos, é consultado a toda hora (dá pena ver jornalistas inteligentes entrevistando, por dever de ofício, idiotas matriculados e consagrados).

A quem tudo isso talvez pareça uma caricatura discutível e de gosto duvidoso, lembro, por exemplo, a Presidência dos Estados Unidos, ainda a maior potência do planeta, presente de uma forma ou de outra em todas as regiões do mundo.

Pois bem. Se George W. Bush e Donald Trump foram Presidentes dos Estados Unidos, tudo, absolutamente tudo é possível.

Nesse ambiente, demonstrar algum talento, alguma sensibilidade ou alguma inteligência é uma temeridade. O homem de talento ainda pode ter sucesso, até muito sucesso, mas com uma condição: deve fantasiar-se de idiota e fazer as concessões mais constrangedoras ao gosto dominante. Esses “falsos idiotas” vivem, imagino, angústias tremendas. Mas, graças a eles, o mundo ainda não entrou em colapso. O Presidente

americano está sempre cercado (assim espero) de “falsos idiotas” por todos os lados, em permanente operação de *damage control*.

No terreno das ideias, um dos maiores sintomas do triunfo do idiota foi a popularidade do debate sobre a “globalização”. A popularidade do tema já não é a mesma do que foi nos anos 1990 e na primeira década do século 21. Seja como for, por algum motivo misterioso, quando se trata de escrever ou falar sobre esse assunto, a vulgaridade se desencadeia em todas as suas potencialidades e virtualidades. Como notou certa vez o economista norte-americano Paul Krugman, pessoas incapazes de seguir um argumento analítico ou de empreender pesquisas empíricas consistentes adquirem uma fluência extraordinária quando abordam o tema da “globalização”.

Chegaram a anunciar que a “globalização” significava o declínio inexorável do Estado nacional e o fim das fronteiras. Na América Latina, inclusive no Brasil, esse mito teve ampla difusão na década de 1990. Serviu de cortina de fumaça para processos de desnacionalização que ocorreram na maior parte da região. Nas décadas mais recentes, com as evidências cada vez mais claras do fracasso do modelo “globalizante”, as suas versões mais extremadas caíram em descrédito. Agora, até os idiotas percebem que os países bem-sucedidos não negligenciaram a defesa e o aperfeiçoamento do seu Estado nacional nem confiaram a sua sorte aos movimentos da economia global ou à solidariedade internacional.

Veja, leitor, o caso da Argentina. A nossa querida vizinha é uma das principais, talvez a principal, vítima dessa ideologia da “globalização”. Poucos países foram tão longe na cessão unilateral de aspectos essenciais da autonomia da política econômica nacional. No campo monetário e cambial, a Argentina regrediu, entre 1991 e 2001, ao *currency board* (conselho da moeda) concebido no século 19 para as colônias africanas, asiáticas e caribenhas da Inglaterra e de outras metrópoles europeias.

Não obstante o seu evidente anacronismo, o modelo adotado pela dupla Menem-Cavallo era elogiado, *urbi et orbi* (mais um sintoma do triunfo do idiota) e apontado, inclusive no terreno monetário e cambial, como exemplo a ser imitado por países como o Brasil, a Rússia e diversos outros. Se fizéssemos um levantamento cuidadoso da profusão de encômios que a Argentina mereceu nos anos 1990, muitas

instituições respeitáveis e muitos gênios econômicos e financeiros, inclusive aqui no Brasil, ficariam com a imagem que melhor lhes convém: a de idiotas.

Mas quem fez o grande papelão foram, sem dúvida, os governantes argentinos. Na fase de agonia do modelo, o Ministro Domingo Cavallo, em busca de apoio dos EUA e do FMI, lançou o apelo patético:

A Argentina é uma das economias emergentes que mais claramente embarcaram na globalização e adotaram as reformas que os especialistas viam como necessárias para obter os benefícios da inserção na economia global. Seria realmente trágico, não apenas para a Argentina, mas para a economia global, caso se concluísse que a experiência da Argentina foi inútil e não funcionou para os argentinos ou para o resto do mundo.¹

Como se sabe, o apelo caiu no vazio e a Argentina mergulhou na sua mais grave crise. Assim são tratados os países que caem no canto da sereia da “globalização” e da solidariedade internacional.

Lição para idiotas.

¹ Entrevista ao *Financial Times*, em 9 de agosto de 2001.

DESCONHECIDO ÍNTIMO¹

Estou de passagem por São Paulo, cidade em que vivi 17 anos. Sinto muita falta daqui – não propriamente da cidade, devo dizer, mas do meu antigo bairro, Cerqueira César, que fica perto dos Jardins (estou neste momento no bairro, escrevendo à mão).

A passagem por aqui me traz muitas lembranças, entre as quais uma que vou relatar. Bem próximo do meu edifício havia um bar/restaurante muito popular chamado “Supremo”, exatamente na esquina da Oscar Freire com a Consolação. Um dos donos era o Roberto Suplicy, irmão do meu querido amigo Eduardo Suplicy. O “Supremo” era a minha segunda casa e o meu segundo escritório. Quando queria mudar de ambiente, lá ia eu com jornais, livros, documentos e relatórios. Ficava horas e horas, geralmente sozinho com meus papéis. Como carioca, uma das coisas que me agradavam no “Supremo” é que ele tinha certo ar de Rio de Janeiro, lembrava o “Bar Lagoa” ou o “Bar Luiz”.

O “Supremo” não existe mais. Fechou há muitos anos, lamentavelmente. No lugar, colocaram uma loja medonha. Passei por lá agora há pouco e fiquei parado um instante contemplando a decadência daquela esquina das minhas lembranças.

Mas, enfim, eis o que eu queria contar. Um dia, marquei encontro no “Supremo” com o Rubens Ricupero, ex-Ministro da Fazenda do governo Itamar Franco. Escolhemos uma mesa de janela, virada para o lado da Consolação, e ficamos conversando animadamente. Ricupero começou a desfiar histórias do Plano Real. Ele foi Ministro da Fazenda na época do lançamento do Plano e tem realmente muito o que contar.

De repente, um sujeito se aproxima, coloca a mão no meu ombro e declara, com amplo sorriso: “Também sou economista, não quero perder essa conversa de jeito nenhum. Posso sentar-me um pouco?” Era o que o Nelson Rodrigues chamava de “desconhecido íntimo”. O Ricupero, porém, acreditando talvez que se tratava de amigo meu, precipitou-se e concordou com o pedido.

O “desconhecido íntimo”, por definição, não tem limites nem inibições. O sujeito passou a participar da nossa conversa com entusiasmo. Lançava perguntas e observações variadas com irrefreável desenvoltura. Mostrava-se fascinado com a figura do Ricupero, por quem nutria admiração evidente. Todo mundo gosta de plateia e o entusiasmo do “desconhecido íntimo” contagiou o Ricupero que, ligeiramente envaidecido, dominava a conversa com sua inteligência e verve. Assim continuamos, por meia hora ou mais, até que o Ricupero, alegando outro compromisso, despediu-se e saiu.

Miquei com o “desconhecido íntimo”. Ele pediu mais uma cerveja e declarou, com ênfase: “Uma cabeça, uma cabeça esse Roberto Campos!”

1 Publicado originalmente em agosto de 2012.

CAFURINGA¹

O passado sempre tem razão, dizia Nelson Rodrigues. Certíssimo! E por quê? A meu ver, porque só aquilo que sobrevive intacto na memória, em meio à sucessão tumultuada dos acontecimentos, é que tem peso e valor real. Tudo passa, só algumas coisas ficam – e a essas chamamos “passado”.

Outro dia, lembraram-me do Cafuringa, jogador que marcou época no Fluminense. Foi um jornalista do UOL, Adriano Wilkinson, que publicou bela homenagem a ele. As novas gerações provavelmente não conhecem essa grande figura do futebol carioca e brasileiro, que jogou nas décadas de 1960 e 1970. Era um ponta-direita genial do Fluminense, driblador exímio, um “Garrincha sem grife”, para usar expressão do jornalista.

Tinha uma limitação grave, entretanto: não sabia finalizar. Driblava o time adversário inteiro, brilhava sempre, dava verdadeiro shows, lembrava realmente o Garrincha. Só que não fazia gols. Era penoso o contraste entre a extraordinária habilidade do jogador e a sua enorme dificuldade de concluir. Criou-se uma espécie de trauma. Em 336 jogos pelo Fluminense, ele fez apenas 26 gols, segundo a Wikipédia.

Cafuringa era um caso célebre, notório. A torcida do Fluminense sofria com ele, acompanhava o seu drama passo-a-passo. Eu, tricolor de coração, sofria junto. Era torcedor fanático, morava no Rio e ia muito aos estádios. Mas mesmo torcedores de outros times acompanhavam, com interesse e simpatia, a agonia do Cafuringa. Afinal, o Brasil buscava naquela época um sucessor para Garrincha, e Cafuringa era uma possibilidade e uma esperança.

O problema foi ficando cada vez mais grave. Tornou-se assunto obrigatório dos comentaristas esportivos e das conversas entre torcedores. A cada jogo do Fluminense, a expectativa geral era só uma: será que hoje o Cafuringa marca?

Um jogo em especial ficou marcado na minha lembrança. Foi no Maracanã, com estádio lotado. Logo no começo da partida, Cafuringa fez uma das suas jogadas típicas: driblou todo mundo, mas chutou para fora. O de sempre: jogada sensacional, finalização bisonha. Logo em seguida, outro lance semelhante. Toda a torcida do Fluminense (e até a torcida do outro time) levantava os braços para o céu (e Deus, lá de cima, respondia: calma, calma).

Aí aconteceu o momento inesquecível. Cafuringa fez outra linda jogada, atravessando a defesa adversária. O goleiro saiu do gol para fechar o ângulo, só que, dessa vez, ele colocou a bola no fundo das redes!

Foi uma explosão. O leitor não imagina a emoção que tomou conta do Maracanã naquele instante. Foi tão forte, mas tão forte que, até hoje, mais de 50 anos depois, me emociono outra vez ao relembra-la. Quando Cafuringa correu para o lado das arquibancadas em que estava a torcida do Fluminense e se ajoelhou em agradecimento, o estádio inteiro nadava em lágrimas.

Quem sabe existe aí algum leitor extraviado por aqui que lembra desse jogo e da figura romântica do Cafuringa? Não sei por que essa história me toca tanto. Os caminhos da memória são às vezes misteriosos. Talvez Cafuringa tenha alguma relação simbólica com os brasileiros e o Brasil – um país talentoso, criativo, espontâneo, mas que não consegue, simplesmente não consegue finalizar direito o que inicia.

E permanecemos, enquanto nação, uma obra essencialmente incompleta, inacabada.

UMA BOA IDEIA¹

O brasileiro tem muitas qualidades, sem dúvida. Entre elas, entretanto, não figura a densidade histórica. O que são os nossos 500 e poucos anos de existência? Quase nada. Um sopro perto das civilizações milenares da China ou da Índia. É até covardia comparar. Mesmo a “velha” Europa, que a alguns parece um museu a céu aberto, é jovem em comparação com China ou Índia.

O tempo conta muito, leitor. Conta para países como conta para pessoas. É o óbvio, mas a nossa época tem predisposição arraigada a valorizar o novo, o jovem e até o pueril. Uma vez perguntaram a Nelson Rodrigues que conselho daria para os jovens. “Envelheçam! Rápida e urgentemente!”, disparou o grande cronista.

Bom conselho. Sem tempo não há sutileza, refinamento ou civilização. Pode até haver crianças-prodígio, mas não há “países-prodígio”. Os países precisam ir cultivando laboriosamente, de geração em geração, com dedicação e sacrifício, os elementos que vão formando aos poucos uma cultura nacional profunda.

Considere-se, por exemplo, a celebrada civilização ocidental. Há muitas razões para celebrá-la, mas uma das maiores desgraças da história mundial talvez tenha sido a expansão da Europa, em escala planetária, sobretudo depois da Revolução Industrial iniciada na Inglaterra no final do século 18. Essa revolução tecnológica colocou meios militares sem precedentes nas mãos de povos relativamente primitivos. Primitivos, porém, arrogantes e imbuídos de uma “missão civilizatória”. O estrago foi imenso.

A China, por exemplo, derrotada nas infames “guerras do ópio” com a Inglaterra, em meados do século 19, foi obrigada a aceitar sem restrições o comércio do ópio, controlado pelos ingleses. Iniciou-se assim a abertura forçada do país aos europeus. Estabeleceu-se um regime semicolonial, dando início ao que os chineses, com grande ressentimento, denominam “um século de humilhação”.

Estou exagerando? Talvez. Não quero fazer muita carga contra os europeus. Afinal, o ser humano é sempre um desastre em qualquer lugar e época. Mas, se o leitor quiser formar uma ideia do primitivismo dos ingleses no auge do seu poder, por volta de 1850, que assista a um filme de Mike Leigh (diretor inglês, aliás) chamado *Mr. Turner*. É um retrato impiedoso, realmente arrasador, da barbárie da vida e dos hábitos no país hegemônico daquela época.

A Europa é uma grande referência para o Brasil, claro. O nosso país deve muito de suas raízes e cultura a Portugal e alguns outros países europeus. As elites brasileiras, por longo tempo, formaram-se nos ensinamentos e tradições europeias. A França era tudo para a geração dos nossos avós. Eu mesmo, por formação, gosto e inclinação, sou muito mais eurocêntrico do que a maioria dos brasileiros da minha geração.

Mas outros povos têm uma perspectiva diferente, talvez mais interessante. Os indianos, por exemplo. Como se sabe, poucos povos conheceram tão de perto o imperialismo britânico. Certa vez, perguntaram a Mahatma Ghandi o que ele pensava da civilização ocidental. A sua resposta entrou para a história: “Seria uma boa ideia”.

1 Publicado originalmente em *O Globo*, em agosto de 2015.

FINGINDO-SE DE IDIOTA – PARA SOBREVIVER¹

O nível da política no Brasil deixa a desejar, como diria um inglês das antigas que por aqui aportasse. A observação, discreta, comedida, seria bem-vinda. Em tempos de *overstatement*, temos que recuperar a arte do *understatement*, não é mesmo? O inglês teria de reconhecer, diga-se de passagem, que a sua observação se aplica também ao Reino Unido, onde um Boris Johnson chegou a ser Primeiro-Ministro.

Mas não adianta. A arte do *understatement* dificilmente será restaurada. O rebaixamento dos padrões intelectuais, éticos e estéticos é fenômeno profundo e antigo. Estamos indo de mal a pior. Antigamente, reclamava-se do baixo nível da televisão brasileira, por exemplo. Pois bem, considerando o que se vê por aí hoje em dia, “A Praça é Nossa” ou “Domingo Legal” são de uma sofisticação só comparável à das obras completas de Shakespeare.

O nosso rebaixamento foi longamente gestado, com contribuições domésticas e estrangeiras. Salta aos olhos o peso do componente importado. Sem a contribuição estrangeira, dificilmente teríamos chegado tão longe. A antiga tendência a mimetizar americanos e europeus está se fazendo sentir outra vez, agora com consequências deploráveis e verdadeiramente dramáticas.

Tudo isso foi diagnosticado por grandes brasileiros, e entre eles destaque, mais uma vez, Nelson Rodrigues, que volta e meia se referia ao “triunfo do idiota”. Esse triunfo era tal, já nos anos 60 e 70 do século passado, que o grande cronista advertia para o surgimento irrefreável dos “falsos idiotas” – de homens e mulheres que, em todas as áreas, simulavam a cretinice com esmero e perfeição. Chegavam a babar na gravata, sempre que necessário, sem qualquer inibição ou constrangimento. Isso por uma razão simples e cristalina: *para se proteger*. É que os idiotas, reunidos em sólida e massacrante maioria, não toleravam qualquer esgar de inteligência, cultura ou sensibilidade. Quem insistia em resistir ao idiota triunfante, acabava massacrado. O simples

instinto de sobrevivência levava, portanto, a que o número de idiotas parecesse muito maior do que realmente era.

O quadro se reproduz agora com tintas mais fortes e de forma ainda mais generalizada. O número de idiotas aumentou, e as suas oportunidades de se fazer ouvir aumentaram exponencialmente com as redes sociais. A sua virulência é maior. E ocuparam todos os espaços. Na política, na mídia, nos mercados, nas famílias. Estreitou-se drasticamente o espaço da sensibilidade e da inteligência. Os falsos idiotas não podem se descuidar e têm que caprichar nos disfarces e na habilidade. Qualquer distração pode ser fatal. Para respirar e trocar ideias, sem máscaras, só em sigilo, na calada da noite, à luz de archotes.

O leitor dirá que são falsas novidades, que a referida simulação sempre existiu, que habilidade sempre foi um requisito do sucesso social. Sem dúvida, mas não vamos perder de vista que *habilidade é uma virtude de quinta categoria*. Os especialmente inteligentes, os mais imaginativos e sensíveis, tendem naturalmente à inabilidade. Se a habilidade é agora indispensável à sobrevivência, condição para não ser exterminado, tudo fica muito difícil para eles. É preciso imaginar o esforço que têm de fazer os melhores para exercer essa habilidade que não lhes vem naturalmente, a energia que se dispense em simular uma cretinice que não se tem.

O preço do disfarce é alto. Como dizia Fernando Pessoa, a máscara acaba se apegando ao rosto. “Quando quis tirar a máscara”, diz o verso do heterônimo Álvaro de Campos, “estava pegada à cara./ Quando a tirei e me vi ao espelho,/ Já tinha envelhecido”.

O falso idiota corre o risco real de acordar, um dia, e perceber que a sua idiotice já não é mais tão fabricada, já não precisa ser totalmente inventada. Os verdadeiros idiotas, os originais, não adulterados, não passam, desnecessário frisar, por esse processo doloroso, pois já nascem autêntica e triunfantemente cretinos.

Para não definhar, a inteligência e a sensibilidade precisam, como tudo, ser praticadas ao ar livre, à luz do sol. Precisam da troca, da interação, precisam perceber que não estão sós no mundo. Por isso, faço aqui, leitor/leitora, o meu apelo, solene e enfático: não se entregue por

completo à prática da habilidade e da simulação. E continue dando sinais de vida, sempre que possível.

1 Crônica publicada originalmente na revista *Carta Capital*, em 26 de julho de 2019.

COMO (NÃO) ESCREVER

Os meus leitores mais antigos, se ainda estão vivos e saudáveis, haverão de ter notado a total e indesculpável ausência nas minhas crônicas recentes de uma figura fundamental – o grande cronista brasileiro Nelson Rodrigues. Alguns desses leitores, imagino, levantam os braços aos céus, clamando: “Como pode? Como pode?” Outros devem ter desistido de mim. Pois, de fato, houve época em que o referido cronista dominava e valorizava quase todos os meus textos. Mesmo quando não era expressamente mencionado, a sua voz se fazia sentir na forma e no ritmo em que eu escrevia, na informalidade da linguagem, na maneira de simular uma simples conversa com o leitor, na tendência a digressões mais ou menos arbitrarias

Só um outro cronista exibia tamanha (ou até maior) ligação com Nelson Rodrigues, o falecido cineasta Arnaldo Jabor. Jabor tinha o privilégio de ter sido amigo dele e chegava a ponto de psicografá-lo em crônicas memoráveis, ressuscitando a voz, o estilo e as opiniões daquele que era para ele, como é para mim, um guru inigualável.

Bem sei que esse negócio de guru está totalmente superado. As novas gerações se orgulham de ter opiniões próprias e valorizam a sua criatividade. Qual o quê! Aplica-se a eles, *mutatis mutandis*, a célebre observação de Keynes: “As grandes ideias, corretas ou não, são mais duradouras do que se pensa. Homens práticos, que se acreditam isentos de qualquer influência intelectual, são geralmente meros escravos de algum pensador defunto”. Certos mortos sobrevivem, mesmo quando não nomeados.

Faço uma pausa. Consegui juntar Keynes e Nelson Rodrigues. Um feito. Mas como continuar esta crônica?

Vejamos. Será que cabe mais um teco na turma da bufunfa ou alguns de seus integrantes? Sempre há motivos. Não quero, contudo, baixar o nível, já modesto, desta pequena crônica. Direi apenas que uma das coisas que aprendi na vida é que existe uma dissociação quase total

entre inteligência e sensibilidade, de um lado, e a aptidão para acumular dinheiro, de outro. Há endinheirados que são de uma burrice estonteante e, se bobear, babam bovinamente na gravata. É como se a dedicação a assuntos financeiros provocasse uma perda progressiva de massa cerebral.

Volto a Nelson Rodrigues. Qual era um dos seus segredos como escritor? Dirigir-se diretamente ao leitor, em linguagem coloquial, com imagens certas e marcantes. E, repito, escrevendo como quem fala, ou melhor, simulando na linguagem escrita as cores e variações da linguagem falada. Nada de solenidade, nada da falsa sofisticação de certos intelectuais. Os escritores medianos e convencionais como que vestem casaca antes de sentar-se para escrever. Nelson, ao contrário, despia o seu texto de todo jargão, de enfeites e artificialismo. E recorria sempre a expressões corriqueiras, ao jargão das ruas.

Duas ressalvas, porém. Primeira: espontaneidade não significa dispensar uma cuidadosa revisão do texto para ajustar argumentos, estilo, escrita. A espontaneidade, volto a dizer, é em parte simulada. O primeiro jato espontâneo da escrita é quase sempre repleto de defeitos, lacunas e inconsistências. A revisão corta, completa, faz a rigorosa autocrítica, reescreve e faz o indispensável polimento final.

Segunda ressalva: a linguagem, ainda que coloquial, informal, não pode cair no lugar-comum. O artista, caro leitor, foge sempre do lugar-comum. Um exemplo: um artista não escreveria assim a frase anterior: o artista foge do lugar-comum “como o diabo da cruz”. Nunca e jamais. O espírito artístico rejeita instintivamente tudo que é proverbial. Pode até resvalar aqui e ali para o lugar-comum, mas só por instantes, pois sabe perfeitamente que nada mais entediante, nada mais antiestético do que a frase feita ou a metáfora surrada. Quase diria que a aversão ao lugar-comum é o que define o artista e o separa *ad eternum* do homem comum.

Fundamental também, acrescento, é evitar demonstrações indecentes de vaidade. Por exemplo, nunca se deve falar de supostas invenções ou ideias próprias. A propósito, conto para encerrar um pequeno episódio de uma visita de Einstein ao Brasil.

Foi em 1925. O grande físico percorria os pontos de interesse turístico do Rio de Janeiro acompanhado de um grupo de intelectuais e jornalistas locais. Um deles era o então jovem Austregésilo de Athayde, uma solene nulidade, que seria depois, por longo tempo, Presidente da Academia Brasileira de Letras. Entusiasmado, Austregésilo anotava furiosamente tudo que Einstein dizia. Em certo momento, não se conteve e perguntou: “Não anotas, mestre, tuas ideias?” E Einstein: “Mas como, meu filho, se só tive uma?”

ARTE, FILOSOFIA, CULTURA

PROFISSIONAIS E AMADORES¹

Lembrei-me outro dia de uma frase provocativa, que não sei se é do Tom Jobim ou do Vinícius ou de alguém do grupo deles. É a seguinte: “O Brasil é um país tão pouco profissional, mas tão pouco profissional, que aqui até as prostitutas gozam”.

A frase pode parecer uma crítica ao país – e talvez seja mesmo. Mas eu entendo que é um elogio. Ou uma crítica ambígua, na pior das hipóteses.

O Maestro, filme excepcional do grande diretor polonês Andrzej Wajda ilustra bem esse ponto. A estória está centrada na contraposição entre um velho maestro, consagrado internacionalmente, e um jovem e ambicioso maestro de província. O velho rege a orquestra como quem respira, trata os músicos com afeto, serenidade e naturalidade, estimulando-os sempre e levando-os a compartilhar o seu entusiasmo. O jovem é um torturado, em permanente conflito consigo mesmo e com os músicos. Conhece música em profundidade, empenha-se e sacrifica-se pelo trabalho. Mas tudo lhe sai aos trancos e barrancos, com enormes sofrimentos e dificuldades. Trata os músicos com impaciência e de maneira autoritária. Os seus conflitos com a orquestra são permanentes e vão se agravando ao longo do filme. A diferença entre os dois maestros talvez possa ser resumida assim: para o velho, a música é um fim em si mesmo; para o jovem, um meio para alcançar fama, influência, poder.

Muitos anos depois de ter realizado o filme, Wajda estava lendo *A Lanterna Mágica* de Ingmar Bergman e ficou feliz ao se deparar com a seguinte passagem: “No filme *O Maestro*, Wajda mostra que é impossível fazer música sem amor”. E Wajda comenta: “Em poucas palavras, o grande mestre do cinema revelou de maneira certa tudo o que eu quis dizer em *O Maestro*”.

A observação de Bergman deve ser generalizada: nada de importante pode ser feito sem amor. Com o passar dos anos, muitos profissionais vão se acomodando e apodrecendo aos poucos, presos às

rotinas, regras e procedimentos padronizados e repetitivos da atividade que escolheram e que, talvez, amaram um dia. Passam a olhar com desconfiança e desprezo o entusiasmo, os impulsos e os arroubos típicos do “deplorável amadorismo”.

E, no entanto, “amador” e “amor” têm a mesma raiz. É sintomático que a palavra tenha adquirido conotação pejorativa. “Amador”, aquele que ama. “Profissional”, aquele que não ama? Que não ama o que faz?

Longe de mim querer fazer aqui um elogio do diletantismo e da improvisação pura e simples. Ninguém quer passar por uma ponte construída por amadores (hoje em dia é preciso explicar tudo!).

Eis o que quero dizer: se quiser sair da mediocridade, todo profissional, qualquer que seja a sua área, deve lutar, a vida inteira, para conservar o seu lado amador e diletante. Se quiser continuar vivo e criativo, deve defender, com unhas e dentes, o seu lado afetivo, imaturo e até infantil contra o desgaste brutal provocado pelo tempo, pelo dia a dia e pelos outros, que são, como dizia Sartre, “o inferno”.

E o Brasil? Que Deus o conserve na sua condição singular de país em que até a mais antiga das profissões é exercida por amadoras.

1 Publicado originalmente na *Agência Carta Maior*, em 28 de abril de 2005.

ESPONTANEIDADE ELABORADA¹

O leitor talvez saiba da minha obsessão por Nelson Rodrigues, em especial por suas crônicas. Cheguei a publicar um livro intitulado *A Economia como ela é...* – em alusão e homenagem à famosa série de contos *A Vida como ela é...* Quem acompanha o que escrevo haverá de crer que a minha cultura literária começa e acaba em Nelson Rodrigues.

E não estará muito longe da verdade. Foi com ele que aprendi, entre outras coisas, a escrever para um público leigo, não especializado. É muito mais difícil do que talvez possa parecer. Clareza e simplicidade não vêm de graça. “Reclamam que a minha linguagem é pobre”, disse Nelson Rodrigues certa vez, “não fazem ideia do esforço que faço para empobrecê-la”.

Eis aí uma grande realidade – a espontaneidade na escrita exige todo um esforço de desconstrução. Todos nós carregamos nas costas não sei quantos vícios de redação, poses, noções de estilo, frases prontas ou semiprontas, ideias feitas – ideias pseudo-sofisticadas, porém feitas, rigorosamente feitas. O jargão especializado e o linguajar obscuro escondem, não raro, a inépcia e a falta de imaginação.

Custa muito alcançar, por exemplo, uma escrita coloquial e conversar, simplesmente conversar com o leitor. A versão escrita da linguagem falada não é reprodução pura e simples. É imitação trabalhada, burilada, estilizada.

Não há atalhos. Bem sei que a maioria dos cronistas acredita na simplicidade e procura conquistar o leitor nessa base. Imagina que o segredo é dar vazão às próprias intuições, sentar na frente do computador e mandar ver. O resultado, em geral, é a propagação da banalidade e do lugar-comum.

Ora, o leitor não especializado não é idiota. O respeito ao leitor recomenda certo cuidado. A espontaneidade precisa, portanto, ser minimamente elaborada. “Espontaneidade elaborada” – um oxímoro verbal, evidentemente. E, no entanto, é disso que se trata.

Outro dia, estava relendo *O Caso Wagner* de Nietzsche e topei com a citação da seguinte observação paradoxal de François Talma, ator de teatro francês do final do século 18 e início do século 19: “O que deve funcionar como verdadeiro, não pode ser verdadeiro”. Em outras palavras, só o artificial pode parecer verdadeiro e convencer como verdade. Em geral, a naturalidade do artista é mera superfície.

A frase de Talma, segundo Nietzsche, encerra toda a psicologia do ator. Mas ela tem, acredito, uma aplicação muito mais ampla – nem que seja porque somos todos, em maior ou menor grau, artistas de teatro. Vivemos em pleno teatro do mundo, dizia Rousseau, “*occupés du soin de s’y faire admirer*” (ocupados em ser admirados). O amor ao palco é a coisa mais bem distribuída do mundo (e não o bom-senso ou a racionalidade, como sustentava Descartes).

O próprio Nelson Rodrigues declarou, taxativo: “Que fazemos nós desde que nascemos senão teatro – autêntico, válido, incoercível teatro”. O texto escrito não escapa a essa regra.

Nada deveria ser improvisado. A pausa é um artifício, um traço dramático. Assim, a hesitação. Assim, a ênfase. Assim, a digressão e a divagação. São recursos que produzem o efeito da autenticidade ou da realidade sem serem verdadeiramente autênticos, espontâneos, reais. Entre o impulso inicial e a publicação cabe todo um cuidado de rever, repensar, reler, rescrever.

Tudo pode ser simples. Mas o escritor, mesmo de modestas crônicas, deve evitar as armadilhas da improvisação, da sinceridade, da espontaneidade não trabalhada. E fugir do lugar-comum como da peste.

1 Publicado originalmente em *O Globo*, em 25 de dezembro de 2010.

VIVER, SER FELIZ (TOM JOBIM)¹

Tive o privilégio de conhecer Tom Jobim, mais para o final da sua vida. Ele era casado com a Ana, prima por parte de pai, e se entrosou bem com nossa família.

Ainda me lembro do Tom, na casa dos meus pais em Nova York, final dos anos 1980, repassando no piano seu repertório de composições, horas a fio, com a maior alegria, a pedido dos numerosos parentes da Aninha. O meu pai era representante do Brasil na ONU e na sua residência havia um belo piano de cauda, comprado, aliás, com a orientação do próprio Tom.

O nosso pessoal não tinha cerimônia e abusava muito da paciência dele. O momento de maior constrangimento foi quando ele acompanhou, a pedido, sem demonstrar desconforto, alguém da família cantando “Garota de Ipanema” totalmente fora do tom. Foi medonho. Mas, enfim, como ele mesmo escreveu, “no peito do desafinado...”

Na época eu tentava, sem grande sucesso, namorar uma brasileira de origem libanesa que morava em Nova York. Ela era linda, linda, muito parecida com a Audrey Hepburn (todas as libanesas – não sei por que – são maravilhosas). Trouxe a maravilha para ouvir o Tom.

Das músicas dele a minha preferida sempre foi “Este teu olhar”. Você não faz ideia, leitor, do efeito que fazia a “Audrey Hepburn” emoldurada pela música do Tom! “Este teu olhar/quando encontra o meu/fala de umas coisas que eu nem posso acreditar”. Toda a infelicidade entre o homem e a mulher decorre de não se poder ficar neste olhar, eternamente.

Lembrei-me de repente de uma crônica do Nelson Rodrigues, “Analfabetos do Amor”, a penúltima que ele publicou: “Um simples olhar, de uma luz mais viva, um sorriso leve é quanto basta para que dois seres experimentem a esperança de uma comunhão docemente infinita”. Mas esse olhar, continuava ele, é normalmente uma promessa que não se cumpre. O namoro abre uma fase de perspectivas inquietantes.

Começam as brigas de namorados, tão comuns, obrigatórias mesmo. E os pequenos atritos vão aos poucos ferindo e destruindo o sentimento amoroso.

Mas volto ao Tom. Como se sabe, ele passava boa parte do tempo em Nova York, onde tinha um apartamento próximo ao Central Park, mas nunca teve grande afinidade com os americanos e não se sentia totalmente em casa nos Estados Unidos.

Um dia, ele estava no Rio de Janeiro, conversando com o Vinicius de Moraes quando este de repente declarou: “O importante é viver, não ser feliz”. O Tom ficou extasiado. Deu os proverbiais arrancos triunfais de cachorro atropelado. “Vinicius, volto para Nova York amanhã e vou fazer toda uma música em torno dessa sua frase!”, prometeu.

Passaram-se alguns dias, telefona o Tom: “Vinicius, a sua frase não deu certo. O meu produtor americano quer mudá-la para: o importante é viver e ser feliz”...

1 Publicado originalmente em *O Globo*, em 26 de dezembro de 2014.

SE DEUS NÃO EXISTE... (KANT)

Ayn Rand, com fidelidade duvidosa, resolveu parafrasear Kant: “Se a verdade os mata, deixe-os morrer”. A frase, radical e impiedosa, não seria provavelmente endossada por Kant, pelo menos não nesse formato. Ela é parente do radicalismo que levou a Robespierre, Saint Just e o Terror. Kant era admirador de Rousseau e seguiu com vivo interesse e, que eu saiba, algum entusiasmo os primeiros movimentos da Revolução Francesa – para depois se assustar com o Terror.

O impressionante na paráfrase de Rand é o traço de intolerância autoritária, típica de certo tipo de temperamento – aquele que se pretende radicalmente científico ou racional. A verdade acima de tudo, custe o que custar – até a vida! A vida dos que não podem suportá-la vale menos do que a Verdade – e aqui sente-se a necessidade de capitalizar o substantivo, como se faz obrigatoriamente em alemão. *Wahrheit über alles* (A Verdade acima de tudo).

Admirável coragem! Ao mesmo tempo, quanto empobrecimento e embrutecimento da vida. A vida pode, em sã consciência, dispensar os véus protetores da fé, da confiança, das convicções, da maquiagem, da arte e – por que não o dizer? – da mentira pura e simples? A verdade não raro conflita com a vontade de viver. Pode ameaçar a vida – ou pelo menos esvaziá-la de qualquer sentido.

Nietzsche, em certas fases da sua vida, pautava-se pela percepção de que o homem precisa das suas ilusões para viver. E compreendia que a razão, a consciência e, sobretudo, a moral ameaçavam e danificavam a vontade de viver.

A máxima atribuída a Kant, como paráfrase, é tão irrealista que nem ele próprio conseguiria se ater a ela. Ao fim e ao cabo, procurou um refúgio no que ele chamou de “Razão Prática” por oposição à “Razão Pura”. A *Crítica da Razão Pura* desembocou em aporias perigosas. A Razão Pura, deixada à própria sorte, não conseguia oferecer respostas às questões fundamentais. Defrontado com a percepção de que as verdades

da Razão Pura – ou as suas indeterminações – colocavam em dúvida as bases da moral, da ética e, em última análise, a ordem social, Kant construiu todo um castelo de areia, a *Crítica da Razão Prática*, uma estrutura complexa, mas extremamente precária, que mereceu a cintilante sátira de Schopenhauer. (Ainda me lembro de com 18 ou 19 anos ler a crítica de Schopenhauer à *Crítica da Razão Prática* e me emocionar com a beleza do ataque).

Dostoievski, mais realista, mais impiedoso do que Kant, concluiu pela boca de um dos seus personagens: “Se Deus não existe, tudo é permitido”. Antecipando essa conclusão desordeira, Kant já havia buscado a curiosa inversão de raciocínio que está na base da *Crítica da Razão Prática*: como tudo não pode ser permitido, Deus existe! A lei moral, supostamente inquestionável, passaria a ser o fundamento para a existência de Deus, incerta à luz da Razão Pura.

A tentativa não fez escola...

E bem fez Heine de debochar do professor alemão:

Zu fragmentarisch ist Welt und Leben!/ Ich will mich zum deutschen Professor begeben./Der weiss das Leben zusammensetzen,/ Und er macht ein verständlich System daraus;/mit seinen Nachtmützen und Schlafrockfetzen/Stopft er die Lücken des Weltenbaus.

Traduzo, com sacrifício da rima, mas não do ritmo e do sentido:

O mundo e a vida são fragmentários demais/ Vou recorrer ao professor alemão. /Ele vai saber recompor a vida/ e dela fazer um sistema que entendo;/ com seus gorros e farrapos de roupa/ ele preenche as lacunas do edifício global.

CORAÇÃO¹

Para Lia

Coração, palavra emblemática. Ocupa, desde sempre, o lugar de metáfora para tudo que há de afetivo, sentimental, impulsivo em nós – pela simples razão de que o coração palpita mais forte a cada choque emocional que recebemos, a cada risco que tomamos, a cada momento de beleza. Em todas as línguas, coração tem conotações desse tipo. Como soa bonito em italiano, por exemplo, *cuore*, ou em francês, *coeur*, ou mesmo nas línguas germânicas, geralmente mais ásperas – *heart* em inglês, *Herz* em alemão.

Na poesia, na literatura, na canção, o coração aparece e reaparece como elemento central. É quase um sinônimo de beleza e, como ela, flutua ambivalente entre a verdade e o poder. Em certas manifestações, submete-se ao poder, serve seus propósitos escusos, e até criminosos, sem – paradoxalmente – desvirtuar-se. Paradoxo intrigante. Em todos seus descaminhos, o coração permanece fiel a si mesmo.

O verdadeiro artista sobrevive – intacto, em última análise – a todas as catástrofes morais e políticas a que possa ter se associado. Richard Wagner, Richard Strauss, Gustav Gründgens, Wilhelm Furtwängler, Herbert von Karajan, todos eles artistas geniais, colaboraram com o nazismo. Wagner que foi, como se sabe, de longe o compositor predileto de Hitler, serviu de trilha sonora para o partido nazista, mas acabou se recuperando dessa associação comprometedora. Todos os mencionados, sem exceção, são hoje fervorosamente admirados. O artista, sendo como é guardião maior das coisas do coração, acaba perdoado, cedo ou tarde.

Há uma passagem maravilhosa em que Nietzsche introduz a palavra coração, com belo efeito dramático, para culminar uma reflexão sobre o que significa o reino dos céus para Cristo e os primeiros cristãos. Aliás, a passagem consta de *Anticristo – Maldição contra o Cristianismo*, livro de Nietzsche em que coexistem, estranhamente, violentos ataques ao

cristianismo com trechos que revelam compreensão comovida da mensagem de Cristo.

O reino dos céus, escreveu ele, não é algo que está “acima da terra” ou que vem “depois da morte”. Está, por assim dizer, além do espaço e do tempo. O próprio conceito de morte natural está ausente do Evangelho. A “hora da morte” não é uma noção cristã – a “hora”, o tempo, a vida física e suas crises sequer existem para Cristo, diz Nietzsche. E arremata: “O ‘reino de Deus’ não é algo que se aguarde, não tem ontem nem depois de amanhã, não virá em mil anos – é a experiência de um coração; está em toda parte, não está em parte alguma...”

Veja, leitor, o que significa escrever bem. Eis o artista. E Nietzsche ele mesmo deu a talvez melhor definição (que já citei um milhão de vezes) do que é ser artista: considerar como conteúdo mesmo da arte e da vida aquilo que os não artistas denominam “forma”.

1 Crônica publicada originalmente em *O Globo*, em 25 de novembro de 2016.

DOIS TIPOS DE GÊNIO (WAGNER E MOZART)¹

A figura do gênio, do talento extremado, admite variações. Mas um tipo concentra a atenção a ponto de ofuscar os demais: o gênio conturbado e turbulento – que poderíamos chamar de “gênio romântico”.

Wagner, por exemplo. Toda a sua obra foi construída no modo agônico, em meio a angústias e incertezas. A sua correspondência revela um homem torturado por dúvidas quanto ao seu valor como músico, como artista. Mesmo depois de *Lohengrin*, mesmo depois de *Tristão e Isolda*, mesmo depois de *Os Mestre Cantores de Nuremberg!* Nesse tipo de artista, a obra se realiza como autossuperação. E a beleza como que pressupõe o sofrimento.

Numa chave menor, mais discreta, menos tumultuada, temos Tchekhov, que escreveu um dia a seguinte frase marcante, profundamente autobiográfica: “A insatisfação consigo mesmo é a fonte de todo verdadeiro talento”. Poderia ter escrito talvez: “de todo talento construído, penosamente construído, à custa de sacrifícios”. Toda a sua vida foi uma luta para abrir espaço para a prática da escrita.

Entendido como valorização ou até glorificação do sofrimento, o romantismo marca nossa cultura ocidental, desde suas raízes cristãs. E marca de tal maneira que é fácil perder de vista que o gênio romântico não é o único, que há outro tipo de gênio, oposto ao romântico, mais natural, talvez mais saudável, mais ligado às raízes da vida. Refiro-me ao que poderíamos chamar de gênio clássico ou iluminista.

Mozart talvez seja o exemplo mais notável. Nele, desde a infância profunda, a musicalidade parecia fluir naturalmente, sem sobressaltos, contorções ou angústias. Um músico iluminado, desde o início.

Um episódio ficou na minha lembrança. Quando se preparava a estreia de *Don Giovanni*, em Praga, o tenor escalado para o papel de Don Ottavio não dava conta da ária “Il mio tesoro intanto”. Faltavam um ou dois dias, e Mozart se recusava a simplificá-la. Como se resolveu o impasse? Mozart compôs logo outra, mais simples, igualmente

maravilhosa: “Dalla sua pace”! As duas árias estão incorporadas à versão final de *Don Giovanni*, a que é apresentada até hoje em todo o mundo.

Veja, leitor, como é imprópria a frase de Tchekhov, como ela empalidece quando referida a Mozart – um artista nato. Quando criança ou adolescente deixava transparecer em suas composições uma compreensão de sentimentos e situações que uma pessoa naquela idade não poderia ter vivenciado ou sofrido. Compunha, por assim dizer, por presságios, pressentia vivências que só mais tarde poderia viver.

Superioridade do gênio clássico? Pode ser. E, no entanto, o romantismo ressoa dentro de nós, e a sua atração persiste e sobrevive à análise e à crítica. Como escreveu Fernando Pessoa, no *Livro do Desassossego*:

A maior acusação ao romantismo não se fez ainda: é a de que ele representa a verdade interior da natureza humana. Os seus exageros, os seus ridículos, os seus poderes vários de comover e de seduzir, residem em que ele é a figuração exterior do que há mais dentro na alma.

1 Publicado originalmente em *O Globo*, em 17 de fevereiro de 2017.

BELEZA COMO MANDAMENTO¹

Posso falar de arte e artistas outra vez? Espero que haja leitores e leitoras, mesmo poucos, que se interessem pela figura singular e tão fundamental do artista. Ou quem sabe dou sorte e há um ou outro artista aí fora, extraviado neste texto?

Queria começar com duas grandes almas russas – Dostoievski e Tolstoi. Artistas até o fundo mais remoto da alma, sucumbiam, volta e meia, à tentação de ser mais do que artistas. Pousavam então de líder religioso (Tolstoi), jornalista e publicista (dostoievski), moralista (os dois) e pensador social (os dois). Em todos esses papéis foram geralmente bem-sucedidos – mas sobretudo enquanto *artistas*.

Não sei se o leitor me entende. Em Tolstoi, a pregação religiosa aparece como performance artística, ainda que talvez prejudicada pela interferência sincera de outras preocupações. Nas mãos de Dostoievski, o texto jornalístico não informa nem opina propriamente, mas traz muitos momentos de beleza e brilho retórico. Como pensador social, Dostoievski foi, em determinada fase da vida, obscurantista e retrógrado, mas mesmo esses seus textos políticos fascinam pela música verbal, pela verve, pelas imagens.

Sempre me pareceu que o artista verdadeiro sacrifica qualquer “conteúdo”, qualquer “coerência” por uma bela frase, por um belo gesto, por um belo efeito plástico ou cênico. Como dizia Oscar Wilde, “coerência é a virtude dos que não têm imaginação”. Dos não-artistas, portanto.

O que distingue o artista é a busca incondicional da beleza, em detrimento da verdade, do equilíbrio, do bom-senso, da ética, da saúde e até da própria vida. (Tolstoi, em certas fases, discordaria veementemente). Além disso, leitor, o artista é, em geral, um pobre ser ameaçado, precariamente instalado no mundo. E, se faz concessões, corre o risco de se desvirtuar, de perder o rumo.

Assim, o artista *precisa* sacrificar, ou deixar em segundo plano, a verdade e a moral. A objetividade e os bons princípios são temas para outros tipos humanos, para o cientista e para o sacerdote, respectivamente. Para o artista, o “conteúdo” enquanto tal não existe propriamente. Nietzsche expressou isso, com perfeição, quando escreveu que só se é artista, verdadeiramente, quando se trata aquilo que os não-artistas chamam de “forma” como o conteúdo mesmo da coisa.

Quando um artista migra para outros terrenos (ciência, moral, filosofia, pensamento social, crítica literária) o que acaba dominando, em última análise, é a expressão da beleza. Para o verdadeiro artista, a beleza é o único mandamento. Para bem e para mal, ela interfere o tempo todo. E a obra artística resvala para a mentira, para o engano, para a fabulação. Tangencia a imoralidade, o crime, a perversão.

Paro um instante. Sinto que posso estar ferindo algum leitor ou leitora mais sensível, mais idealista, talvez mais jovem. Ressalvo então: a verdade e a moral podem, sim, coincidir com a beleza, podem aparecer juntas e se reforçar mutuamente. Mas não como regra geral. Há beleza na verdade, há beleza na bondade, mas é uma beleza ligeiramente suspeita aos olhos do verdadeiro artista e da verdadeira beleza. A beleza subordinada a outros valores, exercendo função decorativa para a ciência, para a moral, para a política ou para a fé, fica na condição de elemento complementar de atividades essencialmente estranhas ao artista, à arte e à beleza.

1 Publicado originalmente em *O Globo*, em 4 de agosto de 2017.

SOFRIMENTO E BELEZA¹

Ao voltar ao Brasil, em fins de 2017, depois de mais de dez anos no exterior, senti certo estranhamento – mais do que estranhamento, repulsa. Sei que a palavra é muito forte, hesitei em usá-la, mas o Brasil estava irreconhecível. Nem parecia o mesmo país.

Claro, naqueles anos todos, nunca havia perdido contato com o país. Vinha aqui com frequência a trabalho, mantinha contato com familiares, amigos, e não podia falar em surpresa. Mas a verdade é que, na distância, sofria menos.

Não quero me deter nesse sofrimento agora. Quero falar, leitor(a), de uma pequena vitória da nossa língua portuguesa – vitória imaginária, de certo, mas vitória mesmo assim. E vitória sobre a língua de Shakespeare, o que – convenhamos – não é pouco.

Começo com o próprio Shakespeare que, em *Otelo*, saiu-se com o seguinte: “*To mourn a mischief that is past and gone/ Is the next way to draw new mischief on*”.

Bonito verso, sem dúvida. Mas veja agora, leitor, a tradução para o português, de autoria de Onestaldo de Pennafort Caldas: “Lamentar uma dor passada, no presente, é criar outra dor e sofrer novamente”.²

Na nossa língua, o verso ganha, acredito, em sonoridade e beleza, não é mesmo? Dor passada/no presente/outra dor/sofrer novamente. A versão portuguesa é mais adaptação do que simples tradução. Quem a fez sacrificou a fidelidade literal ao texto, e recriou o verso em outras bases. Privilegiou a música das palavras, deixando de lado o sentido exato do original em inglês. Saiu uma pequena joia.

Mas vamos olhar o verso um pouco mais de perto. O que há de verdade nesse lampejo de beleza? É válida a exortação a não reviver dores passadas?

Talvez não. O que faz o artista, por exemplo, senão reviver o sofrimento? Difícil imaginar beleza que não esteja, de alguma forma,

enraizada no sofrimento e na repetição do sofrimento.

Enraizada, por certo, no sofrimento *passado*, já vivido, recuperado na lembrança. O sofrimento, em si, enquanto vivência atual, é rigorosamente mudo – como uma criança abandonada, que não tem palavras para dizer o que sente. Só depois, com o passar do tempo, a vida se recupera misteriosamente. E o artista é aquele que transforma a experiência do sofrimento em canto, música, arte, beleza.

A arte é sempre a lembrança de uma dor vivida. Bem dizia Dostoievski: “Para escrever bem, é preciso sofrer, sofrer”. Por isso tão poucos escrevem realmente bem. Poucos se dispõem a mergulhar no sofrimento.

O mais significativo na observação de Dostoievski talvez seja a repetição da palavra sofrer. O artista sofre, primeiro, como simples ser humano – para depois reviver o sofrimento enquanto artista e transfigurá-lo em beleza para todos.

Beleza para todos, beleza que redime e resgata o sofrimento de todos.

1 Publicado originalmente em *O Globo*, em 24 de novembro de 2017.

2 Há outras traduções do mesmo verso para o português, como me contou Peter Naumann, mas nenhuma chega aos pés da de Onestaldo. Por exemplo: “Chorar depois, de salvo, uma desgraça/É chamar outra ainda mais feia e grossa” (autoria de Carlos Alberto Nunes). Outro exemplo: “Lamentar um infortúnio que está morto e enterrado/é dar o passo certo na direção de atrair para si novo infortúnio” (Beatriz Viégas-Faria). Ou ainda: “Pois lamentar o mal que já passou/É quase que pedir um novo mal” (Barbara Heliodora). Repare, leitor(a), que as três alternativas à de Onestaldo são não só inferiores, como canhestras. Traduzir poesia é uma arte em si mesma.

RAZÃO, CORAÇÃO (DESCARTES E PASCAL)¹

Há razões de sobra para ler os clássicos. Uma delas é de ordem prática: um livro que é lembrado décadas e até séculos depois da sua publicação, algum significado há de ter. Mais vale ficar com ele do que se perder em mil leituras duvidosas de obras recém-publicados.

O Discurso do Método, de Descartes, e *Os Pensamentos*, de Pascal, escritos no século 17, estão entre esses livros que sobrevivem aos séculos. São eternos, eu diria, especialmente o de Pascal, se o eterno estivesse ao alcance do humano.

Não é incomum contrapor esses dois pensadores. A contraposição remonta ao próprio Pascal. De uma geração posterior, referia-se criticamente a Descartes, em diversas passagens: “Descartes inútil, incerto. Enfatiza demais a razão, aprofunda demais a ciência”, dizia.

Mas o antagonismo entre os dois não pode ser reduzido a um confronto entre razão e sentimento. A crítica de Pascal às pretensões da razão, ao que ele chamava de “espírito de geometria”, e a sua defesa do “espírito de sutileza (*finesse*)”, não o levavam ao irracionalismo, a um romantismo exacerbado *avant la lettre*.

O aforismo mais conhecido de Pascal – “O coração tem razões que a própria razão desconhece” – não é revelador? O coração tem *razões*. São razões de outra ordem, de certo, inacessíveis à razão propriamente dita, mas razões mesmo assim.

O coração não quer ir contra a razão, mas quer ser respeitado por ela, quer que ela reconheça os próprios limites e desista de tentar submetê-lo, tirá-lo de cena ou tratá-lo como anacronismo medieval.

Em Pascal, tudo isso é preparação de terreno para a apologia do cristianismo em face da maré montante da descrença e do racionalismo. A religião, admite ele, não pode ser fundamentada racionalmente. A existência de Deus é incerta à luz da razão. “Deus”, diz ele, “é sensível ao coração, não à razão”. Só que a fé em Deus não é irracional, e sim razoável, defensável à luz da razão, uma “aposta” sensata.

Um argumento, levantado apenas de passagem por Pascal, me parece essencial. No terreno da religião e da metafísica, a razão não oferece certezas. Quem anseia por elas, deve dirigir-se ao campo próprio da “geometria” – metonímia para as ciências abstratas, fundadas na matemática.

Mas o campo da “geometria” é estreito – mais estreito do que parecia a pensadores como Descartes e talvez mesmo Pascal. Com a “geometria” não se vai longe, pois – e aqui talvez o essencial – *todas* as grandes questões humanas, *não apenas as metafísicas*, escapam à razão abstrata.

Descartes depositava esperanças de modelar o progresso do pensamento nas ciências matemáticas, onde ele encontrava certezas, pontos de apoio sólidos – em contraste com a proliferação desordenada de opiniões na filosofia, marcada por controvérsias, correntes, seitas.

Mas a ineficácia da “geometria” não se circunscreve à órbita das angústias religiosas e filosóficas. Ela se faz sentir nas indeterminações da própria ciência, que tampouco alcança as certezas pretendidas por Descartes. Isso vale até para as ciências da natureza, não mais conhecidas como “exatas”. Das ciências humanas nada preciso dizer.

Mais importante: quanto da nossa vida pede fé, confiança – necessariamente e sem qualquer garantia? A começar pelo amor, que não existe sem confiança – confiança não demonstrada, mas objeto de fé. Toda empreitada vital exige um mínimo de confiança, de disposição de apostar. Uma carreira política, por exemplo. Ou um investimento empresarial: quanto mais ambicioso e complexo, mais confiança, mais *animal spirits* requer. Assim, o argumento de que a religião e a filosofia não oferecem certezas, não as invalida.

A esgrima de Pascal contra o racionalismo, o ceticismo, a descrença disfarçam toda uma angústia, toda uma agonia. A polêmica é aguda, ajuda, mas não consola, não satisfaz, não nos tira do desamparo, pois *o coração também não oferece certezas*. Deus se oculta, em última análise, também para o coração. Que passa a depender de esperanças, sinais, milagres.

Pascal abala os dogmáticos, os racionalistas, os céticos, mas não oferece uma base segura – e nem tenta esconder que não o consegue. Ao fim e ao cabo, ficamos com o seu *cri de coeur*: “O silêncio eterno dos espaços infinitos me apavora”.

1 Publicado originalmente na *Carta Capital*, em 7 de fevereiro de 2018.

SONHOS (FERNANDO PESSOA)¹

Já disse, e repito: não sou um sonhador. Cético de temperamento, parece-me até meio ridícula, ligeiramente demagógica e sentimental, a frequente referência a sonhos e à necessidade de sonhar. E, no entanto,...

Manoel Bomfim, um dos grandes pensadores brasileiros (injustamente esquecido como são muitos grandes brasileiros – enquanto, diga-se de passagem, não poucos trastes e mediocridades são celebrados intensamente), Bomfim dizia que uma nação precisa inventar os seus próprios sonhos, sonhar os seus sonhos plausíveis.

Sonhos *plausíveis* – inspirados de alguma forma, ainda que tênue ou não tão evidente, na realidade histórica e atual da nação. Temos que sonhar nossos sonhos, sonhados por nós, cultivar nossas próprias imagens, nossas próprias noções de beleza, verdade e valor, dizia ele por outras palavras.

Bonito. Mas aí é que se abre o alçapão. Sonhos podem ser perigosos. Certo tipo de sonho, justamente os plausíveis que desejava Bomfim. O sonho possível carrega em si a possibilidade da decepção e do sofrimento.

E, por essa via, chego ao verdadeiro assunto desta pequena crônica – um outro gênio da nossa raça, este verdadeiramente monumental. Refiro-me, leitor, ao grande, imenso, gigantesco Fernando Pessoa. A poesia, como sabemos, resiste tenazmente à tradução. Se Pessoa tivesse escrito em francês ou inglês (até escreveu nesta última língua, mas pouco), seria conhecido e venerado no planeta inteiro. Ele deixa na poeira, a meu ver, muitos luminares da literatura francesa ou anglo-americana. Quantos deles parecem realmente minúsculos ao lado do poeta português!

Não só por sua poesia, que é fulgurante, mas também por sua prosa. E dela retiro uma observação acurada sobre dois tipos de sonhos. Vamos passar a palavra a ele diretamente. Diz Pessoa, ou o heterônimo Bernardo Soares, no *Livro do Desassossego*:

Tenho mais pena dos que sonham o provável, o legítimo, e o próximo, do que dos que devaneiam sobre o longínquo e o estranho. Os que sonham grandemente, ou são doidos e acreditam no que sonham e são felizes, ou são devaneadores simples, para quem o devaneio é a música da alma, que os embala sem lhes dizer nada. Mas o que sonha o possível tem a possibilidade real da verdadeira desilusão. Não me pode pesar muito o ter deixado de ser imperador romano, mas pode doer-me o nunca ter sequer falado à costureira que, cerca das nove horas, volta sempre à esquina da direita. O sonho que nos promete o impossível já nisso nos priva dele, mas o sonho que nos promete o possível intromete-se com a própria vida e delega nela sua solução. Um vive exclusivo e independente; o outro submisso das contingências do que acontece.

Maravilhoso, não? A relação ambivalente com o sonho permeia a sua obra, também a poética. Por exemplo, no lindo poema “Manhã dos outros!”, que sei de cor e cheguei a tentar, quando morava em Washington, traduzir para o inglês para benefício de alguns amigos estrangeiros:

Manhã dos outros! Ó sol que dás confiança/ Só a quem já confia! / É só à dormente, e não à morta esperança/ Que acorda o teu dia.

E aí vem o verso cintilante:

A quem sonha de dia e sonha de noite, sabendo/ Todo sonho vão, / Mas sonha sempre, só para sentir-se vivendo/ e a ter coração.

A esses raios sem o dia que trazes, ou somente/ Como alguém que vem/ Pela rua, invisível ao nosso olhar consciente, / Por não ser-nos ninguém.

Em inglês, ficou assim o verso central:

To those that dream by day and dream by night, knowing / that all dreams are vain/ But go on dreaming, just to feel what it's like to be alive/ And to have a heart.

Falei em “amigos estrangeiros”. Não queria dar pinta de quem explora a poesia para fins espúrios e extra poéticos. Mas a verdade é que a tentativa de tradução foi para uma namorada estrangeira, linda, linda, mas por desgraça totalmente ignorante da bela língua portuguesa.

Mas volto ao poema. Vê-se, claramente, que a morta esperança não está tão morta assim. E que continua sonhando de dia e de noite, sonhando sempre, mesmo *declarando* todo sonho vão, por saber que a vida e o coração deixam de existir propriamente sem a capacidade de sonhar.

Já estou resvalando para uma defesa meio ingênua do sonho. Na verdade, o mais interessante, tanto no texto como no poema de Pessoa, é

o embate, dentro da mesma alma, entre o impulso de sonhar e a resistência a ele. Ou em outros termos, talvez mais precisos: o conflito entre a vontade de sonhar e a incapacidade de fazê-lo plenamente, com o coração inteiro. A sua obra está eivada de paradoxos ou hesitações desse tipo, sempre carregadas de conotações emotivas.

Dou outro exemplo, também retirado do *Livro do Desassossego*, este do âmbito da política, sobre a dualidade sincero/insincero ou ilusão/realismo prático:

O governo do mundo começa em nós mesmos. Não são os sinceros que governam o mundo, mas também não são os insinceros. São os que fabricam em si uma sinceridade real por meios artificiais e automáticos; essa sinceridade constitui a sua força, e é ela que irradia para sinceridade menos falsa dos outros. Saber iludir-se bem é a primeira qualidade do estadista. Só aos poetas e aos filósofos compete a visão prática do mundo, porque só a esses é dado não ter ilusões. Ver claro é não agir.

Raramente encontrei um parágrafo tão brilhante, tão iluminado por paradoxos certos! Não são os sinceros nem os insinceros que lideram. A sinceridade do estadista é fabricada e real ao mesmo tempo. E, contrariamente ao senso comum, a visão realista do mundo não é do estadista, mas do poeta e do filósofo, cuja clarividência, entretanto, impede a ação. Enfim, repito, um gênio da nossa raça.

Talvez esteja me perdendo do assunto inicial. Mas nem tanto. Em relação a sonhos, cabe a mesma ambivalência. Os sonhos plausíveis de Bomfim são fonte de equívocos, desastres e decepções. Mas sem eles o que sobra da vida? Ela não se esvazia? Sonhar não pede coragem? E o ceticismo pode ser, no fundo, sintoma de perda de vitalidade. Talvez uma forma de covardia.

E, assim, continuamos. Mesmo sabendo ou proclamando todo sonho vão, vamos sonhando, de dia e de noite, sonhando sempre, para sentir-nos vivendo e a ter coração.

1 Uma versão condensada desta crônica foi publicada na revista *Carta Capital*, em 9 de julho de 2021.

A ARTE SALVA – CRÔNICA SOBRE UM POETA ALEMÃO (HEINE)¹

Para Lavínia

A língua alemã é uma pátria mesmo para aqueles a quem a tolice e a maldade negam uma pátria.

Heinrich Heine

Há uma frase de Nietzsche que merece ser lembrada: “*Wir haben die Kunst, damit wir an der Wahrheit nicht zugrunde gehen*”. (A arte existe para que a verdade não nos destrua). Precisamos dela hoje mais do que nunca. E arte realista, diga-se de passagem, é um equívoco do começo ao fim.

Mas esta crônica não é sobre Nietzsche, que também foi poeta, mas sobre outro poeta alemão – Heinrich Heine. Na verdade, judeu alemão, da primeira metade do século 19, da primeira geração de judeus emancipados, ainda muito perseguidos, ainda muito discriminados. E no século seguinte, como sabemos, tudo isso ficaria inacreditavelmente pior.

Nietzsche pensava certamente em Heine quando escreveu, *tongue in cheek*, para provocar os antissemitas do seu tempo, que a melhor mistura possível era entre alemães e judeus. Há outros exemplos notáveis – Marx, Freud, Einstein, Kafka (judeu tcheco, mas que escrevia em alemão e fazia parte do espaço cultural alemão), Rosa Luxemburgo, Hannah Arendt, Stefan Zweig, Otto Maria Carpeaux, Roberto Schwarz, entre muitos. Não estou aqui fazendo diferença entre judeus alemães e austríacos, por motivos óbvios. Tento usar “judeu” e “alemão” em sentido mais cultural do que étnico-racial. Até porque, ao longo dos séculos, os judeus se miscigenaram muito com os diferentes povos europeus. E os alemães, por sua vez, incluindo os austríacos, também se misturaram muito com celtas e latinos, de um lado, e eslavos e húngaros,

do outro. Para encontrar a célebre pureza “ariana” é preciso olhar mais para o Norte, para a Escandinávia. Lá encontramos povos germânicos mais puros, que nos legaram, entretanto, bem menos do que os miscigenados alemães. Mas fecho esse parêntese e volto a Heine.

Nunca me saiu da lembrança o dia em que conheci Heine. Eu era desde os 17 anos um leitor voraz de Nietzsche. Não entendia grande coisa, mas adorava mesmo assim. (Continuo falando de Nietzsche, mas chego a Heine em seguida). Pois bem, Nietzsche tinha Heine em altíssima conta, chegando a escrever em sua autobiografia intelectual, *Ecce Homo*:

O conceito mais alto de poeta foi Heine quem me ofereceu. Procuo em vão em todos os reinados dos milênios por uma música tão doce e apaixonada. Ele tinha aquela crueldade divina sem a qual não consigo conceber a perfeição. E como manejava o alemão!

Esses elogios rasgados despertaram a minha curiosidade.

Em 1977, com 22 anos, eu estudava em Londres e passeava um dia pelas livrarias de Tottenham Court Road. (Nem acredito que já tive 22 anos um dia, um terço da idade que tenho hoje!). Topei por acaso com um pequeno livro de poemas de Heine (que tenho até hoje) e, abrindo ao acaso, encontrei o seguinte poema (que sei de cor até hoje). Recito, primeiro, o original porque, como já observou alguém, poesia é por definição o que escapa à tradução:

Herz, mein Herz, sei nicht beklommen,/Und ertrage dein Geschick./Neuer Frühling gibt zurück,/Was der Winter dir genommen.

Und wieviel ist dir geblieben!/Und wie schön ist noch die Welt!/Und, mein Herz, was dir gefällt,/Alles, alles darfst du lieben!

Traduzo assim:

Coração, meu coração, não fiques aflito,/E suporte o teu destino/Nova primavera devolverá/O que o inverno te tomou.

E quanto ainda te resta!/E como é belo ainda o mundo!/E, meu coração, o que te agradar,/Tudo, tudo podes amar!

Foi amor à primeira vista. Tornei-me então leitor voraz de Heine também.

Abro outro pequeno parêntese. Antes que o leitor pense que estou fazendo aqui uma exibição de cultura, quero confessar lisamente que a

minha cultura é muito limitada, mas muito mesmo. Assim, por exemplo, mal li Shakespeare (só os sonetos), quase nada de Proust, apenas partes da Divina Comédia, de Flaubert só Madame Bovary, de Zola só a carta aberta em defesa de Dreyfus, quase nada de Goethe e Schiller, pouco de Vitor Hugo, quase nada de Saramago, nada de Castro Alves, nada de Drummond, nada de Guimarães Rosa. Só consigo me dedicar a autores que despertam o meu afeto e o meu entusiasmo. Heine está entre eles.

Repare, leitor, no final do poema acima transcrito. Quando o li pela primeira vez, em pé, na livraria de Tottenham Court Road, o verso me conduziu inconscientemente a esperar o verbo “ter” no fecho. Lindo que tenha aparecido em vez disso o verbo “amar”, não é mesmo? Não me esqueço da emoção que esse fecho produziu em mim há mais de 40 anos!

Muito da poesia de Heine é mais sofrida, desesperançada. Como notou o grande crítico literário Marcel Reich-Ranicki (outro extraordinário judeu alemão, nascido na Polônia), Heine “estilizava a sua dor para poder suportá-la”. A observação de Reich-Ranicki, que reli recentemente, foi que me deu vontade de escrever esta crônica.

Heine estilizava sua dor de forma cintilante. Terminou um poema assim:

Gut ist der Schlaf, der Tod ist besser – freilich/Das beste wäre, nie geboren sein.
(Bom é o sono, melhor a morte – claro/Melhor mesmo seria nunca ter nascido).

Outro verso:

Zwecklos ist mein Lied. Ja, zwecklos/Wie die Liebe, wie das Leben,/Wie der Schöpfer samt der Schöpfung!
(Sem sentido é a minha canção. Sim, sem sentido/Como o amor, como a vida/Como o criador e toda a sua criação!)

Heine era um romântico, mas um romântico *défroqué*, excomungado, como notou um crítico francês na época. Ele tomava distância dos exageros e dos ridículos do romantismo. Fez crítica feroz à escola romântica alemã, em livro polêmico, mas justamente celebrado. Um romântico ambivalente, e por isso mesmo mais interessante.

Em outro poema, ele se vale da figura mitológica de Atlas para escrever:

Ich unglückselger Atlas, eine Welt, /Die ganze Welt der Schmerzen, muss ich tragen,/Ich trage Unerträgliches, und brechen/Will mir das Herz im Leibe.

Du stolzes Herz! du hast es ja gewollt!/Du wolltest glücklich sein, unendlich glücklich/Oder unendlich elend, stolzes Herz,/Und jetzo so bist du elend.

(Eu, Atlas infeliz, carrego um mundo/o mundo inteiro de dores, devo carregar/ Suporto o insuportável/e o coração quer se partir dentro do meu peito.

Coração orgulhoso! foi o que quiseste! /Querias ser feliz, infinitamente feliz/Ou infinitamente infeliz, coração orgulhoso, /E agora és infeliz).

Peço desculpas, leitor. Fiz o meu melhor para dar uma ideia do que foi Heine para quem não lê alemão. Mas o meu melhor, a bem da verdade, é fraco. Não consegui dar senão uma pálida ideia da beleza da sua obra. Deve haver por aí traduções muito melhores do que essas que improvisei aqui. Talvez não para o português, mas para o francês ou para o espanhol.

Tive a sorte na vida de poder aprender alemão na Alemanha, quando adolescente. E como vale a pena saber a bela língua alemã! Nem que seja apenas para ler Heine no original. Queria, também, saber russo para ler Pushkin e dostoievski no original. Mas aí já é pedir demais.

1 Uma versão condensada desta crônica foi publicada na revista *Carta Capital*, em 16 de abril de 2021.

COMO CONHECI FERNANDO PESSOA¹

Volto a falar do grande, do imenso Fernando Pessoa, desta vez para contar como cheguei a ele. A maneira como conheci Pessoa, uma das minhas grandes paixões, foi um tanto estranha, devo dizer. Estranha, mas de alguma forma aparentada com ele mesmo – ele que, em verso célebre e já um pouco desgastado pelo excesso de citação, escreveu que “o poeta é um fingidor/ finge tão completamente/ que chega a fingir que é dor/ a dor que deveras sente”.

Antes de entrar na estória propriamente, faço um breve preâmbulo. Quando morava em Genebra, aos 16/17 anos, tive aulas particulares de português e literatura, em preparação para o vestibular brasileiro. Estamos em 1971/1972. A professora era a poeta Marly Oliveira, muito talentosa, que mereceria ser mais conhecida. Na época, esposa de um diplomata brasileiro, ela se casaria anos depois com João Cabral de Melo Neto. Não era linda, mas tinha traços bonitos e uma vasta cabeleira negra. E quando começava a falar, com voz aveludada e sedutora, produzia um impacto! Ela era amiga próxima de Clarice Lispector, por quem tinha veneração. “Clarice”, dizia, “não é como você ou eu, Paulinho. É um gênio!” E ela gostava muito de falar de Fernando Pessoa – um trecho dele ficou na minha memória desde então: “Todo cais é uma saudade de pedra”, recitava ela com voz calculadamente grave e sonora. Mas a verdade é que, naquele tempo, a professora me impressionava muito mais do que os versos de Pessoa que ela recitava.

Passou. Num primeiro momento, Pessoa bateu e escorreu. Só vários anos depois é que o encontro com ele se deu. E, em circunstâncias, insólitas, que passo a relatar.

Tudo começou com uma namorada que tive dos 18 aos 22 anos. Não sei se devo dizer o nome dela, pois a estória talvez não a deixe tão bem. Acho que não devo. Ela morreu no final de 2020, de câncer, e uns seis meses antes da sua morte (ela nem sabia que estava ou ficaria doente), tivemos uma longa conversa por telefone, depois de décadas

sem nos falarmos. Recapitulei com ela o episódio que vou contar, com cuidado, gentilmente, e ela, sabendo da minha propensão à narrativa, me fez prometer que se algum dia escrevesse a respeito, não daria o nome dela.

Vou rebatizá-la como Celina. Bem, confesso que ela sofria nas minhas mãos. Nelson Rodrigues dizia que aos 18 anos um homem não sabe nem como se diz bom-dia a uma mulher e que, por isso, todo homem deveria nascer com 30 anos feitos. (Ou mais, digo eu). Em retrospecto, percebo que eu era pernóstico e pedante. Meus desafetos dirão que ainda sou. Mas posso garantir – aos 18 anos, era muito pior. Cheio de livros, leituras, filmes, citações, o efeito que eu produzia sobre ela era massacrante, intimidador. Celina era culta e lia muito. Inteligente, sabia se defender. Mas, insegura, não lidava bem com a avalanche cultural que eu desencadeava.

Estamos agora em Brasília por volta de 1973/1974. Um dia ela me disse, timidamente: “Sabe, eu escrevo”. Fiquei logo interessado, mas ela não queria mostrar de jeito nenhum. “Não está bom, preciso melhorar” etc., mas eu insistia e insistia, e não sosseguei enquanto ela não cedeu. Acabou me trazendo certo dia um texto dela sobre um marinheiro que naufragou e, perdido numa ilha, recriou a terra natal na imaginação. Texto curto, simplesmente maravilhoso. Fiquei impressionado, mas ela me fez prometer que não mostraria a ninguém porque “não estava pronto”, “não gostava tanto do texto” etc. Abriu uma exceção apenas para a namorada do meu irmão João, chamada Denise, uma gaúcha linda, de olhos verdes, inteligente e charmosa, que estudava literatura na UnB. Lembro-me tão bem do impacto que o texto causou sobre a Denise. A inveja brotou incontrolável no seu rosto. Refeita do susto, ela se pôs a fazer diversas correções e sugestões que Celina ouviu pacientemente. (Não estou gostando de usar um pseudônimo, mas paciência).

O tempo foi passando e eu pedia sempre que ela escrevesse mais textos ou me mostrasse outros que tivesse escrito. Com muita relutância, ela aparecia com mais alguns, mas nada chegava aos pés do texto sobre o marinheiro naufragado. E o assunto morreu.

Anos depois, remexendo gavetas, dei de cara com o texto dela sobre o marinheiro, esquecido lá no meio de papéis. Reli. Impressionante! Mas

pensei, com convicção: “Ela não escreveu isso”. Aí dei uma tremenda prensa nela, tão forte que ela, embora com medo, acabou confessando que não era dela, e sim de Fernando Pessoa! Imaturo e inseguro, fiquei revoltado. Se ela me mentia assim, como confiar em qualquer coisa que me dissesse? Sofri. Não percebia que, pelos motivos antes mencionados, eu era corresponsável pelo elaborado fingimento. Elaborado porque ela fora desencavar de dentro de uma peça de teatro não muito conhecida de Pessoa o trecho fulgurante sobre o marinheiro.

Tudo passa. A mágoa passou. E depois de algum tempo nos divertíamos lembrando das várias correções da Denise a Fernando Pessoa!

Fui atrás da obra dele. E passei de um encantamento a outro – *Mensagem*, os heterônimos Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis, *O Livro do Desassossego* e tantas outras obras, de poesia e prosa. Aprendi de cor, e ainda sei, vários dos seus poemas.

Alguns exemplos, entre centenas. Sobre Dom Sebastião: “Sem a loucura que é o homem/ Mais que a besta sadia,/ Cadáver adiado que procria?” E aquele poema “Aniversário”, de Álvaro de Campos, que começa: “No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,/ Eu era feliz e ninguém estava morto”, para fazer todo um percurso maravilhoso e terminar assim: “Hoje já não faço anos./Duro./Somam-se me dias./Serei velho quando o for./Mais nada./Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!.../O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!”

Ou ainda aquele pequeno poema cintilante sobre o amor, que vai aqui na íntegra:

O amor, quando se revela,
Não se sabe revelar.
Sabe bem olhar p’ra ela,
Mas não lhe sabe falar.

Quem quer dizer o que sente
Não sabe o que há de dizer.
Fala: parece que mente...
Cala: parece esquecer...

Ah, mas se ela adivinhasse,

Se pudesse ouvir o olhar,
E se um olhar lhe bastasse
P'ra saber que a estão a amar!

Mas quem sente muito, cala;
Quem quer dizer quanto sente
Fica sem alma nem fala,
Fica só, inteiramente!

Mas se isto puder contar-lhe
O que não lhe ousou contar,
Já não terei que falar-lhe
Porque lhe estou a falar...

Repare, leitor, na simplicidade genial. O poema começa com uma afirmação geral, uma espécie de tese: “O amor quando se revela...”. Mas de repente afunila rapidamente e desce como uma águia para *ela*, palavra que remete a uma mulher particular, que cada um de nós irá associar a uma certa mulher, única, inconfundível.

Quem sou eu para dizer isso, mas arrisco mesmo assim: Fernando Pessoa é um dos grandes gênios da literatura mundial de todos os tempos. Só não é mais conhecido porque escreveu em português, nossa belíssima língua, que não tem, entretanto, o impacto internacional do francês, do espanhol, do alemão e, sobretudo, do inglês.

Vale a pena saber português, repito pela enésima vez, só para ler Pessoa no original.

1 Uma versão mais curta desta crônica foi publicada na revista *Carta Capital*, em 18 de março de 2022.

UM POUQUINHO DE BRASIL

DORITA

Dorita, das minhas tias a preferida, foi a última sogra do Tom Jobim, que se casou com a filha dela, Ana, em 1978. Inteligente, boêmia e divertida, Dorita logo se tornou amiga do Tom, do Vinicius de Moraes e de outros da turma. E, de vez em quando, frequentava com eles os restaurantes e bares do Leblon.

Uma vez, Dorita me contou um pequeno episódio. Estavam lá, em algum lugar no Leblon, Tom, Vinicius, Dorita e Ana, quando entra no local o Ibrahim Sued com amigos. Ibrahim Sued, hoje esquecido, era um jornalista e colunista social do jornal *O Globo*, ultraconhecido no Rio de Janeiro e no Brasil inteiro (numa época em que o Rio ainda era a caixa de ressonância do país). Ibrahim se aproximou da mesa do Tom e do Vinicius para trocas barulhentas e efusivas de saudações e abraços. O colunista e seu séquito seguiram para outra mesa. Então, alguém, talvez a própria Dorita, pergunta ao Vinicius: “Afiml, que tal esse Ibrahim?” E o Vinicius: “É uma boa pessoa, mas não vale nada”.

Dorita me fez prometer que eu não publicaria essa história, não por causa do Ibrahim, que já havia morrido àquela altura, mas por causa dos filhos dele, que ela conhecia. Não cumfri a promessa, como se vê, e não é nem a primeira vez que a conto publicamente. Na primeira vez que o fiz, tirei uma conclusão que não quero endossar agora. Disse que era esse justamente o problema do Brasil, país com muitas “pessoas boas que não valem nada”. Mas não é justo nem verdadeiro. Não quero me juntar aos inúmeros depreciadores do Brasil, que são eles mesmos brasileiros, em sua esmagadora maioria, portadores incuráveis do complexo de Narciso às avessas, Narcisos que cospem na própria imagem – uma variante da

metáfora do complexo de vira-lata, ambas criadas pelo Nelson Rodrigues.

E digo mais: a *boutade* do Vinicius, irresponsável como podem ser as *boutades*, não foi justa com o Ibrahim, um descendente de imigrantes pobres que subiu na vida pelo próprio esforço e se tornou nacionalmente conhecido. Ele saiu do anonimato, aliás, com uma célebre fotografia em que flagrou Otávio Mangabeira, um líder da União Democrática Nacional, a UDN, beijando de forma abjeta a mão do general americano Dwight Eisenhower, que visitava o Brasil logo depois de se consagrar como comandante das forças aliadas no front ocidental na Segunda Guerra Mundial. A UDN, registro de passagem, era uma antepassada histórica do PSDB de Fernando Henrique Cardoso, entreguista e americanófila até a medula. E Otávio Mangabeira vem a ser avô do grande filósofo brasileiro, Roberto Mangabeira Unger, que dele não herdou, porém, subserviência aos americanos.

Volto um instante ao Ibrahim Sued. Ele era, registre-se, espirituoso e criativo. Como colunista, inventou ou adaptou uma série de bordões que, à força de repetição, se tornaram célebres: “Em sociedade tudo se sabe”, “Olho vivo, que cavalo não desce escada”, “*Sorry*, periferia”, “Os cães ladram e a caravana passa” – este último dirigido a seus numerosos detratores. A elite decadente do Rio de Janeiro tinha desprezo pelo filho de imigrantes árabes pobres. Ibrahim tentou um dia entrar para o Country Club de Ipanema e levou bola preta. Ficou triste, mas deu a volta por cima: entrou para um clube um pouco menos esnobe, o Gávea Golf Club, em São Conrado. E nunca mais falou do Country em suas colunas e programas de televisão. Era Gávea, Gávea e mais Gávea.

Esnobismo é mesmo uma das piores pragas. Meu pai, ele mesmo de família modesta e que sofrera quando jovem alguma discriminação por causa disso, sempre dizia que, paradoxalmente, a palavra esnobe, derivada de *snob*, tinha origem no italiano – *senza nobilitá*, sem nobreza. Merecida etimologia.

Mas era da Dorita que eu estava falando. E conto para encerrar mais uma pequena história dela. A família do meu pai tem muita gente interessante, mas a Dorita sempre se destacou. Certa vez, comemorávamos em São Paulo o aniversário de 80 anos de outra tia, a

Thereza, também muito querida. Reuniram-se para jantar, em grande quantidade, espalhados por várias mesas, seus irmãos e primos, além de filhos, netos, sobrinhos e sobrinhos-netos. Ocasão alegre. Houve diversos discursos da ala mais jovem em homenagem à aniversariante, que pendiam, porém, para o emotivo e o tradicional. Sentado ao lado da Dorita e sabendo que ela falava com graça e originalidade, fiz o apelo insistente: “Pede a palavra, por favor!” Ela hesitou um pouco mas acabou se levantando e falando o seguinte:

Eu não ia dizer nada, mas o Paulinho ficou me perturbando. Conto uma história. Uma vez um judeu polonês conversava em Nova York com um amigo, também judeu, e disse: “Tenho um tio que mora na Polônia, tem 80 anos, e faz sexo todo dia”. O amigo duvidou. “Mas, te digo”, repetiu, “todo santo dia!” Como o amigo insistisse em desacreditar, ele teve que explicar: “É que ele não sabe que tem 80 anos!”

Dorita sentou-se frustrada. É que quase ninguém rira. E ela para mim, sorrindo com a sua habitual ironia: “Eu te falei, não adianta. Eles nem sabem o que é sexo”.

IDEIAS? VADE RETRO!

Não sei se tem lugar neste livro a figura sinistra do bufunfeiro. Em todo caso, vou incluir e aqui vai. Serei breve para não poluir estas páginas com elementos repulsivos.

Como sabem os meus leitores, a turma, talvez melhor (como sugeriu um leitor) a *turba* da bufunfa, não pensa propriamente. Adere firmemente, contudo, a alguns princípios fundamentais de prudência e convívio. Entre eles aquele que estabelece que nada pior, nada mais nocivo para a saúde financeira de um país, em especial de suas instituições bancárias, do que a circulação de ideias – ideias de qualquer tipo, mas especialmente de cunho econômico.

O leitor duvida? Pois que observe os economistas prestigiados pela turba. O seu traço mais notável é a total ausência de qualquer ideia. Não há nem vestígios disso. O discurso deles é regido pela mais estrita repetição dos chavões aceitos no momento pela bufunfa nacional e, sobretudo, internacional. E a repetição mecânica de clichês torna dispensável a articulação de ideias.

Não vou dar exemplos práticos para não individualizar um fenômeno que é de grande amplitude social. Para o bufunfeiro-padrão o essencial é nunca primar pela originalidade, antes o contrário. Só assim podem ser considerados nos meios financeiros. E os jornais e televisões estarão então sempre prontos a acolher os seus pontos de vista. Em outras palavras, e se o leitor me permite o lugar comum, trata-se de fugir de ideias como o diabo foge da cruz.

Coisa curiosa, os bufunfeiros, economistas ou não, costumam ser gordos, gordos de rotunda e generosa circunferência. Segundo teoria hoje ultrapassada, a gordura sobe ao cérebro e dificulta a circulação das

ideias. Tanto melhor! É exatamente o que se busca e não haverá de ser inteiramente por acaso que muitos bufunfeiros são também obesos.

Mas não vou insistir nesse aspecto estritamente folclórico e correr o risco de ser acusado de gordofobia. Para qualquer situação, a resposta de qualquer bufunfeiro será sempre a mesma: os malefícios do risco fiscal. “Mas sempre e invariavelmente?”, poderia perguntar, espantado, o leitor. Sim, sempre e invariavelmente! Há sempre riscos e esses são sempre fiscais.

O problema, claro, de dar espaço para esse tipo de figura é a monotonia, o que ameaça os índices de audiência dos nossos canais televisivos e a circulação dos nossos valorosos jornais. Mas, enfim, o mais importante é resguardar as instituições da influência perniciosa das ideias.

Uma consideração final. Vamos ser justos e equilibrados. A turba da bufunfa tem a sua sabedoria, deve-se reconhecer. Afinal, a experiência histórica mostra, de fato, que economistas com ideias podem ser perigosos e até destrutivos. Veja-se o famigerado Plano Collor, para mencionar o pior exemplo. Muito melhor fiar-se na figura inofensivamente bovina do bufunfeiro-padrão. Antes o tédio e a mediocridade do que aventuras e experimentos impensados.

A USINA NUCLEAR DO MEU PAI¹

Se o leitor me perguntasse: “Você acredita em vida após a morte?”, eu responderia: “Não”. E, no entanto,...

Bem sei que o assunto conduz facilmente ao ridículo. Pensei em me cercar de Shakespeare (“Há mais coisas entre o céu e a terra...”) ou de Einstein (“A tênue linha que separa a física da metafísica...”). Mas vou deixar de lado os dois gênios e as suas frases já surradas pelo excesso de uso. Invoco apenas o nosso gênio nacional, Nelson Rodrigues, que dizia, com muita razão, que só os cretinos completos e acabados não conseguem ser ridículos de vez em quando.

Dei essa pequena volta para relatar um episódio estranho, meio místico, que aconteceu comigo há pouco e guarda relação com um assunto que está na primeira página dos jornais, quase todo o dia, nos últimos dias.

Na quinta-feira retrasada fui a Porto Alegre para uma conferência. Tarde livre, saí para passear um pouco pelas ruas do centro, acompanhado de uma amiga, Marta Cioccarì, que pode dar testemunho da verdade do que vou contar. Paramos em frente a uma dessas mesas colocadas nas calçadas para vender livros usados e outros objetos. Aí acontece o seguinte: um desconhecido, um homem de uns 30 anos que estava ao meu lado, uma pessoa simples, um “popular” como se diz, dirige-se a mim de repente e mostra um dos livros expostos, que me passara despercebido. O título do livro: *A usina nuclear do meu pai*. Não quis dar trela, temendo uma maluquice qualquer, e tratei de seguir caminho.

Andei uns 20 metros, pensei um pouco e estanquei. Resolvi voltar para comprar o livro. Estranha coincidência. O sujeito não me conhecia;

visivelmente não era um leitor de jornais ou um interessado em temas econômicos. Mesmo na hipótese remota de que tivesse me reconhecido, nunca poderia saber que o meu pai havia o negociador do acordo Brasil-Alemanha e o condutor do programa nuclear brasileiro nos anos 1970.

O leitor provavelmente pouco ou nada sabe a esse respeito. Em 1975, durante o governo Geisel, o Brasil iniciou um programa nuclear em cooperação com a Alemanha Ocidental. O programa tinha finalidades pacíficas, mas era ambicioso: envolvia a transferência e absorção de tecnologias sofisticadas e sensíveis, a construção de uma série de usinas nucleares para geração de energia elétrica, a produção de equipamentos em território nacional e o domínio pelo Brasil do ciclo completo do combustível nuclear, entre outros aspectos. Apesar da oposição cerrada dos Estados Unidos e da União Soviética, o Brasil e a Alemanha foram adiante. O meu pai estava à frente das negociações pelo lado brasileiro.

Nos primeiros anos, o programa desenvolveu-se conforme o planejado. Porém, no governo Figueiredo, com a crise da dívida externa e as dificuldades financeiras do país, os planos teuto-brasileiros começaram a parecer ambiciosos demais. Ao mesmo tempo, a necessidade de buscar socorro financeiro em Washington abriu espaço para que o governo dos Estados Unidos minasse o programa nuclear brasileiro. O programa foi sofrendo sucessivos cortes e adiamentos. O meu pai acabou pedindo demissão e voltou à sua casa, o Itamaraty, onde ainda desempenharia tarefas importantes nas negociações comerciais do GATT (o antecessor da OMC) e nas Nações Unidas, como representante brasileiro. Morreu em 1994, repentinamente, quando estava ainda em plena atividade – e aflito com a crescente subordinação do Brasil ao chamado Consenso de Washington, aquele conjunto de regras e políticas que os países desenvolvidos não aplicam, mas exportam para os incautos da periferia.

Fiquei cismado. Folheei o livro (um romance futurista escrito em 1985, cujo enredo começa em 1998) e fiquei na mesma. Conteí o estranho episódio a alguns amigos. Sexta-feira passada foi meu aniversário, e a minha mãe reuniu os familiares de São Paulo para um

jantar. Conte a história outra vez. E perguntei: está acontecendo alguma coisa na área nuclear? Ninguém sabia de nada.

Desde que meu pai morreu, não acompanho mais essa questão. Não voltei ao assunto nem quando o governo Fernando Henrique Cardoso tomou a decisão de aderir ao discriminatório Tratado de Não-Proliferação Nuclear, em 1998, abandonando as posições defendidas pelo Brasil desde que esse tratado foi proposto no final da década de 1960.

No domingo veio a resposta. Um dos principais jornais dos Estados Unidos, o *Washington Post*, publicou em primeira página, reportagem que levantou suspeitas da existência de um programa nuclear de caráter bélico no Brasil. A reportagem caiu como uma bomba. Desde segunda-feira, o tema nuclear, que ficara quase sempre em segundo plano durante todos esses anos, passou a frequentar a primeira página dos principais jornais brasileiros, não raro como principal notícia.

O governo dos Estados Unidos está novamente tentando cercear a atuação do Brasil nesse terreno. Porta-vozes do governo Bush, em declarações anônimas, manifestam o desejo de enquadrar o programa nuclear do Brasil e submetê-lo a controle internacional mais detalhado. Na segunda-feira, o *Financial Times*, de Londres, previu que “o governo de esquerda do Brasil” sofrerá “pressões internacionais crescentes nas próximas semanas” para permitir inspeções mais completas das suas instalações nucleares.

O correspondente da *Folha de S.Paulo* em Nova Iorque transmitiu declarações sintomáticas de um especialista em América Latina do Brookings Institute, um dos principais *think-tanks* norte-americanos. Segundo esse especialista, “aparentemente há pessoas na administração Lula que são muito nacionalistas” e têm uma “atitude típica dos anos 1970”.

Alguém precisa avisar os nossos irmãos do Norte de que o Brasil está tentando mudar. Foi-se o tempo – esperemos que para não voltar – em que uma tecnocracia pró-EUA dava as cartas em praticamente todas as áreas do governo FHC. Estamos levantando a cabeça outra vez, em matéria nuclear e em outras áreas.

O leitor já terá percebido onde queria chegar. O meu pai é o único que, lá de um possível outro mundo, parece se comunicar volta e meia comigo, em sonhos ou de outras maneiras. Não foi a primeira nem a última vez.

Duas maneiras de ver esses incidentes estranhos. A mais emocionante e, de certo, mais apelativa: como exemplos de comunicação entre vivos e mortos. A mais desencantada: como efeito da força da percepção subjetiva, que vive em mim desde sempre, de ter herdado as preocupações do meu pai, em especial com o Brasil e sua independência.

O leitor haverá de ter notado, de qualquer modo, o paralelo entre as duas interpretações. Ou não? O que temos, afinal, nos dois casos senão vida após a morte?

1 Versão ampliada de crônica publicada originalmente na *Folha de S.Paulo*, em 8 de abril de 2004.

OLAVO SETÚBAL¹

O leitor pode estranhar o tema desta crônica. É notório que as minhas relações com os integrantes do sistema financeiro são frias e distantes, marcadas por alguma aversão recíproca. Olavo Setúbal foi o único banqueiro com quem mantive contato ao longo dos anos. Por exemplo, no Conselho da Fiesp, no tempo de Mario Amato, e no Fórum da Gazeta Mercantil, no início da década de 1990. Depois, quando eu ainda morava em São Paulo, ele me chamava, volta e meia, para almoçar na sede do Itaú. Não concordávamos em quase nada, devo dizer, mas isso não o desanimava, e ele continuava me convidando.

O brasileiro, dizia Nelson Rodrigues, é muito aberto ao monólogo. Dr. Olavo não era tipicamente brasileiro nesse particular. Gostava de polêmicas e de dialogar com seus opositores. Ele não mudava um milímetro de opinião, é verdade, mas não posso reclamar – eu também não.

Era um homem culto e com visão aguçada das pessoas. Uma vez me disse: “Alguns aqui no banco acham que você é comunista. São uns ignorantes. Você é gaullista”. Exatamente. Gosto de lembrar uma passagem das *Memórias de Guerra* de Charles de Gaulle, passagem célebre, em que ele escreveu que sempre se fizera “uma certa ideia da França”.² Também sempre acreditei que nós, brasileiros, devemos nos fazer “uma certa ideia do Brasil”. Também devemos pensar o Brasil como destinado a ocupar uma posição de destaque no mundo, dos pontos de vista político, econômico e cultural. Parafraseando De Gaulle, se nos acontece a infelicidade de ver a trajetória do país marcada pela

mediocridade, devemos considerar que estamos diante de uma anomalia absurda, imputável às falhas dos brasileiros, e não ao Brasil.

Olavo Setúbal não compartilhava, é claro, desses impulsos nacionalistas, talvez românticos. Tinha espírito público, mas a sua visão do Brasil era muito mais cética e desencantada. Costumava dizer, às vezes com certa exasperação: “Vocês esquecem do essencial: a questão do poder”. E repetia, com o seu vozeirão: “O poder é a questão central!” Passava então a discorrer sobre a inutilidade de se contrapor aos Estados Unidos. “Eu construí esse império” – e apontava com orgulho para os prédios do Centro Empresarial Itaú – “mas eu não me iludo: perto dos bancos americanos, o Itaú não representa grande coisa”.

Isso foi há algum tempo. Depois da crise financeira de 2008-2009, o quadro mudou um pouco. Enquanto os bancos americanos atravessavam gravíssima instabilidade, os nossos continuaram sólidos e poderosos – até demais, como já tive ocasião de ressaltar. Quando me mudei para Washington, em 2007, todos esses meus sentimentos se fortaleceram. Com a distância, o meu nacionalismo romântico se acentuou. Não esqueço leitor, das nossas mazelas: a pobreza, o atraso educacional, a vergonhosa concentração da renda. Mas o Brasil tem qualidades incomuns. Uma delas: no Brasil, os adversários raramente se transformam em inimigos. As diferenças de opinião não costumam descambar para o ódio e a agressão pessoal. Pelo menos não antigamente, antes do golpe contra Dilma Rousseff e da ascensão do bolsonarismo. Não sei se na Argentina, por exemplo, um economista com as minhas características preservaria, ao longo de anos, o diálogo com um empresário como Olavo Setúbal.

Fernando Pessoa já discorria sobre essas diferenças entre nós, brasileiros, e nossos vizinhos hispânicos. “A fatal desvantagem da psicologia espanhola”, escreveu ele,

parece ser a sua tendência para a divisão. Isto vê-se muito claramente na América do Sul. Enquanto a parte portuguesa, enorme como é no seu território, se conservou uma sob o nome de Brasil, a parte espanhola dividiu-se em várias repúblicas. (...) O separatismo parece ser, por qualquer razão desconhecida, uma maneira de ser espanhola. (...) [Já] o português (usando a palavra num sentido suficientemente lato para incluir os brasileiros) mantém a sua tendência orgânica para a unidade e a coesão.

Essa unidade e coesão, ainda que relativas como tudo, é um patrimônio que o Brasil precisa conservar a todo custo.

- 1 Versão pontualmente atualizada de crônica publicada na *Folha de S.Paulo*, em 2 de setembro de 2008.
- 2 DE GAULLE, Charles. *Mémoires de Guerre, L'Appel 1940-1942*. Paris: Librairie Plon, 1954, p. 5.

BRASIL, PAÍS-PLANETA (OU SAUDADES DO FUTURO)¹

Ultimamente, tenho pensado muito no papel planetário do Brasil – não só com a cabeça, mas também com o coração. Isso pode parecer estranho, quando se considera o ponto baixíssimo em que nos encontramos, dentro e fora de casa. Reconheço que é mesmo estranho. Mas nosso país, leitor, vai sobreviver a isso e tem que pensar grande. Não pode cuidar apenas de si mesmo e da sua vizinhança imediata.

Estou exagerando? Não creio. O Brasil teve, ou começou a ter, em tempo não muito distante, exatamente esse papel planetário. Eu mesmo participei disso, no âmbito do FMI, do G20 e dos BRICS, e sei do que estou falando. O que vou escrever, hoje, está ancorado não apenas em desejos ou projetos, mas também em *vivências*. Convido o leitor a passar ao largo da nossa conjuntura deplorável e voltar os olhos para o futuro. Também do futuro se pode ter saudades.

Megalomania e nanomania

Bem sei que toda vez que o Brasil procura se comportar à altura da sua dimensão e do seu potencial, ergue-se, sinistro, o coro das vozes discordantes, cétricas ou derrotistas. Denuncia-se, muito mais dentro do que fora do país, não raro com agressividade, a suposta megalomania de projetos nacionais brasileiros.

Ora, ora, francamente! Megalomania? Ao contrário! O brasileiro sofre de nanomania, como notou Celso Amorim. Exatamente isso: nanomania, mania de ser pequeno, termo que talvez tenha sido cunhado por ele mesmo.

O nosso problema nunca foi uma suposta mania de grandeza. Aliás, nem tem cabimento falar nisso. O Brasil é grande – objetivamente falando. Nem precisamos, portanto, ter mania de ser o que já somos.

O que nos falta, claro, é a dimensão subjetiva da grandeza, a autoconfiança que transforma a grandeza objetiva, factual em uma realidade completa. Mas a base objetiva e factual é de uma abundância clamorosa.

Permita, leitor, que eu me repita um pouco, antes de entrar propriamente no assunto deste artigo. É que a repetição costuma ser um recurso absolutamente essencial. Já dizia Nelson Rodrigues que tudo aquilo que não é repetido, com insistência, com determinação e com descaro, permanece rigorosamente inédito. Seguindo essa recomendação, tenho então apontado incansável e obsessivamente para o óbvio ululante: o Brasil é um dos gigantes do mundo. Temos o quinto maior território, a sexta maior população e a oitava economia do planeta. O Brasil faz parte de um grupo de apenas cinco países, junto com os Estados Unidos, a China, a Índia e a Rússia, que integram as listas das dez maiores nações em termos de PIB, extensão geográfica e habitantes. Não foi por outra razão que batizei o meu livro mais recente de *O Brasil não cabe no quintal de ninguém*.

Esses dados de tão óbvios nem precisariam ser mencionados, muito menos insistentemente. Nem seria necessário que um economista brasileiro escrevesse um livro com esse título. É a nossa nanomania que torna a insistência inescapável, ou pelo menos desculpável.

Isso tudo a título de introdução. Eis o que eu realmente queria dizer: ao Brasil está reservado um destino planetário e, por isso, não podemos pensar apenas em nós mesmos e nossos vizinhos próximos. Messiânico? Que seja. Mas tento explicar.

Europa, Estados Unidos, China

Começo pelo quadro mundial. Há um vácuo escandaloso no planeta. Nenhuma das principais potências, apesar dos seus méritos, consegue oferecer uma visão de mundo convincente.

A Europa, por exemplo, é uma maravilha. Que continente! Quanta cultura, história, beleza e variedade! E, no entanto, envelheceu. Não tem mais o mesmo vigor, nem a mesma criatividade. Enquanto em países como o Brasil tudo está por se fazer, na Europa o peso do passado esmaga as gerações presentes. Preconceituosa e fechada, *repliée sur soi même*, a Europa sequer se interessa, realmente, pelo resto do mundo. Defensiva e agarrada a suas conquistas e seus privilégios, pouco oferece, pouco inventa em benefício dos outros. Eu mesmo vi como no FMI e no G20, os europeus, em bloco, resistiam tenazmente à reforma das instituições internacionais.

Os Estados Unidos são inegavelmente uma grande nação, que já deu e ainda dará muito para o desenvolvimento da civilização. Sem ter cultura e história tão antigas e tão ricas quanto às da Europa, os americanos compartilham com os europeus valores, tradições, princípios. E, também, alguns receios fundamentais. Temem o fim da hegemonia duramente conquistada no século 20. Lidam mal com a perda gradual de expressão econômica e demográfica, em face da ascensão dos países de economia emergente, especialmente a China. No meu convívio com os americanos, no FMI e no G20, pude notar como é difícil, às vezes impossível, trabalhar em cooperação com eles. Mesmo quando há acordo nos temas em discussão! Prevalece do lado americano uma atitude arrogante e uma certa mania de se autodesignar líder mundial e pretender, com frequência, impor seus pontos de vista.

Isso muda com Biden? Ele está se esmerando em recuperar a coesão interna do país, erodida por décadas de políticas econômicas e sociais de cunho neoliberal e pelos tumultos ocasionados por seu antecessor imediato. Tem plena consciência de que atacar as desigualdades, injustiças e ineficiências que se acumularam nos últimos 40 anos é condição *sine qua non* para enfrentar o desafio representado pela China. Ao fazer esse esforço interno, Biden rompe com políticas regressivas e manda uma mensagem positiva para o mundo.

Infelizmente, a essa altura, já ficou claro que uma coisa é a sua política interna, inovadora e louvável, e outra a sua política externa, marcada pelos vícios e egoísmos arraigados da potência imperial. Solidariedade, justiça e desenvolvimento para dentro. Imperialismo,

hostilidade ou indiferença para fora. É isso mesmo? Não quero ser injusto nem preconceituoso, mas a política internacional de Biden não escapa por enquanto dos trilhos tradicionais. Até gostaria de poder dizer o contrário. Mas como? Para citar apenas um exemplo: até agora Biden não deu um passo sequer para relaxar a política de embargo em relação a Cuba, intensificada no período Trump.

E a China? Ela tem condições de ocupar o vácuo deixado pelas potências tradicionais? De oferecer uma mensagem nova para o mundo? Os chineses, assim como os europeus e americanos, têm qualidades – e não são poucas. São notáveis a sua disciplina, capacidade de trabalho, dedicação, sentido de coletividade e patriotismo. Os chineses se orgulham, com toda razão, do sucesso estrondoso do país ao longo das mesmas quatro décadas em que grande parte do Ocidente empacou no atoleiro neoliberal. A China, diga-se de passagem, nunca comprou o “Consenso de Washington” que tanto sucesso fez aqui na América Latina. A coesão que falta aos Estados Unidos sobra na China (talvez seja até excessiva).

E, no entanto, apesar de algumas iniciativas de impacto, notadamente a Rota da Seda, como ainda é estreita e pouco criativa a agenda internacional da China! Tanto no FMI, como no G20 e nos BRICS, pude observar como os chineses concentram seus esforços em poucos pontos-chave, que julgam do seu interesse, e deixam o resto mais ou menos em segundo plano. Isso deve mudar, acredito, mas não de uma hora para outra.

Nos anos mais recentes, com Xi Jinping no comando, perdeu-se um aspecto que me parecia importante – um certo cuidado, uma certa humildade no trato com outros países. O sucesso talvez tenha subido um pouco à cabeça. Nota-se agora certa arrogância, certo chauvinismo. A China, ainda mais do que antes, tem dificuldade em despertar a confiança de outros países e, em especial, dos seus vizinhos. Não tem liderança e hegemonia asseguradas nem mesmo no Leste da Ásia. Há muita inveja, intriga e propaganda anti-China, sem dúvida, mas os chineses também fomentam as reações negativas a eles no exterior.

O papel planetário do Brasil

Mas era do Brasil que queria falar. Como fica então o nosso país nesse quadro internacional? Pois bem, prepare-se, querido leitor, para uma declaração bombástica: o Brasil destina-se por sua própria história e formação a exercer um papel singular, a trazer uma mensagem de esperança, generosidade e união para o planeta inteiro.

O texto já está ficando longo demais e preciso tentar ser mais direto. Por circunstâncias da vida, coube-me viver grande parte do tempo no exterior. E cedo pude perceber as grandes qualidades do brasileiro em comparação com outros povos – vivacidade, alegria, cordialidade, afetuosidade, doçura, criatividade, capacidade de inventar e improvisar, entre outras. Desde 2015, e sobretudo desde 2019, fomos jogados na negação disso tudo. O brasileiro já nem se reconhece mais. Mas não é em alguns poucos anos que se consegue destruir o espírito de um povo. E é justamente desse espírito que o planeta está precisando, urgentemente, para fazer face a suas crises econômicas, sociais, climáticas e de saúde pública.

A nossa história nos prepara para exercer naturalmente um papel planetário. O Brasil é um país universal na sua própria origem e formação. Para cá confluíram os povos originários, oriundos da Ásia, os portugueses, os africanos, outros povos europeus, italianos, espanhóis, alemães etc. A maior população japonesa fora do Japão está no Brasil. A população brasileira de origem libanesa é maior do que a população inteira do Líbano. Salvador é a maior cidade negra fora da África, superada em número de habitantes por apenas quatro ou cinco cidades do outro lado do Atlântico Sul. O Brasil, em suma, contém o planeta dentro de si mesmo.

Quase diria: não é só que o Brasil não cabe no quintal de ninguém, mas é o mundo que cabe no nosso quintal. Mas isso já seria arrogância, algo que o brasileiro sabe bem evitar. Não é que o mundo cabe no nosso quintal. Ele está *dentro de nós*, na nossa história, na nossa formação, no nosso sangue. O mundo nos constituiu.

Nem preciso frisar que esse papel internacional do Brasil depende da retomada de um projeto nacional de desenvolvimento, que começa com o resgate do próprio povo brasileiro, resgate que precisa ser consubstanciado na geração de empregos e oportunidades e na luta

contra a desigualdade, a pobreza e a injustiça dentro do país. Esse resgate tem que tomar a forma de uma verdadeira ofensiva, um movimento em marcha forçada, concentrado no tempo e apoiado em experiências bem-sucedidas na área social.

Mas o ponto que queria frisar é que o nosso projeto nacional de desenvolvimento não poderá ser apenas nacional, estreito e egoísta. Nacional, sim, mas não apenas nacional. Brasileiro, sim, mas não fechado e excludente. O projeto brasileiro haverá de ser nacional e universal ao mesmo tempo. É o nosso destino.

Estou usando aqui a palavra destino *cum grano salis*. O Brasil pode perfeitamente continuar infiel a esse destino. E deixar, assim, uma imensa lacuna no planeta.

A nossa vivência

A quem duvide disso tudo e queira desqualificar o que estou dizendo como mero delírio, utopia ou devaneio tenho apenas o seguinte a dizer: o Brasil já mostrou, na prática, insisto, que tem condições de caminhar nessa direção. Foi o que vimos há pouco tempo, entre 2003 e 2010, durante os dois mandatos de Lula e, em menor medida, no governo Dilma. O Brasil já foi, como disse na época Chico Buarque, um país que não falava grosso com a Bolívia e nem piava fino com os Estados Unidos. Tratava todos com cuidado e consideração. Mais do que isso: começou a atuar em todos os quadrantes do mundo, trazendo sempre uma palavra de paz, justiça e conagraçamento. Eu morava no exterior durante a maior parte desse tempo e posso testemunhar da influência crescente do Brasil e do respeito e da simpatia que suscitávamos.

Mais do que testemunha fui, em determinadas áreas, participante ativo dessa ascensão brasileira, no âmbito do FMI, do G20 e dos BRICS. Tínhamos energia, leitor, para nos preocuparmos até com temas remotamente ligados a interesses imediatos do país. Por exemplo: a Islândia estava sendo injustiçada por outros europeus? Lá estávamos nós para ajudar os islandeses a se defender no FMI. A Grécia era massacrada pela Alemanha e outros europeus? Lá estávamos nós para denunciar e criticar, em detalhe, os absurdos do ajustamento econômico imposto aos

gregos. Os países pequenos e frágeis precisavam de uma atenção especial? Lá estávamos nós para construir iniciativas e mecanismos de atuação em defesa desses países dentro do FMI. Os países de língua portuguesa, da África e da Ásia, estavam abandonados e negligenciados? Lá estávamos nós para tentar auxiliá-los e, se possível, trazê-los para dentro do nosso grupo no FMI.

Nos grandes temas então, de interesse imediato e estratégico do Brasil, a atuação brasileira subia aos mais altos níveis de governo, ao Ministro da Fazenda, ao Ministro das Relações Exteriores e ao Presidente ou à Presidenta da República. Por exemplo: o G7, composto apenas pelos principais países desenvolvidos, se mostrava estreito demais para enfrentar os desafios da crise internacional? Lá estávamos nós para ajudar, e em certos momentos, liderar o movimento para transformar o G20 em foro de líderes e colocá-lo no lugar do G7 como principal instância de cooperação internacional. O Banco Mundial e outros bancos multilaterais mostravam-se intrusivos, lentos e defasados? Lá estávamos nós, junto com os outros BRICS, para criar um banco multilateral, o Novo Banco de Desenvolvimento, desenhado para inaugurar um novo padrão de financiamento do desenvolvimento, focado na sustentabilidade social e ambiental e fundado no respeito aos países em desenvolvimento e às suas estratégias nacionais. O FMI resistia a reformas em sua governança? Lá estávamos nós, de novo com os BRICS, para criar um fundo monetário próprio capaz de atuar de forma independente.

Mencionei apenas exemplos da minha esfera de atuação imediata. O Brasil fez muito mais no campo internacional. Muitas das nossas iniciativas ainda não frutificaram ou ficaram pelo caminho depois que o Brasil mergulhou na sua crise política e econômica. Estávamos apenas começando e cometemos, certamente, muitos erros. Mas ninguém estranhava que o Brasil estivesse presente e atuante em quase todas as grandes questões internacionais. É o que se espera de um país-gigante como o nosso.

É verdade, também, que a súbita ascensão do Brasil contrariou interesses e despertou inquietações e ciúmes em algumas partes do mundo desenvolvido, notadamente nos Estados Unidos, ainda que isso

nem sempre se manifestasse claramente. E essas inquietações deram lugar a ações externas que explicam, em parte, as nossas desgraças atuais – como ficou claro nas informações que têm vindo à tona no passado mais recente. Temos que proteger melhor os nossos flancos e a nossa retaguarda da próxima vez.

Retomar o papel planetário do Brasil é retomar um projeto de gerações anteriores de brasileiros que souberam pensar grande. Celso Furtado, por exemplo, encerrou conferência pronunciada na USP em 2000, com o seguinte apelo aos jovens brasileiros:

Temos que preparar a nova geração para enfrentar grandes desafios, pois se trata de, por um lado, preservar a herança histórica da unidade nacional, e, por outro, continuar a construção de uma sociedade democrática aberta às relações externas. (...) Numa palavra, podemos afirmar que o Brasil só sobreviverá como nação se se transformar numa sociedade mais justa e preservar a sua independência política. Assim, o sonho de construir um país capaz de influir no destino da humanidade não se terá desvanecido.

Sobrevivemos!

Vou terminando este texto que me saiu longo demais. Espero que o leitor tenha chegado até aqui. Apesar de todos os argumentos e explicações, talvez tenha ficado, mesmo, meio delirante. Paciência. Não é, afinal, pelo delírio que se chega ao fundo das coisas? E nem me parece tanto delírio assim reconhecer que o Brasil tem condições, dimensão e experiência para atuar de forma decisiva, positiva e solidária nas grandes questões que preocupam o mundo hoje – na crise ambiental, no combate à miséria e à fome, no combate a pandemias presentes e futuras.

Entendo perfeitamente que afirmações como as que fiz possam despertar desconfiança e ceticismo. Sofremos e estamos sofrendo muito, eu sei. A destruição foi grande – e ela continua. Mas, como escreveu Nietzsche: “Da escola de guerra da vida – o que não nos mata nos torna mais fortes”. Sobrevivemos e estamos nos preparando para dar a volta por cima. Em retrospecto, nossos tormentos recentes e atuais serão lembrados, acredito, como a provação que tivemos que atravessar para nos preparar melhor e de forma mais profunda para o papel planetário a que estamos destinados.

Releio o que escrevi. Está muito emotivo. Carreguei demais nas tintas? Acho que não. Mas veremos.

1 Publicado originalmente no *Jornal GGN*, em 26 de julho de 2021.

A ROTA DA BOA ESPERANÇA¹

O texto anterior a este tratou do que chamei de “destino planetário do Brasil”. Extravagante, eu sei. Mas vale a pena, talvez, insistir no tema. O brasileiro está precisando de alento. Delirei um pouco, eu sei. É o que tende mesmo a acontecer – quando alguém sonha sozinho, o sonho pode degenerar em delírio. Mas quando muitos sonham juntos, ah, aí o delírio pode virar realidade.

O leitor quer um exemplo de como o Brasil pode cumprir seu destino planetário? Vou recorrer a uma ideia do Saturnino Braga, um daqueles brasileiros que sabem pensar grande e que, em meio à tormenta, não perdeu a confiança no Brasil. *Ognuno sa navigare col buon vento*, dizem os italianos. O desafio é vencer tempestades.

Antes da pandemia, participei com Saturnino de uma mesa de debates no Rio de Janeiro sobre a Nova Rota da Seda, aquela grandiosa iniciativa chinesa, lançada em 2013, que consiste essencialmente de uma coleção de projetos de infraestrutura. O nome da iniciativa carrega todo um simbolismo histórico, ao evocar as antigas rotas de comércio entre a Ásia e a Europa numa época em que a China era a economia mais desenvolvida e poderosa do mundo. A Nova Rota da Seda não se circunscreve às áreas originais e alcança, também, a África e a América Latina.

Todos falavam com admiração da iniciativa chinesa, quando de repente o nosso Saturnino resolveu inovar. E saiu-se com uma daquelas belas improvisadas que o brasileiro, como poucos, consegue produzir. Por que não, perguntou ele, uma iniciativa brasileira – uma Nova Rota da Boa Esperança, que uniria as Américas, a Europa, a África e a Ásia? O Brasil refaria, assim, o caminho das Grandes Navegações Portuguesas.

Este seria o lema que poderia abrigar e energizar todo um conjunto de projetos e programas de desenvolvimento na América Latina, na África e na Ásia, impulsionados pelo Brasil.

A ideia ressoou em mim porque há muito alimentava o sentimento de que o nosso país é, na verdade, o herdeiro natural do espírito que moveu a aventura global de Portugal nos séculos 15 e 16. Em Washington, cheguei a ensaiar essa ideia, em pequena escala, ao trazer para nosso grupo no FMI países de língua portuguesa da África e da Ásia. Estávamos refazendo, eu dizia na época, *tongue in cheek*, a trajetória das Grandes Navegações.

Portugal, vítima do complexo de vira-lata

Antes de desenvolver um pouco a ideia do Saturnino, preciso abrir um rápido parêntese sobre Portugal. O brasileiro, em geral, pouco sabe, pouco entende de Portugal. O que é um absurdo arrematado, por duas razões pelo menos.

A primeira razão, óbvia, é que os portugueses, junto com outros povos, nos constituíram. Mais do que isso: Portugal liderou a criação desse imenso país que viria a ser o Brasil. E nos legou, entre outras coisas, a bela língua nacional – para o meu gosto mais bonita, diga-se de passagem, em várias das pronúncias brasileiras do que na da sua pátria original.

A segunda razão é que Portugal foi uma nação realmente extraordinária. Aquele pequeno país, numa das pontas da Europa, transformou-se em vanguarda da expansão mundial da civilização europeia. Lançou-se ao Oceano Atlântico, percorreu o litoral da África, descobriu o caminho para as Índias, contornando o temível Cabo das Tormentas, rebatizado Cabo da Boa Esperança pelo rei João II. E chegou não só à Índia, mas à China e ao Japão. De quebra, atravessou o Atlântico e criou o Brasil.

O brasileiro sempre teve alguma dificuldade de se dar conta da importância de Portugal para nós e para o mundo. Antigamente, o mais comum era um simples desprezo, expresso nos lamentos do tipo “pena que não fomos colonizados pelos holandeses ou pelos franceses”, “pena

que eles não conseguiram fincar pé no Rio de Janeiro, em São Luís e em Pernambuco”. O nosso destino teria sido outro, imaginava-se. Só faltava transformar Calabar (um precursor do marreco de Maringá) em herói nacional. O que se escondia por trás disso (e nem se escondia muito) era um velho conhecido nosso – o indefectível complexo de vira-lata. O desprezo por Portugal era, no fundo, uma faceta da tendência nacional à autodepreciação.

Mais recentemente, surgiu outra maneira de atacar os portugueses. Em certos círculos, a tendência é estigmatizá-los como invasores, colonizadores, escravocratas e genocidas. Tratam de reescrever a história do ponto de vista dos derrotados e escravizados. É um esforço legítimo, que permitirá uma visão muito mais completa e justa da nossa formação nacional. Só não podemos perder de vista que Portugal está em nós, no nosso sangue, na nossa cultura, como estão os africanos, os povos originários e outros povos que para cá vieram. Renegar Portugal é renegar um pedaço enorme do Brasil e da nossa história.

Fiquei sabendo que até em Portugal a sanha “descolonizadora” se faz sentir e há quem peça a remoção daquele célebre monumento às Grandes Navegações em Lisboa, “O Padrão dos Descobrimentos”, um dos emblemas da cidade. Não vai vingar. O dia em que Portugal deixar de se orgulhar do seu passado glorioso será exatamente o fim. Pode fechar para balanço.

A melhor introdução à grandeza de Portugal talvez seja o livro *Mensagem* de Fernando Pessoa, uma das poucas obras publicadas por ele em vida e dedicada, em grande parte, à aventura marítima portuguesa. “O mar com fim”, escreveu Pessoa, “será grego ou romano: o mar sem fim será português”. Na minha ignorância selvagem de brasileiro, só fui me dar conta da grandeza de Portugal quando travei conhecimento com essa obra de Pessoa.

Mensagem é uma maravilha do primeiro ao último verso. Veja, leitor, por exemplo, o poema “Horizonte”:

Ó mar anterior a nós, teus medos
Tinham coral e praias e arvoredos.
Desvendadas a noite e a cerração,
As tormentas passadas e o mistério,

Abria em flor o Longe, e o Sul sidério
Splendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa da longínqua costa
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta
Em árvores onde o Longe nada tinha;
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:
E, no desembarcar, há aves, flores,
Onde era só, de longe a abstracta linha.

O sonho é ver as formas invisíveis
Da distância imprecisa, e, com sensíveis
Movimentos da esperança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte
Os beijos merecidos da Verdade.

Faço aqui um apelo ao leitor: não deixe de ler ou reler *Mensagem*, livro indispensável para entender a nossa história e, também, o nosso futuro.

Brasil, herdeiro das Grandes Navegações Portuguesas

Volto, então, ao nosso destino planetário e à ideia do Saturnino. Portugal, país pequeno, diluído na União Europeia, talvez só possa permanecer fiel a seu passado em aliança com o Brasil. Não tem mais a energia e o impulso de antes. Já nosso país, um dos gigantes do mundo, tem tudo para retomar o espírito das Grande Navegações Portuguesas. Esse é o sentido da brilhante metáfora do Saturnino.

O que poderia ser a Nova Rota da Boa Esperança? A exemplo da iniciativa chinesa, poderia tomar a forma de um conjunto de projetos e programas de infraestrutura e de desenvolvimento sustentável formulados e/ou financiados pelo Brasil em colaboração com outras nações latino-americanas, africanas e asiáticas. O foco seria o desenvolvimento adaptado às exigências do século 21 – um desenvolvimento fundado, portanto, na sustentabilidade não só econômico-financeira, mas também social e ambiental. A questão climática faria com que a questão da economia verde assumisse papel central na Nova Rota da Boa Esperança.

Temos para isso instrumentos que podem ser mobilizados ou recuperados. O BNDES, a Embrapa, as empreiteiras e outras empresas brasileiras com presença internacional. Temos no Itamaraty um corpo diplomático de excelência que ajudaria a abrir caminho para a iniciativa. O Banco dos BRICS, se for capaz de ampliar o número de seus países-membros, também pode ser dinamizado para ajudar a financiar projetos e programas da Rota da Boa Esperança – até porque foi o primeiro banco de multilateral de desenvolvimento a ter a questão ambiental inscrita no seu Convênio Constitutivo.

Repare, leitor, no nome da iniciativa – “Boa Esperança”. O Brasil deve ser o portador de uma mensagem nova de solidariedade, respeito e igualdade entre as nações. Entre os grandes países, volto a dizer, só o Brasil, por suas características, sua história e sua formação singular, está talhado para trazer essa mensagem de esperança para todos.

O que nos cabe fazer é transformar o que pode parecer mero delírio em realidade. Trata-se, como escreveu Pessoa, de sonhar as formas invisíveis e buscar na linha fria do horizonte, com esperança e vontade, a árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte – os beijos merecidos da Verdade.

1 Publicado originalmente no *Jornal GGN*, em 9 de agosto de 2021.

CHATGPT ARRASANDO¹

Gosto de falar, de vez em quando, com os meus leitores mais antigos. Nem sei se de fato existem e se ainda estão vivos e alertas, e talvez fique falando sozinho. Mas imagino que esta pequena crônica chegará a alguns deles. Então, eis o que queria perguntar a vocês: será que se lembram de um sobrinho criativo e algo folclórico que figurou em alguns artigos e também, de passagem, no meu livro mais recente, *O Brasil não cabe no quintal de ninguém?* Pois ele vai ser o personagem central hoje. Antes, porém, é melhor fazer uma rápida recapitulação para situar o personagem nas suas “circunstâncias sociais e históricas”, como diria um sociólogo ou historiador das antigas.

Trata-se de um rapaz inteligente e possuidor de um grande senso de humor. Quando ingressou, há mais de dez anos, como estagiário num banco de investimento em São Paulo, sofreu, entretanto, uma fulminante conversão ao ideário da turma da bufunfa. Bem que sei que este grupo não tem propriamente ideias e, assim, “ideário” é um termo impróprio. Mas como todo agrupamento socioeconômico, a turma da bufunfa cultiva seus conceitos ou, melhor dizendo, preconceitos. Pois o sobrinho passou a defender, com fervor, todos esses preconceitos. Encantou-se, por exemplo, com “a taxa de juro de equilíbrio”, aquela variável não observável, leitor, inferida por modelos, que supostamente determina o nível adequado dos juros, isto é, aquele que assegura a convergência da inflação para determinadas metas. Essa taxa de equilíbrio serve, na verdade, para o despropósito de justificar os juros pornográficos que o Banco Central praticava naquela época e quase sempre pratica. Com o entusiasmo dos novatos, o sobrinho argumentava insistentemente que os

“modelos” mostravam inequivocamente que a taxa Selic de equilíbrio seria de 10% ao ano em termos reais!

Passou. Atualmente, este sobrinho é um empresário de sucesso na área educacional, revelando-se uma das poucas pessoas da família que sabem ganhar dinheiro. A nossa família, dominada por políticos (honestos) e artistas, é uma verdadeira negação em matéria financeira. Paulinho é uma exceção. Não havia dito que ele é meu xará? Esqueci. Ele é quase meu homônimo, o que me causava alguns constrangimentos, devo dizer. O motivo é que ele costumava mandar cartas aos jornais e publicar alguns artigos, sempre assinados Paulo Nogueira Batista, São Paulo, SP, ocasiões em que desancava a esquerda e atacava conhecidos meus, às vezes duramente. Eu, que também morava em São Paulo na época, tinha que sair explicando que o autor das cartas e artigos não era eu, e sim um sobrinho neoliberal. Depois de muita reclamação minha, hoje ele assina Paulo Batista.

Enfim, vamos ao ponto. No aniversário da minha mãe, que completou 94 anos há pouco, reuniu-se a família toda, numerosa, feliz e barulhenta. Paulinho não podia faltar e nem a sua mania de dar volta e meia uns tecos no tio progressista. Dessa vez, escolheu um caminho que se mostraria um pouco constrangedor para ele. Constrangedor, mas pedagógico.

O que aconteceu foi emblemático e impressionante, pelo menos para uma pessoa como eu, que faz parte de uma geração que acompanha com certa dificuldade o rápido progresso tecnológico do século 21. O incidente que passo a relatar revela, acredito, o imenso potencial da inteligência artificial.

Ocorre que, em maio do ano passado, fui apresentado de maneira ultra simpática a essa nova tecnologia. O jornalista Pedro Cafardo, do *Valor Econômico*, perguntou ao ChatGPT quem eram os dez maiores economistas brasileiros de todos os tempos. E publicou os resultados.² Entre os dez maiores, para a minha surpresa, figurava o meu nome como décimo da lista. Era o lanterninha, mas dei mesmo assim os proverbiais arrancos triunfais de cachorro atropelado, como diria Nelson Rodrigues. Mas houve mais. O jornalista repetiu a pergunta ao ChatGPT e o meu

nome voltou a aparecer, desta vez em sexto lugar! Apenas outros quatro economistas (Celso Furtado, Mario Henrique Simonsen, Maria da Conceição Tavares e João Paulo dos Reis Velloso) apareceram nas duas listas, ambas encabeçadas por Furtado, realmente o nosso maior economista,³ o que conferia certa plausibilidade às respostas da inteligência artificial.

O meu nome, entretanto, realmente destoava. Devo reconhecer. Meu sobrinho, assim como outros familiares neoliberais e bolsonaristas, haviam recebido com grande ceticismo a lista do ChatGPT. Paulinho resolveu então, para divertimento geral, repetir a pergunta: “Quem são os dez maiores economistas brasileiros de todos os tempos?” Leitor, não é que voltei a aparecer, agora como quinto colocado! A minha fé na inteligência artificial crescia de cinco em cinco minutos.

Mas o sobrinho não se deu por vencido. Fez nova pergunta: “Quais são os critérios para a elaboração da lista?” O ChatGPT deu resposta sensata e defensiva, esclarecendo que considera uma combinação de fatores, incluindo contribuições acadêmicas, influência nas políticas econômicas brasileiras, publicações relevantes e reconhecimento internacional. Ressalvou, contudo, que a seleção é subjetiva, podendo variar de acordo com os critérios de cada pessoa.

Paulinho insistiu outra vez: “Mas Paulo Nogueira Batista Jr. não é uma figura menor?” Pergunta ligeiramente insolente. Vejam, entretanto, a resposta do ChatGPT! Foi um tapa com luva de pelica:

Ele é frequentemente reconhecido por suas contribuições significativas para a economia brasileira, tanto em termos acadêmicos quanto em sua carreira internacional. Ocupou cargos importantes em instituições financeiras internacionais, como o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco dos Brics (Banco de Desenvolvimento dos Brics). Além disso, suas análises econômicas e críticas políticas têm impacto considerável no debate público sobre questões econômicas no Brasil.

Não pense, leitor, que estou aqui fabulando e contando vantagem. Foi exatamente assim. Tenho os *prints* do diálogo e posso mostrá-los.

Mas o melhor ainda estava por vir. Paulinho tentou uma última pergunta, também meio insolente: “Mas ele não é antissemita?” A resposta foi acachapante:

Não há evidências substanciais para afirmar que Paulo Nogueira Batista Jr. seja antissemita. Ele é conhecido por suas opiniões políticas e críticas às políticas econômicas internacionais, especialmente em relação a instituições financeiras globais como o FMI. No entanto, é importante separar críticas políticas legítimas de acusações infundadas de preconceito. É crucial basear-se em informações verificáveis e em fontes confiáveis ao fazer avaliações sobre indivíduos públicos.

Nocauté! Uma pequena aula. O sobrinho neoliberal rodopiou e beijou a lona. Aí o assunto morreu rapidinho (há poucos progressistas na família). Mas convenhamos, para além dos aspectos estritamente folclóricos, pessoais e familiares, não é incrível o desempenho da inteligência artificial? Nesse episódio, ressalte-se, o aplicativo não se limitou a coletar informações na rede, como às vezes se afirma para desqualificá-lo. Ao responder, o ChatGPT foi ponderado e se deu ao luxo de dar algumas lições ao humano.

A verdade é que a inteligência artificial tende mesmo a deixar a natural no chinelo. Cada vez mais. No fundo, é a repetição de um padrão histórico recorrente e conhecido em suas linhas gerais. Inovações aumentam a produtividade do trabalho humano, beneficiando os consumidores. Uma parte expressiva desses consumidores, porém, compete com a nova tecnologia e acaba desempregada.

Com a inteligência artificial, todas as atividades intelectuais rotineiras, e mesmo as não rotineiras, correm o risco de se tornar redundantes. Difícil imaginar uma área que não sofra ou venha a sofrer o seu impacto – como sempre, benéfico para os usuários e prejudicial para aqueles que ficam obsoletos.

Imagine, por exemplo, leitor que a *Carta Capital*, onde mantenho uma coluna quinzenal, decida me desempregar. Lança o tema da sua preferência e pede ao ChatGPT ou outro aplicativo semelhante: “Escreva um artigo à moda de Paulo Nogueira Batista sobre esse tema”. O artigo sairá mais rapidamente e talvez melhor do que os meus próprios textos.

Meio assustador. Só nos resta esperar que a inteligência artificial também tenha limites ou que saibamos administrar o seu impacto disruptivo na economia e na sociedade. E, em especial, que o seu progresso não seja tão rápido e profundo que a leve a descobrir que, de

fato, como desconfia meu sobrinho, não faz sentido me incluir no top 10 dos economistas brasileiros.

- 1 Publicado originalmente na *Revista Fórum*, em 8 de março de 2024.
- 2 CAFARDO, Pedro. “Os dez maiores economistas brasileiros, segundo a IA”. *Valor Econômico*, 23 mai. 2023. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/coluna/os-dez-maiores-economistas-brasileiros-segundo-a-ia.ghtml>. Acessado em: 12.06.2024.
- 3 Publiquei há pouco um ensaio sobre ele: “O legado de Celso Furtado”. *Revista de Economia Política*, São Paulo, vol. 44, nº1 , jan./mar. 2024.

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES¹

A comoção provocada pela morte de Maria da Conceição Tavares é mais uma demonstração da força incontrastável da sua personalidade vulcânica. Ela impressionava não só pelo seu conhecimento e inteligência, mas também – e nisso era insuperável – pela verve e eloquência.

O Brasil teve dois grandes oradores nas décadas recentes – ela e Brizola. Quando Conceição pegava a palavra – e especialmente quando conseguia conter um pouco seus rompantes – ela brilhava intensamente e deixava marcas inesquecíveis. Ainda me lembro dela num evento em Buenos Aires, nos anos 1980, irritada com o radicalismo dos argentinos, exclamando: “Vocês são uns românticos alemães!” para depois desenvolver toda uma argumentação em favor da moderação e do equilíbrio. Observação agudamente perspicaz a dela. Quem conhece a Argentina e o romantismo alemão há de concordar que existe, sim, um parentesco que ajuda a entender a atração pelo abismo dos nossos queridos vizinhos.

Em outra ocasião, presenciei um debate dela com estudantes da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pressionada por intervenções hiper esquerdistas da plateia, ela explodiu: “A ideologia é uma plataforma precária!” Advertência fundamental. Conceição não deixava de ser ela mesma uma ideóloga, como é natural, mas nos ensinava que sem estudo, conhecimento e ciência não se chega nem na esquina.

Esses dois episódios são reveladores de um traço do seu caráter. Conceição era um paradoxo ambulante – defendia a cautela com o máximo de exaltação, pregava a moderação aos berros. Só quem a

conhecia um pouco mais de perto sabia que a sua fúria retórica escondia uma personalidade essencialmente moderada.

Conto mais um episódio revelador. Em 1987, eu fazia parte de uma pequena equipe de assessores do Ministro da Fazenda, Dilson Funaro – outro gigante, diga-se de passagem – que preparava no maior sigilo a moratória da dívida externa.² Apesar dos nossos cuidados, à medida que se aproximava a data marcada para a suspensão dos pagamentos, começaram a ocorrer alguns vazamentos. Os rumores chegaram aos ouvidos dela, que na época assessorava o Ministro do Planejamento, João Sayad, deixando-a preocupada, para não dizer alarmada. Conceição saiu em busca de informações. Chegando no Ministério da Fazenda, ela topa comigo no corredor que levava à sala do Ministro Funaro. Ela agarra meu braço com força, quase me derrubando, e dispara: “Paulinho, vocês não pensam que vão fazer a moratória, não é mesmo?” E me olhava fixamente, cravando os olhos nos meus. Eu não queria mentir, fiz cara de paisagem e desconversei, dizendo algo como: “Fique tranquila, a questão da dívida está sendo tratada com todo cuidado”. Ela bufou e seguiu em frente, passo firme, a caminho talvez de interpelar o próprio Dilson Funaro.

Era assim Conceição Tavares: trovejava e relampejava, parecia uma alucinada às vezes, mas se mostrava cuidadosa e ponderada nos momentos críticos. Por isso sempre digo: cuidado com os mansos, os discretos, os que raramente levantam a voz. Esses é que tomam as Bastilhas de assalto.

Destaco mais um aspecto notável da trajetória dela. Lembre-se, leitor ou leitora, que duas circunstâncias limitaram muito a sua repercussão pública. Primeira: nunca teve cargos de relevo no governo federal. Em determinado momento, nos anos 1990, creio que Conceição teve a pretensão de tornar-se Presidente do Banco Central. “Temos que tirar o Banco Central das mãos dos bandidos”, bradava. Não conseguiu. Desde então, esse cargo foi ocupado quase sempre por figurinhas carimbadas do mercado financeiro. Conceição ficou de fora e nunca teve a projeção automaticamente conferida por funções de destaque na área econômica do governo.

Outra circunstância adversa: ela foi mandada para a “Sibéria” pela mídia tradicional. E para sempre. Sofreu uma espécie de exílio interno. Nunca voltou das estepes geladas. Raramente era entrevistada, os seus artigos quase nunca chegavam às páginas dos jornais, a sua voz não chegava à rádio e muito menos à televisão.

Apesar disso, apesar da censura sistemática, apesar de não galgar posições no governo, a voz de Conceição ecoava forte por todo o país. Era admirada, respeitada e temida. Ai de quem se descuidasse na presença dela! Qualquer deslize ou inconsistência suscitava reações fulminantes. Eu mesmo, quando a encontrava, tomava o máximo de cuidado para não dizer nada de remotamente controvertido e desencadear alguma explosão.

Com o surgimento das redes sociais, a sua projeção se ampliou. A mídia convencional perdeu o seu monopólio e pessoas como Conceição puderam participar mais do debate público. Muitos que ainda não a conheciam ficaram deslumbrados com o seu brilho, capacidade polêmica e vasto conhecimento – não só de economia, mas de política, história e cultura. Viram o seu compromisso inabalável com o Brasil. E, ao mesmo tempo, a sua indignação com as injustiças sociais e a extrema desigualdade na distribuição da renda e da riqueza no nosso país. Gravações das suas aulas, palestras e entrevistas viralizaram.

Ela vem sendo intensa e merecidamente homenageada nos últimos dias. Porém, muitos dos que falam elogiosamente sobre Conceição, postam fotos com ela e lamentam a sua morte pouco ou nada têm a ver com o seu pensamento e a sua pregação. Lágrimas de crocodilo. Ela teria recebido essas homenagens a patadas.

Machado de Assis dizia de um recém-falecido, pela boca de um dos seus personagens: “Está morto, podemos homenageá-lo à vontade”. Só lamento que Conceição não tenha sido ainda mais reconhecida e homenageada em vida.

2 Relatei as circunstâncias em que se deu e os passos tomadas para essa moratória em livro publicado na época, *Da crise internacional à moratória brasileira*. Rio de Janeiro e São Paulo: Paz e Terra, 1988.

CAPÍTULO III
CONTOS E MINICONTOS

O REVISOR

Estava eu, posto em sossego, quando me chegou às mãos uma mensagem extravagante. Era assim:

Prezado senhor,

Venho por meio desta confiar-lhe a tarefa mais importante da sua já longa e bem-sucedida trajetória de editor – publicar, sem demora, sem hesitações, o livro que lhe envio em anexo. Trata-se – deixo toda modéstia de lado – da maior obra de não-ficção do século 21. Nela o autor – uso aqui a terceira pessoa, pois o livro, por estranho que possa parecer, escreveu-se a si mesmo, com pouca ou nenhuma intervenção consciente da minha parte. Vê-se que nem cabe falar em modéstia, a rigor.

O meu papel, num segundo momento, foi mais de revisor, e mesmo essa revisão foi feita com muita circunspeção, posto que o texto, as suas origens, a sua natureza, escapavam em larga medida à minha limitada compreensão.

Sendo assim, ocorre-me acrescentar que a publicação pode ser anônima ou pseudônima. Será mais justo e mais apropriado.

O importante é que seja rápida e que a editora não se arvore a rever ou emendar o texto. Basta corrigir eventuais erros de digitação ou português.

Sinceramente,

O revisor

Julguei de início que era uma simples piada. Levada a sério, a mensagem era a mais arrogante que já recebera de um autor. Quando comecei a ler, porém, logo fiquei impressionado, para não dizer deslumbrado. Um autor desconhecido produzira uma obra-prima, e sabia disso.

Como descrever a sensação que a leitura proporcionava? O texto, lindamente escrito, passava de um tema a outro com maestria, com sutileza, com elegância. À variedade de tópicos e temas correspondia a variedade de escrita e estilos. O autor era um virtuose. Combinava, paradoxalmente, um estilo e uma voz próprios, com uma capacidade camaleônica de variar o tom e o registro. Em suma, era uma obra

fulgurante, singular, diferente de tudo que havíamos publicado até então – um verdadeiro *tour de force*.

Publicamos. Sem demora, sem hesitação. Foi um sucesso instantâneo. O público e a crítica acolheram o livro sem reservas, ou sem reservas importantes. Os críticos, às vezes surpresos com a descoberta, tentavam se situar e fazer paralelos com escritores consagrados, mas acabavam reconhecendo a profunda originalidade do texto.

O revisor nunca apareceu. Nem para reivindicar direitos autorais – o que foi, claro, de uma coerência perfeita.

UM QUASE AMOR

As circunstâncias em que um homem primeiro encontra uma mulher podem marcar o casal para sempre, para bem e para mal. No caso que passo a contar, para mal. Tentaram lutar contra o começo adverso, mas em última análise sem sucesso. O começo consagra ou inviabiliza o amor, de modo quase fatal. Ou assim parece.

Conheceram-se numa casa noturna, eufemismo para prostíbulo. Ele, cliente mais ou menos regular. Ela, garota de programa. Era uma linda mulher. Impressionava ao primeiro relance de olhar. Brasileira, mas parecia argentina. Clara, esguia, não muito alta, mas cheia de curvas, a falsa magra, aquela que surpreende e às vezes atrai mais do que a voluptuosa.

Rapidamente, chegaram a conversas mais íntimas, mais francas. Ele se animou a perguntar se ela usava o próprio nome ou pseudônimo. Ela contou que era o dela mesmo, pois a tentativa de usar nome falso gerara um incidente desagradável. Uma noite, na pizzaria Guanabara, no Leblon, com colegas de faculdade, ela esbarra num cliente sem noção, que a cumprimenta, em alto e bom som, pelo pseudônimo! Foi difícil se desvencilhar dele, alegando confusão de pessoa, pois o idiota insistia, causando estranheza e suspeitas gerais. A partir daí, passou a usar o nome verdadeiro – Michelle.

Ela não era nada propensa a hipocrisias e fingimentos. Contava com franqueza coisas pesadas que outras esconderiam. Por exemplo, que aceitava ser contratada para orgias. Mas não gostava. E não por restrições morais, mas porque, mais atraente do que as outras, explicava com naturalidade, sem se gabar, acabava sendo solicitada desproporcionalmente pelos homens. Atendia muitos na mesma noite,

sem com isso ganhar muito mais, dizia sorrindo e sem afetação. A relação custo/benefício ia para o espaço. Depois que ele soube dessas aventuras, chegou a contratar, poucas vezes, outras meninas para trios com ela. Ela nunca se negava, mas não valia a pena, era nela que ele queria focar, a outra acabava meio supérflua.

Os encontros com Michelle, sempre na casa noturna, não deixavam de ser realmente emocionantes – para ele e para ela. O nexos monetário estava lá, mas era como se não fosse registrado e percebido, pelo menos não por ele ou nem sempre. Quando o via chegando no ambiente, ela se levantava do lugar em que estava e abandonava tudo o que estivesse fazendo para lançar-se, fêmea ansiosa, a seu encontro. E precipitava-se nos seus braços. Uma vez, a sua pressa foi tanta que chegou a pisar-lhe o pé com força com a ponta de um salto agulha. Ele, por sua vez, depois de algum tempo, só aparecia lá para encontrá-la. Se não a encontrasse, raramente (restrição realista) ficava com outra garota. Era ela que ele sempre queria e preferia.

O primeiro encontro foi assim: ele estava na área comum da casa, já em tratativas com uma loira bonita, quando ela começou a disputá-lo, não muito discretamente, com olhares e movimentos sensuais. E passava diante dele, devagar, lânguida. E como passava! Ele deu um jeito de se desvencilhar o mais gentilmente possível da outra e foi até ela. Grande decisão! Conversaram e beberam um pouco e foram para um dos quartos na parte de cima da casa.

Um sonho. O encaixe foi perfeito. Desde o beijo na boca até a consumação total do amor. E assim continuaram os encontros, com a regularidade que a vida dele permitia, pois residia em outra cidade. Era uma benção disfarçada, dizia ele a ela, sorrindo: “Estaria quebrado se morasse na mesma cidade que você”. E, de fato, a casa não era nada barata. Mas era um enquadramento perfeito para ela e as outras garotas. Tudo era bem pensado para seduzir. As meninas, sempre de salto alto, vestidas com cuidado, cuidadosamente selecionadas por sua beleza e juventude, com muito corpo, pernas, braços, colo à mostra, faziam verdadeiro estrago. E obedeciam a certas regras. Não podiam ser inibidas e, por exemplo, sexo oral era obrigatório. Concorrência desleal com as mulheres oficiais e suas restrições e nojos. Entregavam-se sem

pressa, eram gentis e femininas. Por outro lado, estavam protegidas por regras de segurança, e não ficavam sujeitas a abusos e maus tratos.

Em resumo, o cenário era de ilusão, fabricada com esmero para enredar os homens. E era importante, acrescentando-se, não sair do cenário. A sua primeira decepção com ela, e uma das poucas, ocorreu justamente numa noite em que saíram inadvertidamente juntos, sem planejar, do cenário armado. Quando deixou a casa, topou com ela na rua, procurando um táxi. Ela se despediu o mais rápido possível, mas não antes que ele a visse, pela primeira vez, desarrumada, sem maquiagem e, sobretudo, sem o salto que era um fetiche para ele e que escondia a sua estatura não tão alta. Disfarçou a decepção, mas sentiu um pouco o golpe.

Foi bobagem, uma pequena desilusão. Os homens são dependentes demais de todo o aparato feminino de fantasia e ilusão. Por essas e outras razões, aliás, é que homem e mulher não devem morar juntos, ou pelo menos, quando possível, não dividir quarto e banheiro.

Deixo essas praticidades de lado e volto ao principal, ao mais intrigante. Era amor, afinal, o que existia entre ela e ele? Quase, quase! Um afeto tão forte era praticamente indistinguível do que costumamos chamar de amor.

Se não chegavam a pensar no afeto como amor propriamente isso se devia, talvez, ao que comecei dizendo no início. Era uma relação que teve princípio em circunstâncias adversas, visceralmente antirromânticas. Às vezes, esses contrastes brutais produzem efeitos inesperados e levam a um amor pleno. Mas não foi o que ocorreu entre eles.

Houve até um incidente triste, um mal-entendido que deixou marcas nela. Não sei bem por que ele criou certa vez a expectativa de que se encontrariam fora da casa noturna como casal, para jantar ou algo assim. Ele não foi buscá-la, porém. E soube, depois, por outra menina da casa, que ela ficara profundamente sentida e decepcionada com o furo.

A relação caminhava para o fim, na verdade. Ela, já com trinta e poucos anos, buscava uma saída daquela vida. Contou um dia que recebera uma proposta de casamento de um cliente, um americano-

coreano, e que estava cogitando aceitá-la. Acabou não aceitando e continuaram a se encontrar como sempre. Ela fez também tentativas de ganhar dinheiro de outras formas, montando uma pequena empresa de cozinha para entrega a domicílio, mas o sucesso não foi tão grande e ela continuava presa à prostituição. Ele registrava os sinais de cansaço dela, não com ele, e sim com a vida que levava, mas por egoísmo e falta de folga financeira nada fazia para ajudá-la. E ela prática, realista e orgulhosa, nada pedia. Mesmo assim, o quase amor continuava.

O preço do seu egoísmo viria, entretanto. Uma noite, ela anuncia que recebera uma outra proposta de casamento, de um brasileiro que residia nos Estados Unidos, e que dessa vez iria aceitá-la. Não sei ao certo, se já desiludida com a distância dele, ela ainda quis dar uma última chance, ou se simplesmente informou a decisão que tudo mudaria.

O último encontro foi muito sentido, realmente muito, tanto para ele quanto para ela. Ela disse com emoção visível que todos os encontros entre eles tinham sido especiais, sem exceção. Mas que agora a vida dela seria outra. E pediu, por favor, que não mais fizesse contato com ela.

E assim foi. Nunca mais se viram ou se falaram. Pouco ou nada resiste à distância no tempo e no espaço. Fim do quase romance. Ele pensa nela, mas cada vez menos. Ela pensa nele, mas cada vez menos também.

UM AMOR DE VERDADE

Uma história de amor. Como todas, com começo, meio e fim. Em muitos momentos felizes, ela parecia ser tudo na vida dele, tudo até onde é humanamente possível, até onde alcança a nossa humana imperfeição. Ele fez da família dela a dele, adotou a cidade dela como dele, seguiu suas preferências, até expressões e um pouco da forma de falar. Não se anulou, manteve sua personalidade no essencial, resistindo a tentativas de incorporação total ao Império que ela governava com doçura e mão de ferro. Ela sabia ser amorosa, mas era também forte e autoritária, tinha ideias firmes sobre o que se deve ou não fazer na vida e no dia a dia, principalmente no dia a dia. Ele, de temperamento egoísta, também não era fácil. O leitor pode bem imaginar que o abrasivo do cotidiano se fazia sentir ali com toda a sua impiedosa intensidade.

Antes de entrar na história propriamente dita, abro aqui um rápido parêntese, talvez inusitado, um tanto duvidoso, meio piegas. Pode parecer uma divagação arbitrária, mas é pertinente, acredito, para o relato que virá depois. As canções simples, até ingênuas, sempre parecem dizer a verdade sobre o amor, as suas alegrias e os seus desastres, não é mesmo? Uma obra-prima do romantismo, o filme *A Mulher do Lado*, de François Truffaut, retrata essa verdade simples, talvez simplória, de maneira, a meu ver, bonita, sentida. Mathilde, a heroína representada por Fanny Ardant, se recupera no hospital de um colapso nervoso provocado por uma crise amorosa. Diz ela a Bertrand, seu companheiro de paixão infeliz:

J'écoute uniquement les chansons, parce qu'elles disent la vérité. Plus elles sont bêtes, plus elles sont vraies. D'ailleurs, elles ne sont pas bêtes. Qu'est-ce qu'elles disent? Elles disent: "Ne

me quitte pas... Ton absence a brisé ma vie” ou “*Je suis une maison vide sans toi... Laisse-moi devenir l'ombre de ton ombre*”... ou bien “*Sans amour, on est rien du tout*”.

(Eu só escuto canções, porque elas dizem a verdade. Quanto mais bobas, mais verdadeiras. E o que dizem elas? Dizem: “Não me deixe”... “A sua ausência destruiu a minha vida”... ou “Eu sou uma casa vazia sem você...” ou ainda “Sem amor, não somos nada”).

Bertrand se assusta. Fica claro pela fala emotiva que, diferentemente do que se poderia talvez esperar, Mathilde não estava a caminho da “cura”, isto é, de libertar-se da paixão romântica.

Em outro momento do filme, Mathilde diz a Bertrand: “*Autrefois, tu me disais: ‘Une histoire d’amour doit avoir un début, un milieu et une fin’. Dieu sait comme j’étais malheureuse quand tu repetais ça!*” (Antigamente, você me dizia: ‘Uma história de amor deve ter um começo, um meio e um fim’. Deus sabe com ficava infeliz quando você repetia isso!).

Ela, doente, agarrada ao amor romântico, não quer reconhecer o fim e não pode, assim, recomeçar. O fim do amor conduz, em última instância, ao fim da vida. “*On me dit de tourner cette page. Mais elle pèse 100 kilos!*”, exclama a heroína durante uma sessão infrutífera de psicanálise. (“Dizem para eu virar essa página. Mas ela pesa 100 quilos!”). Pesa 100 quilos na imaginação doentia dela. A metáfora se torna real e pesa fatalmente como doença real e letal.

Mas fecho esse parêntese que me saiu mais longo do que planejava. É que o filme tem, como disse, certo parentesco, inclusive como contraste, com a história que estou contando. Volto então ao amor de verdade. Ele foi intenso e teve muitos instantes brilhantes, muitos mesmos. Mas, ao mesmo tempo, pode-se perceber em retrospecto que aquela história de amor tinha muitas vulnerabilidades e estava fadada a terminar um dia. Era um amor condenado, por assim dizer. E a separação foi sendo longamente preparada. A história é trivial. O fim estava de certa forma inscrito no começo. Inusitadamente, as fontes de infelicidade apareceram nos primeiros dias, mesmo nos primeiros dias de encantamento e beleza, nos *halcyon days*, nos dias felizes e sublimes de todo começo da relação amorosa.

Ele era romântico, mas instável, volúvel. Ela, pragmática, mas insegura e inclinada ao ciúme. Ambos culpados, ambos inocentes.

Ambos agressores, ambos vítimas – cada um à sua maneira. Uma tragédia, pois havia amor. Havia, não. Ainda há, até hoje, até sempre, e *ça va sans dire*, pois como dizia Nelson Rodrigues, o amor não acaba – e se acaba, não era amor.

A combinação era explosiva. A curiosidade dele era insaciável. A beleza dela, inegável, até impressionante, não satisfazia a sua busca incansável de variedade. A beleza das outras mulheres! Lá estavam elas – para impressionar e desestabilizar qualquer um, e principalmente alguém com as propensões e a volubilidade dele. E começaram os olhares. Ela tentou, fez o possível, para ensiná-lo a olhar. Foi didática. Explicou até que ponto o olhar era admissível. “Olha, mas sem fixar o olhar”, ela explicava, sofrida.

E logo vieram traições reais e completas. A primeira abriu uma ferida que nunca mais se fecharia. Ela não esqueceu, não perdoou. Não sei se tentou realmente.

Nos anos que se seguiram, mesmo quando não era invocada, a traição estava sempre presente, como sombra maligna, desencadeando irritações, impaciências, pequenos e grandes conflitos e desentendimentos. Ele criaria uma palavra para caracterizar os desencontros – desafinidades. O neologismo era perfeito para descrever as desavenças mais brandas do casal. Com o passar do tempo, as peculiaridades dele, as menores, apenas por serem dele, tipicamente dele, davam nos nervos dela. Quando a sua volubilidade ameaçava ou parecia ameaçá-la com novas infidelidades, mesmo que totalmente imaginárias, davam-se cenas de violência e agressão verbal e até física. Não faltaram ameaças de suicídio dela, crises de depressão – problemas que abalavam o casal e a família inteira. Havia situações perigosas, tanto para ele como para ela. Certa vez, ela deu uma pancada mais forte na cabeça dele, com um objeto pontiagudo, provocando um sangramento interno no olho esquerdo. Ferimento metafórico, pois tudo começava, por assim dizer, na infidelidade do olhar!

Mas, por incrível que possa parecer, a esperança de que tudo se acertaria, persistia tanto nele como nela. Ele chegou a escrever um verso, deslavadamente otimista:

Amor imperfeito,
Corações fragmentados,
Até os seus defeitos
Mantém o dois lado-a-lado

A rima imperfeita ecoava a imperfeição do amor. O verso era uma alusão ao fato reconhecido pelos dois, analisado e reanalisado com ajuda de terapia, de que eles ficavam presos um ao outro, apesar de tudo, também pelo negativo, pelo emaranhamento que existia de alguma forma do lado dela e do dele. O “apesar”, mais uma vez, escondia o “porquê”, como dizia Fernando Pessoa.

Apesar dos riscos e do estrago que a infidelidade produzia, ele ciscava. A resolução de não mais olhar para o lado, tomada de forma enfática depois de crises duras e sofridas, não resistia à ação do Tempo, assim mesmo com *t* maiúsculo. A beleza é um veneno, um doce veneno, não é? A variedade das formas e de tipos de beleza feminina é uma atração magneticamente feroz para o homem. “*Das Ewig-Weibliche zieht uns hinan*” (o eterno feminino nos leva para o alto), dizia Goethe. Ou não seria mais realista dizer que o eterno feminino nos puxa para baixo, para o instintivo, para o animal? E assim ele ia buscando, cada vez mais, fora do casamento o que nele não conseguia encontrar – sexo, conversas, afeto. Outras mulheres davam a ele o que ela já não podia ou queria dar. O sexo, tão intenso nos primeiros anos, cedeu à ação corrosiva desse Tempo, que nada deixa intacto. Mas não era mesmo só questão de sexo. Também fazia falta, a ela e a ele, o carinho dos primeiros tempos. E falta fazia também o diálogo sobre temas da vida, da família e do trabalho. Estabelecera-se a tristemente a famosa solidão a dois. Mas antes fosse apenas solidão. O que havia era um convívio forçado, muitas vezes desagradável, de rejeição e desrespeito à vida e às inclinações do outro. Os atritos se multiplicavam. Com o passar do Tempo, desapareceram ou diminuíram as grandes crises, as traições e deslealdades dele, as violências e depressões dela. Ficou outra coisa, não digo pior, mas desagradável e mais constante – os pequenos conflitos, as brigas, as rugas, as mesquinhas do convívio forçado de pessoas que continuam juntas, mas se distanciaram na alma. Para sempre.

Sobreviveram, entretanto. Não sem riscos, não sem danos, não sem sofrimento, como disse. Quando veio a separação, a pergunta que os dois poderiam se fazer, cada um por seu lado, era: Como, Deus meu, demoramos tanto a reconhecer que o casamento não podia continuar? Que a relação falira? Que já estávamos separados sem reconhecê-lo? É o que acontece tantas vezes: reconhecer e aceitar o fracasso é sempre difícil, às vezes impossível.

Mas não houve fracasso, na verdade. Como poderia haver? Se tantas boas memórias ficaram, de tempos de amor, carinho, afeto, sexo, dos instantes mais intensos do começo do amor? E das canções que marcaram aquele início? Como a de Phil Collins, que tem esses versos de bela aliteração:

*Anytime you want to, you can turn me on to
Anything you want to, anytime at all
When I kiss your lips, oh I start to shiver
Can't control the shivering inside
(...)*

*When I'm in your arms, nothing seems to matter
My whole world could shatter, I don't care.*

A qualquer hora que queira, você pode me transformar em/qualquer coisa que queira, a qualquer hora/Quando beijo seus lábios, começo a tremer/não consigo controlar o estremeamento por dentro.

(...)

Quando estou nos seus braços, nada parece importar, meu mundo inteiro poderia estilhaçar-se, eu não ligo.³

Ficaram, também, as lembranças dos momentos de cumplicidade dos anos que vieram depois. E, sobretudo, ficaram as filhas, os genros e os netos. Uma família de verdade.

Eles não se falam mais. Mas acredito que voltarão a se falar cedo ou tarde, carinhosamente, como duas pessoas que já se amaram um dia e continuam querendo bem um ao outro.

Era isso que queria contar. Uma história comum. Sim, comum, pois falei de um amor de verdade, com começo, com meio e com fim. Mas, repare, um amor *de verdade* que luta, se debate, *agoniza* para não

reconhecer que, por ser mesmo verdadeiro, tem começo, tem meio e tem fim. Reconhecer essa verdade aparentemente simples, aparentemente trivial, custa caro, arranca pedaços. Os amantes emergem extenuados, com cicatrizes para o resto da vida. Mas tudo passa.

À luz de um amor verdadeiro, como parece extravagante, meramente romântica, a afirmação de Nelson Rodrigues de que o amor não acaba – e que se acaba não era amor. Acaba, sim, morre um dia como tudo que é vivo. Só não acaba no *coração*, que está além do tempo e do espaço, não acaba no sentido de que continua reverberando, mas de outra forma, totalmente diferente. Já não mais como amor, mas como lembrança carinhosa, como um afeto renovado que a distância agora permite.

Permita-me, leitor ou leitora, acrescentar uma breve reflexão final. O amor seria uma irrupção, uma espécie de vulcão em súbita atividade, que nos pega de supetão, nos surpreende e arrasta tudo que vê pela frente? Mesmo? Preconceito do romantismo! Para além da ilusão romântica, o amor é uma falsa força da natureza. Ou melhor: não é só, nem principalmente, isso. É uma força da natureza, sim, mas antes da nossa *segunda* natureza – uma construção maravilhosa e lindamente elaborada pela educação, pela cultura e pela *arte*.

O relato que acabo de fazer, ainda mais com o título “Um amor de verdade”, suscitará a suspeita de que vampirizei a vida real, como fazem os contadores de histórias de todos os tempos. Qual é, afinal, a relação entre realidade e fantasia na literatura de ficção, ou na literatura que se faz passar por ficção e copia, imita, explora a vida vivida. O escritor costuma se proteger de críticas desse tipo – não foi assim que ocorreu, a imaginação interferiu etc. –, alegando que a obra não é autobiográfica, mas inventada, que é ficção, não realidade. A resposta talvez seja tão pobre, ou até mais pobre que a crítica. Quando se afasta da realidade, o escritor entra em zona de alto risco. A imaginação é, em geral, muito inferior à realidade. Por isso, o artista precisa viver, *sofrer*, antes de escrever. Elizabeth Bishop, por exemplo, só pôde escrever ou completar seu poema magistral – *One art* – sobre a arte de perder, depois de sofrer perdas catastróficas na vida. O candidato a ficcionista, quando meramente imagina, constrói estruturas fantasiosas e repletas de falhas e

lacunas. A imitação é mais segura e certa, pois preserva algo das infinitas e ocultas conexões que dão à realidade uma consistência e um sabor que a literatura raramente alcança. A literatura puramente imaginada sempre se aproxima da subliteratura. Em resumo: para que fantasia, se temos a realidade? Para que imaginar, se podemos *viver*?

3 *A groovy kind of love* (1988). Como quase sempre, a tradução de versos é precária. Mas repare, leitor ou leitora, que a tradução preserva um pouco a aliteração transferindo-a de “t” para “q”.

A DÚVIDA

Ela apareceu linda, elegante, mas também com um traço de vulgaridade. Com a mistura, ficava mais instigante, mais atraente. Criava uma dúvida no espírito dos homens que dela se aproximavam. Era uma profissional? Ou simples amadora? Teria que ser contratada? Ou conquistada?

A dúvida atiçava o interesse. A única forma de saber era chegar mais perto. E quanto mais próxima, mais fascinante ela se mostrava. À imagem se somava o perfume de fêmea e, depois, vencidas aos poucos as resistências, a pele macia, o sabor dos lábios, da boca e do corpo.

Ela se abria aos poucos, dissipando a dúvida inicial. Era uma amadora deliciosa, experiente. Nela se combinavam os atributos presentes em doses variadas em toda mulher. De um lado, charme, reticência, doçura. De outro, sensualidade, gosto por sexo, um toque de selvageria.

Mergulhei. De cabeça. A atração por ela não demorou a virar uma espécie de fixação. Nem me incomodei com isso. Entreguei-me à obsessão. Pensava sempre nela. Queria estar sempre a seu lado. O resto da vida foi reduzido à condição de meras pausas e intervalos entre nossos encontros. E eu cobria, feliz, todas as suas necessidades e desejos. De afeto, de amor, de sexo.

E de dinheiro. Gastava sem hesitação e limites, tentando agradá-la de todos os jeitos. Ela correspondia, dobrando-se a meus caprichos e desejos, sem hesitação e limites. E vinham os carinhos, os afetos e a abertura total. Um sonho. Ela se submetia com gosto, de modo primitivo, primordial. A atração era sincera e recíproca. Ela sorvia o meu dinheiro, como eu a sua beleza.

O perigo era evidente. Algo tão intenso podia durar? Tanta perfeição era possível? Tinha meios, mas não eram ilimitados. A restrição financeira se faria sentir cedo ou tarde. Mais cedo do que tarde, dada a voracidade dela. Os gastos começavam a pesar. Mas nada parecia mudar na nossa relação.

De repente, veio-me à lembrança uma conversa que entreouvi há muitos anos na rua entre dois rapazes, entregadores ou funcionários de loja. “Sabe a diferença entre sexo pago e sexo gratuito?”, perguntou um deles. E, diante do silêncio do outro, respondeu, sorrindo: “Sexo gratuito é mais caro!”

Caiu a ficha. A amadora cintilante não era nem mais nem menos do que uma superprofissional.

A FORÇA DA ROTINA, A FORÇA DOS OBJETOS

Quando é que ele se lembrava dela? Com frequência. Às vezes, quando morando agora sozinho, se dedicava à louça, à cozinha, à casa. A força dos objetos e das atividades diárias! Voltavam à tona os pequenos gestos que ela habitualmente fazia e que ele observava, distraído, mas absorvendo-os mecanicamente em algum recanto da memória. E as recomendações que ela repetia quando conseguia mobilizar um pouco do seu apoio para as tarefas domésticas. Como a maneira correta de lavar os pratos, deslocando o dedo que os segura para evitar lacunas na limpeza. Ou o cuidado com a pia para evitar a acumulação de detritos no cano. Ou, com o mesmo intuito, o gesto de bater duas ou três com a tampa do ralo na lixeira. Ou a maneira correta de posicionar o papel higiênico no suporte. Enfim, todo um conjunto de disciplinas que mantêm a casa e a vida em ordem.

E pensava, sem maldade: foi isso que sobrou do casamento? Lembranças da rotina de casa? Das recriminações que sofria por relutar a ajudar, por ajudar mal, por estar sempre lendo ou trabalhando? Talvez. Nos anos finais de convívio, não sobrara muito mais. Não por causa dela, ou dele. Por culpa dos dois – e de ninguém.

Nada demais. Um pouco perturbadora, porém, a dificuldade que ele tinha de remover manchas dos pratos. Talvez pela qualidade da água? Ou limpeza descuidada? Seja o que for, mesmo sabendo que absolutamente ninguém notaria, acontecia-lhe de lavar duas, às vezes três vezes o mesmo prato até se dar por satisfeito.

Manchas – velha metáfora para culpas.

ARQUIVOS DE DEUS

Admite explicação a antiga perplexidade sobre os males do mundo e a dificuldade de conciliá-los com um Deus benevolente? Talvez não se faça ideia de como funciona o Céu. Os humanos, cada vez mais numerosos e sempre deficientes, dão trabalho. Deus é obrigado a acompanhar muitos assuntos e indivíduos ao mesmo tempo, sem cessar. Para tal, mantém arquivos detalhados sobre cada uma de suas criaturas humanas – arquivos administrados por um exército de funcionários.

Ocorre que só Deus é perfeito no Céu. Volta e meia um funcionário relapso omite informações ou mistura arquivos, levando à punição do inocente e à premiação do culpado.

A retificação dos erros pode demorar. Às vezes, só chega *post mortem* – ou nem isso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Sânzio de. *A padaria espiritual e o simbolismo no Ceará*. Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar/Programa Editorial, 1996.
- BARBOSA, Francisco de Assis (Coord.). *Ideias políticas de João Pinheiro: cronologia, introdução, notas bibliográficas e textos selecionados*. Brasília/Rio de Janeiro: Senado Federal e Fundação Casa de Rui Barbosa/MEC, 1980.
- BARBOSA, Francisco de Assis. “João Pinheiro e seu ideal republicano”. In: _____ (Coord.). *Ideias políticas de João Pinheiro: cronologia, introdução, notas bibliográficas e textos selecionados*. Brasília/Rio de Janeiro: Senado Federal e Fundação Casa de Rui Barbosa/MEC, 1980.
- BAPTISTA, Anna Nogueira. *Versos*. Rio de Janeiro: Edigraf, 1964.
- CAFARDO, Pedro. “Os dez maiores economistas brasileiros, segundo a IA”. *Valor Econômico*, 23 mai. 2023. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/coluna/os-dez-maiores-economistas-brasileiros-segundo-a-ia.ghtml>. Acessado em: 12.06.2024.
- CIORAN, Emil. *Pensées étranlées*. Paris: Gallimard, 1969.
- COLLI, Giorgio; MONTINARI, Mazzino (Coord.). *Friedrich Nietzsche, Nachgelassene Fragmente, 1885-1887*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag/de Gruyter, 1988.
- DE GAULLE, Charles. *Mémoires de Guerre: L'Appel 1940-1942*. Paris: Librairie Plon, 1954.
- DOSTOIEVSKI, Fiódor. *A Writer's Diary*. Editado por Gary Saul Morson. Illinois: Northwestern University Press, 2009.
- DULCI, Otávio. “João Pinheiro e as origens do desenvolvimento mineiro”. In: GOMES, Ângela de Castro (Coord.). *Minas e os fundamentos do Brasil moderno*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- GOETHE, Johann Wolfgang von. *Faust: der Tragödie zweiter Teil*. (Coleção Bilingue de Clássicos Estrangeiros). Paris: Aubier Montagne, [1832] 1980.
- GRACIÁN, Baltasar. *A arte da prudência*. Porto Alegre: L&PM, 2019.
- HEINE, Heinrich. *Heinrich Heines sämtliche Werke in vier Bänden*. Herausgegeben von Otto F. Lachmann. vol. 3. Leipzig: Philipp Reclam, [s.d.].
- HITLER, Adolf. *Mein Kampf*. München: Zentralverlag der NSDAP, 1941.
- KEYNES, John Maynard. *The Economic Consequences of the Peace*. Londres e Basingstoke: Macmillan & Cambridge University Press, [1919] 1984.
- LAMARÃO, Sérgio. “Carta testamento”. *Atlas Histórico do Brasil*, FGV CPDOC. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbete/5759>. Acessado em: 12.06.2024.
- MAIA, Maria Thereza Baptista Bandeira. *Cadeiras na calçada*. Florianópolis: Áprika Produção em Arte, 1998.
- MANN, Thomas. *Essays: Musik und Philosophie*. vol. 3. Editado por Hermann Kurzke. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch, 1978.

- _____. *Essays: Politik*. vol. 2. Editado por Hermann Kurzke. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch, 1978.
- MOTA, Leonardo. *A padaria espiritual*. 2ª ed. Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar, 1994.
- NETO, Lira. *Getúlio 1945-1954: da volta pela consagração popular ao suicídio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- PESSOA, Fernando. *Sobre Portugal: introdução ao problema nacional*. Recolha de textos por Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Morão, introduzida e organizada por Joel Serrão. Lisboa: Ática, 1978.
- PINHEIRO, João; BARBOSA DE ASSIS, Francisco. “João Pinheiro e seu ideal republicano”. In: BARBOSA DE ASSIS, Francisco (Coord.). *Ideias políticas de João Pinheiro: cronologia, introdução, notas bibliográficas e textos selecionados*. Brasília/Rio de Janeiro: Senado Federal e Fundação Casa de Rui Barbosa/MEC, 1980.
- PREBISCH, Lucía Piossek. “Interpretação: arbitrariedade ou proibidade filológica?” In: MARTON, Scarlett (Coord.). *Nietzsche abaixo do Equador: a recepção na América do Sul*. São Paulo: Sendas e Veredas, 2006.
- SILVA, Hélio. *O pensamento político de Vargas*. Com a colaboração de Maria Cecília R. Carneiro. Porto Alegre: L&PM, 1980.
- SPOTTS, Frederic. *Hitler and the power of aesthetics*. Londres: Pimlico, 2003.
- WAGNER, Richard. *Die Meistersinger von Nürnberg*. Texte, Materialien, Kommentare. Editado por Attila Csampai e Dietmar Holland. Hamburg: Rowohlt Taschenbuch Verlag, 1981.
- ZAGHETTO, Sonia. “JK e a saudade do Brasil”. *Soniazaghetto.com*, 27 out. 2020. Disponível em: <https://soniazaghetto.com/2020/10/27/jk-e-a-saudade-do-brasil/>. Acessado em: 12.06.2024.
- ZWEIG, Stefan. *Die Welt von Gestern: Erinnerungen eines Europäers*. Frankfurt am Main: Fischer Taschenbuch Verlag, 1970.

ÍNDICE ONOMÁSTICO

- Almodóvar, Pedro – 168
Althusser, Louis – 56
Alves, Castro – 231
Amato, Mario – 253
Amorim, Celso – 258
Ardant, Fanny – 136, 137, 293
Arendt, Hannah – 230
Aristóteles – 133
Assis, Machado de – 30, 85, 101, 154, 282
Athayde, Austregésilo de – 195
Azevedo, Sânzio de – 25n
Bamberg, María Luisa – 136
Baptista, Anna Nogueira (bisavó) – 24, 25, 25n, 26n, 106
Baptista, Olavo Nogueira (avô) – 121, 122, 124
Baptista, Sabino (bisavó) – 24, 107
Barbosa, Francisco de Assis – 27n, 28n
Barrionuevo, Arthur – 124
Basquiat, Jean-Michel – 45
Batista Filho, Olavo Nogueira (sobrinho) – 122, 123, 169
Batista, Elmira Helena Pinheiro Nogueira (mãe) – 5, 27, 110, 111, 121, 122, 126, 138, 152, 155, 164, 165, 166, 169, 251, 274
Batista, João Pinheiro Nogueira (irmão) – 110, 111, 164, 169, 237
Batista, Maria Isabel Nogueira (irmã) – 111, 169
Batista, Olavo Nogueira (irmão) – 111, 151, 164, 169
Batista, Paulo Nogueira (pai) – 9, 24, 24n, 26, 32, 33, 110, 111, 125, 125n, 126, 165, 169, 205, 245, 249, 250, 251, 252
Batista, Paulo Pinheiro Nogueira (sobrinho) – 273, 274, 275, 276, 277
Bentham, Jeremy – 151
Bergman, Ingmar – 200
Bettelheim, Bruno – 160
Biden, Joe – 260
Bishop, Elizabeth – 299
Bloom, Harold – 74
Bolsonaro, Jair – 35
Bomfim, Manoel – 225, 228
Braga, Saturnino – 267, 268, 269, 271, 272

Brandes, Georg – 64
Brecht, Bertolt – 63
Brizola, Leonel – 17, 279
Buarque, Chico – 263
Buck, Pearl – 54
Burpee, Andrew – 112, 153, 154
Bush, George W. – 178, 251
Cabral, João – 235
Caeiro, Alberto – 237
Cafardo, Pedro – 275, 275n
Cafuringa, Moacir Fernandes – 183, 184
Calabar, Domingos Fernandes – 270
Caldas, Onestaldo de Pennafort – 217, 218n
Campai, Attila – 18n
Campos, Álvaro de – 191
Campos, Roberto – 182
Camus, Albert – 69
Capote, Truman – 94
Cardoso, Fernando Henrique – 33, 132, 244, 251
Carlyle, Thomas – 61
Carpeaux, Otto Maria – 230
Cavallo, Domingo – 179
Churchill, Winston – 132
Cioccarri, Marta – 249
Cioran, Emil – 11n, 22, 28, 28n, 30, 35, 50, 52, 55, 58, 75
Clemenceau, Georges – 16n
Colli, Giorgio – 29n
Collins, Phil – 297
Collor, Fernando – 248
Cristo, Jesus – 25, 42, 55, 60, 93, 164, 212
Cronin, Paul – 81
De Gaulle, Charles – 15, 15n, 132, 253, 254, 254n
Depardieu, Gérard – 136
Descartes, René – 43, 44, 55, 64, 66, 68, 75, 76, 83, 133, 202, 221, 222
Diderot, Denis – 82
Dom João II – 269
Dom Sebastião – 34, 238
Domingo, Plácido – 139
Dostoievski, Fiódor – 15, 16, 16n, 17, 30, 57, 70, 82, 84, 85, 93, 98, 158, 163, 168, 208, 215, 218, 219
Dreyfus, Alfred – 231

Drummond de Andrade, Carlos – 231
Dulci, Otávio – 27n
Einstein, Albert – 63, 195, 230, 249
Eisenhower, Dwight – 244
El Cid, Campeador – 32, 33, 34
Eliot, T. S. – 91
Elizabeth II (rainha da Inglaterra) – 146
Engels, Friedrich – 70
Etlin, Suzana Nogueira Batista – 122
Ferreira, Luzilá Gonçalves – 26, 26n
Fibe, Lilian Witte – 173, 174, 175
Figueiredo, João Baptista de Oliveira – 250
Flaubert, Gustave – 231
Franco, Itamar – 182
Freitas, Francisco Eutychio Galvão de – 26, 108
Freud, Sigmund – 57, 74, 75, 230
Freyre, Gilberto – 16
Funaro, Dilson – 280
Furtado, Celso – 16, 264, 275, 275n
Furtwängler, Wilhelm – 212
Galilei, Galileu – 63
Garricha, Manuel – 184
Geisel, Ernesto – 35, 250
Ghandi, Mahatma – 188
Godard, Jean-Luc – 175
Goebbels, Joseph – 71
Goethe, Johann Wolfgang von – 30, 32, 74, 231, 296
Gomes, Ângela de Castro – 27n
Gracián, Baltasar – 11n, 23
Gründgens, Gustav – 212
Guimarães, Samuel Pinheiro – 24
Gullar, Ferreira – 86
Hardy, Thomas – 36, 84
Hegel, Georg Wilhelm Friedrich – 46, 49, 68, 70, 71, 75
Heine, Heinrich – 13, 14, 30, 31, 87, 97, 208, 229, 230, 231, 232, 233
Heliadora, Barbara – 218
Hemingway, Ernest – 88
Hepburn, Audrey – 205, 206
Hepburn, Katherine – 81
Heráclito – 65, 66
Herrmann, Bernard – 89

Herzog, Werner – 81, 86
Hitchcock, Alfred – 87, 89, 166
Hitler, Adolf – 13, 13n, 48, 92, 212
Hobsbawm, Eric – 61
Holland, Dietmar – 18n
Hugo, Vitor – 83, 231
Jabor, Arnaldo – 193
Jinping, Xi – 261
Jobim, Ana Beatriz Lontra – 205, 243
Jobim, Tom – 199, 205, 243
Johnson, Boris – 189
Kafka, Franz – 90, 230
Kant, Immanuel – 9, 46, 49, 57, 64, 68, 69, 70, 71, 73, 75, 80, 207, 208
Karajan, Herbert von – 212
Kaváfis, Konstantinos – 95
Keynes, John Maynard – 15n, 16n, 45, 68, 76, 193, 194
Kindleberger, Charles P. – 61
Kinski, Nastassja – 36
Kluge, Alexander – 21n
Krugman, Paul – 178
Kubitschek, Juscelino – 27, 27n
Kuerten, Gustavo – 114
Kuerten, Luiz Felipe Soncini – 114, 115
Kuerten, Maria Augusta Soncini – 114, 115
Kuerten, Mariana Soncini – 114, 124, 125
Kurzke, Hermann – 15n, 16n
La Rochefoucauld, François de – 22
Lachmann, Otto F. – 14n
Lamarão, Sérgio – 34n
Lao Tse – 49
Leigh, Mike – 188
Lenin, Vladimir Ulianov – 85
Lerina, Isabela Soncini da Costa – 114, 124, 125
Lerina, Lia Soncini – 8, 30, 106, 113, 114, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 211
Lerina, Luiz Eduardo – 26n
Lerina, Luiz Philipe Nogueira da Costa – 106, 124, 126
Lerina, Luíza Soncini da Costa – 114, 124, 125
Lessa, Renato – 168
Levi, Primo – 31, 167, 167n
Lima, Lavínia de – 31, 36, 116, 229
Lira, Paulo Pereira – 35

Lispector, Clarice – 235
Lobo, Maria da Silveira (Coca) – 122
Lula da Silva, Luiz Inácio – 17, 35, 252, 263
Lummertz, Vicky Soncini – 115
Luxemburgo, Rosa – 230
Maia, Maria Thereza Baptista Bandeira – 25n, 26n, 121, 124, 245, 308
Mangabeira, Otávio – 244
Mann, Thomas – 13, 13n, 20, 22, 30, 47, 88, 102
Marcuse, Ludwig - 52, 157
Marton, Scarlett – 29
Marx, Karl – 41, 48, 75, 76, 152, 230
Médici, Emílio Garrastazu – 175
Menem, Carlos – 179
Merejkóvski, Dmitri – 168, 169
Mishima, Yukio – 44, 80, 81, 92
Montinari, Mazzino – 29n
Moraes, Vinicius de – 199, 206, 243, 244
Morão, Maria Paula – 29n
Morson, Gary Saul – 16n
Mota, Leonardo – 25n
Mozart, Wolfgang Amadeus – 12, 89, 213, 214
Naumann, Peter – 18, 218
Neto, Lira – 34n
Netto, Maria Dolores Lontra (Dorita) – 9, 243, 245
Nietzsche, Friedrich – 19, 22, 29, 30, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 50, 55, 58, 60, 64, 65, 68, 69, 71, 74, 75, 79, 80, 83, 85, 90, 92, 93, 100, 129, 141, 145, 159, 202, 208, 212, 216, 229, 230, 265
Nogueira, Armando – 173, 174, 175
Novak, Kim – 89
Nunes, Carlos Alberto – 218n
Oliveira, Marly – 235
Oliveira, Paula Maia Pereira – 124
Ortega y Gasset, José – 177
Parmênides – 66
Pascal, Blaise – 12, 22, 41, 43, 44, 59, 61, 62, 64, 68, 69, 82, 93, 94, 96, 133, 221, 222, 223
Pavarotti, Luciano – 137, 138
Pessoa, Fernando – 29, 29n, 30, 34, 35, 58, 81, 83, 86, 103, 142, 191, 214, 225, 226, 227, 235, 236, 237, 239, 255, 270, 272, 296
Pinheiro da Silva, João – 27, 27n, 28, 28n, 109, 307, 308
Pinheiro, Israel – 27, 27n
Pinheiro, Marina Barbará – 125, 136
Polanski, Roman – 36

Prebisch, Lucía Piossek – 29n
Pretorius, Emil – 13n
Proust, Marcel – 231
Pushkin, Alexander – 16, 16n, 233
Queiroz, Eça de – 164
Rand, Ayn – 207
Redfern, Mr. – 154
Reich-Ranicki, Marcel – 87, 232
Reis, Ricardo – 237
Resende, Otto Lara – 174, 175
Ricipero, Rubens – 182
Robbins, Lionel – 61
Robespierre, Maximilien de – 207
Robinson, Joan – 50
Rocheta, Maria Isabel – 29n
Rodrigues, Nelson – 16, 21, 30, 36, 103, 124, 141, 157, 173, 175, 177, 182, 183, 187, 190, 193, 194, 201, 202, 206, 236, 244, 249, 253, 258, 275, 295, 298
Rosa, Guimarães – 231
Rotta, Denise – 237
Rousseau, Jean Jacques – 202, 207
Rousseff, Dilma – 255
Saint-Just, Louis Antoine Léon de – 207
Saramago, José – 32, 231
Sartre, Jean-Paul – 49, 92, 175, 200
Sayad, João – 280
Schiller, Friedrich – 231
Schopenhauer, Arthur – 30, 46, 57, 74, 75, 84, 129, 159, 208
Schumpeter, Joseph – 61, 67
Schwarz, Roberto – 230
Serrão, Joel – 29n
Setúbal, Olavo – 253, 254, 255
Shakespeare, William – 189, 217, 231, 249
Silva, Hélio – 34n
Simonsen, Mario Henrique – 275
Soares, Bernardo – 226
Sócrates – 50, 51, 60, 62, 65, 77
Spencer, Diana Frances (Princesa de Gales) – 145, 146
Spotts, Frederic – 13n
Stendhal, Marie-Henri Beyle – 80, 86
Stewart, James – 89
Strauss, Richard – 79, 212

Suassuna, Ariano – 17, 19
Sued, Ibrahim – 243, 244
Suplicy, Eduardo – 181
Suplicy, Roberto – 181
Talma, François – 202
Tavares, Maria da Conceição – 105, 275, 279
Tchekhov, Anton – 213, 214
Terêncio, Publius – 41
Tolstoi, Leo – 215, 216
Trotzky, Leon – 95
Truffaut, François – 80, 89, 104, 135, 137, 142, 159, 160, 293
Trump, Donald – 178, 260
Twain, Mark – 56
Unamuno, Miguel de – 41, 54, 55, 58, 69, 82, 139
Unger, Roberto Mangabeira – 244
Vargas, Getúlio – 34, 34n, 124
Velloso, João Paulo dos Reis – 275
Vergetis, Antônio Nicolas – 114, 115
Vergetis, Helena Soncini – 114, 115
Viégas-Faria, Beatriz – 218n
Wagner, Richard – 12, 13, 13n, 17, 18, 30, 89, 92, 99, 202, 212, 213
Wajda, Andrzej – 199, 200
Wilde, Oscar – 22, 45, 81, 85, 86, 90, 91, 216
Wilkinson, Adriano – 183
Zaghetto, Sonia – 27n
Zola, Émile – 231
Zweig, Stefan – 20, 20n, 230